FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 34.002 | SÁBADO, 7 DE MAIO DE 2022 | R$ 5,00

Anna Maria Maiolino no Instituto Tomie Ohtake, que recebe mostra com cerca de 300 de suas obras   Danilo Verpa/Folhapress

Com eleições em vista, Congresso cria bomba fiscal

Parlamentares fazem concessões a bases eleitorais sem recursos para bancá-las; Economia teme por teto de gasto

O clima de campanha e a busca pela simpatia dos eleitores acelerou a aprovação de benesses pelo Congresso que resultam em uma bomba fiscal para as contas de União, estados e municípios.

Apesar de encontrar oposição da equipe econômica, a aprovação das propostas não enfrentou resistências do Palácio do Planalto.

Em um dia, a Câmara aprovou um piso salarial de R$ 4.750 para a enfermagem —medida que, na estimativa do Tesouro, tem impacto de R$ 22 bilhões para os setores público e privado—, e o Senado, a remuneração mínima de dois salários mínimos a agentes comunitários de saúde (ao custo de R$ 3,7 bilhões).

Os parlamentares debatem ainda a renegociação para devedores da União e mesmo a retirada do Auxílio Brasil do teto de gastos.

Em muitos casos, deputados e senadores não sabem de onde virão os recursos para bancar as medidas, e o Ministério da Economia teme nova investida sobre o teto de gastos. Mercado A17 e A19

Convite a militares foi erro, avalia TSE

Integrantes do Supremo Tribunal Federal e do Tribunal Superior Eleitoral consideraram um erro o convite feito pelo ministro Luís Roberto Barroso no ano passado, quando presidia o TSE, para que militares participassem do colegiado.

O antídoto saiu como veneno: em vez de aumentar a confiabilidade do pleito, deu às Forças Armadas meios de inflar ainda mais o discurso de Bolsonaro contra o sistema eleitoral. Na quinta (5), o ministro da Defesa cobrou do órgão transparência.

Ontem, o presidente do TSE, ministro Edson Fachin, afirmou que a corte não se opõe a divulgar os questionamentos dos militares. Política A4

Cristina Serra

General fustiga o poder civil em tabela com Bolsonaro A2

Desmatamento na Amazônia é recorde para abril

Áreas com alertas de desmatamento na Amazônia alcançaram recorde absoluto no histórico recente do Deter, do Inpe, para o mês de abril. Foram derrubados 1.012,5 km² de floresta. O mês faz parte do período de chuvas, no qual é incomum ver taxas tão altas de desmate. Ambiente B1

Victoria Damasceno

Filho negro no Brasil? Não, obrigada

Cansei de ver mulheres negras dizendo que não podem se dar o luxo de pôr um filho negro neste mundo. Desistem devido ao racismo, que se reproduz em muitos tipos de agressão. Em última instância, como o medo de ter que enterrar um filho. Opinião A2

SABATINA FOLHA/UOL

Haddad diz ver candidatura de França até o fim

Pré-candidato ao governo de SP, Fernando Haddad (PT) afirmou em sabatina Folha/UOL que a tendência é não ter acordo para que ele e Márcio França (PSB) se unam em única candidatura. Disse ainda que o antibolsonarismo supera o antipetismo. Política A10

Altino Junior defende armar os trabalhadores

Política A10

Petrobras reitera sua defesa de preço de mercado

Mercado A20

Escola berço de Macron e líderes foi fechada por ele

Novo mandato de Emmanuel Macron é o 6º de presidente formado na Escola Nacional de Administração, fechada por ele. A12

Alexandre Meneghini/Reuters

EXPLOSÃO DESTRÓI HOTEL DE LUXO EM HAVANA E DEIXA AO MENOS 22 MORTOS

Prédio do Saratoga, no centro da capital cubana, após incidente que também feriu dezenas; autoridades apontam vazamento de gás como causa Mundo A15

EDITORIAIS A2

Energia demagógica

Sobre projeto que pode congelar as contas de luz.

O tamanho da pandemia

Acerca de cálculo da OMS para mortes por Covid-19.

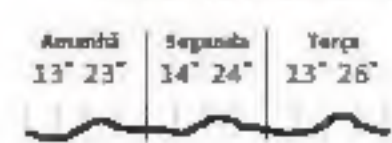
ATMOSFERA

São Paulo hoje

22° 13°

Fonte: www.climatempo.com.br

Amanhã	Segunda	Terça
13° 23°	14° 24°	13° 26°

ISSN 1414-5723

opinião

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Energia demagógica

Pressão por congelamento de contas de luz dá ideia dos riscos de um Congresso desgovernado

As pressões por um decreto legislativo destinado a barrar os reajustes autorizados das contas de luz neste ano —iniciadas com um texto que determina a providência no Ceará— ameaçam inaugurar um novo marco da irracionalidade econômica no país.

A proposta do deputado cearense Domingos Neto (PSD) passou a tramitar em regime de urgência na Câmara, com apoio de todos os partidos à exceção do Novo. Com sanha demagógica tão ampla, já se fala em estender o alcance do decreto, que não depende de sanção presidencial, a todos os estados.

Se é fato que os aumentos previstos, alguns acima dos 20%, serão dolorosos para os consumidores, a intervenção demagógica e voluntarista dos parlamentares mostra o potencial de provocar um desastre maior e mais duradouro.

Não são apenas os resultados financeiros das distribuidoras de energia que estão em risco. O projeto atropela a Aneel, agência reguladora do setor à qual cabe a decisão sobre tarifas, e a segurança jurídica das concessões do setor. Abre no país um precedente que será levado em conta por investidores de todas as áreas e atividades.

Afinal, se deputados e senadores pretendem interferir nas contas de luz, não haveria por que deixar de lado pedágios, telefonia, água e esgoto, para citar apenas os casos de maior apelo em ano eleitoral.

Essa nem de longe é a única demonstração recente de irresponsabilidade do Congresso, que vai distribuindo benesses estimulado pela inapetência política e gerencial de Jair Bolsonaro (PL). Afora os esforços autônomos do Banco Central para conter a inflação, a agenda econômica está à deriva.

Sem resistência por parte do Planalto nem fonte definida de recursos, a Câmara aprovou na quarta-feira (4), por esmagadores 449 votos a 12, um piso salarial de R$ 4.750 mensais para os enfermeiros, que vai à sanção de Bolsonaro.

Os custos para estados, municípios e setor privado são objeto de estimativas um tanto desencontradas, na casa dos bilhões de reais.

No mesmo dia, o Senado aprovou uma emenda à Constituição, já promulgada, que estabelece remuneração mínima de dois salários mínimos, ou R$ 2.424 mensais, a agentes comunitários de saúde. A medida, que tramitou por 11 anos, consumirá R$ 3,7 bilhões ao ano dos cofres federais.

Não se espere prudência de um Congresso fragmentado quando os piores exemplos vêm do Executivo —seja quando Bolsonaro ensaia intervir nos preços dos combustíveis, seja quando a área econômica patrocina o enfraquecimento do teto para os gastos federais inscrito na Constituição.

O oportunismo, neste momento, é capaz de unir governistas e oposicionistas. As contas, pelo visto, só serão feitas em 2023.

O tamanho da pandemia

Estudo da OMS apresenta noção aterradora da subnotificação e dos efeitos indiretos da Covid-19

Um estudo publicado nesta quinta-feira (5) pela Organização Mundial da Saúde procura fornecer um retrato mais fiel —e estarrecedor— da tragédia provocada pela pandemia de Covid-19 no mundo.

Segundo o órgão da ONU, cerca de 15 milhões de pessoas morreram, direta ou indiretamente, em razão da doença nos anos de 2020 e 2021. Trata-se de quase o triplo dos números oficiais (5,4 milhões), o que dá uma ideia da subnotificação na maior parte dos países.

Para chegar a esse dado, a OMS utilizou uma métrica conhecida como excesso de mortalidade, isto é, a diferença entre a quantidade de mortes durante a pandemia e a que deveria ocorrer em circunstâncias normais, considerados o padrão dos anos anteriores.

Embora a maior parte desses óbitos tenha sido causado diretamente pela Covid, os cálculos incluem também pessoas que morreram devido a complicações provocadas pela doença ou porque possuíam outras enfermidades, mas não puderam receber o tratamento adequado devido à sobrecarga dos sistemas de saúde.

Para oferecer o quadro mais acurado possível, o esforço estatístico considerou ainda as mortes esperadas que deixaram de ocorrer por causa das restrições da pandemia, como redução de acidentes de trânsito e o isolamento que impediu mortes por gripe e outras doenças infecciosas.

Quase um terço de todos esses óbitos (4,7 milhões) se deu na Índia, o que faz do país o líder, em números absolutos, do ranking da subnotificação. No fim do ano passado, o cômputo fornecido pelo governo indiano era de pouco mais de 480 mil casos fatais.

Proporcionalmente, contudo, a diferença mais expressiva entre o excesso de mortalidade e as estatísticas oficiais ocorreu no Egito —quase 12 vezes o contabilizado pelas autoridades.

No Brasil, o estudo da OMS aponta uma diferença de 74 mil óbitos ante as cifras oficiais (620 mil no final de 2021), perfazendo a marca de quase 700 mil mortes.

Não resta dúvida de que o resultado poderia ser diferente se não fosse a trágica gestão de Jair Bolsonaro (PL), cujo governo empenhou-se em sabotar todas as formas de prevenção da doença.

A realidade estimada pela OMS traz, para cada país, ensinamentos que deveriam ser absorvidos para as crises que virão no futuro.

Filho negro? Não quero, obrigada

Victoria Damasceno

Eu, na verdade, quero. Mas nos últimos anos cansei de ver mulheres negras dizendo que não podem se dar o luxo de colocar um filho negro neste mundo, principalmente no Brasil. São amigas, familiares e até desconhecidas.

Desistem devido ao racismo, que se reproduz em muitos tipos de agressão. Em última instância, se apresenta como o medo de ter que enterrar um filho, invertendo a ordem natural da vida.

Sua decisão tem fundamento. Em 2019, negros foram 77% das vítimas de homicídio no país, segundo o Atlas da Violência de 2021. O estudo também mostra que temos mais que o dobro de chances de sermos assassinados do que não negros. Em Salvador, eram 100% dos mortos pela polícia em 2020, segundo a Rede de Observatórios da Segurança.

Quando um jovem negro morre, uma rede de apoio geralmente formada por mulheres é deixada ao relento. São mães, avós, tias e irmãs, que muitas vezes são ou desempenham a figura materna.

Quando a violência não se esgota na morte, mata em vida. Se materializa no medo do parto, uma vez que nós, mulheres negras, temos mais chances de sofrer violência obstétrica. Aparece também na angústia de que nossos rebentos enfrentem o racismo antes que saibam se defender. E que, quando se defendam, sejam vítimas da violência.

Há no imaginário coletivo a ideia de que a mulher negra é forte, batalhadora, supera qualquer obstáculo. Como se aguentássemos mais do que as brancas, enquanto essas devem ser protegidas. Esse estereótipo, construído historicamente, desumaniza-nos. Não é razoável uma mulher abandonar o sonho de ter filhos por medo de que sejam mortos.

Ainda assim, é preciso ter fé. Esperança de que aqueles vindos dos nossos ventres ocuparão espaços de poder e, com suas decisões, quebrarão esse ciclo vicioso. Mas enquanto a solução não se apresentar como uma política de Estado, deixem as mulheres negras —e suas escolhas— em paz.

Os carrascos da democracia

Cristina Serra

O governo Bolsonaro emprega em relação às eleições a mesma estratégia que usou desde o começo da pandemia. O negacionismo científico assume agora sua versão de negacionismo eleitoral. A cloroquina da campanha é o ataque incessante à urna eletrônica.

No auge da pandemia, Bolsonaro teve no general Eduardo Pazuello o executor do trabalho sujo que aumentou exponencialmente a mortandade dos brasileiros. Na fase atual da desconstrução nacional, o posto de capataz do assalto à democracia foi ocupado com desembaraço pelo ministro da Defesa, general Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira.

Quase um ano atrás, Pazuello, ainda general da ativa, transgrediu regulamentos militares ao participar de ato político de apoio a Bolsonaro, no Rio de Janeiro, dias depois de ter prestado depoimento à CPI da Covid, no Senado. Na época, Oliveira era comandante do Exército, livrou a cara de Pazuello e ainda aplicou sigilo de cem anos ao processo disciplinar.

Com que moral Oliveira cobra, agora, transparência do TSE sobre os questionamentos feitos pelas Forças Armadas à votação eletrônica? No intuito de perturbar o processo eleitoral, Oliveira exibe perfil ousado e provocador. Fustiga o poder civil enquanto tabela com Bolsonaro, que anuncia auditoria privada das urnas.

É ação de sabotagem escancarada, e facilitada por obra e graça do próprio TSE, que caiu numa armadilha criada por ele mesmo ao convidar militares para a Comissão de Transparência das Eleições. Foi um erro grave, que deu margem a este cenário anômalo e ameaçador.

Militares não são tutores nem moderadores do poder civil para serem chamados a dar pitaco em assunto que não lhes diz respeito. Ao contrário, eles têm uma dívida com o país, com a democracia e com os direitos humanos pelos 21 anos de ditadura. O TSE precisa exercer seu papel com altivez e coragem, bem como as demais instituições do poder civil. Tibieza e covardia servirão apenas para pavimentar o caminho dos carrascos da democracia.

O lado negro da força

Alvaro Costa e Silva

Há temas a respeito dos quais a tática do governo é fingir que eles não existem. A enorme fila de desempregados é invisível. Fome? Desgraça de países africanos. O preço da cenoura e do tomate na feira registra uma inflação de 160%? O agronegócio, que é pop, jamais permitiria tal coisa. Só a ameaça de golpe é real, o restante é guerra cultural. Uma rima e, para os bolsonaristas em campanha, uma solução.

As redes são nossas, e nelas dizemos só o que queremos, atacamos e cancelamos, subimos tags e memes, decidimos o que é mentira e o que é verdade, acreditamos na capa falsa da Time com Bolsonaro e não acreditamos na capa verdadeira da Time com Lula. Aliás, essa revista não é de hoje que se vendeu ao comunismo, é irrelevante. A mídia somos nós.

Eis por que a campanha de incentivo ao voto dos jovens entre 16 e 18 anos —que ocorreu sobretudo na internet— foi considerada uma invasão de território a ser combatida com todas as armas. Para atuar no esforço da batalha, até um ambiente de influência não virtual foi convocado: o canhão dos pastores. Aqui na **Folha**, Anna Virginia Balloussier revelou que líderes evangélicos intensificaram a agenda política, dentro dos templos, para vender o candidato Bolsonaro a eleitores adolescentes.

Contra o lado negro da força, Mark Hamill —o já setentão Luke Skywalker da saga "Star Wars"— recomendou no Twitter que se tirasse o título. Leonardo DiCaprio também se posicionou na trincheira da democracia. Paladino da liberdade de expressão, Bolsonaro mandou DiCaprio "ficar de boca calada" e parar de falar "besteira". A esperteza é não perder a chance de interagir com quem tem mais seguidores do que você, tirando vantagem da exposição.

E assim foi até o fim do prazo do TSE, que registrou dois milhões de novos eleitores. Nunca o adolescente foi tão paparicado. Faltou apenas a recomendação de Nelson Rodrigues: "Jovens, envelheçam depressa".

O salto amazônico

Txai Suruí

Coordenadora da Associação de Defesa Etnoambiental - Kanindé e do Movimento da Juventude Indígena de Rondônia

De quinta-feira (5) até hoje (7), acontece na Universidade de Princeton, nos EUA, a conferência "O Salto Amazônico", que reúne acadêmicos, lideranças políticas e ambientais, empreendedores, ativistas brasileiros e pesquisadores da universidade para discutir propostas voltadas à conservação e ao desenvolvimento de uma economia de baixo carbono para a região.

O evento nos trouxe o questionamento de como a construção dessas soluções baseadas na natureza precisam incluir os povos da floresta. Nesse sentido, a cacica Juma Xipaia se manifestou assim:

"Eu fico vendo vocês apresentarem gráficos, falarem de todas essas mudanças do presente e do futuro, mas não sinto a presença, o conhecimento, a ciência dos povos da floresta. Nós não somos meros objetos da pesquisa e da ciência de vocês.

É preciso fazer encontros como este na Amazônia. É preciso levar esse conhecimento científico para as escolas, para a sociedade, para quem não sabe falar a língua de vocês. É preciso democratizar essa discussão. É preciso estar na casa e no território de cada um.

Senão estamos falando para quem? Discutindo com quem? Estamos falando de algo que interessa não só aos povos indígenas ou à universidade, de algo que é de interesse planetário.

Por que eu e Txai estamos aqui? Porque fomos ensinadas desde o ventre de nossas mães a respeitar nossas culturas e conhecimentos e a entender que a floresta não é um elemento à parte, mas uma extensão de nós. Isso é ensinado para as crianças de vocês? Como podemos falar de emissão zero quando isso não está sendo ensinado para as crianças?

Não se pode fazer uma discussão sobre mudanças climáticas sem os povos indígenas, pois somos nós que estamos mantendo a floresta em pé. Então nos enxerguem! Não é para nos incluir, mas para nos enxergar, pois estamos nessa discussão há muito tempo".

Que possamos entender que para termos esse "salto amazônico" precisamos proteger os defensores ambientais, principalmente, as mulheres e as crianças e apoiar as iniciativas e o trabalho que vêm sendo executados dentro dos territórios.

Nós, povos originários, protegemos nossos territórios, produzimos de forma orgânica e sustentável e reflorestamos, pois sabemos que estamos num ponto que devemos devolver à natureza o que dela foi tirado.

É urgente que tenhamos leis que proíbam a importação de produtos ligados ao desmatamento e que elas incluam os direitos humanos. É preciso pensar uma transição justa, que não deixe ninguém para trás. É preciso lembrar que não salvaremos a natureza se não salvarmos quem a protege.

Amanhã (8) é Dia das Mães. Um salve para minha mãe que luta na defesa dos direitos humanos e da Amazônia.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Câmeras corporais são eficazes no trabalho policial?

Sim *Boa imagem e produtividade*

Mais prisões e apreensões de armas, menos letalidade policial e mortes de PMs

José Vicente da Silva Filho

Coronel reformado da Polícia Militar de São Paulo, ex-secretário Nacional de Segurança Pública (2002, governo FHC), professor do mestrado profissional da PM e membro do Conselho da Escola de Segurança Multidimensional da USP

As boas polícias do mundo buscam se aperfeiçoar constantemente para maximizar o uso de recursos perante demandas crescentes, observar obsessivamente o respeito ao cidadão e o rigor da lei em suas ações, além de investir na proteção do policial em seu complexo e perigoso trabalho. Experiências com câmeras ajudaram nesse processo de melhoria do serviço policial nas ruas de Nova York, Londres, Los Angeles, Berlim e, agora, nos estados de São Paulo e Santa Catarina, os melhores exemplos desse avanço no Brasil.

A utilização de câmeras acopladas no uniforme começou a ser testada na Polícia Militar de São Paulo em 2014. O projeto foi aperfeiçoado na sua utilização no cotidiano policial e nas tecnologias, como a gravação ininterrupta durante o turno de trabalho e o arquivamento altamente controlado do banco de imagens, principalmente das evidências com possível interesse judicial.

Gradualmente se percebeu que as câmeras induzem um comportamento cada vez melhor de conformidade dos policiais às normas reguladoras de seu trabalho e aos procedimentos treinados para obter melhores resultados. Um questionamento feito por policiais da velha guarda, e até por alguns políticos, é o de que a câmera inibiria o policial em tomar iniciativas mais arriscadas durante o serviço, preferindo se omitir tanto quanto possível.

Pelo contrário: as unidades que empregaram as câmeras tiveram produtividade muito maior, medida justamente pela quantidade de criminosos presos em flagrante e de armas de fogo apreendidas, indicadores típicos de atividade policial motivada e eficiente. O aumento, de julho a outubro de 2021 ante o mesmo período de 2020, foi de 41,4% nas unidades com câmeras contra 12,9% nas unidades sem o equipamento. Em levantamento de opinião realizado em abril com 66 capitães do mestrado profissional da PM, 60 deles (90,9%) foram favoráveis à utilização das câmeras.

Os resultados são eloquentes em outras dimensões: o apuro profissional ajudou a produzir substancial redução da letalidade policial, além de alcançar o menor registro de morte de policial nos últimos 30 anos, com um único caso em confronto no serviço em 2021.

[...]

A ação policial com câmera constitui um raro caso em que se leva ao nível das ruas o princípio constitucional da publicidade dos atos praticados por agentes públicos. (...) O melhor uso da tecnologia requer policiais altamente treinados e motivados, além de supervisão de qualidade, ou as câmeras vão revelar mazelas e comprometer a sua implantação

Alguns efeitos colaterais positivos do uso das câmeras acabaram fortalecendo o interesse dos policiais pelo seu uso. Um deles, a gravação de evidências de correção do policial em acusações de abuso de força; outro, o registro de evidências no momento de intervenção policial, que servirá para decisões judiciais. Outro aspecto crescente na experiência dos policiais com câmeras é o efeito do "sorria, você está sendo filmado": a redução da resistência de infratores nas abordagens policiais, que chegou a 32% nas tropas com câmeras e a 19,2% nas unidades sem o equipamento, evitando o emprego de força adicional para dominar as situações.

A ação policial com câmera constitui um raro caso em que se leva ao nível das ruas o princípio constitucional da publicidade dos atos praticados por agentes públicos. O Estado e a sociedade devem exigir uma polícia melhor e apoiar seu esforço de aperfeiçoamento; afinal, quando o cidadão aflito liga para o telefone 190, o Estado vai acudi-lo sob a forma de um funcionário com a farda da PM. Pelo Estado e para o cidadão, ele deve ser cada vez melhor.

Um importante alerta para as demais polícias: o melhor uso da tecnologia requer policiais altamente treinados e motivados, além de supervisão de qualidade, ou as câmeras vão revelar mazelas e comprometer a sua implantação.

Não *Tecnologia não inibe os policiais tendentes a abusos*

Não tardará até que agentes encontrem meios de burlar o equipamento

Azor Lopes da Silva Júnior

Coronel da reserva da Polícia Militar de São Paulo, é doutor em sociologia, mestre em direito e conselheiro do Instituto Brasileiro de Segurança Pública (IBSP)

As "body cams", ou "body-worn cameras", seriam eficazes no trabalho policial? No atual cenário, a questão se transforma em munição para a batalha eleitoral.

Disputando o governo de São Paulo, o ex-ministro Tarcísio de Freitas (Republicanos) levianamente vem afirmando que "São Paulo fez um pacto com o crime organizado, de não combatê-lo". Assim, ataca o projeto das câmeras corporais —talvez supondo agradar um grupo que entenda ser a sua base eleitoral— com o argumento de que elas inibem os policiais (mas inibiriam de quê?). No polo oposto, o ex-prefeito Fernando Haddad (PT) aponta o projeto como um dos poucos avanços do atual governo estadual. Já o ex-governador Márcio França (PSB) o considera invasivo e que seria caríssimo contratar 15 mil câmeras num custo especulado de R$ 600 milhões. Por sua vez, o governador Rodrigo Garcia (PSDB) se convenceu de que os equipamentos são "um avanço para a polícia de São Paulo, protegendo o cidadão, protegendo o policial".

Dentre aqueles apontados como "especialistas em segurança pública", é voz unânime que o modelo reduz a letalidade policial, provado em análises quantitativa e comparativa do antes e do depois. A premissa, então, seria aquela atribuída ao poeta romano Juvenal: "Quis custodiet ipsos custodes?" ("Quem há de vigiar os próprios vigilantes?").

Não... As câmeras não inibem policiais tendentes a abusos, que assim agem por força de desvios psicossociais não detectados no processo seletivo ou por falhas nos mecanismos de controle. Não tardará até que agentes encontrem meios de burlar a tecnologia. Se impedir violência e desmandos for seu principal escopo, o projeto terá ido mal porque não atinge todo o efetivo policial do Estado, já que não incorpora os policiais civis que atuam naquilo que chamam de "polícia preventiva especializada" —tampouco aqueles outros do Departamento de Operações Policiais Estratégicas (Dope) e do Grupo Armado de Repressão a Roubos e Assaltos (Garra).

[...]

Melhor seria investir os mesmos recursos orçamentários na ampliação de câmeras de vigilância ambiental, sobre áreas de elevada incidência criminal, onde recorrentemente acontecem confrontos policiais com criminosos. Daí o duplo efeito: prevenção ao crime e, também, a abusos policiais

Na obrigatória equação do bom gestor público —"custo público/bem comum"—, melhor seria investir os mesmos recursos orçamentários na ampliação de câmeras de vigilância ambiental, sobre áreas de elevada incidência criminal, onde recorrentemente acontecem confrontos policiais com criminosos. Daí o duplo efeito: prevenção ao crime e, também, a abusos policiais.

Mas ainda há um outro elemento importante, pouco explorado nos debates sobre o tema: as "body cams" produzem uma rica prova —juridicamente válida nos processos criminais—, apta a dar credibilidade na condenação de criminosos e de policiais desviantes, assim como na absolvição de inocentes, sejam policiais ou cidadãos injustamente indiciados pela polícia, o que tanto mitiga a impunidade quanto impede o erro judiciário (irreparável no seu todo).

Assim, na definição das políticas de segurança pública é preciso primeiro estabelecer o objetivo central do projeto e, a partir disso, ponderar acerca de outras alternativas mais eficazes. Se o objetivo é evitar desvios de comportamento, parece-me que câmeras ambientais em espaços públicos darão mais eficiência, eficácia e efetividade. Se a opção pelas câmeras corporais já é algo definitivo, que seu melhor produto passe a ser aproveitado em sua plenitude pelos tribunais.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

O Congresso Nacional, em Brasília Leco Viana/TheNews2/Folhapress

O pior dos piores

Perguntaram ao grande Ulysses Guimarães, lá pelos anos 90, o que ele achava do nível do Congresso à época. E ele respondeu: "O próximo vai ser pior". E hoje constatamos que seguiram piorando. Sete legislaturas após aquele "pior" do velho Ulysses, chegamos a essa excrescência chamada centrão.
Bernardo Assis Filho (Salvador, BA)

Ainda o golpe

"Bolsonaro desenha golpe com apoio do centrão e de militares" (Política, 6/5). As instituições são fracas, pois permitiram que prosperassem políticos como Bolsonaro, Daniel Silveira, milicos e caterva.
João Carmo Vendramim (Campinas, SP)

★

Tem tanto colunista acreditando em golpe de Bolsonaro que ele pode até acreditar que está recebendo apoio para essa excrescência.
José Walter da Mota Matos (Pouso Alegre, MG)

★

Chego a pensar que as urnas eletrônicas podem realmente ter problemas; afinal, o atual presidente foi eleito por meio delas.
José Roberto Ferreira (Brasília, DF)

★

É terrível constatar que o "país do futuro" está cada vez mais longe do futuro. Após a ditadura militar, conseguimos, a duras penas, alcançar algo minimamente civilizado com a Constituição de 1988. Agora, sob a liderança de um homem obscuro, oficial medíocre do Exército, que de lá saiu pela porta dos fundos e que alcançou a Presidência graças aos terríveis erros da esquerda, estamos sob nova ameaça de grave recuo institucional. Estamos tomando um atalho para o atraso.
João Ramos de Souza (Brasília, DF)

★

O estrupício tem obsessão pela reeleição principalmente porque sabe que, se não for reeleito, ele e a familícia vão ver o sol nascer quadrado.
Marcelo Seraphim (Brasília, DF)

Eleições

"Ministro da Defesa pediu ao TSE que divulgue questionamentos das Forças Armadas sobre eleições deste ano" (Política, 6/5). Por quê? Desde quando é papel do Tribunal Superior Eleitoral procurar explicar ao povo as preocupações do Exército? Desde o século 4º a.C., Aristóteles já dizia, no Livro 1 da Metafísica, que, entre as ciências práticas, a ciência que trata do bem do Exército se subordina à ciência civil (a Constituição), que procura o bem geral do Estado. Isso quer dizer que cada um deve respeitar a área do outro. Tudo tem limite.
Ricardo Fraga (Belo Horizonte, MG)

E os outros?

Os jornais (pelo menos os de São Paulo) focam Lula e Bolsonaro em constantes manchetes e ignoram os possíveis candidatos da terceira via. Há páginas e páginas descrevendo bobagens e tonterias ditas e feitas por Lula e Bolsonaro e raras notícias sobre o que fazem e propõem fazer (pela ordem alfabética) Bivar, Ciro, Doria, Moro e Simone. Agindo assim, em sua busca por manchetes, o sistema de comunicação deixa de ser o serviço de informações de que o país precisa, prejudicando sobremaneira seus leitores.
Wilson Scarpelli (Cotia, SP)

Mais recorde

"Amazônia tem recorde de desmate em abril, com mais de 1.000 km² derrubados" (Ambiente, 6/5). Jair Bolsonaro, o genocida responsável pela morte por Covid-19 de quase 700 mil brasileiros. Jair Bolsonaro, o ecocida responsável por um desmatamento jamais visto em território brasileiro.
Cristina Dias (Curitiba, PR)

★

Nós, brasileiros, estamos perdendo nosso patrimônio para a ilegalidade e a criminalidade, que só crescem nos últimos anos na região da Amazônia. Isso se deve ao desmonte ambiental perpetrado pelo desgoverno federal, com a conivência de políticos locais. E isso também é corrupção.
Amalia Safatle (Itapevi, SP)

Lula na Time

Nelson de Sá, em poucas palavras, derrete o discurso do complexo de vira-lata que a mídia brasileira teceu ao comentar a entrevista de Lula na Time ("Revista Time leva 'segundo ato de Lula' à capa", Toda Mídia, 5/5). Ninguém analisou os pontos positivos da superexposição internacional do Brasil que a matéria teve. Ficaram apenas dizendo o que era trivial, ou seja, que Vladimir Putin é genocida (sim ele também o é) e que Volodimir Zelenski é um líder ou um herói (não é nem um nem outro). Os interesses mundiais falam mais alto quando se trata de seus cercadinhos. Excelente análise do colunista.
Sebastião Galinari
(São Paulo, SP)

Aborto

Ótimo o texto de Marilene Felinto desta sexta-feira ("Não tem sentido você não gostar do Lula por causa de aborto, disse à minha diarista", 6/5)! Inspirador como abordagem para combater o falso moralismo das igrejas sobre a questão do aborto, que, como Lula defende, deve ser tratado como questão de saúde pública. É muita hipocrisia dos pastores que apoiam o inominável com suas campanhas a favor da arma e com sua idolatria por torturadores ao mesmo tempo em que fazem campanha ensandecida contra o aborto.
Maria Beatriz Telles Marques da Silva
(São Paulo, SP)

★

Excelente artigo da colunista! Marilene Felinto escreve muito bem, e quando o faz com o coração e a mente, sem a participação do fígado, arrebenta! Essa pequena história ilustra muito bem pelo menos a metade dos votos do inominável: o voto da ignorância dirigida por fake news, de fundo religioso ou não.
Luiz Cândido Borges
(Rio de Janeiro, RJ)

Eleição em São Paulo

Somente o fato de o candidato de Bolsonaro para o governo de São Paulo, o carioca Tarcísio de Freitas, não ter um time paulista para chamar de seu e fazer citações inverídicas de um livro para justificar suas falácias e bobagens já o desabilita para sua pretensão de governar São Paulo. Os paulistas não vão escolher um bolsonarista oportunista sem a menor noção do que é o estado. Que volte para o Rio de Janeiro.
Therezinha Lima e Oliveira
(São José dos Campos, SP)

política

PAINEL | *Fábio Zanini*

painel@grupofolha.com.br

No escuro

A promessa de Jair Bolsonaro (PL) de contratar uma auditoria para acompanhar a eleição pegou aliados de surpresa. Não se sabe qual seria a "empresa de ponta" que poderia realizar esse serviço. "O que eu acredito que ele quis dizer é que nada impediria que uma empresa acompanhasse as etapas de auditoria que o TSE disponibiliza, como no momento de lacração da urna, ou da contagem dos votos", diz o ex-ministro do tribunal e advogado da campanha, Tarcísio Vieira.

MISTÉRIO Segundo Vieira, "trazer uma empresa poderia emprestar uma cientificidade maior a esse processo". Outros conselheiros de Bolsonaro sobre esse assunto também não souberam apontar quem teria expertise para a tarefa.

BUSTO A Câmara de Miracatu (SP) concedeu nesta quinta (5) título de cidadão honorário ao ex-ministro da Educação Milton Ribeiro. A proposta foi apresentada em março pelo presidente da Casa, Pablo Pereira (PL), mas foi suspensa devido aos escândalos na pasta. Pereira é aliado de Renato Bolsonaro, irmão do presidente e figura forte na cidade.

CIDADANIA Uma jovem de 15 anos do Distrito Federal entrou com mandado de segurança no STF pedindo o direito de votar em eventual segundo turno das eleições. A garota, cujo nome não foi divulgado, argumenta que fará 16 anos, idade mínima para votar, entre os dois turnos, em outubro.

ROLÊ Para jovens de 16 e 17 anos, o voto é facultativo. Nas redes sociais, artistas e políticos fizeram uma campanha para que esse público tirasse o título. Segundo o TSE, mais de 2 milhões se habilitaram a votar.

BONDADE 1 O governador de São Paulo, Rodrigo Garcia (PSDB) investirá R$ 176 milhões para pagar dois bimestres de bônus que estão represados a policiais civis, militares e técnico-científicos, em novo aceno às forças de segurança.

BONDADE 2 O bônus, revelado pelo Painel, deverá contemplar aproximadamente 95 mil policiais a partir de critérios de cumprimento de metas.

FOTO ADIADA A ausência de Geraldo Alckmin (PSB) no lançamento da chapa com Lula (PT) frustrou a expectativa da organização do evento de coletar imagens para a campanha no estilo "frente ampla", ou "Diretas Já". O ex-tucano deve ficar uma semana de molho por causa da Covid.

BANDEIRA... O lançamento da pré-candidatura a deputado federal do advogado Augusto Botelho pelo PSB foi marcado por uma trégua entre os apoiadores de Márcio França (PSB) e Fernando Haddad (PT) para o governo de São Paulo, que vivem tensão crescente.

...BRANCA França compareceu ao evento e foi saudado pelo advogado Marco Aurélio de Carvalho, entusiasta de Haddad. "Estamos todos no mesmo campo", disse Carvalho, que transmitiu a Botelho um abraço de Haddad e Lula.

FILHO... O aplicativo de transportes 99 anunciou a volta de sua sede para São Paulo nesta sexta-feira (6). O anúncio foi feito ao lado do prefeito Ricardo Nunes (MDB) e dos vereadores da CPI dos Aplicativos na Câmara.

...PRÓDIGO A comissão investiga empresas com sedes fiscais em cidades como Osasco e Barueri, que cobravam valores mais baixos de Imposto Sobre Serviços (ISS).

IMORTAL Autor de livros de direito constitucional e poesia, o ex-presidente Michel Temer (MDB) assumirá vaga na Academia Paulista de Letras, no lugar da poetisa Renata Pallottini, que morreu no ano passado. A posse está marcada para 26 de maio.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

Cláudio

Convite a militares é visto no TSE e STF como tiro no pé e munição a Bolsonaro

Ministros admitem erro após Forças Armadas serem chamadas para comissão eleitoral visando antídoto a golpismo do presidente

Matheus Teixeira, Julia Chaib e Marianna Holanda

BRASÍLIA A atuação das Forças Armadas na comissão criada pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) para ampliar a transparência das eleições levou integrantes de tribunais superiores, inclusive do STF (Supremo Tribunal Federal) e da própria corte eleitoral, a considerarem um erro o convite para que militares participassem do colegiado.

A iniciativa do então presidente do TSE, ministro Luís Roberto Barroso, ocorreu no ano passado em meio a ataques do presidente Jair Bolsonaro (PL) às urnas eletrônicas e a questionamentos de aliados do Planalto contra o sistema eleitoral brasileiro.

As Forças Armadas sempre auxiliaram o TSE na logística dos pleitos, mas pela primeira vez passaram a integrar uma comissão dessa natureza.

A ideia de Barroso era trazer os militares para mais perto do processo eleitoral e, assim, conseguir o respaldo deles na defesa do sistema eletrônico de votação e contra a ofensiva bolsonarista em relação à segurança das eleições no país.

Em conversas reservadas, porém, magistrados de cortes superiores avaliam que a tentativa de obter um antídoto teve o efeito contrário e tornou-se um tiro no pé: ao invés de aumentar a confiabilidade do pleito, forneceu uma ferramenta para as Forças Armadas inflarem ainda mais o discurso de Bolsonaro contra o sistema eleitoral.

Até militares têm feito, em conversas fechadas, uma análise semelhante no sentido de que o convite do TSE pode ter sido um equívoco. Integrantes do Exército relatam constrangimento com a participação oficial no processo. Segundo eles, isso acaba por politizar inevitavelmente as Forças.

Quando fez o convite, Barroso esperava que um almirante da Marinha especializado em tecnologia da informação e com quem mantinha relação fosse o nome indicado para integrar a comissão.

O nome do almirante não foi divulgado. Segundo interlocutores, esse militar era visto no TSE como uma referência na área e chegou a ser convidado pelo ministro.

No entanto, de acordo com relatos, o militar afirmou que era necessária a anuência do então ministro da Defesa, o general Braga Netto.

Também filiado ao PL, Braga Netto é hoje o principal cotado para ser vice de Bolsonaro na campanha pela reeleição.

Inicialmente, o então chefe da pasta disse que analisaria a possibilidade de liberar o nome escolhido por Barroso e, depois, informou que enviaria diversas opções para que o TSE pudesse escolher.

No fim das contas, Braga Netto encaminhou só o nome do general Heber Portella, chefe da segurança cibernética do Exército, e o tribunal se viu obrigado a aceitá-lo como integrante da comissão.

Barroso defendeu a decisão de convidar os militares. Ele afirmou que as Forças já participam da distribuição de urnas e que os fardados estiveram envolvidos na concepção da urna eletrônica.

"As Forças Armadas integram a comissão [de transparência] entre outros 11 setores igualmente respeitados. Com base nisso, o ministro Barroso considerou natural a participação dos militares para ampliar a transparência do processo eleitoral", disse, por meio de sua assessoria.

O ministro Luís Roberto Barroso em evento no Rio Eduardo Anizelli - 29.abr.22/Folhapress

> "Claro que todo questionamento institucional e às instituições, questionamentos que não têm justa causa, não tem lastro probatório ou legitimidade são questionamentos que não contribuem e consequentemente eles podem sim atrapalhar o bom andamento das instituições
>
> **Rodrigo Pacheco (PSD-MG)** presidente do Senado

No fim de abril, porém, uma declaração de Barroso sobre as Forças Armadas acirrou a tensão entre os Poderes. Em palestra, o magistrado disse que a instituição tem sido "orientada" a atacar o processo eleitoral para "desacreditá-lo".

Sem mencionar Bolsonaro, disse que há um esforço para levar o Exército ao "varejo da política" e que isso seria uma "tragédia" para a democracia. O ministro da Defesa reagiu e, por nota, classificou a afirmação de Barroso como "irresponsável" e "ofensa grave".

Ao longo do trabalho da comissão de transparência eleitoral, a Defesa encabeçou uma série de medidas que foram vistas pelos ministros dos tribunais como tentativa de tumultuar o processo eleitoral. Os fardados despacharam quase uma centena de questionamentos sobre o funcionamento das urnas, o que foi considerado pela corte eleitoral como excessivos.

Além disso, o Ministério da Defesa enviou, na quinta-feira (5), um ofício ao presidente do TSE, Edson Fachin, para pedir que as perguntas feitas pelas Forças Armadas sobre o sistema de votação sejam tornadas públicas.

Os questionamentos feitos à comissão de transparência eleitoral do tribunal foram elaborados pela segurança cibernética do Exército, comandada por Heber Portella.

Tanto ele como o seu superior, general Guido Amin Naves, chefe do Departamento de Ciência e Tecnologia do Exército, estiveram em uma reunião nesta semana com Bolsonaro, fora da agenda oficial do Planalto. Braga Netto acompanhou o encontro.

Segundo relatos, foram discutidos os questionamentos ao TSE. A reunião ocorreu horas antes de o ministro da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira, ter um encontro com o presidente do STF, Luiz Fux.

Na noite do mesmo dia, a Defesa divulgou uma nota em que diz que a pauta da reunião foi "colaboração das Forças Armadas para o processo eleitoral", além de ter afirmado que a instituição está "em permanente estado de prontidão" para o cumprimento de suas missões constitucionais.

As estratégias de contenção dos magistrados não conseguiram conter os ataques de Bolsonaro às urnas eletrônicas. O presidente continuou a pôr em dúvida a segurança da eleição, alegando que a legitimidade do pleito depende da presença dos militares.

Desde as eleições, Bolsonaro e seus aliados tentam desacreditar o processo eleitoral brasileiro afirmando haver fraude, mas jamais apresentaram qualquer prova nesse sentido.

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), afirmou que os questionamentos do presidente Jair Bolsonaro ao sistema eleitoral "não têm legitimidade" e "podem sim atrapalhar o bom andamento das instituições".

"Claro que todo questionamento institucional e às instituições, questionamentos que não têm justa causa, não tem lastro probatório ou legitimidade são questionamentos que não contribuem e consequentemente eles podem sim atrapalhar o bom andamento das instituições", afirmou.

Especificamente sobre a contratação da auditoria, o presidente do Senado afirmou que a iniciativa é legítima, mas desde que não atue na contagem e recontagem de votos, atribuição do TSE.

Fachin diz não se opor a divulgação de questionamentos

BRASÍLIA Em resposta ao ministério da Defesa, o presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), ministro Edson Fachin, afirmou que a corte não se opõe à divulgação dos documentos enviados pelos militares à CTE (Comissão de Transparência das Eleições).

"Os documentos remetidos pelo Ministério da Defesa ao Tribunal Superior Eleitoral podem ser colocados ao pleno conhecimento público, sem que haja qualquer objeção por parte da Corte Eleitoral", escreveu Fachin, em resposta ao ministro da Defesa.

Ele ressaltou que, entre os documentos enviados, há material classificado pela própria Defesa como reservado — que podem ser mantidos em sigilo por até cinco anos. **Ricardo Della Coletta e MT**

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
357.813 exemplares (março de 2022)

Bolsonaro desenha golpe com centrão e militares

Generais ainda negam golpismo e há dúvidas práticas sobre o plano do presidente para ficar no poder, mas ele está aí

ANÁLISE

Igor Gielow

SÃO PAULO Que Jair Messias Bolsonaro é dado a golpismos, isso se sabe desde que ele era um obscuro deputado vivendo nas sombras limítrofes do baixo clero da Câmara. Basta ler qualquer declaração dele dada nas três décadas em que habitou naquele mundo de rachadinhas e migalhas do grande butim das lideranças.

Presidente, o capitão (reformado para evitar a expulsão por indisciplina do Exército) deu sinais crescentes acerca de suas intenções, em especial após o "test drive" do primeiro ano no cargo.

A pandemia e seu embate com os estados acerca do manejo sanitário lhe deram campo fértil para exercitar autoritarismos, ainda que de forma ritmada. Para cada sístole aguda de golpismo, como em 2020 e 2021, vinha uma diástole de composição e cooptação mútua com o establishment de cujas franjas se originou.

O resultado mais acabado ocorreu no 7 de Setembro de 2021, quando ultrapassou as linhas vermelhas todas só para entregar o governo ao centrão e viabilizar sua candidatura no próximo outubro.

O elemento militar sempre foi operado de forma simbólica por Bolsonaro, que cercou-se de generais de pijama (quando não fardados, como Eduardo Pazuello) como forma de asseverar um poder que nunca teve integralmente nos serviço ativo das Forças.

No começo do, uma série de sinalizações externas indicou descolamento delas dos planos do chefe. Agora, isso mudou ao menos na superfície.

A revelação de toda a extensão dos questionamentos do Exército ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral) mostra uma Força a serviço de seu comandante-em-chefe —as questões iniciais indicavam um caráter mais técnico e desautorizavam a ideia golpista, mas agora fica clara a busca de discurso para o bolsonarismo.

Conversando com oficiais-generais em altos postos, a tendência fardada é a de minimizar o episódio e manter o discurso de que ninguém vai apoiar uma escalada autoritária. Pode ser, mas a instrumentalização está colocada de forma clara agora, o que gera dúvidas acerca do comportamento em caso de a violência potencial apontada pelo próprio Exército irromper no pós-pleito.

Concorre para isso uma manobra de Bolsonaro, que foi a de trazer o general Paulo Sérgio Oliveira do Exército para o Ministério da Defesa. PS, como é chamado, era um contraponto às ideias mais radicais do chefe enquanto estava chefiando o Alto-Comando.

Agora, de terno, tem obedecido —sua opção é emular seu antecessor Fernando Azevedo e pedir o boné.

Houve, claro, os erros de Luís Roberto Barroso, ministro do Supremo que presidia o TSE quando a corte piscou para as ameaças bolsonaristas.

Criar uma comissão de transparência e convidou um general a integrá-la. Como disse Bolsonaro ironicamente, ele esqueceu que chamar um militar significa chamar seu comandante supremo.

Ovo da serpente posto, foi questão de tempo para a operação ganhar contornos claros.

Barroso ainda cometeu um erro tático de bônus ao criticar as Forças Armadas em meio ao desgaste do embate em torno da figura do deputado Daniel Silveira (PTB-RJ), o bolsonarista secundário que foi condenado pelo Supremo e perdoado pelo presidente.

Para complicar o cenário, oficiais-generais das três Forças têm ojeriza ao ora líder da corrida eleitoral, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e não viram emergir uma terceira via viável. Se um episódio como o do tuíte de 2018 ou uma ruptura pareçam distantes, não é imaginária a má vontade fardada com o ex-presidente.

Isolado, o Poder Judiciário está na defensiva, apesar de reuniões aqui e ali para tentar mostrar normalidade.

A live de Bolsonaro nesta quinta-feira (5) acabou de desenhar o golpe dos sonhos do presidente. Ele disse que seu partido, o PL, irá contratar uma auditoria externa para, em talvez 40 dias, dizer se as urnas eletrônicas são seguras.

Isso é uma afronta bizarra ao edifício da eleição, não menos porque dinheiro público será usado para tal empreitada, numa semana que começou com o presidente em atos contra o Supremo.

É evidente que a espuma servirá para deixar as redes sociais alertas e, assim como caso das "provas" (aspas compulsórias) de que Bolsonaro teria ganho no primeiro turno das eleições de 2018 que nunca foram mostradas, quando ela espraiar não haverá substância alguma.

Chama a atenção a presença ativa do centrão no processo, também. Assim como os militares, a relação de cooptação com o presidente sempre foi de duas mãos. PL, PP e afins sempre trataram a ocupação do governo e a transferência do real poder para o esquema de emendas opacas em curso como uma vitória final.

Afinal, ganhe Bolsonaro ou Lula, diz o ditado, o centrão estará com o vencedor ao fim.

Mas a associação direta com um arranjo que como consequência última pode significar a impugnação dos votos dos seus próprios membros só insinua duas coisas: participação num esquema golpista ou a crença de que é só barulho eleitoral inócuo.

Nenhuma das duas opções é aceitável, institucionalmente. Usando o roteiro deixado por seu ídolo Donald Trump na invasão do Capitólio de 2021, Bolsonaro pode não conseguir dar um golpe por falta de capacidade operacional, mas a crise está garantida.

Presidente do STM recebe diárias em fins de semana sem agenda

Ministro também ganhou ajuda de custo de 5 dias para palestra em apenas 1; tribunal fala em economicidade

Vinicius Sassine

BRASÍLIA O presidente do STM (Superior Tribunal Militar), general Luis Carlos Gomes Mattos, mantém intensa agenda de viagens bancadas com diárias, o que incluiu fins de semana sem compromissos oficiais no Rio de Janeiro e cinco dias em Cartagena (Colômbia) para uma palestra e participação em um evento.

As informações integram relatórios de gastos com diárias e passagens tornados públicos pelo STM, em atendimento ao que determina o CNJ (Conselho Nacional de Justiça).

As viagens de Mattos foram acompanhadas quase sempre por assessores, que também recebem diárias. Essas viagens foram feitas em ano de pandemia e boa parte delas teve como objetivo a participação em eventos burocráticos, como trocas de comandos do Exército.

O general viajou para acompanhar 11 solenidades militares, embora participe de julgamentos envolvendo fardados suspeitos de crimes.

Mattos não torna pública sua agenda diária, ao contrário do que fazem os outros presidentes de tribunais, como STF (Supremo Tribunal Federal), STJ (Superior Tribunal de Justiça), TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e TST (Tribunal Superior do Trabalho).

Os gastos com diárias e passagens aéreas do presidente do STM e de assessores que o acompanham somaram R$ 235 mil em um ano, segundo os dados dos relatórios de transparência do tribunal. Ao todo, foram feitas 22 viagens - uma média de 1 deslocamento a cada 17 dias.

Em nota, o STM afirmou que é "natural" o deslocamento do presidente pelo país, em razão das visitas de inspeção às auditorias e da representação do tribunal nas relações com outros Poderes e autoridades.

"Privilegiando o princípio da economicidade, o presidente do STM aproveita participação em solenidades militares para visitar as diversas auditorias militares e estabelecer contato com autoridades, em diversas unidades da federação", disse.

"O presidente recebe as diárias computadas para os dias em que participa de atividades previstas em sua agenda."

O STM não deu explicações para as viagens que incluíram fins de semana, para a extensão de viagens, para a presença de assessores, para os valores totais gastos com diárias e passagens e para a ausência de publicidade da agenda diária do presidente.

Três viagens incluíram fins de semana no Rio sem agenda oficial por parte do general.

Em maio, o ministro visitou auditorias da 1ª e 2ª CJM (Circunscrição Judiciária Militar), além de "autoridades locais", como consta na explicação para o pagamento das diárias.

Para a viagem a São Paulo e Rio, o ministro recebeu 5,5 diárias, incluídos o sábado e o domingo, no valor de R$ 3.700. Dois assessores estiveram na viagem, o que gerou mais R$ 6.000 em diárias.

No mês seguinte, o general visitou a cúpula da PM no Rio, em uma quarta-feira. Mais uma vez, houve pagamentos de diárias até domingo, no valor de R$ 3.000, segundo os dados públicos do STM.

A oficial de gabinete que o acompanhou também recebeu 4,5 diárias, no valor de R$ 2.500. Os dados de transparência do tribunal não informam o motivo da viagem (o campo está em branco).

Em outubro, o general foi ao Rio para uma visita ao Bope (Batalhão de Operações Policiais Especiais) da PM do estado e para uma palestra num simpósio sobre Justiça Militar, em dia de semana. Ao todo, recebeu 5,5 diárias no valor de R$ 3.700, incluído o fim de semana. A mesma assessora o acompanhou na viagem, com 5,5 diárias de R$ 3.700.

No dia 18 de novembro, o general deu uma palestra no VIII Fórum Interamericano de Justiça Militar, em Cartagena, na Colômbia. A viagem durou, ao todo, cinco dias.

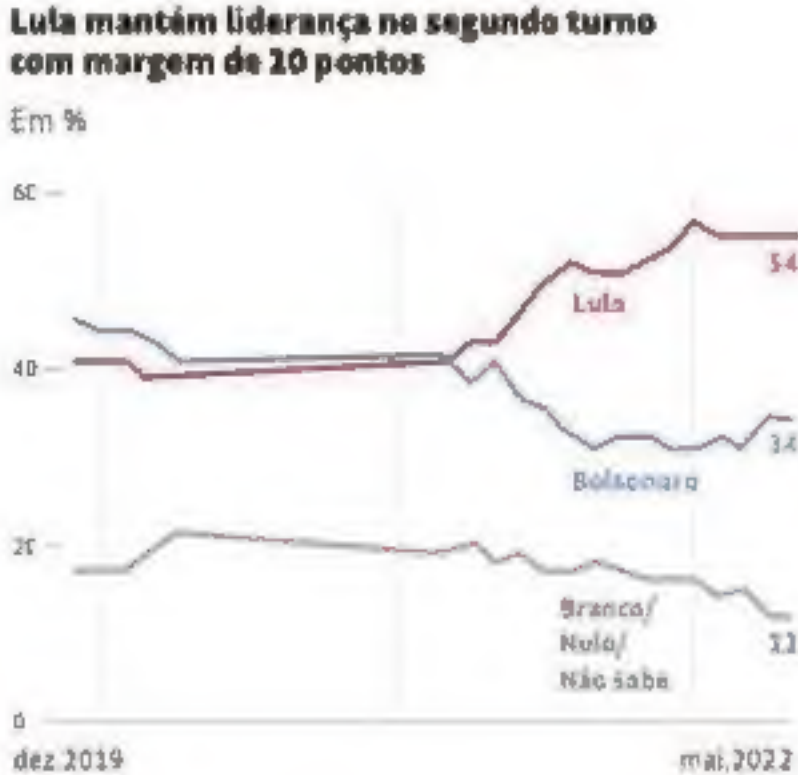
Os documentos sobre o pagamento de diárias, tornados públicos pelo STM, registram que a finalidade da viagem foi "participar e ministrar palestra" no fórum na Colômbia. No caso da assessora que acompanhou o presidente do tribunal, a finalidade foi "assessorar o ministro na palestra".

As cinco diárias foram pagas em dólares: US$ 4.485 aos dois, ou R$ 25,9 mil, pela cotação da moeda americana na ocasião. Já as passagens aéreas saíram por R$ 39,7 mil, valor bem acima do praticado no mercado em caso de compra com antecedência.

"A palestra proferida pelo presidente do STM ocorreu no dia 18, entretanto o presidente permaneceu durante todo o evento", disse o tribunal.

O pagamento de diárias, em tese, deve cobrir gastos com alimentação, hospedagem e transporte. O valor da diária em deslocamento dentro do país equivale a 1/30 do subsídio pago ao ministro, ou R$ 1.309. A lei que orienta a execução do orçamento, porém, limita esse gasto a R$ 700.

A diária paga ao presidente do STM oscilou entre R$ 658,57 e R$ 683,45. Já a diária internacional é de US$ 579, que foi o valor pago em razão da viagem a Cartagena.

Lula mantém liderança no segundo turno com margem de 20 pontos

Fonte: Pesquisa Ipespe realizada entre os dias 2 e 4 de maio com 1.000 entrevistados. A pesquisa está registrada no TSE sob o número BR-03474/2022. A margem de erro máxima é de 3,2 pontos percentuais para mais ou menos

Ipespe: Lula tem 44% e Bolsonaro 31% no 1º turno

SÃO PAULO | UOL Pesquisa Ipespe contratada pela XP Investimentos aponta o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) à frente da corrida presidencial com 44% das intenções de voto estimulado — quando é mostrada uma lista de pré-candidatos. O presidente Jair Bolsonaro (PL), que busca a reeleição, aparece em segundo lugar, com 31%.

O ex-ministro Ciro Gomes (PDT) tem 8%; o ex-governador de São Paulo João Doria (PSDB), 3%, e o deputado André Janones (Avante), 2%.

Com margem de erro de 3,2 pontos percentuais, para mais ou para menos, esses três têm empate técnico.

A senadora Simone Tebet (MDB) e o cientista político Luiz Felipe d'Avila (Novo) têm 1% cada e empatam tecnicamente com Doria e Janones.

Vera Lucia (PSTU), José Maria Eymael (DC) e Luciano Bivar (União Brasil) não pontuaram. Brancos e nulos são 8%, e 2% não sabem.

Não é possível comparar o desempenho dos pré-candidatos com pesquisa anterior, de 12 de abril, pois há diferença na lista de nomes apresentados como opções. Naquele levantamento, Lula tinha 45% das intenções de voto, e Bolsonaro, 31%.

O instituto falou por telefone com 1.000 entrevistados, de 16 anos ou mais, entre os dias 2 e 4 de maio. O nível de confiança é de 95,5%. A sondagem foi registrada no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) sob o número BR-03473/2022.

Sorte de ex-Lava Jato é que Congresso derrubou proposta que hoje o beneficia

OPINIÃO

Lenio Luiz Streck e Luciano Feldens

Juristas, professores e advogados

Em 2019, na saída do aeroporto de Curitiba, lia-se em outdoor: "Bem-vindo à República de Curitiba. Aqui a lei se cumpre". Era uma alusão aos resultados então alcançados pela Lava Jato. Soube-se, depois, que o imenso outdoor, ilustrado com a pose dos procuradores da República da operação, fora engendrado por um deles, o que foi demitido pelo CNMP há poucos dias.

Ao tempo em que comemorava seus feitos, a força-tarefa da Lava Jato capitaneou um movimento de reforma do Código de Processo Penal, as famosas "10 Medidas Contra a Corrupção".

Aquilo soava paradoxal. Afinal, se a operação chegou onde chegou sem produzir arranhões à legalidade —afinal, o outdoor dizia isso—, então o controle da corrupção não deveria ser um problema de (falta de) lei, mas de cumprimento da lei.

Seja como for, o discurso pela reforma teria como objetivo acelerar o "combate" ao crime, permitindo às "operações" alcançarem seus "alvos" com mais eficácia —sim, as metáforas bélicas sempre acompanharam a Lava Jato; agora percebam até onde essa linguagem nos levou.

Mais especificamente, segundo a força-tarefa, seriam projetos de modificação legislativa tendentes a construir "um Brasil mais justo, com menos corrupção e menos impunidade". Sim, só se falava disso.

Dentre essas "10 Medidas" algumas se destacaram pela ameaça que representavam à liberdade individual.

Chegou-se a postular —pasmem— que a lei (a) impedisse os tribunais de concederem liminar em habeas corpus; (b) proibisse o uso habeas corpus para trancar investigação ou processo criminal; (c) restringisse o habeas corpus apenas para as hipóteses de ofensa direta e atual à liberdade; (d) não mais se admitisse habeas corpus para discutir nulidade processual.

O Congresso Nacional não levou adiante esse ornitorrinco processual. E, sob os protestos da Lava Jato, foi socialmente cobrado por isso.

Curiosamente, a decisão política do Congresso, preocupado com a liberdade de todos os brasileiros, viria a beneficiar precisamente alguns dos membros da força-tarefa que buscavam lipoaspirar o habeas corpus; mais especificamente, vejam a ironia, o procurador que financiou o outdoor de Curitiba.

De fato, ao tomar ciência de investigação iniciada no STJ por supostas infrações praticadas por membros do MPF de Curitiba, referido procurador foi buscar proteção jurídica junto ao STF.

Impetrou habeas corpus e requereu (a) a concessão de medida liminar, (b) para o fim de trancar a investigação, ou seja, (c) em situação de ameaça indireta e não atual a sua liberdade de ir e vir, (d) isso sob o argumento, dentre outros, de nulidade relacionada à ilicitude da prova que embasava a investigação (HC 198.013, STF).

Pois, então. Para a melhor sorte do procurador da Lava Jato, o Congresso Nacional refutara as tais "10 Medidas", especialmente aquela que visava a eliminar o habeas corpus nas exatas circunstâncias em que o procurador requereu.

E, assim, sua postulação liminar pode ser livremente examinada pelo STF, que lhe garantiu a proteção jurídica que buscava, suspendendo a investigação que corria contra si (relatoria da ministra Rosa Weber, decisão liminar de 30/03/2021).

Guardemos conosco essa lição. Todos estamos sujeitos a necessitar dessa proteção em algum momento. Saibamos reconhecer o valor de nossas instituições —Congresso Nacional e STF— na proteção legal e judicial de nossa liberdade, uma medida que vale por "10".

Na lógica do procurador, talvez o aeroporto de Brasília também merecesse seu próprio outdoor.

[...]

A decisão política do Congresso, preocupado com a liberdade de todos os brasileiros, viria a beneficiar precisamente alguns dos membros da força-tarefa que buscavam lipoaspirar o habeas corpus; mais especificamente, vejam a ironia, o procurador que financiou o outdoor de Curitiba

Senti vergonha de ser cristã, diz pastora trans sobre Bolsonaro

Grupo evangélico progressista declara que nem todos apoiam o presidente

Anna Virginia Balloussier

A reverenda trans Alexya Salvador, evangélica e que se declara de esquerda, contra Bolsonaro Anna Virginia Balloussier/Folhapress

SÃO PAULO Evangélicos de esquerda não são um ornitorrinco ideológico e têm o dever moral de usar a mais cristã das armas contra o que definem como "projeto de morte" do presidente Jair Bolsonaro (PL): o amor. Essa é a proposta de uma ala minoritária no segmento religioso mais associado ao bolsonarismo.

Evangélicos votaram em massa em Bolsonaro quatro anos atrás —estima-se que 7 em cada 10 fiéis o tenham escolhido no segundo turno de 2018. E parlamentares dessa fé formam uma das bancadas mais fechadas com ele.

"Senti vergonha de ser cristã. A igreja brasileira deu um show de horror", disse nesta quinta (5) a reverenda Alexya Salvador, "travesti, preta, periférica" —e evangélica, apesar de pares de fé a rejeitarem como anomalia pecaminosa.

"Foi vergonhoso olhar e entender que usaram essa parte tão importante do povo brasileiro", continuou a líder da ICM (Igreja da Comunidade Metropolitana), igreja inclusiva que acolhe sem ressalvas fiéis LGBTQIA+.

Estamos nessa noite entre evangélicos que contrariam a generalização recorrente no país —a de que esses religiosos são a face do conservadorismo nacional e abraçam sem restrições o bolsonarismo. No último Datafolha, entre os evangélicos, Bolsonaro tem 37%, contra 34% de Lula (empate técnico).

O ato Derrotar Bolsonaro É um Ato de Amor, que contou com a participação de outras religiões, ocupou a sede do sindicato paulista de professores.

Reuniu poucas dezenas de pessoas. A transmissão ao vivo no YouTube foi ainda menor.

Antes da oração inicial, conduzida pela reverenda trans, todos ganharam uma bolsa de feira estilizada com a estampa da campanha Bolsocaro ("tá tudo caro, culpa do Bolsocaro!"). Camisas de Lula (PT) eram vendidas na entrada.

Expressões contra Bolsonaro, de "Marielle presente" a "desgoverno fascista", ganharam companhia de salmos bíblicos e oratória de pregador.

"Sua verdade não é a do Pai, não há Bolsonaro que preste", cantou NM MC, rapper cristão.

A frente fundiu grupos que se definem eangélicos e progressistas, binômio demonizado por pastores bolsonaristas.

É só ver o que a Igreja Universal do Reino de Deus disse no começo do ano: "Se você se diz cristão e ainda vota na esquerda, há apenas duas possibilidades: ou você não segue realmente os ensinamentos do cristianismo ou os segue e ainda não entendeu o que a esquerda é verdadeiramente".

O discurso pegou na comitiva pastoral bolsonarista com uma exceção. Estevam Hernandes, fundador da Renascer em Cristo e apoiador do presidente, disse à **Folha** achar a ideia uma bobajada. "O apóstolo Paulo fala que a graça de Cristo é multiforme. Às vezes as pessoas falam, 'Deus não é de direita nem de esquerda, Deus é amor'."

A força do movimento esquerdista é colocada em xeque pelas vozes de maior alcance no evangelismo nacional, todas de direita. São líderes há décadas nas TVs com milhões de seguidores nas redes sociais. Servem de bússola a pastores menores, que atuam de forma mais local e comunitária.

Não há pastor à esquerda com tanta expressividade nas igrejas, alguém que galvanize essa fatia da população como Silas Malafaia e similares.

O que a minoria progressista diz: ok, eles têm presença mais tímida no meio. Mas o que é o segmento se não uma rede pulverizada de templos, sem nada parecido com um Vaticano para ditar uma linha única?

Evangélicos são plurais e têm que ser vistos assim, dizem.

Uma mesma fiel pode ser contra aborto e a favor de que o filho homossexual tenha direitos assegurados, pode se preocupar com o preço do botijão de gás e não gostar de um presidente entusiasta de armas que matam jovens em sua comunidade, ou ser fã dos programas religiosos da Record do bispo Edir Macedo, e desconfiar do tom político dos bispos da Universal.

É preciso se fazer ouvir pela massa evangélica que a direita bolsonarista vê como sua por direito, declararam participantes do ato.

Lula lança pré-candidatura depois de conflitos internos e desgaste com falas

Vice na chapa, Alckmin participará virtualmente após ter recebido diagnóstico de Covid-19

Catia Seabra, Julia Chaib e Victoria Azevedo

BRASÍLIA SÃO PAULO O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) lança sua chapa com o ex-governador Geraldo Alckmin (PSB) neste sábado (7), após um período de declarações desastradas, divergências na coordenação de campanha e em meio a rusgas internas.

Idealizada pelos organizadores, a imagem de Lula e Alckmin em destaque, diante de apoiadores de diferentes partidos, não vai se concretizar. Ao lado de bandeiras do Brasil, fotos dos dois serão expostas no centro de convenções em São Paulo preparado para a oficialização da campanha.

Mas Alckmin, deverá participar virtualmente por ter recebido diagnóstico de Covid-19 nesta sexta (6). Apresentando sintomas leves da doença, ele deverá falar ao vivo, em um telão.

O ato deste final de semana foi pensado para oficializar a frente ampla que Lula tenta construir e cujo mote será "vamos juntos pelo Brasil".

O slogan incorporará as cores verde e amarela da bandeira brasileira —sem deixar de lado o vermelho, tradicionalmente associado ao PT. E a expectativa entre pessoas ligadas à pré-campanha é que o ato deixe para trás a instabilidade.

Organizadores esperam reunir 4.000 pessoas. Dessas, 2.000 seriam do estado de São Paulo, 1.000 para representantes de movimentos sociais, populares e sindicais, e o restante para os partidos aliados, autoridades, artistas e intelectuais.

A chef Bela Gil e o músico Paulo Miklos apresentarão o ato. A sambista Teresa Cristina deve cantar o hino nacional.

O evento foi planejado para evitar eventuais erros. Só Lula e Alckmin vão discursar. O petista lerá um texto que vem sendo preparado há semanas.

Lula —que tem sido criticado pelos deslizes cometidos em improvisos—, vai ler um discurso focando combate à pobreza e promessa de união nacional para reconstrução do Brasil.

Segundo aliados, Lula defenderá o legado petista e, sobre sua prisão, dirá que não guarda ódio nem rancor.

A crise econômica e a fome serão apontadas como mazelas dos brasileiros, em contraposição ao seu governo. O pronunciamento abordará a alta de preços e o endividamento da população. A defesa da soberania nacional também estará presente em seu discurso.

Antes de seu discurso, telas exibirão cenas da crise econômica e o jingle da campanha de 1989 será cantado.

Dirigentes de outros partidos manifestaram preocupação a integrantes do PT com deslizes em falas do ex-presidente nas últimas semanas.

Os equívocos são apontados por aliados de Lula como resultado de falta de rumo na comunicação da pré-campanha.

Recentemente, ele tem dado declarações polêmicas e, após a repercussão, recuado delas.

No início de abril, disse que o aborto deveria ser "direito de todo mundo". No dia seguinte, disse ser pessoalmente contra o aborto e defendeu o tratamento para mulheres que realizarem o procedimento na rede pública de saúde.

Depois, criticando a postura de Bolsonaro em relação às vítimas da Covid, diferenciou gente de policiais. O presidente da República tem nas forças de segurança um de seus principais temas de campanha.

Na véspera do lançamento formal da campanha, Lula deu fim a uma incerteza que há duas semanas, consumia seus apoiadores ao definir os coordenadores de comunicação de sua campanha.

Disposto a apagar a ideia de desestruturação, Lula escolheu o deputado federal Rui Falcão (SP) e o prefeito de Araraquara, Edinho Silva.

Como Edinho terá que conciliar a tarefa com a administração municipal, caberá a Falcão a condução do dia-a-dia.

Foi o próprio Lula que sugeriu chamar Falcão para a missão, em reunião em que petistas chegaram a lembrar-lhe que o deputado se opunha à escolha de Alckmin para vice.

Mas Lula alegou que Falcão respeita decisões partidárias e se dedicaria à campanha após a definição da candidatura.

Falcão e Edinho substituirão o ex-ministro Franklin Martins, afastado após queda de braço com a máquina petista, como o secretário de comunicação do partido, Jilmar Tatto.

Segundo petistas, Lula tenta convencê-lo a assumir uma cadeira em seu conselho político e deu o tempo que Franklin quiser para dar a sua resposta.

O alvo da disputa é o orçamento para o marketing da campanha de Lula, calculado em cerca de R$ 45 milhões. Tatto reivindicava o direito de opinar sobre o destino dos recursos do fundo partidário.

Com histórico de rusgas com dirigentes petistas e aval de Lula, Franklin não abria mão de gerir a verba, incluindo comunicação nas redes sociais.

Apesar da proximidade com o ex-presidente, Franklin não resistiu à pressão de petistas pela demissão do jornalista Augusto Fonseca do marketing da pré-campanha. Fonseca tinha sido contratado por Franklin.

Segundo petistas, não havia, no contrato, previsão de recursos para pré-campanha. Até o início oficial da corrida presidencial, os partidos não terão acesso ao fundo eleitoral, só ao fundo partidário, constantemente bloqueado, por decisão judicial, para pagamento de dívidas do partido.

A falta de estrutura ficou clara nas inserções que o partido levou ao ar, em março, o que justificou as críticas a Fonseca.

Pessoas próximas a ele reclamavam do fluxo do pagamento do PT, que só terá mais verba com o início da campanha, com o fundo eleitoral.

O publicitário Sidônio Palmeira assumirá o marketing da campanha. Palmeira é ligado ao PT da Bahia. Ele fez os programas vitoriosos do ex-governador da Bahia Jaques Wagner em 2006 e 2010, e do atual, Rui Costa, em 2014.

Há 15 dias na campanha, Palmeira é um dos organizadores do evento em que se tenta dar o fim à turbulência que abala o comando da campanha.

Carro de Lula escapa de cerco de bolsonaristas

O carro em que estava o ex-presidente Lula foi cercado por bolsonaristas na tarde desta quinta (5) em Campinas, interior de São Paulo. Com camisetas da seleção brasileira de futebol e bandeiras do Brasil, o grupo xingou o petista enquanto o veículo em que ele estava tentava passar. A manifestação foi em frente a um condomínio onde Lula foi almoçar. O incidente ocorreu à saída do encontro.

Ato com Alckmin repete roteiro de 20 anos atrás com José Alencar

Joelmir Tavares

SÃO PAULO Um vice atrelado à direita, reprovado inicialmente por segmentos da militância e repelido por uma parcela dos dirigentes partidários é recebido com vaias ao ser entronizado como companheiro de chapa de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) na eleição à Presidência da República —mas depois acaba aceito.

O roteiro de lançamento da dupla Lula e José Alencar, em 2002, tende a se repetir neste sábado (7), quando será apresentada oficialmente sua dobradinha com Geraldo Alckmin —exceto pela parte das hostilidades, na opinião de petistas ouvidos pela **Folha**.

Com Covid, o pré-candidato a vice deverá aparecer no ato por meio de vídeo no telão. A expectativa é que cerca de 4.000 pessoas compareçam.

Para apoiadores de Lula, cenas como as vistas 20 anos atrás, com gritaria e apitaço, dificilmente ocorrerão desta vez porque o comando da legenda conseguiu pacificar atritos e porque Alckmin integra um partido do mesmo campo político, o PSB, diferentemente do PL de Alencar.

O anúncio da dupla que se sagraria vitoriosa foi agitado.

O palco escolhido para a ocasião foi o Palácio das Convenções do Anhembi, local que esteve cotado para sediar a cerimônia de agora, mas acabou sendo substituído pelo Expo Center Norte, outro salão de eventos também na zona norte da capital paulista.

A oficialização de Alencar, empresário mineiro que morreu em 2011, se deu em junho de 2002, durante a convenção nacional do PT, encerrando meses de discussões sobre sua incorporação à campanha. Tanto lá como cá, Lula foi o fiador da aposta e domou os insatisfeitos. Mas nem todos.

Então secretário municipal da Juventude, Jaime Cabral se recorda da preparação do ato contrário ao candidato a vice. Os rebeldes fizeram faixas, botaram nariz de palhaço e ensaiaram o grito de guerra para quando ele fosse discursar: "Lula sim, Alencar não".

"A história mostrou que a aliança acabou não sendo catastrófica, mas naquela ocasião achávamos inadmissível", diz Cabral, agora com 45 anos. "E desta vez eu saudei a chegada do Alckmin", segue ele, favorável a uma frente ampla contra Jair Bolsonaro (PL).

Jornais da época registraram o "clima de confronto" na reunião, já que uma ala reagia às provocações: "Brasil decente, Lula presidente".

"Um segurança do partido deu um soco em um dos adolescentes que protestavam, que caiu. Em seguida, outros seguranças estenderam bandeiras no local, para impedir que o conflito fosse filmado. O militante agredido não quis dar declarações à imprensa", publicou a **Folha**.

Lula, que entrou no palanque "em meio a uma chuva de estrelas vermelhas de papel laminado", também respondeu aos manifestantes. Disse que Alencar estava sendo vítima de preconceito, do mesmo tipo que ele próprio sofria quando colocava uma gravata e ia a um restaurante.

A rebelião puxada pela turma jovem, mas reforçada por militantes mais experientes, cessou depois do pito.

Antes, o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, também foi alvo de vaias. Para abafar, o marqueteiro Duda Mendonça mandou aumentar o volume do jingle da campanha que tocava, conforme relatou O Estado de S. Paulo.

Continua na pág. A9

Lula faz sinal de coração durante ato de centrais sindicais no 1º de maio Bruno Santos - 1º.mai.22/ Folhapress

Especialistas veem flerte com infração eleitoral no 1º de Maio

Discursos de aliados no ato em apoio a Lula são vistos como indícios de campanha antecipada de difícil punição

Tayguara Ribeiro

SÃO PAULO Objeto de sindicância da Controladoria Geral do Município de São Paulo por causa da contratação de um show da cantora Daniela Mercury com recursos públicos, o ato de 1º Maio, em alusão ao Dia do Trabalho, também pode representar infração eleitoral pelas demonstrações de apoio à candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

No caso da cantora baiana, que recebeu R$ 160 mil pela apresentação, o questionamento ocorre devido ao uso de verba pública da cidade de São Paulo para um evento com manifestações a favor do petista.

Já sobre possíveis infrações eleitorais, o problema envolve o clima de comício antecipado, similar ao do o presidente Jair Bolsonaro no final de março, em evento do PL.

A lei eleitoral só permite campanha a partir de 16 de agosto. Comícios não são autorizados até lá. Eventos públicos de lançamento de pré-candidatura, situação não prevista na lei, também são vetados.

No domingo, aliados do petista fizeram pedidos explícitos relacionados à eleição de outubro deste ano, com a repetição de frases como "vamos eleger Lula presidente".

A **Folha** enviou trechos das falas a especialistas em direito eleitoral, que veem indícios de infração, mas ressalvam ser difícil qualquer punição pela subjetividade da legislação.

O ato foi organizado em conjunto por centrais sindicais e participação de representantes de PT, PC do B, e PSOL, partidos que sustentam a pré-candidatura de Lula à Presidência.

O advogado João Fernando Lopes de Carvalho, especialista em direito eleitoral, diz que antes do início oficial da campanha há algumas permissões da lei a favor dos pré-candidatos, como reuniões de divulgação de ideias, objetivos e propostas, por iniciativa de entidades da sociedade civil.

O evento de 1º Maio, para ele, poderia ser visto como um encontro "com a intenção de discutir políticas públicas direcionadas para os trabalhadores, até mesmo para eventualmente serem implementadas em um futuro governo", e não "de iniciativa concebida com finalidade de divulgação eleitoral".

"Isto não significa que não possam ter ocorrido desvios pontuais, em que alguns dos que fizeram uso da palavra produziram mensagens que podem ser interpretadas como de divulgação eleitoral antecipada", afirma.

Para ele, em frases como a do vereador Eduardo Suplicy (PT-SP) há pedido de voto, por sugerir a eleição de Lula, algo proibido pela legislação.

"Vejo, portanto, publicidade eleitoral antecipada." No evento, Suplicy afirmou: "Viva Lula, viva Fernando Haddad, vamos eleger Lula presidente".

Avaliação similar é das falas do deputado federal Orlando Silva (PC do B-SP). "Sabemos qual é o caminho. É derrotar Jair Bolsonaro, esse fascista, traidor da pátria brasileira, inimigo dos trabalhadores, e eleger presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva."

Disse ainda que o PC do B "ergue sua bandeira e conclama os trabalhadores para unidos defenderem a democracia e eleger Lula presidente".

Carvalho cita que, no discurso de Orlando Silva, há "união do cargo de presidente com a conclamação para a eleição do pré-candidato". "Para mim, há pedido de voto a configurar publicidade eleitoral antecipada."

Ele considera, porém, que a questão não é simples e que a lei e a jurisprudência determinam que configuram publicidade eleitoral antecipada as mensagens que apresentem pedido explícito de voto.

Por outro lado, a lei autoriza expressamente pedido de apoio político a pré-candidato ou partido, desde que sem pedido explícito de voto. "Para identificar ilicitude deve ser feita interpretação de cada caso concreto", afirma.

No palco, Lula tentou amenizar a situação, mas não evitou eventuais infrações.

"Quero falar com os dirigentes sindicais que estão aqui. Eu estava lá atrás porque não é possível falar de eleição porque eu não sou candidato ainda", disse Lula.

"Fiquei um pouco atrás porque eu não posso falar de eleição. Eu estou aqui, em um ato de 1º de maio, para discutir o problema dos trabalhadores e trabalhadoras brasileiros."

Para Carla Maria Nicolini, advogada especialista em direito eleitoral e membro da Abradep (Academia Brasileira de Direito Eleitoral e Político), as manifestações foram proferidas em ato público comemorativo do Dia do Trabalho, em que naturalmente as questões políticas são trazidas ao debate.

Mas algumas falas, diz, flertam com a infração eleitoral.

"Não vislumbro propaganda eleitoral antecipada na frase de Lula. O mesmo não se pode afirmar sobre manifestações de correligionários que podem caracterizar antecipação da campanha, pela utilização das chamadas 'palavras mágicas', como: 'vamos eleger', 'tirar do poder', 'vamos derrotar'."

Ela diz que a Lei Eleitoral define que não configuram propaganda eleitoral antecipada: a menção à pretensa candidatura, a exaltação das qualidades pessoais das pré-candidatas e dos pré-candidatos, pedidos de apoio político e divulgação de projetos. "Desde que não haja pedido explícito de votos."

Já o professor do departamento de direito público da Unesp José Duarte Neto diz que não há como argumentar que Lula "estava ajustado com sindicalistas" que pediram o voto para ele. "Em eventos parecidos, não existem meios de se controlar o comportamento de cada um que lá comparece."

Segundo ele, para configuração do ilícito eleitoral é necessária a demonstração da intenção de pedir voto e propagar sua candidatura. "Expressamente se disse que ainda não havia eleição, que não se era candidato e que a presença lá era para a comemoração do Dia do Trabalho."

Para o especialista, por um lado, nos termos da disciplina jurídica, algumas expressões parecem se acomodar à rubrica de propaganda antecipada.

Procurada, a assessoria de imprensa de Lula não respondeu até a publicação deste texto. A reportagem procurou também dirigentes da Força Sindical, outra das centrais que participaram da organização, mas não recebeu resposta.

Continuação da pág. A8

"A nossa crítica era mais à coligação com o PL do que ao Alencar em si. Nem o conhecíamos direito", diz Cabral. "Eu queria que as alianças fossem restritas ao máximo à esquerda, e hoje em dia desejo que amplie o quanto for possível. Talvez esteja mais na idade da razão."

Na avaliação do historiador, agora distante da burocracia partidária, Alencar se mostrou um político afinado com o propósito de Lula ao chegar à Presidência e seu partido não teve a influência que ele temia na elaboração do programa de governo nem na condução do mandato.

"No melhor dos mundos, eu preferiria que o Lula não se aliasse com o Alckmin, mas nós estamos em uma situação de risco da democracia. E, sobre o PL, nossa rebeldia não estava totalmente errada; é onde Bolsonaro está filiado."

O acordo com o PL em 2002 era controverso também entre dirigentes da agremiação de esquerda e motivou brigas. A aliança foi aprovada com 43 votos a favor, 24 contra e 3 abstenções.

Alguns descontentes não compareceram à convenção, caso da então senadora Heloísa Helena, hoje na Rede —ela se contrapõe ao setor de seu partido que declarou apoio a Lula e prega voto em Ciro Gomes (PDT).

Pré-candidato a deputado federal pelo PT em outubro, recém-chegado do PSOL, Douglas Belchior tinha 23 anos quando participou do levante na solenidade com Alencar e também é cético quanto à possibilidade de reações indelicadas da plateia.

"Era outro contexto, outro Brasil. Não éramos governados por um fascista apoiado por 'milicos'. Nosso contexto agora se assemelha mais aos momentos da luta contra a ditadura militar", compara.

"O nome de Geraldo Alckmin não está em discussão, ele é o vice do próximo presidente do Brasil", diz Belchior.

Não é bem assim, se depender do dirigente petista Valter Pomar, um dos membros do diretório nacional ainda resistentes à presença do ex-tucano. Líder da Articulação de Esquerda (corrente da sigla), ele diz que estará no evento deste sábado, mas vai deixar críticas para depois.

Pomar, que pertencia à cúpula da legenda em 2002 e votou contra a composição com Alencar, afirma que também se posicionará assim em relação a Alckmin em junho, no encontro nacional do PT, que terá de aprovar a indicação do filiado do PSB para o posto.

Lula desestimula as comparações entre Alencar e Alckmin, sustentando que "são dois homens diferentes". As vaias de 20 anos atrás foram relembradas por integrantes do partido, que pontuaram, no entanto, distinções com o quadro político atual.

Altino Junior, 55
Graduado em matemática pela USP, nasceu em São Luís (MA). Foi presidente do Sindicato de Indústrias Químicas de Pernambuco. Trabalha no Metrô de São Paulo há 25 anos e foi presidente do Sindicato dos Metroviários de São Paulo

Altino Junior defende armar trabalhadores e critica Rodrigo

Pré-candidato do PSTU é a favor de desmilitarizar a PM e estatizar serviços como energia e saneamento básico

Bruno B. Soraggi

SÃO PAULO O pré-candidato ao Governo de São Paulo Altino Junior (PSTU) defende o armamento "da classe trabalhadora" paulista e nacional e chama o atual governador paulista, Rodrigo Garcia (PSDB), de "irresponsável" pela fala na qual o tucano disse que "bandidos que reagirem e levantarem a arma para a polícia vão tomar bala".

"A ação repressora depende muito da reação de quem você está combatendo", afirmou ele em sabatina realizada pela Folha e UOL na manhã desta sexta (6). "Não dá para ir atirando de cara, como se fosse uma política de Estado."

O metroviário também afirmou que, "para a desgraça dos trabalhadores", o ex-presidente Lula (PT), o ex-ministro Fernando Haddad (PT) e o ex-governador Geraldo Alckmin (PSB) "são o mesmo projeto" para "banqueiros continuarem banqueiros, latifundiários continuarem" e "o país continuar como está".

Os três atualmente estão alinhados em uma frente de campanha que defende Lula para presidente da República, Alckmin como o seu vice e Haddad para o Palácio dos Bandeirantes.

Junior ironizou o fato de Alckmin ter dito que "ficou à vontade" ao ouvir a "Internacional Socialista" em congresso do PSB e chamou o fato de "mais surreal do que a ficção".

"O Alckmin, um cara que dirigiu o PSDB, um dos partidos mais burgueses de SP. Que reprimiu Pinheirinho [ocupação em São José dos Campos desmantelada com forte ação policial durante o governo do então tucano], depois disse que se sentiu confortável com a Internacional. Ou ele não prestou atenção na letra ou foi jogada de marketing."

"O PSB é socialista? O Alckmin é socialista? Não faz o menor sentido. A China é comunista? Nem aqui nem na China. Se a China for comunista, eu não sou comunista. Se o Alckmin for socialista, não sou socialista. Sou o oposto pelo vértice. O Alckmin não tem nada a ver com aquilo que eu considero socialista. Agora, com esse PSB, tem tudo a ver", afirmou o pré-candidato, que também diz que o PT não é mais uma legenda de "independência de classe".

"Hoje, se tem algum slogan do PT é peão que é peão se junta com patrão."

Sobre o armamento da população, ele diz enxergar isso como "uma necessidade".

"O problema da segurança pública não se resolve com armamento [das pessoas]. Mas a população tem que ter o direito de se armar para se contrapor às milícias armadas, ao crime organizado", defende. "É necessário que os debaixo consigam se defender quando tem uma repressão violenta."

Ele cita como exemplo a Ucrânia, que enfrenta uma guerra contra a Rússia. "Os trabalhadores ucranianos estão fazendo as suas armas para se defender de uma invasão russa."

Mas argumenta que a questão da segurança pública só será resolvida se a política atingir "o cerne, que é diminuir a pobreza, a miséria. Quanto mais pobreza e miséria, mais você alimenta o crime".

Ele próprio diz ter iniciado o processo para tirar autorização para o porte de arma. "Tô nesse andar para acessar esse direito, apesar de eu achar que [esse aval para carregar armamentos] deve ser mais democrático do que é", diz.

Junior também é favorável à desmilitarização da Polícia Militar de SP —mantendo os servidores da categoria nas forças de segurança do estado.

"Os soldados teriam direito a uma sindicalização, direito à greve, os seus comandantes deveriam ser eleitos democraticamente. Até para evitar desmandos", afirma. "[Com isso] a sociedade [vai] ter controle sobre a polícia para a qual a gente em tese paga para manter funcionando."

> O problema da segurança pública não se resolve com armamento [das pessoas]. Mas a população tem que ter o direito de se armar para se contrapor às milícias armadas, ao crime organizado

O pré-candidato pelo PSTU é favorável à estatização de empresas que forneçam serviços como energia, transporte e saneamento básico —caso da Sabesp.

"Hoje, apesar de ser conhecida por ser estatal, boa parte do sistema de água do estado tem uma parte importante privatizada. Na verdade, essa [água] é uma riqueza que está sendo disputada no mundo desde já. A água vai ser um produto bastante precioso. Para mim, não faz a menor sentido entregar isso na mão de empresários e investidores internacionais", diz.

"Para mim também é um crime entregar a parte da energia elétrica na mão de empresários. Água, energia e transporte devem ser, sim, estatais e gerar riquezas para o estado."

Junior também defende o fim das OSs (organizações sociais), que administram serviços da saúde. "Tenho várias enfermeiras, atendentes, todos eles reivindicam que essas OSs não sejam mais empresas que prestem serviços para o estado", afirma.

Junior registrou 1% nas intenções de voto na pesquisa Datafolha mais recente, divulgada no começo de abril. Com essa marca, empata em último com o ex-ministro da Educação Abraham Weintraub (PMB). O levantamento mostrou Fernando Haddad (PT) em primeiro lugar tanto no cenário que conta com a presença de Márcio França (PSB) quanto no qual ele não concorre.

Na sabatina, o metroviário reconheceu que as chances de ser eleito são baixas, mas aposta que a sua candidatura serve para levantar bandeiras do que eles veem como defesas da classe trabalhadora. "Estamos aqui para poder se contrapor aos que estão aí. Se fosse para dizer amém aos outros, a gente não estaria aqui para opinar de forma diferente", disse no encerramento da conversa.

A entrevista com o pré-candidato do PSTU foi conduzida pela apresentadora Fabíola Cidral, pelo colunista do UOL Leonardo Sakamoto e pela jornalista da Folha Carolina Linhares.

Fotos Reprodução UOL

Fernando Haddad, 59
É mestre em economia e doutor em filosofia pela USP. Foi prefeito de São Paulo (2013-2016) e ministro da Educação nas gestões de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, ambos do PT

Haddad afirma que antibolsonarismo supera antipetismo

Ex-prefeito de São Paulo elogia câmeras corporais em policiais e diz que vê Márcio França candidato até o fim

Artur Rodrigues

SÃO PAULO O pré-candidato ao Governo de São Paulo Fernando Haddad (PT) afirmou nesta sexta-feira (6) que a tendência é que não haja acordo para que ele e Márcio França (PSB) se unam em uma única candidatura.

Ele também disse que o antipetismo hoje é menor do que as forças contrárias a Jair Bolsonaro (PL) e João Doria (PSDB) —os candidatos de ambos no estado serão Tarcísio de Freitas (Republicanos) e Rodrigo Garcia (PSDB), respectivamente.

As afirmações foram feitas durante uma das sabatinas realizadas por Folha e UOL com postulantes ao Palácio dos Bandeirantes.

"A tendência é de manutenção das duas candidaturas. Essa é a tendência, porque estamos desde agosto tentando negociação", disse Haddad, que acrescentou que o PSB tem o direito de ter candidatura própria no maior colégio eleitoral do país.

O petista afirmou, porém, ser importante que houvesse a junção das candidaturas e que isso seria um luxo, apesar das análises de que a presença de França como concorrente beneficiaria Haddad. "Eu não faço esse tipo de conta. Eu acho que simbolicamente teria um peso muito grande nós estarmos juntos. Política não é só cálculo eleitoral", disse.

Haddad ainda criticou o uso de pesquisas para definição das candidaturas —Márcio França havia proposto o uso delas para definir o candidato da esquerda. "O PT nunca trabalhou com pesquisa para definir candidato, sequer internamente. Senão, eu não seria candidato a prefeito em 2012. A Marta [Suplicy] tinha dez vezes mais intenção de voto que eu", disse.

Os entrevistadores lembraram que Márcio França, ao ser questionado se retiraria a candidatura em favor de Haddad, indagou por que não se pergunta isso também para o petista. Haddad disse que a questão de sua candidatura está avançada, com apoio de partidos em tratativa e plano de governo encaminhado.

O ex-prefeito paulistano elogiou França, porém, por apoiar a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). "Desde 2010, o PSB e o PT não caminham juntos na eleição presidencial. O Márcio não me apoiou nem no segundo turno de 2018 e hoje está apoiando o Lula no primeiro."

O petista minimizou o impacto do antipetismo na corrida eleitoral do estado. "O antibolsonarismo hoje é muito maior. Basta pegar as pesquisas de opinião da votação do Lula. O Lula é o candidato menos rejeitado no Brasil, inclusive em São Paulo", disse. "O que existe hoje é um antibolsonarismo, é um antidorismo. O Doria e o Bolsonaro são muito mais rejeitados em São Paulo do que o PT."

Haddad ainda defendeu Lula, que tem dado declarações criticadas em sua pré-campanha. "O Lula não perde cinco minutos para admitir que a palavra utilizada não foi correta", disse.

Questionado sobre a impopularidade de sua gestão na Prefeitura de São Paulo, Haddad disse que a avaliação foi feita no período do impeachment de Dilma Rousseff (PT) e disse que suas vitrines permanecem na cidade.

O ex-prefeito também defendeu marcas de sua gestão. "As ações da minha gestão estão até hoje aí. Aliás, são as únicas coisas que estão de pé. A renegociação da dívida, o plano de mobilidade urbana foi premiado internacionalmente", afirmou.

O petista fez diversas críticas a Bolsonaro e Doria. "A pessoa tem sérios problemas, de caráter, psicológico. O problema é que ele tem um entorno que alimenta esses problemas, inclusive de militares bolsonaristas", disse.

> O antibolsonarismo hoje é muito maior [que o antipetismo]. O que existe hoje é um antibolsonarismo, é um antidorismo. O Doria e o Bolsonaro são muito mais rejeitados em São Paulo do que o PT

Entre outras críticas, lembrou a questão das fake news espalhadas pelo bolsonarismo. "As armas com as quais o bolsonarismo luta não são as da democracia, eles não entraram em campo ainda com as ameaças, com as fake news, com o dinheiro sujo", disse.

Já Doria foi criticado por aumentar os impostos durante a pandemia e cortar programas sociais em sua época de prefeito.

"O Doria cometeu uma das maiores insanidades que já vi um gestor público fazer durante uma pandemia. Talvez ele seja o único caso, no Brasil seguramente, mas não conheço na literatura ninguém no mundo que tenha aumentado impostos numa pandemia", disse Haddad —na verdade, Boris Johnson, premiê do Reino Unido, também fez isso.

Haddad também criticou o tucano por uma política errática na pandemia na questão de abertura e fechamento do comércio. "Ele oscilou entre duas políticas incongruentes."

Ele também afirmou que "vai botar uma lente de aumento bem grande" em contratos de concessão de rodovias feitos pela gestão tucana.

No entanto, afirmou que as câmeras corporais da PM são uma das poucas coisas positivas na atual gestão.

Na área da segurança, ele afirmou que pretende criar um plano de metas para resolver os principais crimes.

O petista ainda afirmou que a questão do agronegócio não é motivo de preocupação em São Paulo, mas sim a questão da agricultura familiar. "Nós temos que estar preocupado com o fim do financiamento do BNDES para a agricultura familiar, que está fazendo o preço dos alimentos subir", disse.

Haddad também disse ser contra o aborto pessoalmente, mas que, assim como Lula, considera o assunto uma questão de saúde pública.

O petista ainda prometeu retomar o programa Braços Abertos, implantado em sua gestão, que dava emprego a moradores de rua, em um programa na linha de redução de danos.

A entrevista com o pré-candidato foi conduzida pelo apresentador Diogo Sarza, pelo colunista do UOL Leonardo Sakamoto e pela jornalista da Folha Carolina Linhares.

Aborto sem método

A intervenção da Corte Suprema proporcionou a mobilização da militância evangélica

Demétrio Magnoli
Sociólogo, autor de "Uma Gota de Sangue: História do Pensamento Racial". É doutor em geografia humana pela USP

Roe v. Wade, a sentença da Corte Suprema dos EUA sobre o aborto, será derrubada pelo mesmo tribunal antes de completar 50 anos. No aniversário de 40 anos daquela decisão, a juíza Ruth Bader Ginsburg diagnosticou-a como um equívoco histórico. Ginsburg foi uma voz icônica pelos direitos das mulheres e estava de acordo com os fins, isto é, com a legalização do aborto. O ponto, para ela, era outro: o método.

O aborto é definido como um direito pela quase totalidade das democracias europeias. Contudo, as nações europeias legalizaram a interrupção voluntária da gravidez por meio do voto majoritário de seus parlamentos, que refletiam a pressão de movimentos sociais.

Os EUA, como apontou Ginsburg, seguiram caminho distinto: Roe v. Wade cortou uma nascente mobilização pelo direito ao aborto —e semeou o terreno para um "movimento pela vida" que impulsionou as guerras culturais do último meio século.

No início da década de 1970, diferenças de opinião sobre o aborto atravessavam os dois grandes partidos americanos. A intervenção radical da Corte Suprema proporcionou uma plataforma de mobilização para a militância evangélica, que costurou extensas redes sociais, articulando-as nos níveis local e estadual.

O "movimento pela vida" abrigou-se no Partido Republicano e, aos poucos, transformou-o por dentro. O combate a Roe v. Wade converteu-se em marca dos republicanos, enquanto a defesa da sentença tornava-se um traço fundamental dos democratas.

Cinco anos depois de Roe v. Wade, o parlamento italiano aprovou a Lei 194, que legalizou o aborto numa nação governada pela democracia cristã e vincada pela tradição católica. De lá para cá, não surgiu um amplo movimento social antiaborto na Itália.

É muito mais difícil engendrar mobilizações em oposição a leis deliberadas pelos representantes eleitos que contra uma arcana interpretação constitucional de um colegiado de juízes.

O método esculpe os resultados. Tribunais constitucionais decidem sobre princípios, buscando soluções legais paradigmáticas, enquanto parlamentos operam de modo pragmático, conciliando pressões sociais contraditórias. Roe v. Wade extraiu do direito à privacidade um quase ilimitado direito à interrupção da gravidez.

Na Europa, pelo contrário, o direito ao aborto é circunscrito por uma proteção relativa da vida do feto. A Itália coloca o limite nos primeiros 90 dias da gravidez. Em outros países, a fronteira varia entre 10 e 16 semanas. Há casos em que a legislação exige sessões de aconselhamento psicológico prévias à decisão final da gestante.

O "movimento pela vida" nos EUA organizou suas campanhas de propaganda ao redor das imagens e sons de abortos tardios. A estratégia abriu-lhe as portas para audiências que ultrapassam largamente o núcleo militante cristão. Paulatinamente, a promessa de indicar juízes conservadores —e dispostos a reverter Roe v. Wade— passou a figurar com destaque nas campanhas presidenciais republicanas.

Assim, a composição da Corte Suprema tornou-se foco da concorrência entre os partidos —e o próprio tribunal começou a refletir a cisão político-partidária.

Militantes tendem a perfilar-se atrás de princípios absolutos: o "direito do feto à vida", de um lado, e o "direito das mulheres ao seu corpo", de outro. Na Europa, movimentos feministas contestam os limites temporais à interrupção da gravidez. Nos EUA, movimentos evangélicos almejam a proibição geral do aborto. As guerras culturais são arenas de insolúveis conflitos dogmáticos, como os que agora se travam no Brasil.

A maioria das pessoas raciocina sob premissas diferentes, que possibilitam intercâmbios e conciliações. Os debates parlamentares, apesar de tudo, espelham essas abordagens mais matizadas. É por isso que a derrubada do veredito de 1973 não significa, necessariamente, um retrocesso histórico.

[...]
É muito mais difícil engendrar mobilizações em oposição a leis deliberadas pelos representantes eleitos que contra uma arcana interpretação constitucional de um colegiado de juízes

| DOM. ... Janio de Freitas ... Demétrio Magnoli

mundo

Emmanuel Macron em cerimônia em homenagem ao ator Michel Bouquet em Paris Ludovic Marin - 27.abr.22/AFP

Macron inicia 2º mandato pressionado a mudar mais que o nome do partido

Desafios de reeleito na França incluem pleito legislativo, escolha de premiê e redefinição de perfil

Michele Oliveira

MILÃO O presidente reeleito da França, Emmanuel Macron, 44, começa neste sábado (7) seu segundo mandato, com a promessa de que os próximos cinco anos não serão uma continuidade, mas um novo método de governar, com mais conciliação para que seja possível implementar seu projeto de país "humanista, republicano, verde e social". A posse acontece no Palácio do Eliseu, às 11h de Paris (6h em Brasília).

As diretrizes que Macron vislumbra para sua nova Presidência foram esboçadas em seu discurso da vitória, no dia 24 de abril, quando derrotou a ultradireitista Marine Le Pen, com 58,5% dos votos. Desde então ele não fez declarações em atos públicos, quase foi atingido por um tomate no primeiro reencontro com a população e se tornou o principal alvo das manifestações do Dia do Trabalho.

Fechado no palácio, se concentrou nas tratativas para a composição do governo e para a eleição legislativa de junho, decisiva para que seu programa possa avançar, e nas conversas sobre a Guerra da Ucrânia. Por enquanto, a única certeza de renovação é no nome do seu partido. A República em Marcha, que passa a ser chamado de Renascimento —com o compromisso da cúpula de que a ação não ficará restrita à embalagem.

Segundo analistas, o silêncio pós-eleição é sinal de que Macron reconhece estar navegando em águas agitadas. "Não há um contexto em que é possível propor reformas muito significativas. É muito diferente de cinco anos atrás", diz o cientista político Bruno Cautrès, pesquisador da Sciences Po.

"Macron teve uma vitória muito clara, mas, ao mesmo tempo, com muitos pontos de interrogação. Não sabemos exatamente para onde ele quer ir com esse segundo mandato. Ok, ele disse que não será uma continuação, mas não se sabe o que isso significa exatamente."

> Macron teve uma vitória muito clara, mas, ao mesmo tempo, com muitos pontos de interrogação. Não sabemos exatamente para onde ele quer ir com esse segundo mandato
>
> **Bruno Cautrès**
> cientista político e pesquisador da Sciences Po

Mesmo em relação a uma de suas propostas mais evidenciadas na campanha, a reforma da Previdência, há incertezas. No primeiro turno, Macron foi taxativo de que era preciso aumentar progressivamente, nos próximos anos, a idade mínima de aposentadoria de 62 para 65 anos. Na segunda rodada, admitiu a possibilidade de rever o corte para 64.

Outra hesitação se dá em relação à formação do governo. Há pouca clareza sobre quem pode ser o primeiro-ministro no lugar de Jean Castex, do partido do presidente. Macron sinalizou que procura alguém comprometido com questões sociais e ecológicas, numa tentativa de direcionar o perfil do governo para a esquerda —ele começou seu primeiro mandato como "centrista radical" e hoje pende para a centro-direita com uma agenda reformista liberal.

Segundo a imprensa francesa, duas mulheres teriam sido sondadas e negaram a oferta. Em 2017, o nome do premiê foi confirmado um dia após a posse. Nesta semana, o porta-voz de Macron disse que a equipe atual pode permanecer no cargo até o limite máximo oficial, a próxima sexta (13).

A composição do governo passa pelo primeiro grande desafio deste mandato: as eleições legislativas, em 12 e 19 de junho. Pelas regras do pleito e pelo histórico dos últimos 20 anos, a tendência é a coalizão em torno do presidente conquistar maioria absoluta e poder aprovar projetos sem depender das demais forças. A Assembleia Nacional tem 577 assentos, e o número-chave é 289. Há cinco anos, a sigla de Macron elegeu 308 nomes.

Agora, porém, o resultado é mais imprevisível. "Se conseguir uma maioria relativa, Macron vai precisar abrir a coalizão para outros partidos", diz Cautrès. "E não sabemos que efeito a aliança significativa entre partidos de esquerda vai ter na mobilização do eleitor."

Na última semana, o ultraesquerdista Jean-Luc Mélenchon, liderou a formação de uma espécie de frente única incluindo verdes, comunistas e socialistas —juntos, os candidatos dessas siglas tiveram 30% dos votos no primeiro turno presidencial. A intenção do político é capitalizar seu terceiro lugar na disputa pelo Eliseu de forma a obter maioria absoluta na Assembleia e forçar sua nomeação como primeiro-ministro. O feito é considerado improvável, mas pode interferir nos planos de Macron.

Atento à movimentação, seu partido anunciou uma chapa, nesta quinta (5), com outras duas legendas de centro: MoDem, aliado desde 2017, e o recém-criado Horizontes, do ex-premiê Edouard Philippe.

Depois da disputa legislativa, dois desafios surgem como urgentes para Macron, embora com tempos diferentes. A curto prazo, responder à preocupação dos franceses com o custo de vida. A longo, convencer 30 milhões de eleitores que não votaram nele ou nem sequer foram às urnas no segundo turno.

Um caminho para ambos passa pela necessidade de recalibrar o modo de governar, considerado arrogante e distante da vida real da população. "Teremos que fazer com que ele perceba que não será possível continuar a decidir tudo sozinho. Ele tem um exercício de poder muito solitário. Vamos trabalhar para que nos ouça mais", disse à Folha a eurodeputada Marie Toussaint, dos Verdes.

Principal tema da campanha presidencial, o poder de compra continua sendo corroído pela inflação, que registrou nova alta em abril, atingindo 5,4% na taxa anual. Macron já liberou um pacote de medidas de € 25 bilhões, para amenizar a alta dos preços da energia, e sofre pressão de sindicatos para aumentar salários —uma das propostas da chapa de esquerda é subir o salário mínimo de € 1.250 para € 1.400.

Segundo economistas, a capacidade de gastos do governo passa pela reforma das aposentadorias, uma medida impopular e abandonada no primeiro mandato, mas vista como essencial. Na União Europeia, a França é um dos países que mais gastam em pensões e onde a população costuma sair do mercado de trabalho mais cedo. As manifestações dos Coletes Amarelos, no pré-pandemia, e o último 1º de Maio, com atos violentos, indicam que a tarefa não deverá ser tranquila.

No cenário internacional, Macron, para continuar levando adiante seu projeto de "Europa soberana", precisa se aproximar do vizinho Olaf Scholz, premiê da Alemanha no cargo há menos de seis meses.

Por isso, já na segunda-feira (9), 48 horas após sua posse e no simbólico Dia da Europa —sob a sombra de um discurso de Vladimir Putin no Dia da Vitória em Moscou—, ele viaja a Berlim. É uma forma de reciprocidade ao gesto de Scholz, que visitou Paris logo após sua posse, mas também o indicativo de que Macron sabe que não tem tempo a perder.

Escola berço do presidente e de 3 antecessores foi fechada por ele

SÃO PAULO Quando tomar posse neste sábado (7), o francês Emmanuel Macron dará início ao 12º mandato do período da chamada Quinta República, iniciada em 1959.

Desde então, depois de Charles de Gaulle, oito homens comandaram a França, dos quais a metade possui algo em comum: Valéry Giscard d'Estaing (1974-81), Jacques Chirac (1995-2007), François Hollande (2012-17) e o próprio Macron, que ocupa o Palácio do Eliseu desde 2017, estudaram na Escola Nacional de Administração (ENA).

Algo que diferencia o atual presidente dos antecessores nesse assunto, porém, é o destino que ele deu à instituição —Macron promoveu uma reforma que fechou a ENA no ano passado.

A tradicional escola, criada em 1945, no fim da Segunda Guerra Mundial, foi responsável pela formação dos altos funcionários públicos franceses. Também passaram por lá os dois primeiros-ministros de Macron, Edouard Philippe e Jean Castex, e três dos quatro premiês de Chirac —Alain Juppé (1995-97), Lionel Jospin (1997-2002) e Dominique de Villepin (2005-07)—, além de diversos parlamentares e figuras importantes da política francesa.

Além da formação inicial para quem almejava uma carreira pública, que era oferecida em Estrasburgo anualmente a cerca de 100 alunos com ao menos uma graduação, havia ainda mestrado e especializações. Lá e na capital também eram ministrados cursos curtos para altos funcionários já ingressados na carreira.

Os presidentes da Quinta República

- Charles de Gaulle (1959 a 1969)
- Georges Pompidou (1969 a 1974)
- **Valéry Giscard d'Estaing (1974 a 1981)***
- François Mitterand (1981 a 1995)
- **Jacques Chirac (1995 a 2007)***
- Nicolas Sarkozy (2007 a 2012)
- **François Hollande (2012 a 2017)***
- **Emmanuel Macron (desde 2017)***

* Frequentaram a ENA

Esse viés seletivo gerou críticas à ENA, tida como um clube privado que oferece uma filiação vitalícia a um grupo de iniciados —os alunos vinham principalmente de famílias já influentes e passavam a frequentar um mundo recheado de oportunidades.

Dada a influência que a instituição sempre teve no Estado, há quem diga que a França tem sido comandada por "énarques", como os egressos de lá são chamados, reforçando a falta de diversidade entre funcionários públicos. Em artigo publicado no jornal francês Le Monde no ano passado, Pierre-Louis Rémy, inspetor-geral honorário de assuntos sociais (e ele mesmo um "énarque"), reconheceu o problema.

"Hoje, de fato, os cargos propostos ao se sair da ENA são todos situados em Paris, exceto os de prefeituras e da diplomacia. E um bom número de ex-alunos não saem nunca da capital durante toda sua carreira", escreveu.

Foi sob esse contexto que Macron anunciou o fechamento da ENA um ano antes do pleito presidencial, em 8 de abril do ano passado. No lugar da escola foi criado o Instituto de Serviço Público (ISP), como parte do que foi chamado pelo presidente de uma "revolução profunda no recrutamento" do funcionalismo, com o objetivo de democratizar oportunidades e criar um ambiente mais transparente e eficiente.

A ideia foi importar uma lógica empresarial. Os egressos teriam que se deslocar mais, iniciando em cargos regionais para ganhar experiência na base antes de assumirem posições de "direção, controle ou julgamento".

Para Rémy, para que a diversidade se concretize no setor público, é preciso ir além de fechar a ENA e aplicar reformas que deixem o Estado menos engessado e incluam uma gestão ativa de pessoas.

Com The New York Times

Partido de Boris amarga derrotas nas regionais

Pleito na Irlanda do Norte deve ter vitória de nacionalistas; polícia abre investigação contra opositor do premiê britânico

SÃO PAULO E GUARULHOS O Boris Johnson sorridente que foi às urnas na quinta-feira (5) acompanhado do cachorro Dilyn pode até ter passado a imagem de que estava despreocupado com o resultado das eleições regionais. Mas tanto ele como seus correligionários acordaram preocupados nesta sexta (6).

Os resultados parciais revelam que o Partido Conservador, a legenda de Boris, perdeu controle de redutos tradicionais em Londres e sofreu reveses em outras regiões, com eleitores aproveitando o pleito para enviar uma mensagem de repúdio aos escândalos de seu governo — sendo o "partygate" o principal.

O cenário inicial segue, em partes, o que previam analistas e pesquisas. O revés para Boris, é verdade, está mais no campo simbólico, já que os milhares de assentos em conselhos municipais e distritais não têm, em tese, impacto direto na política nacional.

A legenda do premiê perdeu, por exemplo, o controle do conselho de Westminster, na região de Londres, administrado pelos conservadores desde a sua criação, em 1964. Também passaram para o controle dos trabalhistas os conselhos de Wandsworth, reduto conservador desde 1978, e de Barnet, sob comando quase contínuo da sigla do premiê desde 1964 — exceto em duas eleições.

O atual pleito decidirá quase 7.000 assentos em conselhos municipais, incluindo todos os de Londres, da Escócia e do País de Gales, e um terço dos assentos no resto da Inglaterra.

Contagem do jornal The Guardian mostra que, até a conclusão desta edição, os conservadores perderam 397 assentos, enquanto os trabalhistas ganharam 354. Sobraram fatias consideráveis para outras legendas, como os liberais-democratas, que ganharam mais 189 cadeiras — alguns das quais analistas previam que iriam em peso para os trabalhistas.

A BBC, com base nos resultados iniciais, estimou o que aconteceria se todo o país estivesse votando nas eleições desta quinta. Nesse cenário, 30% dos votos iriam para os conservadores, 35% para os trabalhistas e 19% para os liberais-democratas, com o restante dividido entre siglas menores.

A vantagem de cinco pontos percentuais dos trabalhistas sobre os conservadores é a maior desde as eleições regionais de 2012. Em compensação, com a fatia de 30%, os conservadores caíram cinco pontos percentuais em relação a 2018 e seis pontos em relação ao ano passado — quando também foram realizadas regionais em menor escala.

Após a divulgação dos primeiros números, Boris relativizou a perda para sua sigla. "Tivemos uma noite difícil em algumas partes do país, mas, por outro lado, em outras vemos os conservadores avançando e obtendo ganhos notáveis em lugares que não votam no partido há muito tempo", disse o primeiro-ministro.

Acrescentou, então, as lições que pensa ter tirado do que chama de "mensagem dos eleitores". "Querem que foquemos as grandes questões que importam a eles, como a recuperação [econômica] pós-Covid, os problemas de abastecimento de energia e o pico inflacionário, e que continuemos nossa agenda de mais empregos e altos salários."

Embora as eleições regionais em geral se distanciem dos grandes temas políticos nacionais, a série de escândalos que envolveram o premiê levou correligionários a buscarem distanciamento.

E a cobrança veio tão logo surgiram os primeiros resultados, com conservadores dizendo que Boris terá de provar sua integridade perante os britânicos e responder aos questionamentos das urnas. "Claramente o premiê tem perguntas difíceis para responder. As pessoas estavam muito esperançosas com as políticas de governo, mas agora não estão felizes com o que ouviram sobre o partygate", disse David Simmonds, parlamentar conservador, ao Guardian.

O líder trabalhista Keir Starmer descreveu os resultados parciais como "absolutamente fantásticos". "Acreditem em mim: esse é um grande ponto de virada para nós", afirmou.

Pouco depois, porém, viu-se envolvido em caso similar ao que respingou na gestão de seu rival político. A polícia britânica anunciou que investigará Starmer por uma possível violação das regras de isolamento para conter a disseminação do coronavírus no ano passado. O caso foi apelidado de "beergate".

Em abril daquele ano, o trabalhista foi visto bebendo cerveja com colegas durante uma reunião em Hartlepool, no nordeste da Inglaterra. A polícia local havia concluído que nenhum crime havia sido cometido, mas, nesta sexta, afirmou que, após o recebimento de novas informações, abriu uma apuração.

A votação na Irlanda do Norte, país de aproximadamente 1,9 milhão de habitantes, também tem peso significativo, mas por outras razões. Pesquisas sugerem que o partido Sinn Féin, ex-braço político do Exército Republicano Irlandês (IRA), deve se tornar a principal força política e, assim, eleger o premiê.

A legenda garantiu 29% dos votos de primeira preferência, em comparação com 21,3% do Partido Unionista Democrático (DUP). A cifra indica que o Sinn Féin conquistará a maior fatia dos assentos.

Assim, a legenda se tornaria o primeiro partido nacionalista a comandar o maior número de cadeiras da assembleia regional em 101 anos, desde a criação da Irlanda do Norte, em 1921. Os resultados completos serão divulgados até sábado (7).

O clima é mais uma vítima

Conflito na Ucrânia e crise energética prejudicam políticas ambientais

Tatiana Prazeres

Analista internacional, foi secretária de comércio exterior (sic) e trabalhou na China de 2019 a 2021

O caminho rumo à descarbonização nunca foi uma linha reta. Com a guerra, o combate às mudanças climáticas pode andar para trás antes de avançar.

A sustentabilidade perde prioridade diante do conflito na Ucrânia, de suas implicações geopolíticas e da crise energética. O aumento de gastos militares tira recursos de outras pautas, inclusive da transição para uma economia de baixo carbono. A curto prazo, a guerra tem levado a uma corrida para a segurança energética convencional baseada em combustíveis fósseis, incluindo gás e carvão.

Nos Estados Unidos, a agenda ambiental de Joe Biden perde força. Sob o argumento de diminuir o poder da Rússia sobre a Europa, Washington aumenta a produção e a exportação de petróleo e gás para o bloco. Além disso, caso os republicanos recuperem o controle do Congresso em novembro, cai ainda mais a importância relativa da transição para energias limpas.

Na China, a sustentabilidade certamente não está no topo das preocupações do momento. No ano em que Xi Jinping busca um novo mandato, a prioridade é garantir um crescimento econômico decente mesmo diante da política de tolerância zero à Covid. Para isso, não pode faltar luz (o que ocorreu em 2021).

A preocupação com segurança energética eleva a produção de carvão a níveis nunca antes vistos. A relação com a Rússia garante o petróleo que a China não está pronta para dispensar. É verdade que, ao mesmo tempo, o país investe com gosto em energias limpas. Mas o carvão, abundante, é porto seguro diante do imperativo de assegurar crescimento e estabilidade.

Na Europa, a tensão é mais aguda entre, de um lado, segurança energética e nacional e, de outro, transição climática. Ao buscar diminuir a dependência energética em relação à Rússia, o continente quer tirar o oxigênio que financia a guerra de Putin, mas precisa atingir esse resultado sem comprometer o próprio abastecimento.

E o desafio não termina aí. Bruxelas pretende aproveitar este momento para acelerar a transição em favor de energias limpas. Energia nuclear aparece, cada vez mais, como necessária para a conta fechar. No calor do conflito, porém, preocupações de segurança tomam precedência.

A guerra contribui para a fragmentação do mercado global de energia, como me comenta Eduardo Viola, do IEA/USP e da FGV-SP. Há maior interdependência energética entre China e Rússia, assim como entre EUA e Europa, com o Oriente Médio atuando nos dois mercados.

Um rearranjo dessa ordem fortalece aqueles que, tanto nos EUA como na China, priorizam a agenda de segurança e têm uma visão linha dura sobre o relacionamento bilateral. Essa nova configuração da geopolítica energética favorece as forças pró-carvão em Pequim e pró-xisto em Washington, nota o professor. Tal cenário diminui, ainda mais, o espaço para cooperação climática entre os dois maiores emissores globais de CO_2. Já a Índia, na terceira colocação em emissões, intensifica o uso de carvão diante de receios com fornecimento de energia (e uma onda brutal de calor).

Um dia antes de a Rússia invadir a Ucrânia, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas das Nações Unidas divulgou um relatório alarmante sobre o aquecimento global. Pois virou nota de rodapé no noticiário mundo afora diante do que se seguiu. A Cúpula de Glasgow sobre o clima, realizada em novembro de 2021, parece ter ocorrido em outra era geopolítica.

A curto prazo, pelo menos, a agenda climática é mais uma vítima da Guerra da Ucrânia.

| seg. Mathias Alencastro | qui. Lúcia Guimarães | sáb. Tatiana Prazeres, Jaime Spitzcovsky

Rússia fará provocação com armas de possível Terceira Guerra

Mísseis nucleares, bombardeiros e até 'avião do Juízo Final' estarão no Dia da Vitória, na próxima segunda (9)

Igor Gielow

SÃO PAULO No mais momentoso desfile de Dia da Vitória desde que chegou ao poder em 1999, Vladimir Putin decidiu colocar um espetáculo militar apocalíptico na praça Vermelha, coração de Moscou. Sem sutileza, dará um recado na próxima segunda (9) à crescente interferência dos EUA e seus aliados na Guerra da Ucrânia.

Segundo o Ministério da Defesa russo, o tradicional desfile para comemorar a derrota dos nazistas na Segunda Guerra, em 1945, será pontificado pela primeira vez desde 2010 pelo "avião do Juízo Final".

Trata-se de uma versão modificada do Iliuchin Il-80, feita para servir de centro de comando e controle para Putin e a elite militar russa em caso de guerra nuclear. Os americanos possuem quatro modelos semelhantes, baseados no Boeing 747, para o presidente e líderes fardados.

O Il-80 foi criado pelos soviéticos nos anos 1980, no auge da paranoia acerca de um ataque nuclear. Só entrou em serviço em 1992, com quatro unidades pintadas de branco e sem janelas de passageiros, para refletir a energia térmica e o clarão de explosões nucleares. Um novo modelo juntou-se à frota em 2016.

Além dele, haverá a apresentação de mísseis intercontinentais para ogivas nucleares, como o recém-testado Sarmat e o Iars, armas de destruição em massa talhadas para uma Terceira Guerra. Bombardeiros estratégicos com capacidade atômica Tu-160, mísseis hipersônicos, tanques e caças diversos deverão completar a parada.

Isso ocorre todos os anos, mas a reinclusão do Il-80 é uma clara demonstração de força. Desde que a guerra começou, em fevereiro, a Rússia vem reiterando em diversas ocasiões que é a maior potência nuclear do mundo ao lado dos EUA, como forma de advertir contra a escalada de ajuda militar a Kiev.

Inicialmente composto por dados de inteligência e um enorme influxo de armas antitanque e antiaéreas portáteis, o auxílio agora inclui obuseiros, tanques e outros sistemas pesados. Isso tem sido empregado contra a ofensiva dos russos no leste e no sul do país, após terem fracassado em tomar no susto Kiev.

EUA, Polônia e outros países da Otan estão fazendo envios diários. Depois de falhar na ideia de enviar blindados por falta de munição, que procurou até no Brasil, a Alemanha anunciou que enviará peças de artilharia de longo alcance. A expectativa para a segunda-feira, contudo, é maior em relação ao discurso que Putin fará por volta das 11h30 (5h30 em Brasília).

O Kremlin vem negando, mas nos meios militares russos espera-se o anúncio de uma mobilização nacional para poder incrementar a força humana aplicada à Ucrânia. Segundo o site independente Sota, empresas estatais estão recrutando discretamente "especialistas em mobilização" nas últimas semanas.

Outras ideias, como a declaração de algum tipo de vitória ou a anexação das áreas já ocupadas, são especuladas —e, como a invasão antes de seu começo, negadas pela Rússia.

No front nesta sexta, a Ucrânia disse que 50 civis deixaram a usina de Azovstal, em Mariupol. O lugar é o último reduto de combatentes de Kiev na cidade sitiada —a Rússia já domina na prática o porto no mar de Azov— e autoridades disseram que as forças do Kremlin retomaram ataques ao complexo siderúrgico.

Moscou disse que as operações de retirada continuariam neste sábado (7), enquanto o presidente Volodimir Zelenski destacou em pronunciamento que seu país ainda busca esforços diplomáticos para salvar combatentes ali abrigados. O político deve participar, no domingo, de uma reunião virtual com lideranças do G7 —uma delas, o presidente americano Joe Biden, anunciou um novo pacote de ajuda a Kiev, no valor de US$ 150 milhões.

Ações russas foram reivindicadas em instalações em Kramatorsk. Kiev disse que fez ataques nas regiões de Kharkiv e Kherson. As informações não puderam ser verificadas de forma independente.

Aviões sobrevoam Moscou em ensaio para desfile militar Evgenia Novozhenina - 4.mai.22/Reuters

72º dia de incursões da Rússia na Ucrânia

Reivindicado por separatistas, mas sob domínio da Ucrânia
Controlado por separatistas e reconhecido como independente por Moscou
Ocupado por tropas russas
Cidades tomadas pela Rússia
Contra-ataque ucraniano
Anexada pela Rússia em 2014
Combates intensos

BELARUS
Tchernihiv
Tchernobil
Sumi
Kharkiv: Forças ucranianas fazem pressão para limitar alcance da artilharia russa
RÚSSIA
Kiev: Anistia Internacional diz ter encontrado novas evidências de crimes de guerra da Rússia
Kramatorsk: Rússia diz ter destruído depósito de munição ucraniano com ataque de mísseis
Lviv
Izium
Luhansk
UCRÂNIA
MOLDOVA
Transnístria
Zaporíjia
Donetsk
Mikolaiv
Odessa
Melitopol
Mariupol: Ucrânia tenta retirar civis e acusa Rússia de nova violação de cessar-fogo
ROMÊNIA
Kherson: Parlamentar afirma que Rússia vai 'ficar para sempre' na região tomada
Crimeia
100 km
Mar Negro
Fonte: Graphic News

TODA MÍDIA | Nelson de Sá

nelson.sa@grupofolha.com.br

Biden tentou se aproximar, mas ameaças de Bolsonaro pesaram

Um mês atrás, Joe Biden recebeu no Salão Oval o embaixador brasileiro, que foi "transmitir as garantias de amizade de Bolsonaro". O presidente americano posou apertando sua mão, em mídia social.

Duas semanas depois, Biden incluiu num discurso a promessa de pagar para o Brasil proteger a Amazônia. Em seguida, sua subsecretária de Estado, Victoria Nuland, viajou a Brasília para um Diálogo de Alto Nível EUA-Brasil.

Posando em mídia social com o chanceler de Bolsonaro, ela saudou a "parceria profunda" cujo "histórico de cooperação mostra o potencial de fazer muito mais juntos".

Na visita, Nuland foi questionada sobre as críticas de Bolsonaro ao sistema eleitoral e disse, segundo a Reuters: "Nós temos confiança no seu sistema e vocês precisam ter, inclusive no nível de liderança".

A vaga ressalva só foi aparecer no quinto parágrafo da reportagem do dia 25 de abril. O título, a partir de outra declaração da subsecretária, era "EUA buscam laços mais estreitos com Brasil em momento de turbulência e guerra".

No dia 30, Scott Hamilton, que era o cônsul-geral no Rio até o ano passado, publicou o artigo "Defendendo a democracia" no jornal O Globo, cobrando seu próprio país: "Em meio a ameaças às instituições democráticas no Brasil, os EUA permanecem passivos".

Escreveu que "Bolsonaro e seus apoiadores tentam sabotar a integridade do processo democrático e suas, em geral, espetaculares instituições independentes —imprensa, ONGs, TSE, STF e o próprio sistema de votação". E encerrou: "A hora para os EUA se manifestarem é agora, não quando uma crise estiver em curso ou depois dela".

Nada aconteceu. No dia 3, o chanceler brasileiro recebeu o secretário-assistente de Estado para a região, com uma delegação da organização AS/COA, "que representa empresas bem estabelecidas no Brasil", como tuitou o Itamaraty.

Aí tudo mudou. No dia 5, quinta passada, aconteceu o vazamento à mesma Reuters, "Exclusivo —Chefe da CIA falou ao governo Bolsonaro para não mexer na eleição do Brasil, dizem fontes". Não se tratava mais de diplomatas, mas da agência de espionagem.

O diretor da CIA, William Burns, em julho do ano passado, teria avisado aos "ex-generais" Luiz Eduardo Ramos e Augusto Heleno "que o processo democrático era sagrado, e que Bolsonaro não deveria estar falando dessa forma".

A Reuters anotou que Washington vinha "buscando melhorar os laços com Brasília nas últimas semanas", visando um encontro dos dois presidentes na Cúpula das Américas em junho, em Los Angeles, "se Bolsonaro participar".

Não se sabe, sobretudo após a cobrança pública, se Bolsonaro vai. Mas a cúpula já vem fazendo água, segundo artigo na Foreign Policy, de Christopher Sabatini, especialista em América Latina no centenário "think tank" Chatham House.

Alertando que o encontro "pode ser a lápide da influência dos EUA na região", ele sublinha que, faltando um mês, os convites ainda não foram enviados e 12 postos de embaixador na América Latina estão vagos, inclusive no Brasil.

"Até agora, as iniciativas regionais do governo Biden consistem de visitas diplomáticas, promessas vazias e uma cascata de sanções, [sem] fornecer alternativas substantivas às propostas econômicas da China", escreve Sabatini.

Em suma, "uma cúpula com baixa presença, movida a trivialidades e substancialmente vazia seria pior do que uma festa ruim: serviria para a China como encerramento embaraçoso da influência dos EUA no Hemisfério Ocidental".

Explosão em hotel de Havana deixa 22 mortos

Autoridades descartam atentado a bomba e apontam vazamento de gás como causa; ao menos 70 pessoas se feriram

Bombeiros trabalham em operações de resgate no hotel Saratoga, em Havana, após explosão Alexandre Meneghini/Reuters

HAVANA | REUTERS Uma forte explosão no famoso hotel Saratoga, no centro de Havana, deixou ao menos 22 mortos e 70 feridos nesta sexta (6), segundo o regime cubano. Entre os mortos há uma grávida e uma criança, e dos feridos 11 estavam em situação muito grave, de acordo com o diretor de um dos hospitais para onde eles foram levados.

O líder de Cuba, Miguel Díaz-Canel, que foi ao local do acidente cerca de uma hora após o ocorrido, descartou a possibilidade de a explosão ter sido causada por uma bomba e apontou um vazamento de gás como a causa mais provável. A fala do político está afinada com as informações que foram passadas inicialmente pela TV estatal, segundo a qual o incidente não foi fruto de um "ataque terrorista".

Hotel cinco-estrelas com 96 quartos, dois restaurantes e uma piscina na cobertura, o Saratoga estava fechado e reabriria ao público no próximo dia 10 de maio, após as piores fases da pandemia de Covid na ilha darem sinais de melhora —aos poucos, locais de serviço e infraestrutura turística, como bares e restaurantes, têm voltado a operar. Só havia funcionários no local no momento da explosão, e a nacionalidade das vítimas não foi informada.

"Até agora, não temos informação de estrangeiros feridos ou mortos, mas é preciso esperar, porque a informação ainda é muito primária", disse o ministro do Turismo, Juan Carlos García Granda. Díaz-Canel também visitou o hospital Calixto García, um dos quais recebeu os feridos. "Um menino de dois anos está sendo operado por uma fratura no crânio", relatou Miguel Hernán Estévez, diretor do hospital Hermanos Almejeiras, outro para onde foram levadas vítimas.

O responsável pela empresa estatal Gaviota, proprietária do estabelecimento, Roberto Calzadilla, disse que a explosão aconteceu quando "o gás estava sendo reabastecido com um cano [caminhão-tanque]".

"Os trabalhadores estavam fazendo reparos e todo o trabalho para abrir a propriedade. Pela manhã eles estavam reabastecendo o gás e parece que algum acidente causou uma explosão", afirmou. O imóvel construído em 1880, primeiro como armazém, foi remodelado como hotel em 1933 e reaberto em 2005.

Pouco depois das 11h locais (12h em Brasília), uma nuvem de fumaça e pó cobriu a avenida Prado, a principal do centro da capital cubana, onde fica o Saratoga.

O Saratoga foi remodelado por uma empresa britânica após a queda da União Soviética e foi por muito tempo o principal local para visitar altos funcionários da ditadura cubana e celebridades. Ao longo dos últimos anos, porém, perdeu espaço para novos estabelecimentos em Havana.

Descendentes de judeus correm por nacionalidade lusa antes de nova regra

Giuliana Miranda

LISBOA Descendentes de judeus expulsos de Portugal na Inquisição estão correndo para formalizar seus pedidos de nacionalidade lusa até 1º de setembro, quando entram em vigor novas regras que devem inviabilizar o benefício para a maior parte dos candidatos.

Após essa data, o governo passará a exigir a comprovação de vínculos contemporâneos, como a herança de imóveis e a realização de viagens regulares ao país ao longo da vida. Antes, a certificação de ascendência sefardita era a principal exigência do processo.

A menos de quatro meses da vigência das novas regras, escritórios de advocacia, genealogistas, assessorias de imigração e grupos nas redes sociais têm registrado aumento expressivo de consultas. Só entre 1º e 27 de abril, a CIL (Comunidade Israelita de Lisboa) recebeu mais de 10 mil pedidos de certificação de ascendência sefardita, segundo levantamento da reportagem com base na numeração dos processos.

A TR Advogados relatou um aumento de 130% nos pedidos de atendimento do tipo nos três primeiros meses de 2022 em relação ao mesmo período do ano anterior. Com forte atuação no segmento, a assessoria Portugal para Todos diz que a procura mais do que dobrou desde o anúncio das mudanças. Na assessoria Clube do Passaporte, a proporção de consultas feitas por descendentes de sefarditas saltou de 60% para 70% do total de atendimentos.

A atividade em fóruns de discussão sobre nacionalidade e genealogia também disparou. A empresária paulista Valéria Mendes é uma das que tentam submeter o pedido —e obter a documentação necessária— antes das novas exigências. "Tenho duas primas que já conseguiram a cidadania, por isso a parte mais difícil, que era a de fazer o mapeamento genealógico, está feita", diz. "Minha dúvida agora é saber se, com a grande quantidade de pedidos, vou conseguir obter a certificação obrigatória a tempo."

A velocidade dos processos de certificação, aliás, é uma das grandes dúvidas entre especialistas. Para conseguir o documento, os candidatos submetem um dossiê genealógico que comprove a ligação com o grupo expulso da Península Ibérica na Inquisição. O material é então analisado por uma comunidade judaica, e hoje só a comunidade de Lisboa emite os certificados. Com o aumento da demanda, o prazo para a conclusão dos processos está incerto.

Muitos advogados dizem que, se o documento não estiver pronto até a entrada em vigor das novas regras, irão submeter os pedidos mesmo sem ele. "É um risco, mas nossa segurança jurídica vigora no princípio da ampla defesa. Ou seja, o processo não é indeferido sumariamente por falta de documento sem opção de defesa e contraditório", avalia a advogada luso-brasileira Raphaela Souza, sócia da consultoria Portugal para Todos.

> O mapeamento genealógico está feito. Minha dúvida agora é saber se, com a grande quantidade de pedidos, vou conseguir obter a certificação obrigatória a tempo
>
> **Valéria Mendes**
> empresária paulista

Na interpretação de Angela Theodoro, sócia da TR Advogados e parceira do escritório L. O. Baptista, só os pedidos de nacionalidade submetidos com a documentação completa têm garantia de concretização. "O simples fato de submissão do pedido de obtenção do certificado junto à comunidade israelita até 31 de agosto não terá o condão de afastar a produção dos efeitos da nova regulamentação."

As alterações foram introduzidas pelo governo em um decreto publicado em março. A decisão de dificultar o acesso à nacionalidade portuguesa pela via sefardita aconteceu após o oligarca russo Roman Abramovich, dono do time de futebol britânico Chelsea e muito próximo do presidente Vladimir Putin, obter o passaporte luso por meio do mecanismo.

Imerso em polêmicas, o processo de naturalização do bilionário é alvo de duas investigações no país. O rabino responsável pela certificação do vínculo sefardita de Abramovich, Daniel Litvak, chefe da Comunidade Israelita do Porto, chegou a ser preso pela Polícia Judiciária portuguesa em uma investigação sobre irregularidades no processo do oligarca e de outros empresários.

A concessão de nacionalidade portuguesa aos descendentes de judeus sefarditas expulsos da Península Ibérica no século 16 foi introduzida na lei em 2015 e rapidamente ganhou popularidade.

Até 2021, o país já havia concedido 56.685 nacionalidades por meio do mecanismo. Embora o Ministério da Justiça ainda não tenha fornecido a divisão por nacionalidades, milhares de brasileiros já se beneficiaram da lei, criada como forma de reparação histórica.

Em clima eleitoral, Congresso aprova bomba fiscal sem oposição do Planalto

Briga agora é para decidir quem pagará iniciativas como piso na saúde, fatura pode sobrar para a União

Idiana Tomazelli
e Renato Machado

BRASÍLIA Em clima eleitoral, o Congresso Nacional pisou no acelerador das bondades e aprovou, com apoio da base do governo, uma bomba fiscal, dado seu potencial impacto bilionário nas contas da União, estados e municípios.

Em um único dia, a Câmara aprovou um piso salarial de R$ 4.750 para o setor de enfermagem, enquanto o Senado aprovou uma proposta que estabelece remuneração mínima de dois salários mínimos (ou seja, R$ 2.424) a agentes comunitários de saúde.

Agora, os parlamentares discutem outras iniciativas com impacto para as contas públicas, como a renegociação para devedores da União e até a retirada do Auxílio Brasil do teto de gastos.

Apesar de contrariar a posição da equipe econômica, a aprovação das propostas não enfrentou resistências do Palácio do Planalto. Sem oposição explícita do governo de Jair Bolsonaro (PL), os parlamentares aliados apoiaram em peso as duas medidas, evitando também o desgaste perante seus eleitores.

A briga agora é para decidir quem pagará a conta. Como mostrou a Folha, só o piso da enfermagem tem impacto estimado pelo Tesouro Nacional em R$ 7 bilhões, no caso de hospitais públicos, e R$ 8 bilhões, no caso de entidades filantrópicas (muitas das quais recebem verbas do setor público), chegando a R$ 22 bilhões se incluído o setor privado.

Estimativas do setor, por sua vez, apontam impacto total menor, de R$ 16,3 bilhões, para bancar o piso de enfermagem. Seja qual for o custo, parte dele recai sobre os cofres de estados e municípios —que, por sua vez, querem apoio federal para bancar a fatura adicional. No setor privado, o temor é de aumento no número de demissões.

Outros R$ 1,7 bilhões seriam necessários para arcar com o piso para agentes comunitários de saúde, mas a própria emenda jogou a fatura para o colo da União. Por se tratar de PEC (proposta de emenda à Constituição), o texto não é submetido ao crivo do presidente da República e já foi promulgado pelo Congresso.

A relatora do piso da enfermagem, deputada Carmen Zanotto (Cidadania-SC), afirmou que uma reunião com representantes do governo está prevista para terça-feira (10). A expectativa é chegar a um consenso sobre como financiar o novo piso da enfermagem, evitando o veto.

"Estamos trabalhando em busca de uma fonte de recursos, porque a situação não poderia ficar como estava. É a enfermagem que assiste a população 24 horas. Como é que eu tenho técnico de enfermagem ganhando R$ 1.200 com 40 horas nesse país, cuidando de cinco bombas de infusão, com medicação diluída?", questionou a parlamentar.

Há diversas ideias para destinar recursos de royalties de petróleo, dividendos de estatais ou verbas paradas em fundos do governo, além das receitas vindas de eventual liberação de jogos de azar —já aprovada na Câmara. No entanto, nenhuma das soluções soluciona o obstáculo imposto pelo teto de gastos, totalmente ocupado pelas despesas do governo federal.

A parlamentar não confirma oficialmente, mas interlocutores apontam que ela se reuniu com o presidente da CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), para tratar da liberação dos jogos, vista como opção mais viável para financiar o piso em anos futuros.

O time do ministro Paulo Guedes (Economia) vinha alertando para o risco fiscal da criação dos pisos salariais, mas as conversas não surtiram efeito, e agora o time teme que haja nova investida sobre o teto de gastos.

A avalanche de projetos com forte apelo popular, mas indesejáveis do ponto de vista fiscal, tem ampliado na equipe econômica o sentimento de torcida pela chegada das festas juninas.

No período, os congressistas retornam às suas bases, e as votações ficam praticamente paralisadas —o que estancaria a pressão sobre os cofres do governo federal.

A situação do governo é mais complicada no Senado, onde o Palácio do Planalto está há cinco meses sem um líder designado. O senador Carlos Viana (PL-MG) vem atuando em nome do governo informalmente, mas também precisa dividir seu tempo com a sua pré-candidatura ao governo de Minas Gerais.

Até o recesso legislativo, porém, os congressistas já preparam uma nova sequência de projetos com impacto sobre as contas.

Os parlamentares querem destravar um amplo programa de renegociação de dívidas tributárias de grandes empresas, mesmo que isso signifique inicialmente um passo atrás.

A medida já foi aprovada pelos senadores, mas não avançou na Câmara em meio à acusação do governo de que pode causar prejuízo de mais de R$ 90 bilhões em 2022 com descontos em multas e juros.

Continua na pág. A19

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Carrinho

No momento de inflação, juros em alta e aperto nas margens do varejo, a Apas (Associação Paulista de Supermercados) se prepara para lançar um marketplace de produtos e serviços com o intuito de elevar a eficiência nas negociações, conectando fornecedores a supermercadistas. Vai ser uma plataforma de ecommerce B2B (business to business ou venda entre empresas) que reunirá indústria e fornecedores de equipamentos como refrigeradores, gôndolas e suprimentos.

PRATELEIRA Segundo a Apas, a ferramenta foi pensada para ajudar especialmente os pequenos e médios supermercadistas a otimizarem sua rotina de compras e agilizarem as negociações para montar e abastecer suas lojas.

LISTA DE COMPRAS Batizada de Prontz, a plataforma será apresentada no Apas Show, evento do varejo que começa no dia 16. Ela será aberta a todos os empresários do setor.

ELEIÇÕES A ACSP (Associação Comercial de São Paulo) dá início na próxima semana à sua série de conversas com candidatos à Presidência e ao governo de SP. Os empresários devem questioná-los sobre pautas do empreendedorismo, como redução da carga tributária, que deve estar entre as propostas do setor.

URNA O documento com as demandas da entidade será apresentado nos próximos dias. A presidenciável da terceira via Simone Tebet é a primeira a participar das discussões da ACSP, na segunda (9). O candidato ao governo de SP, Rodrigo Garcia, também deve comparecer, diz a entidade.

VOTO Os encontros terão representantes da Federação das Associações Comerciais de SP e da Confederação das Associações Comerciais e Empresariais do Brasil.

PRÓXIMA PARADA A Secretaria da Fazenda e Planejamento de São Paulo comemorou o resultado do Metrô na abertura do capital da companhia na categoria B da CVM na semana passada, com ofertas de aquisição seis vezes superiores. A primeira emissão de debêntures, no valor de R$ 400 milhões, foi antecipada pelo Painel S.A. no ano passado.

EMBARQUE As ofertas atingiram R$ 2,4 bilhões, valor que, segundo a Fazenda, vai ajudar a empresa a superar as dificuldades da pandemia. Na categoria B, a companhia segue a lei das SAs, mas só pode negociar emissões de dívidas que não sejam conversíveis em ações e tem regras de transparência mais brandas do que na A. O passo é visto como intenção do Metrô de avançar no mercado de capitais.

PERFUME Com a disparada no custo das flores nos últimos dias, a onda de reclamações de floristas na internet resultou em um movimento em busca de sugestões para driblar o Dia das Mães inflacionado. Floriculturas têm falado em reduzir a quantidade de flores dos arranjos e escolher variedades mais baratas, como flores desidratadas.

BUQUÊ "Uma frente de floristas optou por não trabalhar a data, porque eles entenderam que daqui a duas semanas as flores devem baixar. Teve florista que sugeriu vouchers. Um outro falou que a gente pode dar presente para as mães o ano inteiro, então pode esperar para presentear daqui a alguns dias. Foi um movimento de protesto", afirma a florista Raquel Franzini.

ORQUÍDEA Renato Opitz, diretor do Ibraflor, que representa os produtores, diz que o cenário é reflexo dos impactos da pandemia e da retomada de eventos, que elevaram a demanda. "É importante que esses floristas que estão reclamando também procurem alternativas. Se não tem rosa vermelha agora, escolha outra, porque semana que vem vai ter rosa vermelha", diz.

CONSULTA O novo balanço do mercado de planos de saúde na pandemia feito pela ANS aponta quase 580 mil novos usuários em São Paulo, o mercado de maior crescimento do país, entre março de 2020 e o mesmo mês de 2022. Nos planos odontológicos, o estado também teve a maior evolução, com adição de 1,4 milhão de beneficiários.

CIRURGIA Em todo o país, os planos médico-hospitalares subiram 2,6% em comparação com março de 2021. Já os odontológicos registram alta de 7,6% no último ano.

FRONTEIRA O Senai vai integrar, pela primeira vez, uma associação internacional, a Waitro, que reúne organizações de pesquisa industrial e tecnológica. A ideia é ter acesso a cerca de cem parceiros de 50 países para desenvolver projetos nas áreas de transição energética, transformação digital, economia circular e biodiversidade.

com Andressa Motter e Paulo Ricardo Martins

A HORA DO CAFÉ Fabiane Langona

Você pode substituir a maçã verde que tanto adora por 1 saco de mini maçãs radioativas que duram meses na geladeira sem apodrecer

Fabiane

CIFRAS & LETRAS

O bilionário Ray Dalio, do fundo Bridgewater Associates, durante entrevista em NY Wang Ying - 22.fev.22/Xinhua

Megainvestidor vê mundo à beira de nova ordem com China nos lugar dos EUA

Criador do maior fundo de hedge global, Ray Dalio mostra como transição entre impérios econômicos muda o jogo dos investimentos

CRÍTICA

Clayton Castelani

SÃO PAULO Ray Dalio utiliza as das mais de 550 páginas do seu novo livro para descrever sua estratégia de investimentos, mas poderia tê-lo feito apenas com o testemunho que reservou para as folhas finais: ele tem uma carteira diversificada o suficiente para "cenários de fim de mundo".

Não é necessariamente uma surpresa que o fundador do maior fundo de hedge do mundo, o Bridgewater Associates, procure ativos tão diferentes que o permitam lucrar até mesmo com o Armagedom. Essa é basicamente a lógica de um fundo de cobertura.

O que Dalio mira em "Princípios para a Ordem Mundial em Transformação" é mostrar ao leitor como perceber a chegada do próximo apocalipse financeiro, que será marcado pela reconstrução da ordem mundial com a China tomando o posto dos EUA.

Embasam a visão detalhadas análises dos padrões dos ciclos de crédito e do dinheiro durante ascensões e quedas das potências econômicas nos últimos cinco séculos.

No jogo de poder da geopolítica, o crédito tem papel central. Impérios ascenderam e caíram em ciclos cujo auge está associado à detenção de uma moeda de reserva forte, e o declínio, à desvalorização dessa divisa devido ao alto endividamento. O fim ocorre quando credores perdem a fé e passam a buscar outro ativo (outra moeda forte de reserva ou algo que a possa substituir, como commodities).

No modelo de Dalio, esse período de hegemonia dura até um século, embora exista certa imprecisão na conta. O atual teve início em 1945, no pós-guerra, quando os EUA tomaram definitivamente o posto do Reino Unido.

Se a disputa fosse entre alpinistas, a elevação do dólar ao status de principal moeda de reserva global significaria que os americanos chegaram ao cume após terem superado as outras barreiras determinantes para riqueza e poder de uma nação, que são: educação, competitividade, inovação tecnológica, produção econômica, ampla participação no comércio, poderio militar e o seu fortalecimento como centro financeiro.

Essa ascensão, por óbvio, teve início muito antes da Segunda Guerra. Dalio pontua a partida para a conquista das "determinantes-chave" citadas acima dois séculos e meio antes, em período ainda anterior à Guerra da Independência.

E por qual motivo esse reinado estaria chegando ao fim? A resposta exige um resumo da história da economia americana nas últimas décadas.

Dentro de um grande ciclo de ascensão de uma nação, cujo auge é alcançado após algum tipo de revolução capaz de estabelecer uma nova ordem, há também um ciclo de endividamento de longo prazo composto por até uma dezena de estágios de dívida de curto prazo.

Como ocorreu em outros momentos de reestruturação, o pós-guerra foi um período de prosperidade e explosão dos mercados de capitais, cuja essência é a negociação de promessas de pagamento.

O endividamento em larga escala é o que fez a engrenagem da economia americana girar depressa no pós-guerra, proporcionando um boom imobiliário e espalhando benefícios por toda a sociedade, um movimento que Dalio destrincha ao narrar a ascensão e o que ele considera ser a queda do grande ciclo dos EUA.

A festa do crédito farto costuma acabar quando a inflação bate à porta. Crises que têm altas de preços no olho do furacão marcam os ciclos de endividamento de curto prazo.

Um desses marcos ocorreu em 1971, quando o volume de dívidas em dólar passou a ser notavelmente superior às reservas em ouro às quais a moeda americana estava vinculada, conforme estabelecido em 1944 com a criação do sistema monetário de Bretton Woods.

Nenhuma taxa de juros impediria titulares de dívida de tentar exercer seu direito de conversão de papel-moeda em ouro, e isso levou os EUA a dar um calote na promessa de pagamento em metal.

A moeda desancorada poderia ser impressa sem controle e, claro, foi amplamente desvalorizada. Inflação e estagnação econômica se arrastaram pela década de 1970.

Dalio pontua especialmente a crise de 2008 como algo que pode ser entendido como o fim do ciclo de endividamento de longo prazo dos EUA. Pela primeira vez desde a Grande Depressão, o Fed precisou zerar os juros e, além disso, imprimir dinheiro e comprar ativos em larga escala. Algo que se repetiria no início da pandemia.

Princípios para a Ordem Mundial em Transformação
★★★★
Ray Dalio. Ed. Intrínseca (560 págs.). R$ 129,90 e R$ 89,90 (ebook)

Um dos problemas da injeção artificial de dinheiro e crédito gratuito na economia é que a distribuição chega em maior proporção aos ricos. Como o autor conta ter aprendido com o fim do sistema Bretton Woods, medidas que produzem desvalorização da moeda geram valorização de ativos financeiros, e isso beneficia quem os possui em maior quantidade.

É quando bolhas estouram que os alicerces ideológicos sobre os quais um império foi construído são mais solapados pelas perturbações sociais provocadas pela desigualdade.

Conflitos mais acirrados entre classes e a polarização política favorecem a tomada do poder por populistas, de esquerda ou direita.

Para Dalio, 70% do quebra-cabeças cujas peças formam a fotografia da derrocada do grande ciclo dominado pelos EUA está montado, só restando um grande evento de ruptura (algo como uma guerra civil, por exemplo) para o fim.

Ao mesmo tempo, a China avança rapidamente na conquista dos predicados que a permitiriam tomar o posto de liderança global.

Ao aplicar com sucesso uma mescla de comunismo e capitalismo que reduziu a pobreza e gerou um período de estabilidade e desenvolvimento, Pequim abocanhou a segunda maior fatia do comércio mundial e construiu as bases para dar as cartas quando a nova ordem mundial se instalar.

Embora o yuan esteja longe de fazer frente ao dólar como moeda de reserva, esse cenário poderia ser alterado em uma crise de fé dos credores quanto à economia dos EUA.

Raymond Thomas Dalio, um nova-iorquino que começou a investir aos 12 anos e que ficou bilionário ao aproveitar as oportunidades oferecidas pela América, não se propõe a fazer um manual sobre como investir nos tempos vindouros. O que ele apresenta é uma detalhada pesquisa sobre como a transição entre impérios econômicos muda o jogo dos investimentos, algo que invariavelmente traz períodos de sofrimento coletivo até a retomada da estabilidade.

Concordando ou não, é difícil ficar impávido às reflexões do autor. Entender o passado para se preparar para o futuro, por mais desafiador que isso possa parecer, soa como uma urgência após a leitura.

Em clima eleitoral, Congresso aprova bomba fiscal sem oposição do Planalto

Continuação da pág. A17

Os deputados, por sua vez, reclamam que o Senado enterrou o projeto para alterar regras de Imposto de Renda. Por isso, há uma articulação para incluir uma versão abreviada do Refis no projeto do IR para tramitação em conjunto no Senado, agradando às duas Casas.

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), afirmou que inicialmente se mostrava contrário à unificação, mas depois se mostrou aberto à alternativa.

"São duas coisas distintas, dois instrumentos legislativos distintos. Mas nada impede que haja uma construção. Agora, independentemente do caminho, de um projeto da Câmara ou do Senado, para mim, eu considero importante ter a aprovação de um programa de reparcelamento e repactuação de dívidas tributárias como o Refis porque as empresas viveram uma crise sem precedentes no Brasil e precisam ser socorridas", disse.

A Câmara também aprovou a urgência de um projeto de decreto legislativo para suspender aumentos em tarifas de energia aprovados pela Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica), muitos deles próximos dos 20%.

A ideia é adiar o impacto para 2023, evitando repercussão no bolso dos consumidores em ano eleitoral. A proposta foi apresentada pelo deputado Domingos Neto (PSD-CE) sob o argumento de evitar que a conta de luz seja "o grande vilão da inflação".

Após uma alta de preços de 10,06% em 2021 —a maior desde 2015, sob Dilma Rousseff (PT)—, a inflação prevista pelos economistas está em 7,89% para 2022, ano em que Bolsonaro busca a reeleição. Os deputados e um terço do Senado também tentarão novos mandatos.

Em paralelo, o novo relator do Orçamento de 2023, senador Marcelo Castro (MDB-PI), saiu em defesa da retirada do programa Auxílio Brasil do teto de gastos.

"Eu seria favorável", disse. "Numa hora dessas você precisa definir prioridades, e a prioridade nossa no momento, pós-pandemia, é salvar vidas, dar dignidade às pessoas, e não podemos nos furtar a essa responsabilidade."

Segundo Castro, embora não haja nenhuma proposta concreta sobre o tema, uma exceção desse tipo poderia "salvar vidas".

O pesquisador Bruno Carazza, professor da Fundação Dom Cabral, afirma que o governo Bolsonaro tem abdicado, de forma corriqueira, do protagonismo na pauta legislativa, deixando na mão dos congressistas a decisão de quais projetos são ou não prioritários. Para ele, essa opção de "deixar as coisas correrem mais soltas" dá margem a certa extrapolação nas medidas aprovadas.

Além disso, o fator eleitoral tem peso nas negociações de lado a lado. Carazza lembra que Bolsonaro está em segundo nas pesquisas de intenção de voto e tem índice de rejeição elevado. "Isso pode deixar Bolsonaro mais vulnerável a essas pautas, que são também corporativas, que se aproveitam do momento de fragilidade e ao mesmo tempo do interesse do governo em recuperar popularidade."

O problema, segundo o professor, é que as propostas aprovadas contratam uma despesa vultosa para o futuro. "Estamos comprando uma situação fiscal e econômica bem complicada para os próximos anos, seja quem for o presidente eleito", diz.

Aprovação de pisos salariais pressiona ainda mais as contas públicas

Piso da enfermagem
Quanto: **R$ 4.750**

Impacto por natureza jurídica, em R$ milhões

		R$ milhões
Setor público	federal	24,9
	estadual	1.561,9
	municipal	4.115,5
	outros	86,6
Empresa	estatal	57,9
	privada	5.404,7
Entidades sem fins lucrativos		4.993,3
Pessoa física e outras organizações legais		70

Piso dos agentes comunitários de saúde
Quanto: **R$ 2.424**

Impacto para a União, em R$: 3,7 bi

Fontes: dados do Dieese, Fah, e Anahp (Associação Nacional de Hospitais Privados) apresentados à Câmara

Trabalhadores da Caoa Chery recusam proposta de indenização

SÃO PAULO Os funcionários da Caoa Chery recusaram, em assembleia na manhã desta sexta-feira (6), a proposta de indenização da empresa de pagar três salários pelas demissões com o fechamento da unidade em Jacareí.

A montadora anunciou na quinta (5) que encerrará as atividades de forma temporária para readequar a unidade com a intenção de produzir veículos híbridos e elétricos até o final de 2023. A readequação, segundo nota, exigirá o fim das atividades e demissão de funcionários. Segundo o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região, ao menos 485, dos 600 trabalhadores atuais, serão cortados. A empresa não informa os números.

Além da unidade de Jacareí, onde produz os veículos Tiggo 3x e Arrizo 6 Pro, a Caoa tem uma fábrica em Anápolis (GO), onde são montados modelos Hyundai e Chery. Inaugurada em 2014, a fábrica de Jacareí foi a primeira da montadora fora da China. Em 2017, houve a compra de 50,7% da Chery pela Caoa por US$ 2 bilhões na época (cerca de R$ 10,06 bilhões na cotação atual).

Segundo a empresa, a produção será intensificada em Anápolis. A meta de produzir 60 mil unidades neste ano está mantida. Dados do sindicato apontam que, em Jacareí, foram montados 14 mil veículos em 2021, ano de melhor desempenho. Mas, desde que veio ao Brasil, a Chery não bateu suas metas de produção. **Cristiane Gercina**

Liberação de FGTS para pagar creche tem efeito limitado

Apenas 25% das crianças de até três anos hoje fora da escola têm responsável com carteira assinada

Idiana Tomazelli e Paulo Saldaña

BRASÍLIA A decisão do governo Jair Bolsonaro de liberar o uso do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) para pagar a creche dos filhos deve ter impacto limitado na inclusão escolar de crianças de até três anos. Nessa faixa etária, apenas uma a cada quatro estão em famílias cujo responsável tem carteira assinada.

A medida também incentiva a matrícula de crianças em creches particulares, usando a poupança do trabalhador, no momento em que Bolsonaro reduz os investimentos públicos na construção de creches. O Proinfância, principal programa federal nessa frente, teve as verbas cortadas em 85% durante a atual gestão.

Os investimentos passaram de R$ 472 milhões em 2018, em valores atualizados pela inflação, para R$ 68 milhões no ano passado.

A liberação do FGTS para pais com filhos até cinco anos (faixa etária referente à educação infantil, que inclui creche e pré-escola) foi anunciada na quarta (4) como forma de ampliar a empregabilidade das mulheres. Sem ter com quem deixar os filhos, muitas largam em desvantagem na disputa por uma vaga no mercado de trabalho ou ficam até impedidas de buscar emprego.

No último trimestre de 2021, o desemprego de mulheres estava em 13,9%, ante 9% dos homens, segundo o IBGE. A taxa de participação das mulheres também é menor, o que indica a indisponibilidade delas para procurar trabalho.

Especialistas reconhecem o problema, mas criticam a opção feita pelo governo. Eles veem uma aposta pesada, mas não necessariamente bem-sucedida, no sistema similar ao chamado voucher, em que há um repasse de dinheiro diretamente para as famílias matricularem seus filhos em creches da rede privada.

O modelo foi implementado no Auxílio Brasil, por meio do Auxílio Criança Cidadã, que paga de R$ 200 a R$ 300 para famílias com crianças até quatro anos sem vaga em creche pública ou privada conveniada.

A iniciativa é vista com ressalvas por especialistas pois a grande maioria das crianças na fila por creche está em regiões pobres, que carecem de oferta escolar privada. Os valores ainda seriam insuficientes para garantir escolas de qualidade, amplificando a desigualdade.

No caso do FGTS, o dinheiro sai do próprio bolso do trabalhador, uma vez que o fundo constitui poupança privada. Além disso, nem todos têm acesso ao FGTS, já que ele é um benefício previsto para o trabalhador com carteira assinada.

Análise do Todos Pela Educação, feita a pedido da Folha, mostra que somente 25% das crianças de até três anos fora da escola integram famílias cujo responsável tem emprego formal. Outros [illegible]% têm como principal responsável militares ou servidores estatutários, que também são formalizados, mas não têm FGTS.

O levantamento considera um recorte do perfil educacional feito com base na Pnad Contínua de 2019, dado mais recente disponível. Do total de 6,6 milhões de crianças de até três anos fora da escola, 17% estão em famílias cujo responsável está fora da força de trabalho —ou seja, não trabalha nem procura emprego.

No discurso, a educação infantil seria uma prioridade do governo Bolsonaro. Isso, entretanto, não se reflete na realidade. Procurado, o MEC não respondeu.

No primeiro trimestre, por exemplo, os gastos com creches foram menores que os direcionados para a compra de kits de robótica de uma empresa de aliados do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), como mostrou a Folha.

Pesquisas internacionais reforçam a importância da educação na primeira infância. A falta de vagas em creches, no entanto, é um dos principais gargalos educacionais do país.

O Brasil ainda precisa matricular em creches 2,2 milhões de crianças de até três anos para alcançar a meta do Plano Nacional de Educação de ter ao menos metade dessa faixa etária matriculada.

Na entrevista coletiva para anunciar a medida, o secretário-executivo do Ministério do Trabalho e Previdência, Bruno Dalcolmo, reconheceu que a liberação do FGTS tem um efeito limitado. "Entendemos que, pelo volume de trabalhadores, a medida não vai dar conta de toda a demanda de creches federais", disse.

A presidente do Todos pela Educação, Priscila Cruz, diz não identificar nada de positivo na autorização de uso do FGTS para famílias pagarem pela creche particular. "Nem chega a se tratar de um recurso público direcionado para a rede privada [como ocorre com o voucher ou redes conveniadas]. É como se a mulher estivesse pagando uma creche privada, não tem nenhum benefício de política pública, ela só está resgatando o dinheiro dela", diz Cruz, que ressalta a maior importância da creche quanto mais pobre é a família.

O economista Marcelo Neri, diretor do Centro de Políticas Sociais da FGV, afirma que a medida é correta no diagnóstico de que o acesso a creches melhora e preserva o emprego das mulheres, mas inadequada no desenho e na operacionalização.

"Tem uma crença grande nos vouchers para creches, e essa é uma visão otimista, para não dizer irrealista", diz. "Em vez de entregar [as vagas] via Estado, dá-se o voucher e a família pode escolher. O papel aceita bem isso, mas na prática não é tão simples, ter o dinheiro no bolso e isso vai garantir uma boa creche para o filho."

Sob o governo Bolsonaro, o total de matrícula em creches da rede pública teve a primeira queda em 20 anos, segundo dados de 2020, anteriores à pandemia. A rede pública teve queda de 2,3% nas matrículas quando comparados os dados entre 2019 e 2021.

"O governo só apostou em levantar bandeiras da educação em pautas de interesse eleitoral para a base de Bolsonaro, como ensino domiciliar, militarização da educação, questões de identidade e gênero. Nada que seja para a melhoria da educação pública foi feito", diz Priscila Cruz.

Liberação do FGTS para pagar creches deve ter efeito limitado

O que a medida permite?
Pais poderão sacar recursos do FGTS para pagar mensalidades para filhos com até cinco anos de idade

Qual o valor do saque permitido?
Os valores e os limites ainda serão definidos pelo Conselho Curador do FGTS. Por isso, o dinheiro ainda não está disponível para resgate imediato

Quem tem direito ao FGTS?
Trabalhadores regidos por contrato formal de trabalho, ou seja, com carteira assinada

Crianças de 0 a 3 anos
Em milhões

Situação das crianças, de acordo com condição do responsável pelo domicílio

Crianças de 0 a 3 anos fora da escola, em milhares

25% é a proporção de crianças de 0 a 3 anos fora da escola cujo responsável está no mercado formal de trabalho

Investimentos federais em construção de creches*
Proinfância (programa de transferências para prefeituras), em R$ milhões

*Valores corrigidos pelo IPCA. **Valor até 4 de maio
Fontes: IBGE/Pnad Contínua Educação, 2019, com elaboração de Todos Pela Educação; e Inep

É como se a mulher estivesse pagando uma creche privada, não tem nenhum benefício de política pública, ela só está resgatando o dinheiro dela

Priscila Cruz
presidente do Todos pela Educação

Congresso articula barrar flexibilização da lei do aprendiz

Nathalia Garcia

BRASÍLIA Deputados se mobilizam para barrar integralmente a flexibilização da lei do jovem aprendiz, publicada em medida provisória na quarta-feira (4).

As emendas apresentadas pelo relator da Comissão Especial do Estatuto do Aprendiz, deputado Marco Bertaiolli (PSD-SP), têm como objetivo excluir da MP todos os artigos referentes ao tema, além de fazer prevalecer a proposta que já vem sendo estudada pelos parlamentares.

"As alterações propostas nessa MP são muito ruins, elas desvirtuam o papel da aprendizagem no Brasil de uma forma muito séria", criticou Bertaiolli.

A lei do aprendiz determina que empresas de médio e grande porte devem reservar de 5% a 15% das vagas para adolescentes e jovens de 14 a 24 anos em seu quadro de colaboradores.

A MP estabelece, entre outras mudanças, que empresas que contratarem jovens vulneráveis poderão contabilizar a cota em dobro e que aprendizes efetivados continuem sendo contabilizados na cota por 12 meses, o que geraria um cálculo artificial.

A insatisfação com a MP da lei do jovem aprendiz levou também os auditores fiscais do trabalho a entregar, na quinta (5), seus cargos de coordenação de fiscalização de aprendizagem profissional nas 27 unidades da Federação.

De acordo com os auditores, os normativos criam regras que beneficiam empresas que não respeitam a cota de aprendizagem profissional e proíbem a atuação da auditoria fiscal do trabalho contra irregularidades cometidas.

Em nota, o Ministério do Trabalho e Previdência disse que "as medidas criam 100 mil novas vagas de aprendiz e estimulam a contratação de 250 mil novos aprendizes até o final do ano, 50% a mais que todos os aprendizes atualmente contratados, por meio de uma ação de regularização do cumprimento da cota de aprendizagem pelas empresas".

Petrobras reitera defesa de preço de mercado

Presidente da estatal sustenta política para combustíveis, um dia depois de Bolsonaro chamar lucro de estupro

Nicola Pamplona

RIO DE JANEIRO Após novas reclamações do presidente Jair Bolsonaro (PL) sobre os elevados lucros da Petrobras, o presidente da estatal, José Mauro Coelho, voltou a defender, nesta sexta-feira (6), a política de preços dos combustíveis da companhia.

"Não podemos nos desviar da prática de preços de mercado, condição necessária para a geração de riqueza não só para a companhia mas para toda a sociedade brasileira, fundamental para atrair investimentos para o país e para garantir o suprimento de derivados que o Brasil precisa importar", disse.

A declaração foi dada em discurso de abertura de teleconferência com analistas para detalhar o lucro de R$ 44,5 bilhões no primeiro trimestre de 2022, que motivou anúncio de distribuição de R$ 48,5 bilhões em dividendos aos acionistas.

Pouco antes da divulgação do resultado, na quinta (5), Bolsonaro disse em sua live semanal que os elevados lucros da Petrobras são um "estupro" e que um novo reajuste nos preços dos combustíveis pode quebrar o país.

"A gente apela para a Petrobras: 'Não reajuste o preço dos combustíveis'. Vocês estão tendo um lucro absurdo. Se continuar tendo lucro dessa forma e aumentando o preço dos combustíveis, vai quebrar o Brasil", disse o presidente.

Os lucros da estatal são alvo de críticas tanto no governo quanto na oposição, diante da alta dos preços dos combustíveis no país. Por outro lado, o setor de combustíveis reclama de que a elevada defasagem gera risco de desabastecimento do mercado.

A preocupação com o abastecimento é um dos argumentos que vêm sendo repetidos por Coelho em defesa da política de preços, desde quando ele ainda ocupava um cargo no MME (Ministério de Minas e Energia). Nesta sexta, ele voltou a lembrar que o Brasil depende de diesel e gasolina importados.

Em entrevista para falar do balanço, Coelho disse entender que a preocupação do presidente da República é legítima e que o elevado preço dos combustíveis é um problema em todo o mundo atualmente.

"Por outro lado, por dever de diligência, os administradores da Petrobras e administradores de empresas de capital aberto devem atuar, no caso da Petrobras, de acordo com a política de preços da companhia", afirmou.

O diretor de Relacionamento Institucional e Sustentabilidade da estatal, Rafael Chaves, acrescentou que preços de mercado são "uma forma democrática" de sinalizar a compradores e fornecedores quais as condições do abastecimento, se é preciso aumentar a oferta ou reduzir o consumo, por exemplo.

"A alternativa ao preço de mercado é o preço tabelado. A gente já viu isso no passado no Brasil e muitos vizinhos tentam também, e isso não funciona", afirmou.

O mercado financeiro espera para breve novos reajustes, principalmente no diesel, que se descolou das cotações internacionais do petróleo.

Nesta sexta, segundo a Abicom (Associação Brasileira dos Importadores de Combustíveis), o preço médio do combustível nas refinarias brasileiras está R$ 1,27 por litro abaixo da paridade de importação, conceito usado pela Petrobras em sua política de preços.

"Esperamos que a Petrobras ajuste os preços para cima para garantir o abastecimento de combustíveis no Brasil", escreveram, em relatório, os analistas Luiz Carvalho, Matheus Enfeldt e Tasso Vasconcellos, do UBS BB.

Embora a garantia do suprimento seja um dos argumentos usados pela empresa para defender sua política de preços, o diretor de Comercialização e Logística da estatal, Cláudio Mastella, descartou risco de abastecimento de combustíveis ao mercado interno neste momento.

"O mercado está suprido tanto pelo refino brasileiro quanto por importações da Petrobras e de terceiros. Os estoques estão confortáveis", disse. Ele argumentou ainda que cada empresa do setor tem sua própria percepção do tamanho das defasagens em relação ao mercado internacional.

O presidente da Petrobras repetiu que a empresa não tem o objetivo de repassar ao consumidor brasileiro volatilidades momentâneas do mercado internacional. "Mas claro que, em determinado momento, reajustes devem ser feitos para preservar a saúde financeira da companhia."

Coelho foi indicado pelo governo para substituir o general Joaquim Silva e Luna, demitido após os mega-aumentos de preços anunciados em março para acompanhar a escalada do petróleo após o início da Guerra na Ucrânia.

Mas logo na sua posse defendeu a prática de preços internacionais. Nesta sexta, disse que o resultado do primeiro trimestre é "prova inequívoca de que a Petrobras é uma empresa da qual todos os nossos acionistas e brasileiros podem se orgulhar".

Na entrevista, ele disse que os mega-aumentos de março tiveram pouco impacto no desempenho da empresa no primeiro trimestre. Beneficiada pela escalada das cotações do petróleo e pelo aumento da produção e importações, afirmou, a área de exploração e produção respondeu por 80% do resultado.

O lucro R$ 44,5 bilhões foi o terceiro maior já registrado em um trimestre por uma companhia aberta brasileira. Vem logo depois do maior lucro anual da história da Petrobras, de R$ 106,6 bilhões, que levou a empresa a distribuir R$ 101,4 bilhões em dividendos.

O presidente da Petrobras, José Mauro Coelho, durante entrevista para comentar lucro de R$ 45,5 bilhões Reprodução

Gasolina é vendida por até R$ 9; álcool cai

O preço da gasolina subiu pela quarta semana seguida nos postos nesta semana e superou o recorde observado na anterior ao atingir a média de R$ 7,295 por litro, segundo a ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis). O valor verificado é 0,1% superior ao da pesquisa anterior, de R$ 7,283 por litro. O maior preço foi R$ 8,999, em Tubarão (SC), R$ 0,40 a mais do que o verificado na semana anterior em São Paulo e em Guarujá (SP).

O preço do diesel também manteve tendência de alta, sendo vendido, em média, a R$ 6,630 por litro, R$ 0,02 acima do verificado pela ANP na última semana. O preço do etanol hidratado reverteu a tendência de alta e já começa a refletir a queda de 9% nas usinas de São Paulo registrada na semana passada, após o início da colheita. Nas bombas, o preço médio do etanol hidratado foi de R$ 5,441 por litro, 1,7% abaixo do verificado na semana anterior.

Postos só poderão exibir duas casas decimais a partir de hoje

Filipe Andretta

CURITIBA A partir deste sábado (7), os postos de gasolina só poderão exibir valores com duas casas decimais (R$ 7,10, por exemplo), não mais com três casas (R$ 7,109), como era o padrão. A mudança foi definida pela ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis) em novembro para facilitar o entendimento do consumidor, com um prazo para adaptação.

Ao contrário do que muitos motoristas gostariam, os postos não são obrigados a arredondar o preço para baixo. O estabelecimento precisa eliminar ou zerar a terceira casa decimal, mas pode definir o preço do combustível livremente.

Os postos devem exibir os preços com apenas duas casas decimais no painel em destaque na entrada do estabelecimento. Caso a bomba ainda tenha o padrão com três casas decimais, a última deve estar zerada durante todo o abastecimento, de forma que o preço permaneça idêntico ao anunciado no painel de entrada. A ANP autorizou os postos a travar a última casa decimal nas bombas, para evitar a necessidade de troca dos equipamentos.

Antes e depois de cartaz de preço em posto na zona leste de SP que se antecipou à mudança na regra Fotos Rivaldo Gomes/Folhapress

Entenda a nova regra

Como deve ser o anúncio de preço nos postos?
A obrigação de manter um painel visível de preços na entrada do posto continua. A diferença é que esse painel não pode mais conter preços com três casas decimais, como era o padrão antigo.

Como fica a bomba de combustível?
A ANP autorizou os postos a travar a última casa decimal nas bombas, para evitar a necessidade de troca dos equipamentos. O motorista deve conferir se o terceiro dígito exibe o número zero, e ele não deve girar quando o carro estiver sendo abastecido.

A nova regra vale para todos os combustíveis?
Sim. Todos os combustíveis automotivos vendidos nos postos devem ter apenas preços com duas casas decimais —gasolina, álcool (etanol hidratado), diesel e GNV (Gás Natural Veicular).

O posto pode arredondar o preço do combustível para cima?
Sim. O preço final fica a critério de cada posto. Não existe lei que proíba o posto de arredondar o preço para cima —por exemplo, transformar R$ 7,109 em R$ 7,11.

O novo padrão diminui o preço da gasolina e outros combustíveis?
Não. Segundo a ANP, o único objetivo é deixar o preço do combustível mais preciso e claro para o consumidor, alinhado com o padrão da moeda brasileira.

Posto de combustível exibe valores com duas casas decimais; à direita, painel ainda com as três casas

O preço do combustível pode subir por causa do novo padrão de preços?
Sim. Se os postos arredondarem os preços para cima, o consumidor acabará arcando com a diferença. Esse é o motivo pelo qual o Idec (Instituto de Defesa do Consumidor) critica a mudança. Por outro lado, a Proteste (Associação Brasileira de Defesa do Consumidor) defende a alteração. "Acreditamos que o referido ajuste é bem-vindo por proporcionar mais clareza e facilitar a tomada de decisão no momento de compra, além de não representar impactos significativos sobre as despesas com combustíveis", afirmou em nota.

Qual o impacto do arredondamento para o consumidor?
Carros populares têm tanques com capacidade de 50 litros, aproximadamente. Um arredondamento de R$ 0,001 para cima custa R$ 0,05 (cinco centavos) ao encher o tanque. Se o proprietário encher o tanque uma vez por semana, o impacto em um ano será de R$ 2,60. No caso do arredondamento para baixo, quando a terceira casa decimal era 9 (por exemplo, de R$ 7,109 para R$ 7,10), o consumidor economizará R$ 0,45 a cada tanque, totalizando R$ 23,40 em um ano.

Qual o impacto do arredondamento para os postos?
José Alberto Gouveia, presidente Sincopetro (Sindicato do Comércio Varejista de Derivados de Petróleo do Estado de São Paulo), defende que a tendência é que os postos simplesmente cortem a terceira casa decimal, que costuma ser 9. Ou seja, o litro dos combustíveis ficaria R$ 0,009 mais barato, com o posto absorvendo esse custo. Se isso de fato acontecer, um posto com venda mensal de 300 mil litros perderá R$ 2.700 por mês com o arredondamento para baixo.

Por que os donos de postos reclamam da mudança?
A principal reclamação dos representantes dos postos é que a medida vale apenas para o varejo. A Petrobras, as importadoras e as distribuidoras continuam vendendo combustíveis com três ou mais casas decimais. Rodrigo Zingales, diretor-executivo da AbriLivre, associação que representa revendedores de combustíveis, diz que falta isonomia. "Por que essas regulamentações são sempre focadas no posto, e nunca para distribuidoras e Petrobras?" A reportagem procurou o IBP (Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás), que representa grandes distribuidoras, e a Brasilcom (Federação Nacional das Distribuidoras de Combustíveis, Gás Natural e Biocombustíveis), mas elas não quiseram se pronunciar sobre o assunto.

Por que o padrão de preço nos postos mudou?
A mudança foi anunciada pela ANP em novembro, com o objetivo de deixar o preço do combustível mais claro para o consumidor. A portaria da ANP trouxe ainda outras mudanças no mercado de combustíveis, como a autorização para o delivery de gasolina e etanol e a venda direta de etanol das usinas para os postos. As medidas foram apoiadas pelo governo, alegando que poderiam ajudar a conter a escalada de preços, mas criticadas pelo setor de combustíveis, alegando riscos à segurança do consumidor, no primeiro caso, e de fraudes tributárias, no segundo.

Moraes suspende parte da redução de IPI

Decisão do ministro atende a pedido do Solidariedade, que apontou prejuízo a produtos da Zona Franca de Manaus

Marcelo Rocha

BRASÍLIA O ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), suspendeu nesta sexta-feira (6) trecho de decreto do presidente Jair Bolsonaro (PL) que ampliou redução de alíquotas do IPI. A medida vale apenas para produtos que são produzidos na Zona Franca de Manaus.

A decisão atende a pedido do Solidariedade. O ato presidencial expandiu de 25% para até 35% a redução linear do imposto sobre produtos industrializados.

"A região amazônica possui peculiaridades socioeconômicas que impõem ao legislador conferir tratamento especial aos insumos advindos dessa parte do território nacional", afirmou o ministro.

"Sem a existência de medidas compensatórias à produção na Zona Franca de Manaus, [a medida] reduz drasticamente a vantagem comparativa do polo, ameaçando, assim, a própria persistência desse modelo econômico diferenciado constitucionalmente protegido."

Moraes determinou que o Planalto seja comunicado com urgência da decisão e estipulou prazo de dez dias para que informações sejam enviadas ao tribunal. A Advocacia-Geral da União e a Procuradoria-Geral da República serão ouvidas na sequência.

A medida foi assinada por Bolsonaro no final do mês passado sob a justificativa de estimular a economia e reduzir preços aos consumidores.

Lançada em ano eleitoral, a iniciativa tinha o objetivo de alcançar produtos como geladeiras e máquinas de lavar, e passou a valer imediatamente.

Em nome da bancada federal amazonense, o Solidariedade recorreu ao Supremo sob a alegação que a forma como foi implementada a redução da carga tributária do IPI interfere no equilíbrio competitivo e afronta a proteção constitucional da Zona Franca.

Argumentou ainda que a medida atinge incentivos fiscais destinados a promover o equilíbrio do desenvolvimento socioeconômico entre as diferentes regiões do país.

Segundo a legenda, a perda de competitividade levará à realocação de investimentos produtivos e contribuirá para o fechamento de fábricas.

"É preciso ter claro que esta vertente, consubstanciada no Polo Industrial de Manaus, atacado com virulência jamais vista, é o motor da economia do estado."

Um dos representantes do Amazonas no Congresso, o senador Eduardo Braga (MDB) usou as redes sociais para dizer que a decisão de Moraes garante a competitividade da Zona Franca. "Isso garantirá emprego, investimento e segurança jurídica", disse.

Jorge Jesus em jogo do Benfica; técnico português manifestou desejo de voltar ao Flamengo, o que pegou mal no mundo do futebol Patricia de Melo Moreira - 6.dez.21/AFP

No mundo corporativo, 'cantada' de Jesus é bem-vista

Fernanda Brigatti

SÃO PAULO O técnico português Jorge Jesus, que comandou o Flamengo até julho de 2020, manifestou publicamente o desejo de retornar ao clube carioca. Se a "cantada" pegou mal no mundo do futebol, a iniciativa poderia ser bem-vista no mundo do trabalho.

O que definiria, segundo especialistas, se um comportamento desse tipo seria considerado demonstração de coragem ou excesso vaidoso seria o tom da abordagem. E, para isso, não há uma receita pronta —varia de setor para setor, de empresa para empresa.

"O mais comum [no mercado corporativo] é mandar recado, e é por isso que tanta gente usa o networking, mas eu sugiro que elas adotem a comunicação direta: Eu quero voltar'", diz a psicóloga Adriana Gomes, coordenadora nacional da área de carreira e mercado da ESPM.

O expediente não é comum, diz a professora. "Mas, por outro lado, as empresas ficam admiradas." A abordagem, afirma, precisa ser educada, gentil, inteligente e adequada ao local.

Adriana afirma que as companhias tradicionalmente têm restrições ao retorno de executivos, entendimento que ela classifica como míope, uma vez que o desejo de voltar costuma estar ligado à convicção de ter feito um bom trabalho.

"Se ela quer voltar, é com o intuito de fazer um bom trabalho e porque entende que a melhor experiência que teve foi naquela empresa", diz. "As oportunidades não caem no colo das pessoas. Nada na vida corporativa acontece de graça. Acho muito legal da parte dele ter tido a coragem de se expor."

Também para Izabela Mioto, coordenadora da pós-graduação da Faap em gestão de pessoas, o posicionamento do técnico foi um ato de coragem.

"Se pensarmos no mundo corporativo, poucos executivos fariam isso apenas por orgulho", afirma. Na avaliação de Mioto, o ex-técnico do Flamengo tem a seu favor os resultados conquistados no período em que esteve à frente do clube, o que lhe dá segurança para esse tipo de exposição.

Para ela, porém, a manifestação do desejo de voltar ou entrar numa corporação deve ser comunicada em qualquer momento da carreira. A psicóloga defende que isso poderia ter um efeito sistêmico sobre o mercado corporativo, reduzindo ressentimentos e adoecimentos.

"Qualquer tipo de manifestação pública pode ser interpretada de maneira ruim, é um risco, por isso é admirável se expor", diz. "No trabalho, a gente também escolhe, não dá para ser sempre ser escolhido."

A exposição na tentativa de emplacar um retorno ao antigo empregador também pode ter o efeito rebote de criar um mal-estar antecipado. Por isso, divulgações públicas, como a de Jesus, via imprensa, devem ser usadas de maneira estratégica.

Anna Cherubina, professora de MBAs da FGV em desenvolvimento de carreiras e pessoas, diz que o mundo corporativo e os RHs não costumam ser benevolentes com atitudes refratárias a seus princípios e valores.

"Sua trajetória como técnico do Flamengo foi inesquecível, e certamente em algum momento seria lembrado por isto. Ele não entendeu que seu momento atual não era de imposição, mas muito mais de aproximação e análise cenarial", diz a professora.

No mercado corporativo, segundo Cherubina, as empresas têm enfatizado a busca por profissionais com habilidade como autocontrole emocional. Uma apresentação ostensiva não vai cair bem. "Pode fazer com que as empresas repensem duplamente a sua recontratação, gerando, assim, uma rejeição natural pelo receio às novas surpresas comportamentais."

Em novo dia de aversão global ao risco, dólar fecha a R$ 5,07

SÃO PAULO Em uma nova sessão de maior aversão ao risco nos mercados globais, o dólar voltou a ganhar força ante o real nesta sexta-feira (6), enquanto as ações nas Bolsas dos Estados Unidos e do Brasil fecharam o dia em queda.

O dólar comercial subiu 1,17%, para R$ 5,074. Na semana, a moeda americana acumulou valorização de 2,65%, mas ainda com uma queda de 9% ante o real em 2022.

Já o Ibovespa teve um desempenho relativo melhor que os pares internacionais, beneficiado pela alta acima de 3% das ações da Petrobras, e terminou o pregão com perdas moderadas de 0,16%, aos 105.134,73 pontos.

O índice acionário encerrou a semana com perda acumulada de 2,54% no período, levando os ganhos no ano para apenas 0,3%. Foi a quinta semana seguida de perdas do Ibovespa, a maior sequência negativa desde outubro de 2020.

Pesaram para o humor dos investidores globais dados que indicaram um mercado de trabalho forte nos EUA.

Os números reforçam a percepção de investidores sobre a necessidade de um aperto monetário mais agressivo a ser conduzido pelo Federal Reserve (Fed, banco central norte-americano), com impactos negativos de juros mais altos para o ritmo da atividade econômica.

O Departamento de Trabalho dos EUA informou nesta sexta que foram criados 428 mil postos de trabalho fora do setor agrícola em abril. Economistas consultados pela Reuters previam abertura de 391 mil vagas. A taxa de desemprego permaneceu em 3,6%.

Nas Bolsas americanas, o S&P fechou em queda de 0,57%, e o Dow Jones cedeu 0,30%. Já o Nasdaq, que teve na véspera a maior queda desde junho de 2020, recuou 1,40%.

Na semana, o S&P 500 acumulou desvalorização de 0,20%, e o Dow Jones, de 0,23%. O Nasdaq marcou perdas de 1,54%. Foi também a quinta semana de queda consecutiva dos índices S&P 500 e Nasdaq, a pior sequência semanal desde junho de 2011 e novembro de 2012, respectivamente. **Lucas Bombana**

Bolsa, dólar e juros em 2022

Ibovespa, em pontos

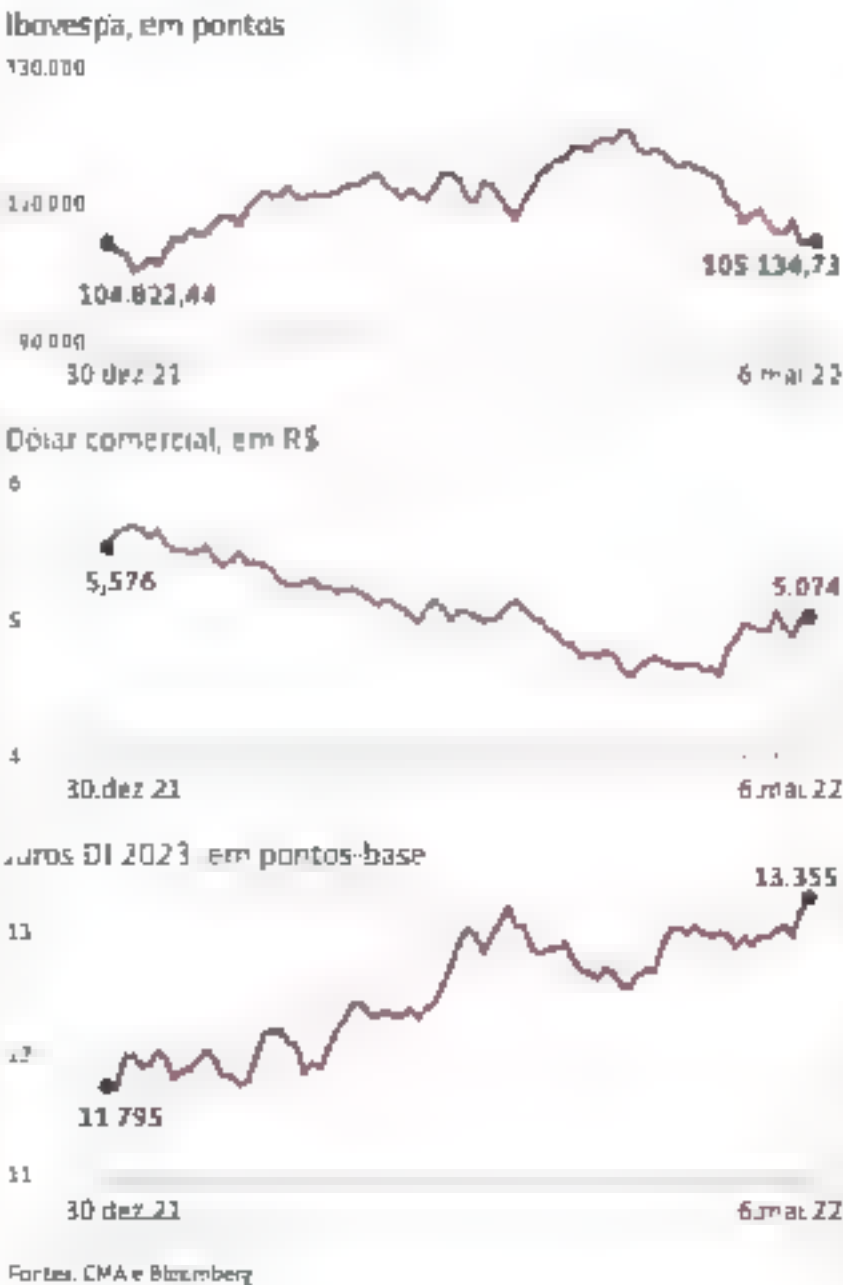
130.000 / 110.000 / 90.000 — 104.822,44 (30.dez.21) → 105.134,73 (6.mai.22)

Dólar comercial, em R$

6 / 5 / 4 — 5,576 (30.dez.21) → 5,074 (6.mai.22)

Juros DI 2023, em pontos-base

13 / 12 / 11 — 11,795 (30.dez.21) → 13,355 (6.mai.22)

Fontes: CMA e Bloomberg

Chilena Cencosud compra rede Giga e entra no mercado de SP

SANTIAGO | REUTERS A varejista chilena Cencosud disse nesta sexta (6) que assinou acordo no valor de US$ 100 milhões (R$ 507 milhões) para adquirir a rede brasileira de supermercados Giga.

Fundada em 2009, a Giga tem dez lojas na região metropolitana de São Paulo e um centro de distribuição.

"Com esta transação, a Cencosud entra no maior mercado do Brasil e da América do Sul, diretamente com o formato que mais cresce no Brasil e o mais resistente a contextos macroeconômicos recessivos", acrescentou.

A conclusão da compra está sujeita ao cumprimento de certas condições, incluindo a obtenção de aprovação do Cade.

mercado

Reafirmo, bilionários não deveriam existir

Deputada responde a coluna 'Quantas Sâmias fazem um Elon Musk?', de Helio Beltrão, publicada na quarta-feira (4)

RÉPLICA

Sâmia Bomfim
deputada federal (PSOL-SP)

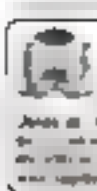
O brasileiro que vai ao supermercado percebe a vida cada dia mais cara. E ainda são muitos os que nem sequer podem ir às compras. De acordo com dados recentes, pelo menos 12 milhões de brasileiros estão desempregados. Outros 5 milhões estão em desalento; 19 milhões passam fome, e metade do país vive em insegurança alimentar.

Diante de tanta pobreza, miséria, fome e desemprego, um dado chama a atenção: o número de bilionários no mundo e no Brasil. São 42 novos bilionários brasileiros na lista da Forbes de 2021. Trata-se de poucas dezenas de pessoas que acumulam, sozinhas, fortunas em uma escala inimaginável. Essa concentração de renda se dá, de um lado, a partir da exploração de milhões de trabalhadores, e de outro, das "facilidades" corruptas forjadas por governos e poderosos.

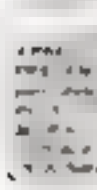
Recentemente, virou notícia a compra do Twitter por Elon Musk, por US$ 44 bilhões (mais de R$ 200 bilhões). Musk acumula uma fortuna de mais de US$ 260 bilhões (R$ 1,3 trilhão, na cotação atual). Sua família, sul-africana, enriqueceu durante o apartheid, explorando jazidas de esmeralda. Diante do escândalo, afirmei em minhas redes sociais e reafirmo: bilionários não deveriam existir! Também não deveriam existir a fome, a miséria e a exploração humana, fenômenos correlatos à existência de bilionários.

No dia 3 de maio, na **Folha**, o presidente de um instituto neoliberal, Helio Beltrão, publicou um artigo, na tentativa de rebater meu posicionamento, intitulado "Quantas Sâmias fazem um Elon Musk?"

O texto baseia-se na típica e falsa defesa da meritocracia, recorrente entre os "liberais" brasileiros. Diga-se de passagem, em geral, são liberais preocupados com as liberdades de seus próprios negócios e lucros, mas não com a liberdade das pessoas. Além disso, esses liberais são os primeiros a procurar o Estado e serem salvos por ele quando seus lucros estão em risco.

Para o autor, no capitalismo os empresários enriquecem porque criam produtos eficientes. Logo se percebe que, para ele, não existem trabalhadores, a classe que de fato produz a riqueza e os produtos no mundo, a troco de baixíssimos salários.

Outro argumento roto é que, taxando grandes fortunas, a economia quebra. Assim, os liberais tentam nos convencer de que a existência dos bilionários favorece a maioria da população. Mas o que ocorre é justamente o contrário.

Como líder do PSOL na Câmara dos Deputados, luto pela aprovação do PLP 277/08, que prevê a taxação de fortunas no Brasil. A medida, que é simples e prevista em nossa Constituição, reverteria o cenário atual, em que só os pobres e a classe média pagam imposto para valer. Consequentemente, teríamos mais recursos para a educação e a saúde, para o combate à desigualdade e para a efetivação de direitos. Teríamos mais justiça, assim como outros países no mundo já fizeram.

É claro que Beltrão, em seu artigo, ainda atacou os "políticos", tentando me atingir. Mas, ao contrário de muitos deputados que se declaram liberais e defendem os bilionários, votei contra o fundo eleitoral extravagante articulado por Bolsonaro e o centrão.

Corruptos e bilionários andam, geralmente, de mãos dadas. E, para mim, nem os primeiros nem os segundos são objetos de estimação.

Investimento público e crescimento econômico

Aumentar investimento público via mais déficit ou tributos é mau negócio

Marcos Mendes

Pesquisador associado do Insper, é autor de "Por que É Difícil Fazer Reformas Econômicas no Brasil?"

Voltou à moda o argumento de que é preciso aumentar o investimento público para desatar os nós logísticos, elevando o potencial de crescimento da economia. Para tanto, seria necessário tirar as despesas com investimentos do teto de gastos. Será?

Dados do FMI de 2019 mostram que o Brasil tem despesa pública primária de 40% do PIB, muito acima da média dos países emergentes (24%). Logo, não se pode dizer que o investimento é baixo porque nosso Estado é pequeno.

O que acontece é que nossa despesa corrente obrigatória é grande. Programas ineficazes não são reformulados ou extintos. Novas demandas de ação pública são atendidas por gastos adicionais, e o investimento —mais fácil de cortar ou não iniciar— acaba sendo expulso do Orçamento.

Também não se pode dizer que o teto de gastos representa uma austeridade excessiva, voltada a gerar excedentes para pagar a dívida pública. Afinal, mesmo com o teto, o governo federal tem déficit primário e, portanto, não gera tal excedente.

Aumentar a despesa com investimento, sem rever outras despesas, implicará aumento do déficit. O risco de emprestar ao governo aumentará, levando a mais juros e incerteza quanto à estabilidade macroeconômica. O investimento privado (em infraestrutura e em outros setores) cairá, minando o crescimento. Tiro no pé.

Há quem sugira investir mais sem aumentar o déficit, por meio do aumento de impostos. Porém, segundo dados do FMI de 2019, já arrecadamos 35% do PIB em impostos e contribuições sociais, ante apenas 22% da média dos emergentes.

Aumentar imposto não traz apenas o custo dos impostos pagos. Há, também, o chamado "peso morto". Para evitar pagar mais, os contribuintes mudam de comportamento: redução das atividades, evasão, informalidade, mudança na organização da produção, contencioso tributário. Não foi à toa que chegamos a um sistema tributário tão distorcido. Aumentar impostos é estimular mais distorções e perda de produtividade. Outro tiro no pé.

Do ponto de vista da teoria do crescimento econômico, não há por que imaginar que o aumento do capital físico, via infraestrutura pública, seja mais eficaz que o aumento do capital humano. Nossa educação é precária. Dar uso mais eficaz aos 6,3% do PIB que gastamos em educação aumentaria o potencial de crescimento sem mais gastos públicos e conciliaria crescimento com redução de pobreza e desigualdade.

A evolução tecnológica reduziu a necessidade de investimento público. Por exemplo, a telefonia móvel abriu a possibilidade de concorrência e provisão privada, mais difícil na época da telefonia fixa. Grandes hidrelétricas estão sendo parcialmente substituídas por coletores solares nos tetos das casas.

Avanços na regulação econômica e nos instrumentos de financiamento privado de longo prazo ampliaram a possibilidade de gestão privada de infraestrutura. No Brasil, contudo, enfrentamos problemas de má regulação e captura dos reguladores. Faria muito pela infraestrutura evitar que as agências reguladoras sejam geridas por indicados políticos, sem qualificação técnica. E que deputados não tentassem revogar decisões das agências, como estão fazendo atualmente com a Aneel.

A captura política não é só da regulação, mas também do Orçamento. Elevar o teto de gastos com intuito de fazer mais investimentos acabará, na prática, gerando mais investimentos via emendas parlamentares, cuja baixa qualidade está estampada cotidianamente nos jornais.

E não é só nas emendas que temos dificuldade técnica para fazer investimento público decente. Nós somos mal nos projetos de engenharia, nos processos licitatórios, na execução das obras. Auditoria do TCU em 2019 identificou 14,4 mil obras paralisadas. Apenas 10% por falta de recursos. Em 47% dos casos, o problema era de execução técnica. Obra parada ou malfeita é capital físico que nada produz. Os desastres do PAC já nos deveriam ter ensinado isso.

O investimento público será uma contribuição positiva se for financiado pela redução de outras despesas, feito com qualidade e limitado aos casos em que o investimento privado não é viável.

Aumentar o déficit para fazer investimento público com o padrão atual só interessa a quem quer faturar com obra pública ou fazer discurso fácil.

DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Big techs e teles travam disputa bilionária pelo wi-fi

Operadoras contestam repasse de frequências de 5G para redes de internet móvel

Julio Wiziack

BRASÍLIA O 5G nem começou a funcionar para valer e o Brasil já se tornou palco de uma disputa tecnológica bilionária entre operadoras de telefonia e big techs como Facebook, Google e Apple.

Em jogo está um mercado de US$ 112 bilhões até 2030 que, segundo as teles, poderá ser dominado pelas gigantes da tecnologia, ameaçando a evolução da telefonia de quinta geração especialmente para aqueles que só precisam de acesso à internet.

Essa disputa local reflete uma batalha mundial em torno de frequências —avenidas no ar por onde as empresas fazem trafegar seus sinais.

Em 2021, as teles decidiram arcar com ao menos R$ 47 bilhões para montar as redes 5G, a tecnologia que permite velocidades de navegação tão elevadas que viabilizará o surgimento de veículos autônomos, sistemas de realidade aumentada e cirurgias a distância, dentre tantas outras funcionalidades.

O serviço deverá ser iniciado oficialmente no fim de julho deste ano nas principais capitais do país, e as operadoras correm contra o tempo para construir suas redes.

O problema é que, ao mesmo tempo que a Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações) leiloou as frequências de 5G, também destinou —sem custos— um megabloco de frequências de 6GHz (gigahertz) para empresas interessadas em prestar serviços pelo chamado wi-fi 6E —tecnologia que habilita super-hotspots de wi-fi.

As teles passaram então a pressionar a Anatel. Com exceção da Oi, Vivo, Claro e TIM reclamam da decisão do regulador porque essas frequências são contíguas às do 5G "puro-sangue" (que opera em 3,5 GHz) e, até o momento, poucos equipamentos em wi-fi estão disponíveis.

Técnicos da Anatel informam que nenhum equipamento foi certificado, embora haja dezenas de pedidos de homologação em curso.

Mesmo assim, o Brasil seguiu os rumos dos EUA e se antecipou na destinação da faixa para o wi-fi. Europa e Ásia ainda aguardam a evolução do 5G para tomarem decisão.

Na avaliação das teles, a Anatel destinou muita frequência para as redes wi-fi —poderiam ter destinado 500 MHz, por exemplo— e, no futuro, essa faixa de frequência precisará ser usada pelo 5G, o que causará problemas técnicos porque essa faixa estará ocupada.

Nos bastidores, as teles afirmam que as big techs pressionaram a Anatel e conseguiram uma espécie de "reserva de mercado".

Ainda segundo representantes dessas empresas, as gigantes da tecnologia querem construir redes wi-fi próprias para que seus produtos funcionem somente por essa infraestrutura.

Um óculos de realidade aumentada do Google, por exemplo, funcionaria pela rede wi-fi do Google. Usuários de equipamentos da Apple com serviços avançados de medicina, por exemplo, só veiculariam seus dados por essa rede restrita.

As operadoras acreditam que haverá uma corrida das big techs na construção de redes paralelas competindo com o setor pelo filé-mignon da clientela, aqueles de alto poder aquisitivo.

Hoje, esses clientes contam com as redes das teles para usar os equipamentos, aplicativos e serviços das big techs.

Essa situação colocou em campos opostos fabricantes de equipamentos 5G e de chipsets. A gigante Huawei, por exemplo, defende o uso dessa faixa para o 5G. A Qualcomm e a Cisco pendem mais para as redes wi-fi como forma de estimular inovações.

Segundo a Anatel, essa foi a justificativa para a destinação das frequências de 6 GHz para o wi-fi.

Desde o início de março, surgiram rumores de que a agência mudaria sua decisão. O presidente da Anatel, Carlos Baigorri, disse à **Folha** que não existe a menor possibilidade de revisão neste momento.

"Existe a pressão", disse Baigorri. "Mas não vamos rever a decisão, especialmente com um argumento tão frágil."

Em março, durante o Mobile World Congress, principal evento do setor, a GSMA —associação global das operadoras de telefonia— defendeu maior destinação de frequências para o 5G, diante da inexperiência do wi-fi 6E.

Nesse campo, sua rival Dynamic Spectrum Alliance, associação formada por multinacionais e instituições acadêmicas, defende que o ambiente wi-fi 6E já é uma realidade e "continua crescendo".

6 de maio de 2022

As mensagens e as chamadas são protegidas com a criptografia de ponta a ponta e ficam somente entre você e os participantes desta conversa. Nem mesmo o WhatsApp pode ler ou ouvi-las. Toque para saber mais

Agora você pode usar reações no WhatsApp! 08:01

WHATSAPP LANÇA REAÇÕES COM EMOJIS
Recurso, que será disponibilizado aos poucos, inclui ícones de joinha, coração, chorando de rir, surpreso, chorando e mãos em oração; app também anunciou que limite de envio de arquivos subirá de 100 MB para 2 GB Divulgação

Amazônia tem recorde de desmate em abril, com mais de 1.000 km²

Mês faz parte do período de chuvas, no qual é incomum ver taxas de destruição tão altas

Phillippe Watanabe

SÃO PAULO As áreas com alertas de desmatamento na Amazônia alcançaram um recorde absoluto no histórico recente do Deter, do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), para o mês de abril. Foram derrubados 1.012,5 km² de floresta.

É a primeira vez que um dos primeiros quatro meses do ano apresenta desmatamento que ultrapassa a casa de mil quilômetros quadrados. Pode ainda haver um aumento no dado, considerando que o Inpe divulgou a taxa registrada até o dia 29 do mês passado.

O valor, mais um recorde de destruição da floresta sob o governo Jair Bolsonaro (PL), representa um salto expressivo de 74% em relação aos alertas de desmate registrados em abril do ano passado, cerca de 580,5 km², um número que também era o recorde para o mês.

Os mais de 1.000 km² destruídos chamam a atenção pelo momento em que ocorrem. Abril ainda está dentro do período de chuvas da Amazônia, no qual, normalmente, as derrubadas são menores, exatamente pelas dificuldades impostas pelo tempo para a prática de desmate —que, no bioma, em sua maioria são ilegais.

Tamanha área derrubada não é costumeira em qualquer mês do ano, mas, historicamente, quando ocorre, é a partir de junho, período em que já teve início a estação seca.

Para efeito de comparação, o município de São Paulo tem cerca de 1.521 km², segundo a Fundação Seade. O total desmatado em abril na Amazônia seria equivalente a derrubar mais de 66% de uma cidade de São Paulo cheia de árvores —ou seja, toda a cidade, menos, aproximadamente, as áreas das subprefeituras de Parelheiros, Itaquera, Pinheiros e Butantã (entre outras combinações possíveis).

Em maio do ano passado, o desmate ficou acima de 1.000 km², algo também historicamente incomum para o mês.

Os dados são provenientes do programa Deter, programa do Inpe que dispara alertas de desmatamento praticamente em tempo e que, dessa forma, tem a função de auxiliar ações de fiscalização ambiental. O histórico da medição tem início no segundo semestre de 2015 (o monitoramento começou antes, mas mudanças tecnológicas impedem comparações diretas com os dados mais antigos da plataforma). Mesmo não sendo sua função primária a mensuração de desmate, a partir do Deter é possível ver tendências de derruba com o passar dos meses.

E a situação que se pinta para o desmatamento no ano já preocupa. Até o momento, três dos quatro meses de 2022 tiveram recordes de alertas de desmatamento. Somente março ficou um pouco abaixo do valor máximo de derrubada anterior (que foi março de 2021).

Historicamente, anos eleitorais, como é o caso de 2022, possuem taxas de desmatamento maiores. O que amplia a preocupação sobre o assunto é o fato de a Amazônia estar vindo de três anos consecutivos de aumento de destruição, com valores já superando a casa de 13 mil km² de mata devastada.

Bolsonaro, desde antes de assumir a presidência, coloca-se contrário a ações de fiscalização ambiental e falava em uma suposta e nunca comprovada indústria da multa ambiental. Ao assumir o Palácio do Planalto, o presidente começou a questionar e desautorizar operações em andamento.

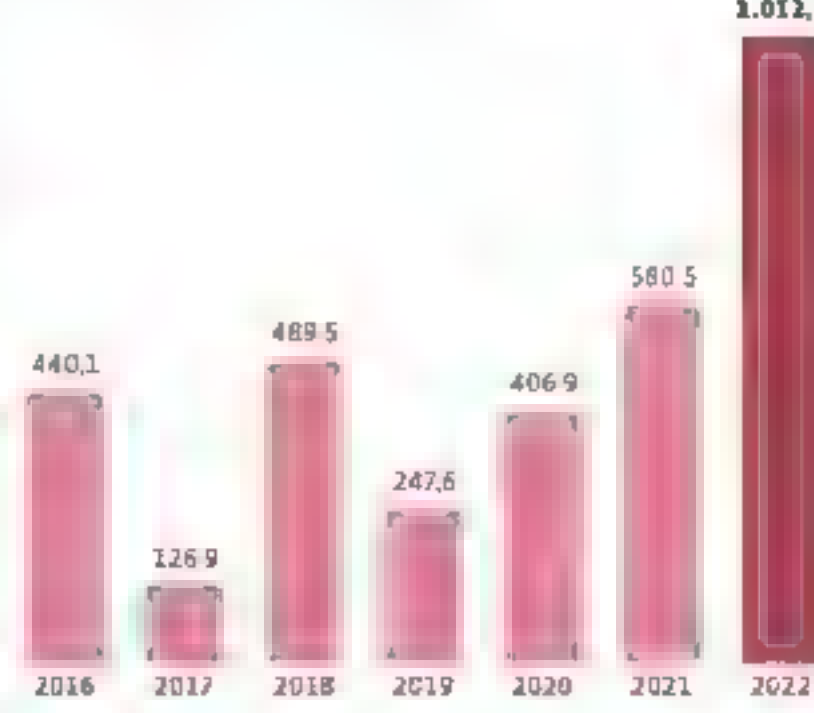
O presidente e seus apoiadores, por diversas vezes, também criticaram o Inpe, instituto do próprio governo nacional que disponibiliza, com transparência ativa, taxas de desmatamento e queimadas. As falas do presidente levaram à demissão do antigo diretor do Inpe Ricardo Galvão.

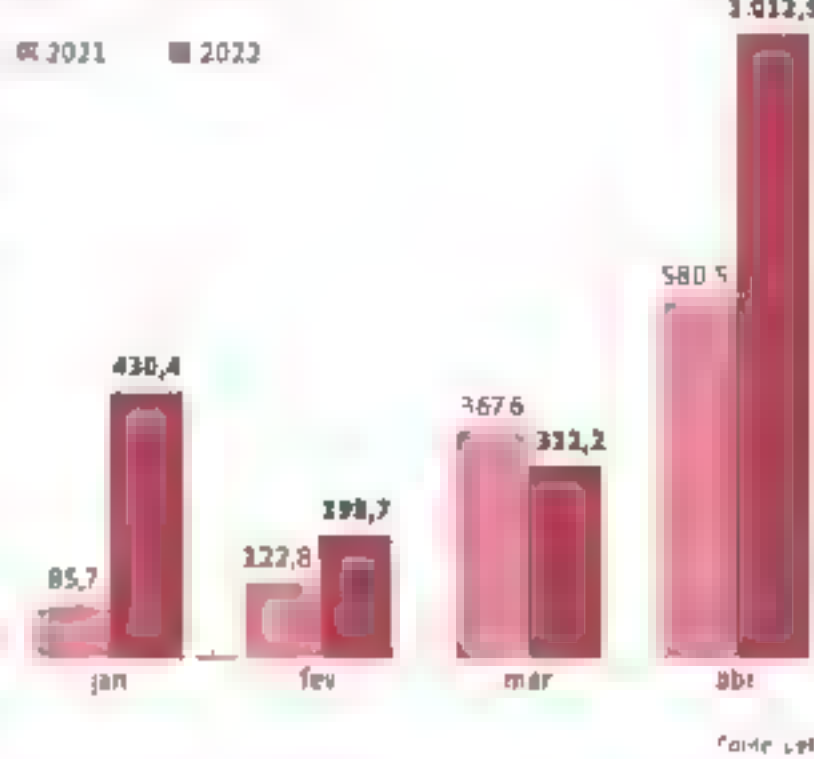
A fiscalização ambiental, muito criticada por Bolsonaro, também sofreu perdas durante o mandato do atual presidente. As multas por crimes ambientais chegaram aos menores números dos últimos 20 anos, apesar de o desmatamento ser crescente. Além disso, dados recentes mostram que o governo Bolsonaro fiscalizou menos de 3% dos alertas de desmatamento no país desde 2019.

Enquanto Bolsonaro minimizava o desmatamento e as queimadas —ações normalmente associadas— na Amazônia, pesquisadores alertavam que esse tipo de discurso poderia incentivar a prática de crimes ambientais e fazer crescer a derrubada da floresta, tal qual vemos atualmente.

> Os desmatadores dobraram a aposta em 2022, após três anos de impunidade e em clima eleitoreiro. A floresta fica cada vez mais perto de um ponto em que ela não vai conseguir se recuperar
>
> **Raul Valle**
> diretor de justiça socioambiental da WWF-Brasil

Alerta de desmate na Amazônia bate recorde em abril

Em abril de cada ano, em km²

Comparação entre os primeiros meses do ano passado e do atual, em km²

Fonte: Deter

> O governo federal tem empenhado grandes esforços no combate aos crimes ambientais
>
> **Ministério do Meio Ambiente**

"As causas desse recorde têm nome e sobrenome: Jair Messias Bolsonaro", afirma, em nota, Marcio Astrini, secretário-executivo do Observatório do Clima, rede que reúne dezenas de instituições ambientais do país. "O ecocida-em-chefe do Brasil triunfou em transformar a Amazônia num território sem lei, e o desmatamento será o que os grileiros quiserem que seja."

"É um alerta da imensa pressão que a floresta está sofrendo nesse ano", afirma, em nota, sobre a taxa registrada, Mariana Napolitano, gerente do WWF Brasil para ciências.

Também do WWF Brasil, em nota, Raul Valle, diretor de justiça socioambiental, afirma que "os desmatadores dobraram a aposta em 2022, após três anos de impunidade e em clima eleitoreiro". Valle diz ainda que, no Congresso, há um pacote de projetos de lei que promovem a destruição. "A floresta fica cada vez mais perto de um ponto em que ela não vai conseguir se recuperar", afirma.

O Observatório do Clima, porém, faz uma ressalva em relação ao dado e ao potencial do Deter para registrar desmates. As detecções do sistema costumam ser muito atrapalhadas por nuvens, especialmente nos meses chuvosos. Por isso, nos mais de 1.000 km² podem estar presentes derrubadas feitas em meses anteriores e não avistadas antes pelos satélites do Deter.

De toda forma, afirma o Observatório do Clima, a magnitude do dado surpreende e aponta que o desmate em 2022 deve, novamente, ultrapassar os 10 mil km².

Procurado pela **Folha**, o Ministério do Meio Ambiente enviou o link de uma nota publicada conjuntamente com o Ministério da Justiça. Segundo as Pastas, os alertas têm finalidade de fiscalização e área apontada seria somente uma estimativa.

"O governo federal tem empenhado grandes esforços no combate aos crimes ambientais", afirma a nota. Apesar da afirmação, como já mencionado anteriormente, dados apontam índices baixos de fiscalização e o menor patamar de multas em duas décadas, apesar dos altos níveis de desmate.

cotidiano

Yanomamis desaparecidos foram achados, diz líder indígena para a PF

Suposto sumiço ocorreu em uma reserva em Roraima e foi denunciado pelo conselho de saúde

João Gabriel e Fabio Serapião

BRASÍLIA O líder indígena Junior Hekurari disse em depoimento à Polícia Federal na quinta-feira (5) que alguns yanomamis supostamente desaparecidos após confronto com garimpeiros foram encontrados.

O desaparecimento dos indígenas na reserva Yanomami em Roraima foi denunciado na última semana pelo conselho Distrital de Saúde Indígena Yanomami e Ye'kwana (Condisi-YY), entidade presidida por Hekurari.

Segundo o relato de Hekurari à PF, os indígenas que moravam na comunidade de Aracaçá se mudaram para outros locais da terra indígena e parte deles reside agora em uma comunidade chamada Palimiu.

Como mostrou a Folha, a PF vai instalar uma base de seis meses na região para tratar da escalada da violência dos garimpeiros contra os indígenas.

A tensão entre yanomamis e garimpeiros em Roraima despontou no final de abril com a denúncia de que uma jovem indígena de 12 anos teria sido sequestrada, estuprada e assassinada. Após a denúncia, a Polícia Federal esteve na terra indígena e disse não ter encontrado indícios do crime. A conclusão foi divulgada em nota assinada pelo Ministério Público Federal, pela Funai (Fundação Nacional do Índio) e pela Secretaria Especial de Saúde Indígena.

A investigação sobre o caso, no entanto, continua em andamento. Quando a força-tarefa dos órgãos foi à comunidade de Aracaçá investigar a morte da jovem de 12 anos, encontrou o lugar completamente vazio e casas queimadas.

De início, não se soube o que causara o desaparecimento, mas a própria Condisi já trabalhava com a possibilidade de que se tratasse de uma tradição da aldeia, de queimar e deixar o local de habitação após a morte de um parente — como os indígenas se referem aos próprios.

"Esses indígenas foram coagidos e instruídos a não relatar qualquer ocorrência que tenha acontecido na região, dificultando a investigação da Polícia Federal e Ministério Público Federal, que acabaram relatando não haver qualquer indício de estupro ou desaparecimento de criança", afirma uma nota da entidade indígena.

"Alguns indígenas relataram que não poderiam falar, pois teriam recebido 5 g de ouro dos garimpeiros para manter o silêncio", diz o documento.

A falta de explicação para o caso — já que não se descartava a possibilidade de um ataque de garimpeiros, uma vez que a região é de conflito — fez com que o caso tivesse grande repercussão nas redes sociais.

Isso mobilizou, inclusive, deputados e senadores, que planejam realizar uma viagem para o local para se encontrar com lideranças indígenas e autoridades locais.

A região tem um largo histórico de conflitos. Um relatório da entidade Hutukara Associação Yanomami aponta ainda que a comunidade Aracaçá está "em vias de desaparecimento", diz que parte dos indígenas já não produzem a própria comida (o que os deixa à mercê da alimentação dos garimpeiros) e que a introdução de bebidas alcoólicas e doenças pelo garimpo é outra ameaça.

A Aracaçá fica próxima da região de Palimiú onde, em 2021, diversas comunidades indígenas foram atacadas por garimpeiros armados.

Protesto em defesa dos povos yanomamis em frente à Funai, em Brasília Lalo de Almeida/Folhapress

Polícia reafirma não ter indícios sobre estupro de menina

João Paulo Pires

BOA VISTA A Polícia Federal afirmou nesta sexta-feira (6) que, até o momento, as investigações não encontraram indícios sobre os supostos crimes de estupro de uma adolescente yanomami e sobre o sumiço de uma outra criança da mesma etnia da comunidade de Aracaçá, na Terra Indígena Yanomami, em Roraima.

Nesta sexta, o delegado da Polícia Federal e titular da investigação, Daniel Pinheiro Leite, disse que durante os dias 27 e 28 de abril o órgão realizou diligências na região de Aracaçá para investigar denúncias de eventual estupro ou homicídio de indígenas.

"Na localidade do Aracaçá, quando chegamos, os indígenas que moram hoje lá não nos relataram nenhum ato de violência que tenha ocorrido lá naqueles dias imediatamente e sobre esses fatos da denúncia recente. Não confirmaram que nenhuma criança de 12 anos foi estuprada e em seguida morta por garimpeiros e nem sobre a criança afogada", afirmou o delegado.

No entanto, ele não descarta que o fato tenha ocorrido em outro momento. "Não estou dizendo que não aconteceu. A investigação continua tramitando. Só estou dizendo que lá, quando chegamos, essa informação não ocorreu."

O delegado disse acreditar que a denúncia se originou de uma falha de comunicação gerada a partir de um "conflito de narrativas". Ele sugeriu que os relatos de crimes teriam começado após a apresentação de um vídeo a um líder indígena por um servidor da Funai.

O vídeo é de autoria do Instituto Socioambiental e traz um o depoimento de um indígena não identificado sobre garimpeiros exigirem favores sexuais de mulheres e crianças yanomami em troca de comida. A peça, de acordo com Pinheiro, faz parte da divulgação de um relatório elaborado pela instituição e que trata sobre violência contra a etnia.

Ao assistir o material, segundo o delegado, a liderança teria dito que teria "muita preocupação de que esse fato esteja ocorrendo na comunidade do Aracaçá", que seria a comunidade de seus familiares.

"Essa informação foi passada para outro indígena. Este segundo teria tomado a informação como um fato acontecido no Aracaçá, repassou para outra liderança, que a tornou pública como um fato ocorrido, com riqueza de detalhes", declarou o delegado.

Pinheiro afirma que as investigações também não apontam para o desaparecimento de indígenas nem para a relação do fato com o incêndio causado na aldeia.

"A morte de alguma pessoa da família, o que pode levar a essa medida como um luto da comunidade. Só que essa possibilidade nos trouxe mais indícios ainda de que não houve uma morte violenta no local, porque nenhum dos componentes da comunidade estava de luto. Falavam conosco de maneira tranquila sobre a situação", disse. "A queima da maloca parece estar relacionada a uma movimentação da etnia para outras localidades."

Três adolescentes são esfaqueados por colega em escola do Rio

RIO DE JANEIRO Três adolescentes foram esfaqueados em uma escola municipal na Ilha do Governador, zona norte do Rio, nesta sexta-feira (6). Segundo a Secretaria Municipal de Educação, um menino e duas meninas com idades entre 13 e 14 anos tiveram ferimentos leves.

De acordo com a pasta, os jovens da Escola Municipal Brigadeiro Eduardo Gomes foram feridos por um outro estudante. "O aluno que esfaqueou os colegas é menor de idade e está acompanhado da Patrulha Escolar e do Conselho Tutelar", disse a secretaria em nota.

A Polícia Militar diz que foi acionada e aguarda a chegada dos pais do aluno para registro da ocorrência e medidas cabíveis. "O policiamento na região está intensificado, com uma viatura de prontidão no local para garantir a tranquilidade para o fluxo de entrada e saída dos estudantes", afirmou a corporação em nota.

Quando visitou a escola, na manhã desta sexta, o prefeito Eduardo Paes (PSD) afirmou que um pouco antes do feriado da Semana Santa o jovem de 14 anos apresentou problemas psicológicos e comportamento agressivo. Em razão disso, a diretora da escola o encaminhou para um centro de atenção psicossocial da prefeitura.

"Pelo que soube até agora do tratamento psicológico que ele estava recebendo, infelizmente não houve tempo para que fosse identificado [o problema] e até eventualmente afastá-lo", disse o prefeito, explicando que ainda não há informações sobre se o menino sofria bullying.

Ainda segundo Paes, um professor conseguiu intervir durante o ataque e imobilizou o jovem usando uma cadeira. "Graças a Deus e à coragem de um professor as crianças estão sem qualquer risco e perigo", afirmou.

> Pelo que soube até agora do tratamento psicológico que ele estava recebendo, infelizmente não houve tempo para que fosse identificado [o problema] e até eventualmente afastá-lo
>
> **Eduardo Paes (PSD)**
> prefeito do Rio de Janeiro

Já de acordo com o delegado Marcus Henrique, responsável pelo caso, o adolescente foi encaminhado ao hospital com um ferimento no dedo. O delegado afirmou também que o jovem apresentava problemas psicológicos.

"Eu conversei com a mãe e, segundo ela, ele já vinha apresentando alterações no comportamento. Ele já fazia tratamento psicológico e, hoje, aconteceu essa tragédia", disse o delegado, acrescentando que ainda não se sabe a motivação do ataque.

No ano passado, um massacre que deixou 12 crianças mortas em uma escola de Realengo, na zona oeste do Rio, completou dez anos.

No dia 7 de abril de 2011, Wellington Menezes de Oliveira, 23, abriu fogo contra alunos da escola municipal Tasso da Silveira, em Realengo, onde também estudou, e se matou em seguida. Entre os mortos, estão dez meninas e dois meninos, com idades entre 12 e 15 anos. Mais de dez crianças ficaram feridas.

Wellington entrou na escola por volta das 8h, dizendo que daria uma palestra. Conversou com algumas pessoas e seguiu em direção a duas salas de aula do 8º ano, onde entrou atirando com dois revólveres.

Durante o tiroteio, um garoto, ferido, conseguiu escapar e avisar a Polícia Militar.

MORTES | coluna.obituario@grupofolha.com.br

Pai exemplar, viveu para a caridade e propagou a fé

GENILSON DOS REIS DA CRUZ (1969-2022)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO A maior parte dos 52 anos de vida de Genilson dos Reis da Cruz foi dedicada a ajudar o próximo e a Deus.

Baiano de Salvador, aos 13 anos, ele perdeu o pai num acidente automobilístico e, consequentemente, a convivência diária com os seis irmãos, pois passou a ser criado pelos avós.

Por volta dos 17 anos, começou a frequentar a igreja Assembleia de Deus e mudou-se para São Paulo.

Ao mesmo tempo em que construía sua vida, colaborava para a propagação da palavra que sempre acreditou. "A vida sem Jesus não presta", dizia com frequência.

Genilson construiu congregações da Assembleia de Deus em Rosana, dirigiu as sedes de Regente Feijó e Presidente Bernardes e fundou uma em Juquiá — todas cidades do interior paulista. Também teve forte atuação nas unidades localizadas em Cotia e Vargem Grande Paulista, ambas na região metropolitana de São Paulo.

Em 2008, retornou à Bahia e continuou o trabalho de implantação de mais igrejas naquele estado e em outros locais do Nordeste.

De costumes simples e sem ambições, Genilson cursou o ensino médio e abriu mão de seguir uma profissão em prol da igreja.

A vida o presenteou com o amor de uma família. Para os filhos pode deixar grandes exemplos da generosidade que tanto praticava.

"Se fosse necessário, ele tirava de dentro de casa para doar a quem precisasse. Fez o bem até poucos dias antes de morrer.

Nos últimos dias de vida, meu pai fez de tudo para ajudar na arrecadação de recursos para a construção de novas igrejas", conta a jornalista Elisama Reis da Cruz, 26, sua filha.

Genilson era um homem alegre e brincalhão. Nem doente deixou de sorrir. Como pai, foi o melhor amigo, excelente conselheiro e aberto a qualquer tipo de conversa. Orgulhava-se por ter uma filha jornalista e não parecia temer a morte. "Se eu morrer, o importante é que estarei ao lado de Jesus", dizia.

"Ele nos ensinou a confiar em Jesus e graças a esse ensinamento hoje eu sinto um conforto muito grande", afirma Elisama.

Genilson dos Reis da Cruz morreu no dia 30 de abril, aos 52 anos, por complicações de um câncer. Deixa a esposa, Nara, e os filhos, Elisama, Rafael e Pedro.

7º DIA

COMENDADOR MARIO ANTÔNIO PAPINI JUNIOR

Sábado (7/5) às 15h, Paróquia Nossa Senhora do Carmo da Aclimação, Aclimação, São Paulo (SP)

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo
tel. (11) 3396-3800 e central 156, prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (15h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-7325 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Lealdade constitucional à prova

Temos testemunhado perigosa escalada de ataques às instituições no Brasil

Oscar Vilhena Vieira

Professor da FGV Direito SP, mestre em direito pela Universidade Columbia (EUA) e doutor em ciência política pela USP

Não há uma vírgula no ordenamento constitucional brasileiro que autorize a pretensão do presidente da República de atribuir às Forças Armadas a função de auditar ou certificar as próximas eleições. Cabe única e exclusivamente ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral) a organização do pleito, a proclamação dos resultados e a diplomação dos eleitos, no caso da eleição presidencial.

O convite feito a diversas autoridades e representantes da sociedade civil para participar da Comissão de Transparência Eleitoral, instituída pelo TSE, não transferiu e nem poderia ter transferido competência exclusiva do Poder Judiciário às Forças Armadas, à OAB ou ao Tribunal de Contas da União, presentes na Comissão. Propor o contrário sinaliza intenção de sabotar o processo eleitoral e usurpar competência do Poder Judiciário.

As Forças Armadas brasileiras têm sofrido constante assédio para cruzar os limites de suas atribuições constitucionais. A demissão de três comandantes, de uma canetada só, e a alta rotatividades no Ministério da Defesa são indicação disso.

Nesse momento em que o presidente insufla os militares contra o TSE, vale lembrar a postura irrepreensível das Forças Armadas norte-americanas, logo após a violenta invasão do Capitólio por uma turba insuflada pelo presidente Trump, em 6 de janeiro de 2021, que certamente não passou despercebida de nossos comandantes.

Sem meias palavras ou ameaças veladas, os comandantes militares norte-americanos deixaram claro o apoio e defesa incondicional à Constituição. "Qualquer ato que rompa com o processo constitucional não é apenas contra nossas tradições, valores e juramento; mas é contra a lei", reiterando o compromisso de defender o resultado do processo eleitoral.

A nota deixou clara a obrigação de obediência dos militares apenas a "ordens legais", assim como o dever de garantir a "segurança pública de acordo com a lei". Em resumo, a ação dos militares, quando convocados a agirem em operações de lei e ordem, estará sempre adstrita à legalidade, tanto da convocação como de seu cumprimento.

Os comandantes sinalizaram a grupos radicalizados e armados, por fim, que "os direitos de liberdade de expressão e assembleia não conferem nenhum direito ao uso da violência, sedição ou insurreição".

Temos testemunhado uma perigosa escalada de ataques às instituições constitucionais no Brasil, assim como um pernicioso processo de erosão da legalidade por meio de atos infralegais e condutas incompatíveis com o Estado democrático de direito. A flexibilização das armas, o crescimento do poder das milícias e do crime organizado comprometem ainda mais o futuro do Brasil.

O Supremo tem sido alvo prevalente desses ataques, com o propósito explícito de romper os limites constitucionais ao exercício do poder. A guerrilha contra a Justiça Eleitoral, que tem conduzido de forma imparcial e eficiente as eleições desde a redemocratização, é uma demonstração dessa disposição de convulsionar o processo democrático. O fato é que jamais se apontou falha relevante no processo eleitoral.

As questões apontadas pelos diversos membros da Comissão de Transparência deverão ser incorporadas na medida de sua pertinência, legalidade e exequibilidade. Não podem ser utilizadas como ameaças ao TSE e, em última instância, ao processo democrático. Cabe ao presidente do TSE e ao ministro da Defesa, de seu lado, colocar um fim rápido a essa crise, não permitindo que ela seja explorada por aqueles que militam pela ruptura de nossa democracia. Neste momento o que se exige é lealdade à Constituição, nada mais.

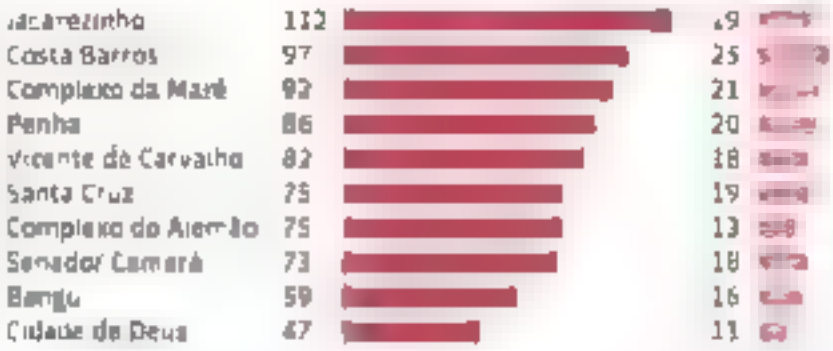
DOM. Antonio Prata SEG. Marcia Castro, Maria Homem TER. Vera Iaconelli QUA. Ilona Szabó de Carvalho, [illegible] Marques QUI. Sergio Rodrigues SEX. Tati Bernardi SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Voluntários durante oficina de grafite com crianças na favela do Jacarezinho, no Rio de Janeiro Eduardo Anizelli - 3.mai.22/Folhapress

Jacarezinho é onde chacinas policiais mais mataram no Rio

Pesquisa mostra que foram 112 mortes em 19 massacres entre 2007 e 2021

Matheus Rocha

Número de chacinas policiais no Rio

RIO DE JANEIRO A operação da Polícia Civil que terminou com 28 pessoas mortas no Jacarezinho em maio do ano passado não foi um ponto fora da curva. A comunidade é o bairro do Rio de Janeiro com o maior número de pessoas mortas em chacinas decorrentes de ação policial. Foram 112 mortes nos 19 massacres que ocorreram na favela entre 2007 e 2021.

Em segundo lugar, vem o bairro de Costa Barros, com 97 mortes, seguido pelo Complexo da Maré, somando 92 óbitos. As três comunidades estão na zona norte, região da capital fluminense que responde pelo maior número de chacinas. São 221 registros (58%), com 959 mortos.

Ao todo, foram realizadas 17.929 operações entre 2007 e 2021 em favelas da região metropolitana do Rio, das quais 593 resultaram em chacinas, totalizando 2.374 mortos.

Os dados são de uma pesquisa do Geni-UFF (Grupo de Estudos de Novos Ilegalismos da Universidade Federal Fluminense) e evidenciam que o Jacarezinho é alvo frequente de ações com altas taxas de letalidade. As operações nessa favela têm 70% de chance de resultarem em mortes, segundo o estudo.

Para chegar a esses dados, o grupo de pesquisa cruzou o seu banco de dados com o do Instituto de Segurança Pública, autarquia do governo estadual. Com isso, foi possível identificar discrepâncias e complementar informações. A base do Geni-UFF é formada por notícias sobre operações que foram confirmadas por três ou mais fontes, como jornais e redes sociais.

Coordenador do grupo, o sociólogo Daniel Hirata explica que o grande número de mortes provocadas por chacinas policiais no Jacarezinho pode ser explicado por três fatores. O primeiro é a localização da comunidade, que fica em uma região da cidade marcada por intensos conflitos.

De acordo com o especialista, milícias da zona oeste e da Baixada Fluminense tentam expandir sua atuação em direção à zona norte, o que gera confrontos entre grupos armados. Quando a polícia entra nessas zonas, o saldo de mortes tende a ser alto.

Na pesquisa, disputa entre grupos criminais é a principal motivação para operações que terminam em chacina (13,7%), seguido por perseguição ou fuga (4,7%).

"O segundo ponto é que o Jacarezinho é um lugar controlado pelo Comando Vermelho e um de seus principais locais de atuação. As áreas do Comando Vermelho tendem a terem respostas mais violentas das forças policiais do que áreas de milícia", afirma o sociólogo, acrescentando que as chamadas operações vingança também explicam a alta taxa de letalidade das ações na favela.

"Nos últimos anos, há alguns casos em que se tem a morte de um policial em operação no Jacarezinho e, em seguida, uma chacina, ou seja, uma operação que termina com três ou mais mortos."

> As unidades especiais precisam ser repensadas. Pelo modo como estão atuando, parece que elas estão sendo concebidas para operar de forma letal
>
> **Daniel Hirata**
> sociólogo

No dia 6 de maio de 2021, o massacre do Jacarezinho se seguiu à morte do policial civil André Leonardo Frias, 48, que foi baleado logo no começo da operação. A partir daí, a comunidade viveu seis horas de intenso tiroteio que resultou na morte de 27 civis, totalizando 28 mortos naquela que é considerada a operação mais letal da história do Rio de Janeiro.

As mortes aconteceram em 13 pontos diferentes da favela: algumas delas ocorreram em vielas, outras, na casa de moradores, o que gerou investigações independentes do Ministério Público do Rio.

Responsável pela operação que resultou nas 28 mortes, a Polícia Civil é proporcionalmente a que mais mata em operações que terminam em chacina, com média de 4,8 mortos contra 4 mortos no caso da Polícia Militar.

"Esse foi um dado que nos surpreendeu", diz Hirata, explicando que operações da Polícia Civil costumam ter três fatores que diminuem o número de mortes: recebem respaldo judicial, são planejadas e fruto de investigação.

Tanto é que, na pesquisa, operações motivadas por mandado de prisão ou busca e apreensão e por recuperação de bens aparecem como as razões menos frequentes para operações que terminam em chacina. Incursões dessa natureza costumam ser planejadas, amparadas judicialmente e resultado de investigações, o que diminui a frequência e a letalidade de chacinas.

Para o pesquisador, a explicação para a taxa elevada de letalidade da Polícia Civil está na atuação da Core, a Coordenadoria de Recursos Especiais.

"Essa unidade é mais antiga do que o BOPE (Batalhão de Operações Policiais Especiais, ligado à PM) e tem um histórico de atuação brutal. As unidades especiais tendem a realizar mais chacinas e ter uma letalidade maior nessas chacinas", diz o especialista.

Entre mais de 70 batalhões e delegacias, o BOPE está na liderança no número de chacinas (92), enquanto a CORE aparece em terceiro lugar (36), empatado com o 14º Batalhão de Polícia Militar. Quando essas duas unidades de elite atuam juntas, as chances de haver massacre disparam, com uma probabilidade seis vezes maior da ocorrência de chacinas (18,2% contra 3,0% dos batalhões e delegacias).

"As unidades especiais precisam ser repensadas. Pelo modo como estão atuando, parece que elas estão sendo concebidas para operar de forma letal. Deveria ser o oposto."

Embora a Polícia Civil seja proporcionalmente a mais letal, a PM é a que mais participou de chacinas, integrando 88,5% dessas ocorrências.

Em nota, a Polícia Militar diz que suas ações são baseadas em protocolos rígidos de atuação e preceitos técnicos de treinamento e orientação.

"Um dos objetivos exponenciais da Polícia Militar é a preservação de vidas, sejam elas as da população em geral ou as dos policiais envolvidos nas ações", afirma a corporação. "Vale ressaltar que a maioria do contingente policial militar vem das classes de base da sociedade, incluindo as comunidades carentes, o que torna nossos policiais parte do contexto estrutural, histórico e social em que atuam."

A Polícia Civil diz que os números mais recentes divulgados pelo Instituto de Segurança Pública mostram expressiva redução nas mortes por intervenção de agentes do estado. "Esse indicador apresentou queda de 30% nos três primeiros meses deste ano em comparação com o mesmo período de 2021."

A corporação afirma ainda que a letalidade violenta, isto é, homicídio doloso, lesão corporal seguida de morte, roubo seguido de morte e morte por intervenção de agente do Estado, recuou 23%. "A Polícia Civil informa que mortes ocorridas durante operações são em decorrência de confrontos de criminosos contra policiais. A reação da Polícia Civil durante as ações depende da conduta do criminoso."

Hirata considera que um dos caminhos para evitar que o massacre do Jacarezinho se repita é estabelecer um controle democrático da atividade policial.

80% dos presos por identificação fotográfica são depois absolvidos

Média do tempo de reclusão foi de um ano e dois meses, mostra estudo

Ana Luiza Albuquerque

RIO DE JANEIRO Mais de 80% dos réus absolvidos de acusações feitas com base no reconhecimento fotográfico chegaram a ser presos no curso do processo judicial. Em média, a detenção durou um ano e dois meses —há casos de pessoas que ficaram presas por quase seis anos.

Os números fazem parte de novo relatório da DPRJ (Defensoria Pública do Rio de Janeiro) divulgado nesta quinta-feira (5) e produzido com base em processos do TJ-RJ (Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro). Os dados alertam para os riscos da utilização do reconhecimento por foto como a única prova para ligar um suspeito a um crime.

Apesar de não haver previsão legal, o reconhecimento fotográfico é frequentemente adotado nas delegacias, onde são produzidos álbuns com fotos de pessoas consideradas suspeitas. O procedimento também ocorre a partir de fotos nas redes sociais.

O instrumento é duramente criticado por instituições de defesa dos direitos humanos e sua utilização como prova tem sido limitada nos últimos anos por jurisprudência do STJ (Superior Tribunal de Justiça).

Para realizar o levantamento, a Defensoria buscou o termo "reconhecimento fotográfico" entre as ações na segunda instância do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro no período de janeiro a junho do ano passado.

Na produção dos relatórios anteriores, o órgão dependia do fornecimento de informações pelos defensores. Desta vez, a busca ativa aumentou o escopo dos casos estudados.

Ao todo, 242 processos foram analisados. Entre os 342 réus, 64% são negros e 96% são homens. Quase 80% das ocorrências foram de roubo.

Em fevereiro de 2022, 256 entre os réus já haviam sido sentenciados —75% foram condenados e 25% foram absolvidos. Entre as 65 pessoas absolvidas, 54 foram presas provisoriamente em algum momento do processo.

"Embora tenha havido uma guinada na jurisprudência do STJ, recomendando que sejam observadas as formalidades da lei processual penal, chama a atenção que continuemos falando sobre reconhecimento fotográfico a partir de fotos colhidas de redes sociais e álbum de suspeitos", afirma a defensora Lucia Helena Oliveira, coordenadora de Defesa Criminal da DPRJ.

Os motivos mais citados pelos magistrados para absolver os réus foram a inconsistência, insuficiência ou fragilidade dos elementos probatórios e o reconhecimento em juízo negativo. Segundo o relatório da Defensoria, em 30% dos casos a vítima não confirmou em juízo o reconhecimento feito para a polícia.

"Esse percentual alto mostra quão falho é o reconhecimento feito na delegacia. Se a vítima não confirmou o procedimento, um equívoco aconteceu para que ela não tenha identificado. A memória pode afetar o reconhecimento, há um índice de erro muito grande", diz Oliveira.

A defensora também alerta para a maioria de negros entre os réus acusados por meio da ferramenta. "A gente identifica esse viés racial, não só nesse tema do reconhecimento fotográfico, mas também quando analisamos o perfil dos réus ingressando no sistema prisional. Precisamos mudar esse percentual, não se pode falar num álbum de suspeitos com uma grande maioria de fotos de pessoas negras."

Em janeiro deste ano, o TJ-RJ expediu uma recomendação para que os juízes reavaliassem as prisões preventivas decretadas somente com base no reconhecimento fotográfico.

> Esse percentual alto mostra o quão falho é o reconhecimento feito na delegacia. Se a vítima não confirmou o procedimento, um equívoco aconteceu para que ela não tenha identificado
>
> **Lucia Helena Oliveira**
> coordenadora de Defesa Criminal da DPRJ

Ao mesmo tempo, a Defensoria criou o Observatório do Reconhecimento Fotográfico para monitorar o cumprimento da recomendação. O grupo pediu que todos os defensores criminais compartilhassem as decisões judiciais referentes à prisão preventiva em casos de reconhecimento fotográfico para a produção de estatísticas e desenvolvimento de atuações estratégicas sobre o tema.

A medida do Tribunal de Justiça veio na esteira do entendimento do STJ de que o reconhecimento de um suspeito presencialmente ou por fotografia na fase do inquérito policial, apenas é válido quando corroborado por outras provas colhidas na fase judicial e quando respeitado o Código de Processo Penal —o artigo 226 traz quais requisitos para o reconhecimento de pessoas.

No dia 27 de outubro de 2020, a corte absolveu por unanimidade um homem condenado pelo Tribunal de Justiça de Santa Catarina a mais de cinco anos de prisão com base apenas em identificação fotográfica.

Em agosto do ano passado, o CNJ (Conselho Nacional de Justiça) criou um grupo de trabalho para realizar estudos e elaborar uma proposta de regulamentação de diretrizes e procedimentos para o reconhecimento de pessoas em processos criminais, com o objetivo de evitar a condenação de inocentes.

Especialistas e instituições criticam o uso de foto para reconhecimento de suspeitos, diante da alta chance de erro. A psicologia do testemunho, área de estudo do direito, indica que esse tipo de prova é frágil devido às "falsas memórias", comuns distorções nas lembranças que ocorrem especialmente em situações e ambientes sugestivos, como uma delegacia ou um fórum.

Doutor em ciências criminais pela PUC RS e autor do livro "Falsas Memórias e Sistema Penal: A prova testemunhal em xeque", o pesquisador Gustavo Noronha de Ávila lembra que nos Estados Unidos 70% das condenações de inocentes partiram de identificação mal feita, pessoal ou fotográfica.

No Brasil não existe um levantamento da mesma extensão, mas Ávila acredita que milhares de inocentes passem pela mesma situação no país.

Em 2015, o professor produziu um relatório a pedido do Ministério da Justiça, que tinha como objetivo identificar de que forma a prova penal dependente da memória era produzida no país. Foram entrevistados 87 pessoas, entre elas policiais, defensores públicos, advogados, membros do Ministério Público e da magistratura.

Ávila afirma que pelo levantamento foi possível concluir que a prova produzida no Brasil é de má qualidade, em desacordo com as boas práticas previstas pela psicologia do testemunho. Segundo ele, o reconhecimento fotográfico é o procedimento mais sugestionável e frágil de todos.

"[Nas entrevistas ouvimos] coisas que nos deixaram muito preocupados. Uma pessoa disse que julgava com os olhos da alma, outra que sabia quando a testemunha mentia e quando falava a verdade. Uma pessoa acometida de falsa memória tem a mesma atitude de quem está falando a verdade. Precisamos de corroboração imparcial, de outra fonte de prova", afirma.

Pedestre morre baleada após roubo a mercado em Guarujá (SP)

Paulo Eduardo Dias

SÃO PAULO O roubo a um supermercado em Vicente de Carvalho, distrito em Guarujá, na Baixada Santista, terminou com a morte de uma mulher na manhã desta sexta-feira (6).

A vítima estava fora do estabelecimento comercial e acabou sendo atingida durante uma perseguição seguida de troca de tiros entre integrantes da quadrilha e policiais militares, na avenida Santos Dumont. A Polícia Civil disse que quatro suspeitos foram presos.

O Grupo Pão de Açúcar confirmou que uma unidade sua em Vicente de Carvalho sofreu um assalto e "assim que a ação foi notada, a polícia foi acionada e chegou rapidamente para conduzir a ocorrência".

Imagens que circulam nas redes sociais mostram parte da perseguição e o atendimento à vítima. Mesmo com as tentativas de salvamento, a mulher morreu no local.

A SSP (Secretaria da Segurança Pública) diz que equipes da Rota (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar) seguiram até a cidade para reforçar o policiamento por tempo indeterminado.

"A PM realiza buscas para localizar outros envolvidos no crime", afirmou. O caso seria registrado no 2º DP do Guarujá.

Em seu site, a Prefeitura do Guarujá disse ter reiterado à PM, nesta sexta (6), um pedido ao governo do estado para que haja um reforço do efeito de policiais na cidade.

saúde

664.143 mortes
176 entre quinta e sexta

30.539.[illegible] de casos
15.447 infecções em 24 horas

Idosa toma quarta dose da vacina contra Covid em São Paulo Danilo Verpa - 25.mar.22/Folhapress

Anvisa mantém indicação de uso de vacina da Janssen

Agência diz que benefícios da imunização contra a Covid superam riscos e que casos de síndrome são raríssimos

Mateus Vargas

BRASÍLIA A Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) afirmou nesta sexta-feira (6) que mantém a indicação de uso da vacina contra a Covid da Janssen (empresa da Johnson & Johnson).

A manifestação do órgão regulador foi feita um dia após a Agência de Alimentos e Drogas dos Estados Unidos (FDA, na sigla em inglês) anunciar a limitação do uso desse imunizante devido ao risco de uma rara síndrome de coagulação do sangue.

"Até o momento, os benefícios superam os riscos para todas as vacinas aprovadas pela Anvisa. Assim, neste momento, a Agência não identifica a necessidade de ações regulatórias quanto à vacina da Janssen ou qualquer outra", disse a Anvisa.

A agência disse que cabe ao Ministério da Saúde definir "a priorização de um imunizante em detrimento de outro" na campanha de vacinação.

A pasta comandada por Marcelo Queiroga ainda não se manifestou sobre o uso da vacina da Janssen.

Em nota, a Anvisa disse que teve uma reunião com a FDA para avaliar os dados sobre a vacina da Janssen.

"Durante a reunião, foi informado que não há nova preocupação de segurança, mas diante do risco raríssimo de TTS [trombose com síndrome de trombocitopenia], o FDA entende que a utilização de outras vacinas naquele país devem ser priorizadas", disse o órgão brasileiro.

A agência também disse que vacinas de adenovírus possuem risco de TTS, já descrito em bula aprovada pela Anvisa. "São casos raríssimos, que geralmente ocorrem após exposição à primeira dose com vacina desta plataforma."

"Quanto à restrição do uso, as contraindicações já aprovadas constam em bula, incluindo a de não administrar dose de reforço a quem apresentou TTS na primeira dose", afirma.

A agência dos EUA disse que a injeção da Janssen pode ser administrada nos casos em que as vacinas contra a Covid-19 autorizadas ou aprovadas não estiverem acessíveis ou se um indivíduo estiver menos interessado em usar os outros imunizantes.

A vacina é uma das três contra a Covid-19 liberadas para uso nos EUA. As outras duas são Moderna e Pfizer.

Em janeiro, a FDA alterou a ficha técnica da vacina da Janssen para incluir o risco de trombocitopenia imune, meses depois que o regulador de medicamentos da União Europeia tomou medidas semelhantes.

A agência disse nesta quinta que o risco de TTS justifica a limitação do uso da dose única depois de conduzir a investigação dos casos relatados.

"É um evento raríssimo", afirma Renato Kfouri, pediatra, infectologista e diretor da SBIm (Sociedade Brasileira de Imunizações). "Mas grave. Esses trombos têm uma letalidade alta. Tromboses às vezes no sistema nervoso, com AVC."

Contudo, o número de casos de Covid prevenidos é muito maior do que o risco dos eventos adversos, afirma Kfouri.

> São casos raríssimos, que geralmente ocorrem após exposição à primeira dose com vacina desta plataforma [adenovírus]
>
> **Anvisa** em nota

Brasil investiga oito casos suspeitos de hepatite misteriosa em crianças

SÃO PAULO O Brasil tem pelo menos oito casos suspeitos de hepatite de origem desconhecida sendo investigados.

Na manhã desta sexta-feira (6), o Ministério da Saúde havia divulgado quatro ocorrências no Rio de Janeiro e três no Paraná. No entanto, a Secretaria da Saúde paranaense informou que já descartou um dos casos e prossegue com a investigação de outros dois. Os pacientes são dois meninos de 8 e 12 anos.

À tarde, a Secretaria de Saúde do Rio de Janeiro divulgou uma nota confirmando haver seis casos suspeitos investigados no estado: três moradores do município do Rio de Janeiro (uma criança de 4 anos, uma de 8 anos e um bebê de 2 meses), um de Niterói (uma criança de 3 anos) e um de Araruama (uma criança de 2 anos). Um bebê de 8 meses, morador de Maricá, morreu e a investigação segue em andamento para determinar se ele foi vítima da hepatite desconhecida.

A hepatite está entre as doenças de notificação compulsória no território brasileiro, de maneira que os profissionais da saúde devem registrar todas as ocorrências e casos suspeitos.

"Estamos acompanhando a evolução da doença no mundo e monitorando junto às vigilâncias municipais os registros de casos suspeitos no estado. O alerta é justamente para que esses pacientes possam ser acompanhados e monitorados de forma correta", afirmou o secretário de Estado de Saúde do Rio de Janeiro, Alexandre Chieppe.

"É importante que os pais e responsáveis fiquem atentos aos sintomas das crianças. Se houver qualquer suspeito, elas devem ser imediatamente levadas a um serviço de saúde para que possam ser diagnosticadas e tratadas", ressaltou o secretário.

Até o dia 3 de maio, cerca de 230 casos da hepatite desconhecida já foram registrados em todo o mundo, segundo informações da OMS (Organização Mundial da Saúde). Crianças e adolescentes com 16 anos ou menos são os principais afetados.

A morte de ao menos quatro crianças é atribuída à doença — três delas ocorreram em abril, na Indonésia.

Segundo a OMS, apenas 10% dos casos confirmados evoluíram para a inflamação do fígado, provocando a necessidade do transplante do órgão. As crianças que precisaram passar pelo procedimento se recuperaram bem.

A hepatite é uma inflamação do fígado que pode ter diversas causas, desde infecções virais até consumo excessivo de álcool, alguns medicamentos e substâncias tóxicas. Os vírus conhecidos que causam a hepatite são A, B, C, D e E. E ainda há a hepatite autoimune, em que o próprio sistema imunológico do corpo ataca o fígado do paciente.

A hepatite súbita e grave em crianças saudáveis é considerada incomum. Tanto que ela não está relacionada a qualquer um dos tipos comumente causadores dessa doença.

Na quarta-feira (4), a Argentina confirmou o primeiro caso de hepatite de origem desconhecida na América Latina. Uma criança de oito anos foi diagnosticada com a hepatite na cidade de Rosário, a cerca de 300 km de Buenos Aires, segundo informações do Ministério da Saúde.

Os primeiros casos a serem informados à OMS foram registrados na Escócia, no Reino Unido. Foram notificados dez casos de crianças com idade inferior a dez anos no dia 5 de abril. Dois dias mais tarde, o número de casos no Reino Unido saltou para 74, chegando a 114 no dia 25 de abril.

Nos dias que se seguiram, novos casos de hepatite de origem desconhecida foram registrados na Dinamarca, na Irlanda, na Itália, na Holanda, na Espanha, na Noruega, na Romênia, na Bélgica, na França, em Israel e nos Estados Unidos.

Nos Estados Unidos, de acordo com o CDC (Centros de Controle e Prevenção de Doenças), foram registrados nove casos entre outubro de 2021 e fevereiro deste ano. Três deles desenvolveram insuficiência hepática e dois precisaram de transplante de fígado.

Depois do aparecimento dos primeiros casos nos Estados Unidos, as autoridades de saúde do país chegaram a relacionar a doença misteriosa ao adenovírus 41, um tipo de vírus comum de resfriados, que provoca problemas respiratórios, conjuntivite ou problemas digestivos em crianças. A maioria das pessoas é infectada antes dos cinco anos de idade.

No entanto, essa hipótese foi descartada logo que as investigações demonstraram que nem todas as crianças doentes tinham sido infectadas pelo vírus. Segundo a OMS, de 169 casos incluídos em um relatório recente, pelo menos 74 tiveram infecção por adenovírus, sendo apenas 18 pelo adenovírus 41.

Outra suspeita que foi descartada, pelo menos como causa principal da hepatite, é a Covid-19. O relatório da OMS apontou que apenas 20 dos 169 pacientes identificados tiveram coronavírus. Nem mesmo a vacina contra a Covid-19 pode ser considerada como causa, uma vez que a maior parte das crianças com a hepatite não chegou a receber o imunizante.

Sintomas

A Agência de Segurança de Saúde do Reino Unido listou os sintomas observados nas crianças com a doença

- Febre
- Icterícia (pele amarelada)
- Convulsões
- Perda de consciência
- Urina escura ou fezes claras
- Dores nas articulações e dores musculares
- Náuseas, vômitos ou dor abdominal
- Perda de apetite
- Prurido (coceira em diferentes pontos da pele sem razão aparente)

> Estamos acompanhando a evolução da doença no mundo e monitorando junto às vigilâncias municipais os registros de casos suspeitos no estado
>
> **Alexandre Chieppe** secretário de Estado de Saúde do Rio de Janeiro

esporte

ESPORTE AO VIVO
15h30 **Liverpool x Tottenham** Inglês, ESPN
16h30 **Atlético-MG x América-MG** Série A, PREMIERE
21h30 **Warriors x Grizzlies** Playoffs NBA, ESPN 2

CARLOS ALCARAZ, 19, É O TENISTA MAIS JOVEM A VENCER NADAL NO SAIBRO
O espanhol eliminou seu ídolo e compatriota, dominante nesse tipo de quadra, ao derrotá-lo por 2 sets a 1 (6/2, 1/6 e 6/3) nas quartas do Masters 1.000 de Madri; na semifinal, Alcaraz vai enfrentar o número um do mundo, Novak Djokovic *Juan Medina/Reuters*

'Brazilian Storm' é feita de abraços e rivalidade ferrenha

Série mostra carinho entre surfistas do país, mas também momentos de tensão

Marcos Guedes

SÃO PAULO "Nós estamos em um esporte em que pensam: ah, somos hippies", diz a surfista australiana Tyler Wright no primeiro episódio da série "Make or Break: na Crista da Onda". "Não somos. Nós somos uns filhos da puta competitivos."

Isso se aplica também aos membros da chamada "Brazilian Storm", a tempestade brasileira que tomou conta da Liga Mundial de Surfe (WSL). Há camaradagem entre os atletas do país que vem dominando o circuito masculino, mas há também um senso de competição que nem sempre fica transparente nos abraços trocados nas praias pelo planeta.

Produzida por James Gay-Rees (vencedor do Oscar e do Bafta), Paul Martin, Erik Logan e Ryan Holcomb, a obra documental da Apple TV+ procura exibir essa rixa com mais clareza. Em vários momentos dos sete episódios da série —que estreou na semana passada e resume a temporada 2021—, aparece, entre risos e palavras de incentivo, a ferocidade na luta pelo título.

"Se eu não conseguir bater o Gabriel e o Italo, isso pode me destruir", admite o geralmente boa-praça Filipe Toledo. "Todos adoramos competir. Então, ainda que sejamos amigos próximos, precisamos ter essa rivalidade um com o outro. É um esporte egoísta."

"Tenho um grande relacionamento com ele. É um grande garoto", afirma Gabriel Medina. Esse grande relacionamento não o faz nem sequer olhar a apresentação que rende a Toledo o título da etapa de Lemoore, nos Estados Unidos, em piscina de ondas artificiais. Vice, Medina não faz questão de participar da festa do vencedor.

Com o explosivo Italo Ferreira, a disputa fica mais evidente. Campeão do Mundial de 2019 com um triunfo decisivo sobre Gabriel, o potiguar é questionado se o adversário sentiu a hora da decisão. "Não sei. Só sei que era minha vez."

"Ele é um cara legal", diz Italo, em entrevista para um podcast diante de entusiasmada plateia. "Ele é um competidor, sabe? Às vezes, ele é diferente", afirma, antes de fazer uma pausa jocosa e cair no riso junto com os espectadores.

Um dos episódios de "Make or Break" dá especial atenção a essa rivalidade, retratando os campeões como donos de personalidades antagônicas. Medina, introvertido, está sempre aos beijos com a esposa Yasmin Brunet —de quem se separou em 2022. Ferreira, expansivo, é pintado como mulherengo.

"Não pode falar de mulher porque o microfone está ligado", alerta um amigo. "Posso, que eu não devo nada a ninguém", diverte-se Italo, que em outro momento aparece curtindo foto atrás de foto no Instagram. "É só mulher passando na minha timeline", gargalha.

Produzida em parceria com a WSL, a série fica restrita à Liga Mundial e ignora parte importante da rixa, a briga pelo ouro nos Jogos Olímpicos de Tóquio. Medina foi derrotado nas semifinais, em bateria na qual questionou bastante o triunfo de Kanoa Igarashi. Na final, o japonês perdeu para Ferreira, primeiro campeão olímpico da história do surfe.

Já na liga, a disputa foi quase exclusivamente brasileira. Na etapa decisiva, em San Clemente, nos Estados Unidos, o terceiro do ranking, Filipe Toledo, bateu o segundo, Italo Ferreira. Assim, ganhou o direito de decidir o título com o líder, Gabriel Medina, que teve apresentação excelente e se tornou tricampeão mundial.

O episódio derradeiro, "The Finals", retrata a alegria do paulista de Maresias (e a tristeza da gaúcha Tatiana Weston-Webb, vice-campeã) ao fim de um ano de dificuldades, com brigas familiares. A batalha para lidar com questões mentais aparece também em um episódio dedicado a Toledo, que fala abertamente sobre a depressão superada com a ajuda de sua família.

É perto dos pais, dos filhos e da mulher que Filipe se classifica à final, nas ondas de Lower Trestles. Derrotado por um inspirado Medina, sorri e diz que fez o que pôde, sem o amargor de derrotas anteriores nas quais falhou. O amigo e rival nele cola seu rosto e diz: "Sua hora vai chegar, e eu vou estar lá para te abraçar".

> Se eu não conseguir bater o Gabriel [Medina] e o Italo [Ferreira], isso pode me destruir. Ainda que sejamos amigos próximos, precisamos ter essa rivalidade um com o outro. É um esporte egoísta
>
> **Filipe Toledo**
> número 3 do ranking da WSL

Atlético de Madrid se recusa a aplaudir Real e questiona tradição

Bruno Rodrigues

MADRI Não é comum que clubes rivais parabenizem uns aos outros quando algum deles conquista um título. No máximo uma publicação no Twitter, protocolar, como fez o Barcelona no último fim de semana ao parabenizar o Real Madrid pela consagração no Campeonato Espanhol.

Contudo, no futebol da Espanha, existe a tradição do "pasillo", um corredor formado por jogadores de uma equipe que recebem o seu adversário com aplausos depois de que este ganha alguma taça importante.

Neste domingo (9), no estádio Wanda Metropolitano, os jogadores do Atlético de Madrid não formarão corredor nenhum. Aplausos, somente para os próprios torcedores.

Fazer ou não o "pasillo" foi algo bastante discutido na imprensa da Espanha nos últimos dias. O Atlético, de maneira oficial, informou que não realizará nenhum tipo de ato que aluda ao título do rival. Trata como uma humilhação.

O último ato desse tipo que teve maior repercussão aconteceu na temporada 2007/08, quando o Barcelona visitou o Real no Santiago Bernabéu.

Campeões espanhóis, os madridistas foram recebidos com aplausos pelos jogadores do time catalão. Na época, o Barcelona era treinado por Frank Rijkaard. Alguns atletas como Sergio Ramos e Xavi, rivais no clássico e companheiros de seleção, cumprimentaram-se durante o ato.

No campo, o Real Madrid venceu por 4 a 1. Foi o terceiro e último "pasillo" realizado em um Real x Barcelona.

A tradição remonta à década de 1970 e foi quebrada recentemente. Cicatrizes daquela que foi talvez a década mais tensa da rivalidade entre os dois maiores clubes do país.

Em dezembro de 2017, logo após os madridistas terem conquistado o Mundial de Clubes, o Barça não realizou o gesto de reconhecimento ao título. Na sequência, em maio de 2018, foi a vez de o Real descartar o "pasillo" como uma mostra de respeito aos catalães, recém-campeões de LaLiga, como é chamado o Espanhol.

"São passados valores para as novas gerações, e isso está se perdendo. É importante que esse tipo de coisa seja visto por meio das grandes plataformas que são hoje os grandes clubes. Fazer o 'pasillo' engrandece, porque, se você fizer, no dia em que chegar a sua vez, farão também", diz Luis García, atacante revelado pelo Barcelona e com passagens pelo Atlético.

Neste domingo, ainda que para o Real Madrid o duelo valha pouco, para o Atlético os três pontos são importantes.

A equipe, quarta colocada com 61 pontos (três a mais que o Betis), quer se manter nos postos de classificação para a próxima Champions. E quer também evitar, claro, que seu rival festeje mais um triunfo em uma semana especial, ainda mais dentro de sua própria casa. O título espanhol conquistado no último fim de semana e a épica classificação à final europeia já foram golpes suficientes.

O jornalista viajou a convite de LaLiga

Consórcio com dono do LA Dodgers vence oferta para assumir Chelsea

REUTERS Um consórcio liderado por Todd Boehly, coproprietário do time de beisebol Los Angeles Dodgers, apoiado pela Clearlake Capital, venceu a licitação para adquirir o Chelsea, em um acordo no valor de 4 bilhões de libras (R$ 21,5 bilhões), informou o jornal britânico Telegraph nesta sexta (6).

A proposta já foi enviada ao governo britânico e à Premier League para aprovação. A expectativa é de que a aquisição seja concluída até o final deste mês.

O proprietário russo Roman Abramovich, agora sujeito a sanções do governo britânico, colocou o clube londrino à venda no início de março, após a invasão da Ucrânia conduzida por Vladimir Putin.

Abramovich abriu caminho para a aquisição na quinta-feira (5), depois de descartar relatos de que queria que um empréstimo concedido ao clube, supostamente no valor de 1,5 bilhão de libras (R$ 9,4 bilhões), fosse reembolsado.

O grupo Boehly, que também inclui o bilionário suíço Hansjörg Wyss e o investidor imobiliário britânico Jonathan Goldstein, estava em negociações exclusivas para comprar o clube depois que uma oferta tardia do bilionário britânico Jim Ratcliffe foi rejeitada.

'La Mano de Dios' ainda fascina

Camisa de R$ 45 milhões mostra que lance polêmico está vivo na memória

Marina Izidro

Jornalista e vive em Londres. Cobriu seis Olimpíadas, Copa e Champions. Mestre e professora de jornalismo esportivo na St Mary's University College

Em uma das ruas mais chiques de Londres, cercada de boutiques de alta-costura, fica a Sotheby's. Chego ao prédio imponente, sede da casa de leilões há mais de cem anos. Passo pela escultura de uma deusa egípcia de 1320 a.C. acima da porta de entrada e sou recepcionada por um educado segurança de terno. "Gostaria de ver a camisa da mão de Deus, por favor", eu digo.

Sorrindo, ele me acompanha e aponta para uma sala à direita no fim do corredor principal. Na entrada, está a placa: "Argentina 2 x 1 Inglaterra, 22 de junho de 1986, Estádio Azteca". No restaurante em frente, senhoras inglesas tomam um tradicional chá da tarde bem perto da peça usada por um dos jogadores mais rebeldes da história do futebol. Exemplo de como a pluralidade convive em harmonia na capital inglesa.

O ambiente é cuidadosamente preparado. As paredes estão decoradas com fotos de lances de Diego Maradona, e, no centro, em destaque e protegido por um vidro, está um símbolo que transcende o esporte: a camisa 10 usada pela argentina contra a Inglaterra nas quartas de final da Copa do Mundo do México. A iluminação especial dá um ar imponente, como se estivéssemos prestes a ver um espetáculo, e acentua o azul vivo do uniforme. Só que não há clima de estádio, pelo contrário: assim como em um museu, é um local para observar e apreciar.

A Sotheby's é aberta ao público, e quem tem curiosidade pode ver de perto itens que vão a leilão. Já ser o dono deles é para pouquíssimos. Até porque não é qualquer camisa: avaliada entre 4 milhões de libras e 6 milhões de libras, ela foi usada por Maradona em um dos gols mais polêmicos de todos os tempos: "La Mano de Dios" para os argentinos, "A Mão de Deus" em português, "The Hand of God" para os ingleses.

A história escrita em uma das paredes da sala diz que assim que marcou, com a ajuda da mão, Maradona chamou os companheiros e pediu que o abraçassem ou o árbitro não validaria o gol. Ainda fez mais um, o chamado "gol do século", considerado o mais bonito da história das Copas em uma eleição da Fifa.

A Argentina venceu, eliminou a Inglaterra e foi campeã daquele Mundial. Depois da partida, Steve Hodge, então meio-campo da seleção inglesa, pediu para trocar camisas com Maradona e ficou com a relíquia, que estava em exibição no Museu Nacional do Futebol, em Manchester.

Existe ainda um contexto histórico além do esportivo: o jogo foi quatro anos depois da Guerra das Malvinas, em 1982, quando a Argentina tentou tomar o controle das ilhas que estavam sob domínio britânico e foi derrotada. Aquela vitória teria sido uma espécie de vingança simbólica, segundo Maradona.

O leilão começou no dia 20 de abril e terminou na última quarta-feira (4). Nos últimos minutos, dava para ver os lances aumentando, e, quando o cronômetro zerou, o final e vencedor foi maior do que o esperado: 7.142.500 de libras, ou quase R$ 45 milhões, recorde para um artigo esportivo em leilão. Dios mío. O nome do novo dono não foi divulgado.

O lance irregular foi muitas décadas antes do VAR, e não há dinheiro no mundo que possibilite reverter a decisão do árbitro, o que poderia ter mudado a história da partida. Aquele dia está vivo na memória dos ingleses, que chamam o gol de "infame". Mas o segurança da casa de leilões, fã de futebol, não se incomoda mais. Acredita que a culpa foi do juiz, não do argentino. "Queria que Maradona tivesse jogado por mais alguns anos. O gol foi incrível. Eu o perdoo."

COZINHA BRUTA | Marcos Nogueira
folha.com/cozinhabruta

Vai ter camarão do Coco Bambu na festa do golpe de Bolsonaro

Plantada em frente a um restaurante Coco Bambu em Brasília, a médica cearense Mayra Pinheiro gravou um vídeo em apoio ao dono da rede, acusado por Ciro Gomes de sonegar impostos. Ao lado de Mayra, estava o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP). No final do vídeo, a dupla grita em uníssono: "Somos todos Coco Bambu!"

Sei lá se as acusações de Ciro têm substância, mas sei de uma coisa. Quando a Capitã Cloroquina e Dudu Bananinha se posicionam a favor de alguma coisa, o bom-senso manda tomar a posição oposta.

Mayra diz que o Coco Bambu é "motivo de orgulho nacional" porque "leva alimentação de qualidade para milhões de brasileiros". Em que planeta vive essa pessoa?

A qualidade da comida é, no mínimo, discutível. O Coco Bambu é célebre por esmagar a delicadeza dos frutos do mar com toneladas de molho branco, requeijão, muçarela e parmesão.

Quanto a levar tal comida para "milhões de brasileiros", trata-se de uma declaração dodivanas —para usar o vocabulário da Capitã Cloroquina. Um prato individual de camarões não sai por menos de R$ 138 no Coco Bambu do Lago Sul, onde o vídeo foi gravado.

Deveria intrigar a prontidão com que Mayra e Dudu correram ao Lago Sul para defender a honra de um restaurante. Mas não intriga. Afrânio Barreira, dono da rede Coco Bambu —cearense assim como a médica e Ciro Gomes— é apoiador de primeira hora de Jair Bolsonaro.

Continua cerrando fileiras com o presidente, apesar do golpe anunciado e iminente pronto para marchar quando vier a derrota eleitoral. Ou seria por causa do golpe?

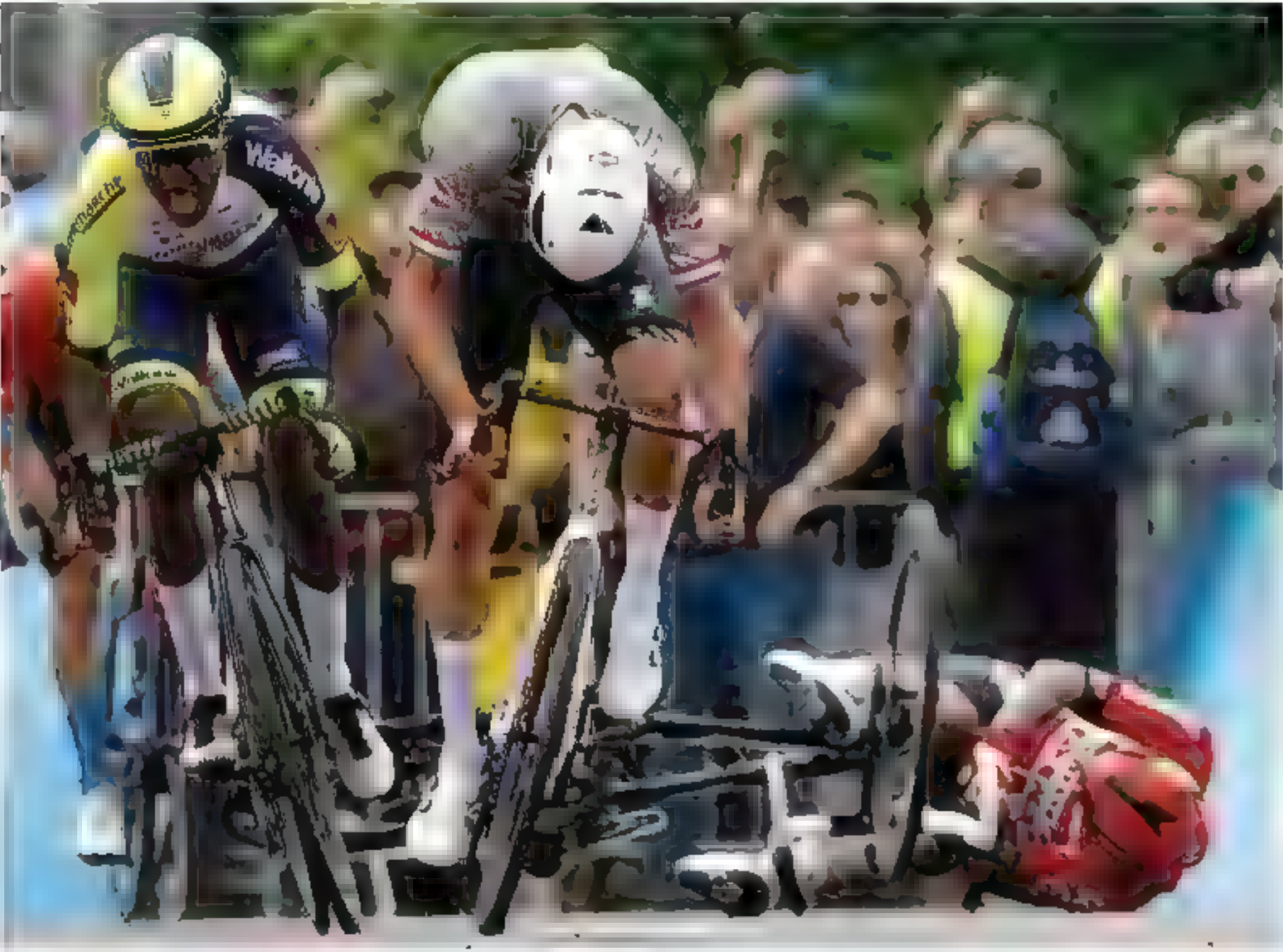
Barreira integra uma casta de empresários que insiste em comemorar uma realidade paralela de progresso, ordem, Deus, família, pátria e o escambau a quatro na terra devastada por Bolsonaro. Essa gente finge que não há inflação descontrolada, corrupção bananeira, miséria, fome e a implosão deliberada dos traços de civilidade que, mal e mal, ainda nos mantêm como nação.

No ramo da alimentação Barreira faz dupla com Júnior Durski, o czar dos hambúrgueres ressecados do Madero. Ambos se vestem de Zé Carioca e vão festejar, com o camaradinha Luciano Hang, o fascismo caricato (perdão pela redundância) que viceja no Brasil calcinado.

Como disse Ruy Castro na coluna de quarta-feira (4), essa elite muito peculiar parece estar contente com toda a destruição perpetrada por Bolsonaro. O que será que alguém ganha com isso?

Num mundo sensato, os donos do dinheiro fugiriam correndo do caos que, em última análise, também afugenta o dinheiro. Mas eles flertam com o apocalipse. Estão mesmerizados pela fera aniquiladora que, presumem, logo terá poder pleno para passar a plaina por cima de tudo.

Eles já puseram champanhe no gelo para brindar com o tirano. Devem ter algo a ganhar com o fim do Brasil.

Na festa do golpe de Bolsonaro, se golpe houver, vai ter hambúrguer do Madero. Vai ter camarão do Coco Bambu. E talvez, até lá, Bolsonaro já tenha aprendido a mastigar o camarão.

CICLISTA AUSTRALIANO CAI NA PRIMEIRA ETAPA DO GIRO D'ITALIA; HOLANDÊS MATHIEU VAN DER POEL LEVA A VITÓRIA
Percurso integra três Grandes Voltas com o Tour de France e dura três semanas, primeira parte teve 195 km, de Budapeste a Videgrád, na Hungria Luca Bettini/AFP

ACERVO FOLHA
Há 50 anos
7.mai.1972

Vasco vai contar com a estreia de Tostão no jogo contra o Flamengo

O atacante Tostão vai estrear pelo Vasco no clássico contra o Flamengo, no estádio do Maracanã, neste domingo (7).

A movimentação das duas torcidas em torno do jogo indica que o clube cruz-maltino já deve começar a recuperar o investimento de Cr$ 3,5 milhões (o que equivaleria a hoje a cerca de R$ 25 milhões) na compra do passe do atleta, que tornou-se ídolo do Cruzeiro e foi campeão da Copa do Mundo de 1970 com a seleção brasileira.

Os clubes cariocas estão iniciando uma nova fase com a importação de grandes jogadores, como o atacante argentino Luis Artime (que do Nacional-URU foi ao Fluminense).

FOLHA DE S.PAULO

LEIA MAIS EM
acervo.folha.com.br

Canoa centenária deixa fundo do rio São Francisco em Alagoas

Josué Seixas

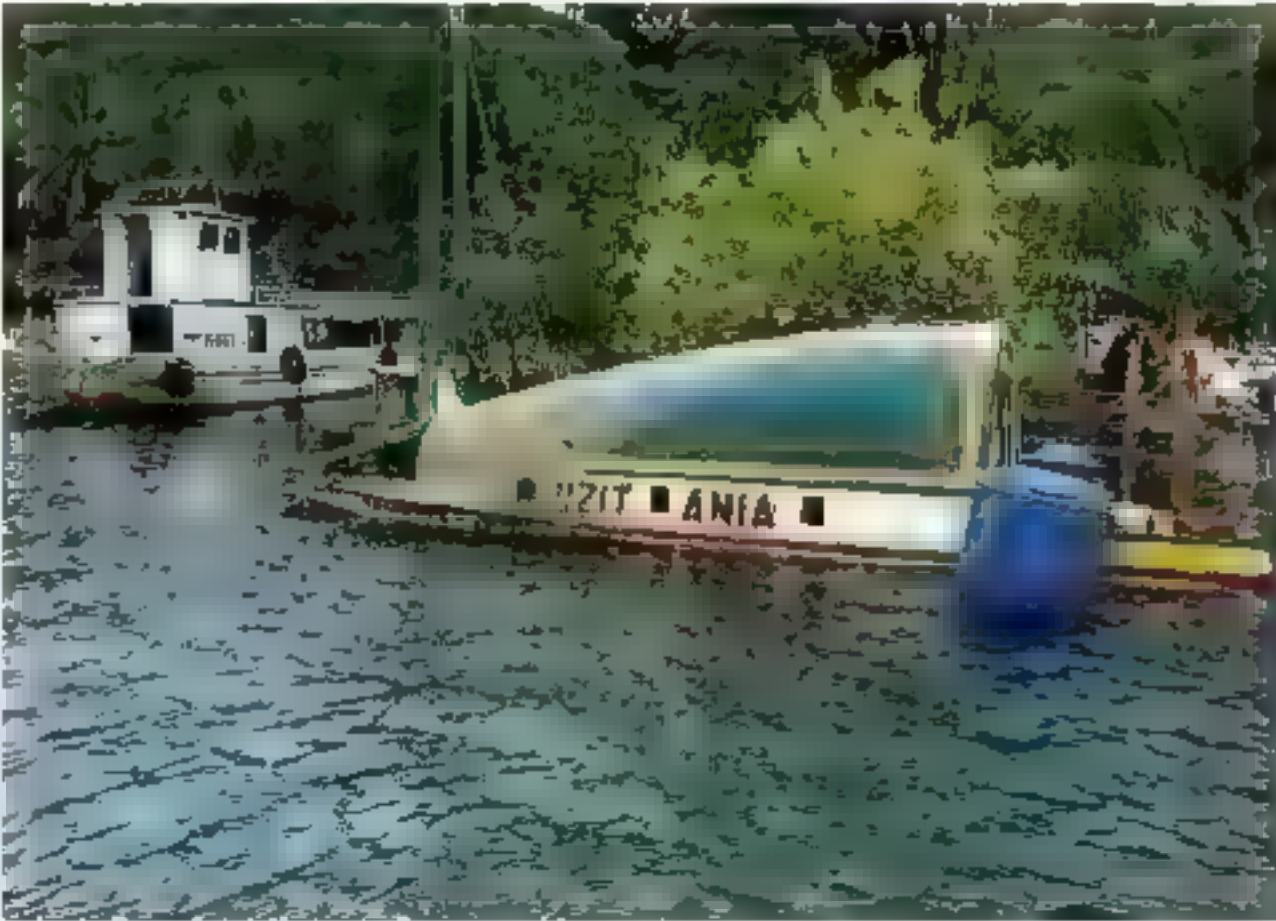
MACEIÓ Do fundo do rio São Francisco, em Alagoas, marinheiros e pesquisadores resgataram um pedaço da história do Brasil do início do século 20.

A canoa de tolda Luzitânia, que data dos anos 1920, foi retirada do fundo do rio para passar por processo de restauro. Quando recuperada pode ser o indicativo da última embarcação desse tipo apta a navegar no país.

O processo de remoção da canoa centenária do fundo do rio, ocorrido em março, enfrenta agora uma discussão jurídica, entre o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e a ONG Canoa de Tolda. Por causa do impasse, a restauração da Luzitânia está sem previsão.

Embarcação com capacidade de 200 sacos (cada saco equivale a 60 kg), a Luzitânia foi tombada pelo Iphan em 2010, em um processo que durou cerca de dez anos. Ela foi registrada na Agência Fluvial da Capitania dos Portos de Alagoas, em Penedo, somente na década de 1970, mas os registros orais remontam os anos 1920.

Ela foi comprada pela ONG Canoa de Tolda em 1999, com o objetivo de restaurá-la para que voltasse a ser utilizada para estudos e historicidade na região do São Francisco.

De acordo com o relato da época, estava quase totalmente desmantelada, mas com condições de navegar, e foram feitos esforços para restaurá-la.

Em decorrência do aumento das vazões da Usina Hidrelétrica de Xingó, a canoa de tolda ficou submersa na divisa entre Sergipe (município de Brejo Grande) e Alagoas (município de Pão de Açúcar), no dia 24 de janeiro deste ano. Antes, ela estava fora da água por falta de recursos para sua manutenção.

Ex-diretor do Depam (Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização), do Iphan, Dalmo Vieira participou do processo de tombamento da Luzitânia e hoje é uma das pessoas que luta para que ela seja restaurada e volte a navegar, já que é a última com essa capacidade.

"A Luzitânia é parte do patrimônio cultural e precisa ser reconhecida como tal. Acredito que ela seja a última com capacidade de navegar, porque temos outras duas, menores do que ela, em museus", diz Vieira.

Para o ex-diretor, a peça tem muita qualidade e representatividade na história local e do país. "Caso não seja restaurada, considero que teremos extinguido um objeto de suma importância para a história do Brasil. A Luzitânia é uma embaixadora e temos que pensar nela para além do restauro. Ela deve ser reinserida na dinâmica do rio São Francisco."

A ONG de mesmo nome solicitou, via ação judicial, que o Iphan se tornasse obrigado a transladar a embarcação a um lugar seguro.

Após sucessivas medidas na Justiça, a Luzitânia foi retirada do mar no dia 16 de março. Ela está em uma marina no município de Traipu, de acordo com relatório do Iphan.

"O problema é que já são semanas que nós não temos notícias das condições em que a canoa está armazenada", diz o presidente da ONG, Carlos Eduardo.

A reestruturação da embarcação não está garantida em juízo. Na petição inicial, a ONG argumentou que havia solicitado ajuda ao Iphan em setembro, quando se sabia do aumento da vazão do Xingó.

O órgão, porém, diz que caberia à ONG, proprietária e protetora primária do bem, ter garantido o translado da embarcação em segurança.

O Iphan informou que a Chesf (Companhia Hidrelétrica do São Francisco) também deveria ter tido parte nas ações de resgate, mas que sua total falta de resposta "expunha sua completa indiferença ao fato ocorrido e que afetou negativamente o patrimônio histórico, apesar de sua singular relevância". Ao órgão, conforme preconizou a Justiça, cabe armazenar a Luzitânia em segurança por três meses.

De acordo com os advogados que representam a ONG, será feita uma nova ação para que o Iphan explique as condições em que está a canoa, sua localização exata e fotos que comprovem as informações.

O órgão enviou três fotos à reportagem, com créditos para a marina em que a embarcação está armazenada.

De acordo com o Iphan, foram procuradas diversas marinas em Alagoas e a escolha se deu pela JM Marina, em Traipu, em Alagoas, porque ela tinha condições de abrigar uma canoa com essa dimensão (15,3 metros). Acrescenta, ainda, que a empresa está regularizada e tem toda a documentação comprobatória para a guarda.

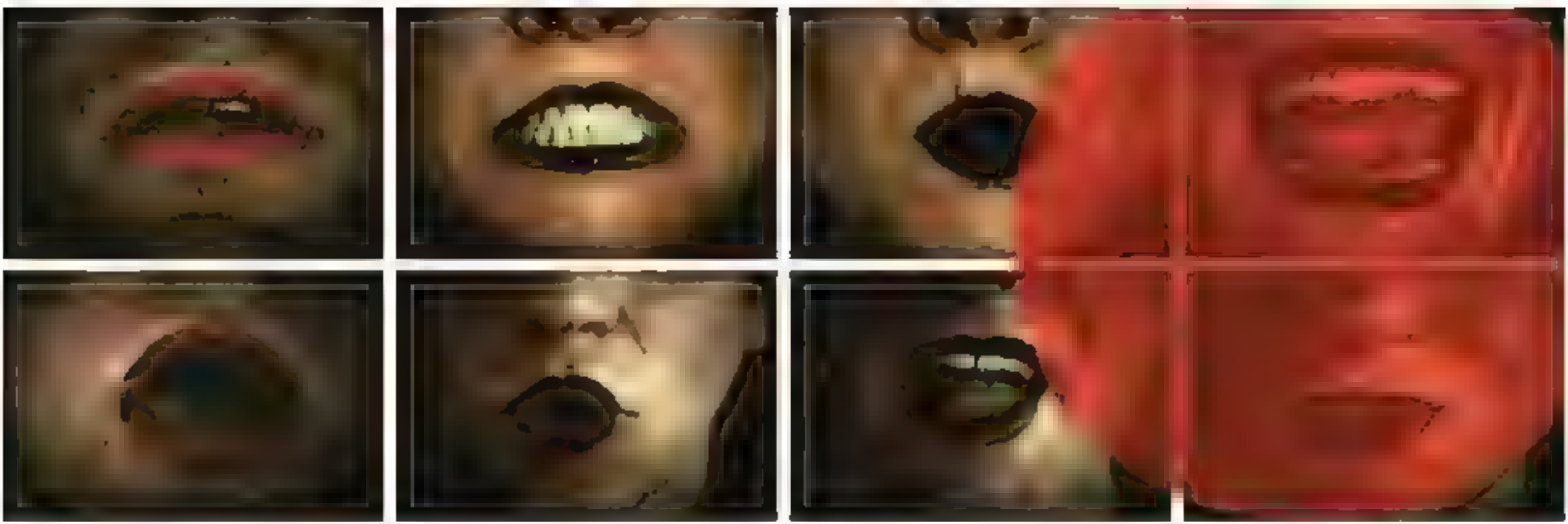
Ainda segundo o Iphan, a Luzitânia está em local seguro e que o órgão está em fase de aprovação de recursos para o restauro.

"A responsabilidade por sua conservação, uso e gestão continua sendo do proprietário, que, nesse caso, é a Sociedade Socioambiental do Baixo São Francisco — Canoa de Tolda. Isso vale para qualquer bem tombado, seja de uso público ou privado."

Ainda segundo o Iphan, a judicialização do processo se deu por parte do proprietário, e que o órgão está realizando todos os trâmites determinados pelo poder judiciário.

Canoa do período colonial resgatada do fundo do rio São Francisco Iphan-AL/Marinha do Brasil

Espelho do real

FOLHA DE S.PAULO ★★★
SÁBADO, 7 DE MAIO DE 2022 C1

Anna Maria Maiolino, artista que fugiu da Segunda Guerra, tem mostra com 300 de suas obras que refletem espiral de violência e autoritarismo

'In-Out (Antropofagia)' obra de Anna Maria Maiolino, que tem retrospectiva no Instituto Tomie Ohtake Fotos Divulgação

Carolina Moraes

SÃO PAULO Era 1967 e muita gente no Brasil estava paranoica com as escutas telefônicas do regime militar. Anna Maria Maiolino era uma delas e decidiu, naquele mesmo ano, levar uma escultura de um grande ouvido estofado e pintado, que ela chamou de "Psiu" para uma mostra de resistência no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, a "Nova Objetividade Brasileira".

A onomatopeia era um lembrete daquela orelha que tudo escuta, mas não só. A depender do estado de espírito de quem ouve esse "psiu" ele pode ser um silenciamento, uma bronca, uma paquera ou um sussurro de quem precisa se comunicar pelas poucas brechas que então restavam.

Mesmo marcada pela tragicidade, a obra tem o aspecto jocoso das situações que são ambivalentes, diz Maiolino. A peça original se perdeu, mas sua ideia é retomada na grande retrospectiva da artista no Instituto Tomie Ohtake, que começa neste sábado com cerca de 300 de seus trabalhos.

O agora alongado "Psiiiiu..." do nome da mostra introduz a complexidade da trajetória dela — que se apresenta como mãe, amante, filha, escultora, pintora, leitora, cidadã — e também a vida imigrante de quem transita entre o italiano, o português e o espanhol com esse chamado que não está em língua nenhuma.

A mostra tem o mesmo porte de só outras duas feitas na instituição — a de Louise Bourgeois e de Yayoi Kusama — numa tentativa de apresentar a artista nascida na Itália e com uma obra extremamente brasileira para um público ainda mais amplo no mês em que ela faz 80 anos.

> “O homem não aprende. Estamos novamente na estaca zero do que é o humano, do que é o respeito pelo outro. É muita dor
>
> **Anna Maria Maiolino**
> artista plástica

Não à toa, Maiolino é apresentada na primeira sala com trabalhos que registram intimidades e deslocamentos. Nos "Mapas Mentais" se vê uma espécie de "jogo da vida" da artista, conta Paulo Miyada, que organiza a exposição.

Percorrer os quadrados do tabuleiro é acompanhar o nascimento dela na Itália em meio à guerra, a fome, a imigração para a América do Sul, o amor, o nascimento dos filhos, uma ida a Nova York, uma separação, a solidão.

"Durante muito tempo no Brasil tudo isso foi tratado, no caso da trajetória da Anna, como se fosse uma espécie de ruído, algo que seria recomendável que ela não expusesse" afirma Miyada.

Continua na pág. C2

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

BOTA NA PORTA

O senador Renan Calheiros (MDB-AL) acredita que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) pode ter se equivocado ao convidar as Forças Armadas para integrarem uma comissão de transparência das eleições.

ASSALTO A iniciativa foi do então presidente do TSE, Luís Roberto Barroso. "O presidente Jair Bolsonaro e setores militares do Ministério da Defesa acabaram assaltando e aparelhando a sua participação nessa comissão", diz Renan Calheiros. "Se aproveitaram da boa vontade do ministro Barroso e agora fazem mais de setenta questionamentos", segue ele.

PRECEDENTE "De boa-fé, o tribunal acabou sendo ingênuo e abriu um precedente para legitimar essas ações que vêm de fora. Bolsonaro e setores da Defesa se aproveitam disso", diz ainda o senador. Diante do comportamento dos militares indicados pelo Ministério da Defesa para a comissão, o senador diz ser forçoso reconhecer "a veracidade" da frase de Barroso: na semana passada, o ministro afirmou que as Forças Armadas "estão sendo orientadas para atacar o processo e tentar desacreditá-lo".

MURO ALTO A pesquisa Ipespe contratada pela XP Investimentos mostra que, ao contrário do que se imaginava com o pagamento do Auxílio Brasil, Jair Bolsonaro (PL) não tem conseguido capturar em massa os eleitores de menor renda que dizem votar em Lula (PT) para presidente.

SALTO O histórico da sondagem do Ipespe nesse segmento indica que o presidente deu um salto entre eleitores de baixa renda por herdar votos de Sergio Moro (União) —e, depois disso, estacionou. Lula conseguiu permanecer com a preferência da metade do grupo.

SALTO 2 No fim de março, Bolsonaro tinha 18% entre os eleitores que ganham até dois salários mínimos, contra 8% de Moro. Lula chegava a 54%. Na pesquisa seguinte, no começo de abril, já sem Moro, o presidente saltou sete pontos, para 25% —na movimentação mais significativa até agora nessa faixa do eleitorado. O petista oscilou para 52%.

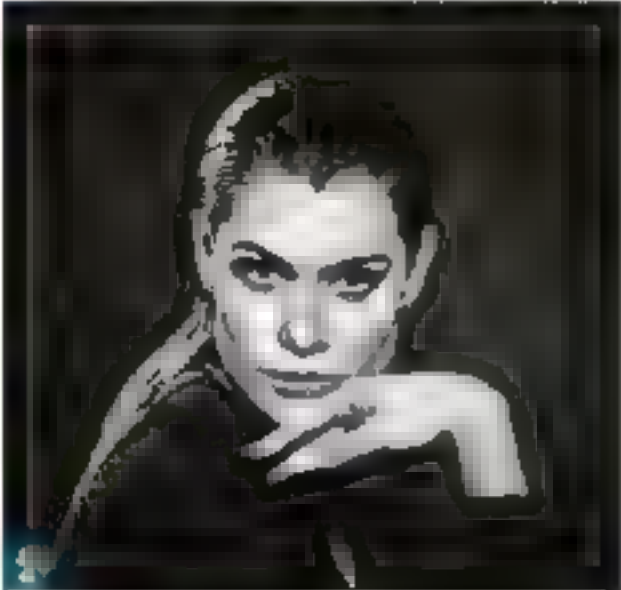
SALTO 3 A margem de erro em uma subamostra de pesquisa pode ser maior do que a da sondagem completa —mas a tendência de crescimento se mostrou evidente.

SALTO 4 "Bolsonaro cresceu não por efeito do Auxílio Brasil, mas pela saída de Moro", diz o cientista político Antonio Lavareda, do Ipespe.

NA MESMA No fim de abril, Bolsonaro permaneceu praticamente estável entre eleitores de baixa renda, oscilando um ponto —e cravando 26% da preferência. Lula oscilou para 50%.

NA MESMA 2 Já na primeira pesquisa de maio, divulgada na sexta (6), a curva estacionou e os dois permaneceram exatamente com os mesmos percentuais no grupo de baixa renda. Bolsonaro manteve os 26%, e Lula, os mesmos 50% da preferência alcançada na pesquisa anterior.

CLIQUE

Fotos Aden Costa/Divulgação

Gilberto Gil 1, Aimee Moraes 2 e Gisele Bündchen 3 são algumas das personalidades brasileiras fotografadas por Aden Costa para o livro "Cais" (editora ArteEnsaio), que será lançado em São Paulo na próxima quarta-feira (11), na Livraria da Travessa. As quase 300 páginas da obra ainda reúnem fotos em preto e branco de nomes como Ruth de Souza, Vera Fischer, Isis Valverde, Claudia Ohana, Gloria Maria e Hermeto Pascoal. Produzido entre 2018 e 2019 na região do Cais do Porto, no Rio de Janeiro, o volume teve seu lançamento adiado por causa da pandemia de Covid-19.

CONTRASTE Reconduzido ao cargo nesta semana, o Defensor Público-Geral de SP, Florisvaldo Fiorentino Junior, afirma que uma das grandes preocupações da Defensoria é promover um debate público saudável no que diz respeito a condutas que não são toleradas socialmente e fazer um contraponto ao discurso punitivista.

CONTEXTO "A Defensoria Pública sempre terá a preocupação de que o debate seja ampliado, e que os fatores e mazelas sociais sejam sempre objetos dessa discussão", diz.

DE NOVO Em 2021, segundo Fiorentino, a Defensoria de SP realizou mais de 2 milhões de atendimentos. O órgão conta com 789 defensores e está presente em 44 cidades do estado —um número baixo frente aos 645 municípios paulistas.

INTERCÂMBIO A Câmara Municipal de Coimbra, o Governo de São Paulo e a Fundação Roberto Marinho vão dar mais um passo para a criação do Polo Europeu do Museu da Língua Portuguesa. O secretário de Cultura, Sérgio Sá Leitão, e o secretário-geral da fundação, João Alegria, vão assinar neste sábado (7) um protocolo de intenções em uma cerimônia virtual com o presidente da Câmara de Coimbra, José Manuel Monteiro de Carvalho e Silva, de Portugal.

PRESENTE A médica reumatologista Eloisa Bonfá, diretora clínica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, em São Paulo, será homenageada no próximo dia 17, na abertura da 27ª edição da Feira Hospitalar. O evento vai ocorrer na capital paulista e reunirá empresas e profissionais do setor de saúde. Ela receberá o prêmio de personalidade do ano por seu trabalho no HC ao longo dos anos e no enfrentamento à Covid.

com Bianka Vieira, Karina Matias e Manoella Smith

Espelho do real

Continuação da pág. C1

Muitas vezes essas eram as mesmas pessoas que se deleitavam comentando, por exemplo, a série de amantes de Picasso, lembra o organizador. E tratavam o universo doméstico como algo menor, menos digno de retrato.

Não que Anna Maria Maiolino se afetasse muito por isso. "Se a pessoa faz uma crítica boa, tudo bem, mas eram imbecis", caçoa a artista. A postura irreverente também parece ser resultado de uma clareza do lugar do que é considerado menor. "Uma ideia escrita no papel pode ser uma grande coisa. Não achava que era necessário fazer algo grande, sempre achei que você poderia se expressar pelo pequeno."

A vida íntima transbordou para outros trabalhos que retomam uma espécie de árvore genealógica e até para a icônica "Por um Fio", em que essa linha da vida percorre mãe, avó e filha na fotografia. Existe uma certa dor dessa condição materna em "O Coração de Mãe", com o órgão representado de maneira tão agigantada que a mãe que se torna só uma silhueta.

Maiolino, que nasceu em Scalea, na Itália, passou a adolescência na Venezuela, se mudou para o Rio de Janeiro e ainda viveu alguns anos em Nova York e em Buenos Aires antes de se fixar de vez em São Paulo, também parece se recriar na escultura "Segmentada", com uma mesma matéria partida em diversos blocos daquele indivíduo que foi partido em mãe, amante, imigrante, artista e outras mais.

Ela já apontava para uma reflexão social e política de seu tempo nessa cartografia afetuosa. "Os anos 1970 foram uma década de censura e de repressão política, mas também de censura do afetivo", afirma Miyada. "E hoje a gente tem todo esse discurso, principalmente o feminista, nos avisando que o íntimo é político."

Continua na pág. C3

Regina Vater/Divulgação

1 Van Gogh
2 Monet
3 Frida Kahlo
4 Leonardo Da Vinci
5 Renoir
6 Munch
7 Michelangelo
8 Degas
9 Caravaggio
10 Tarsila do Amaral
11 Vermeer
12 Paul Klee
13 Cézanne
14 Klimt
15 Gauguin
16 Kandinsky
17 Rembrandt
18 Modigliani
19 Velázquez
20 Hokusai
21 Delacroix
22 Botticelli
[illegible] Auxiliadora
24 Georges-Pierre Seurat
25 Goya
26 Berthe Morisot
27 Manet
28 Caillebotte
29 Van Eyck
30 Turner

COMO COMPRAR

Site da coleção grandespintores.folha.com.br

Telefone (11) 3224-3090 (Grande São Paulo) e 0800 775 8080 (outras localidades)

Frete Grátis para SP, RJ, MG e PR (na compra da coleção completa)

Nas bancas A partir de 15 de maio por R$ 22,90 o volume. Coleção completa: R$ 687. Lote avulso (com seis volumes): R$ 137,40

Autorretrato de Vincent Van Gogh, pintado em 1887

The Courtauld/Reuters

'Por um Fio', obra de 1976, de Anna Maria Maiolino

Continuação da pág. C2

A artista também avança numa discussão macro dessa repressão. "Arroz e Feijão", instalação que vai ser remontada agora, foi feita durante a abertura do regime militar, quando o meio artístico estava fragilizado. Em mesas que rodeiam uma outra grande com pratos com brotos, ela servia arroz e feijão para os artistas.

A ironia de Anna Maria Maiolino também retorna em obras como "O Herói", o retrato de um esqueleto com um excesso de medalhas que apontam para uma certa falta de poder no exercício do poder. São temas que encontram ecos agora, e que reforçam a tese de Paulo Miyada, de que o trabalho dela é espiralar, tal qual a história.

"O homem não aprende. Estamos novamente na estaca zero do que é o humano, do que é o respeito pelo outro", afirma Maiolino. "Agora, temos a guerra na Ucrânia. Fico em pânico quando ligo a televisão. É muita dor."

Ela evoca, no entanto, a beleza no que é trágico. Quando a artista morou na Argentina no final dos 1980, ela teve contato com as Mães de Maio. Saía de uma das reuniões vomitando de tanta dor por essas perdas, mas esboçou um trabalho há 30 anos, "Las Locas – O Amor se Faz Revolucionário", que registra a força da movimentação das mulheres para encontrar seus filhos e é montado pela primeira vez.

As mães surgem desses blocos de argila em feições tão simples que ninguém pode ser identificada. É um gesto mínimo, quase primordial, que retrata essas vidas tão variadas. "O princípio e o fim sempre se encontram. Quando estou perdida sempre volto para o princípio. Achei que era uma maneira de me reconhecer e, ao mesmo tempo, ser diferente e ir adiante", conta ela.

Miyada lembra ainda uma conotação importante dessa instalação. "As Mães de Maio não foram importantes somente para exigir a abertura do regime militar. Elas são até hoje fundamentais para impedir qualquer esboço de uma tentativa de relativizar a violência de Estado."

O mal-estar do que é ceifado num regime autoritário, no entanto, permanece. Várias obras que estiveram numa exposição de Maiolino no Rio em 1978, chamada "Aos Poucos", indicam essa expressão do luto que é inacabada.

Em fotografias, sua língua é cortada por uma tesoura. Uma venda passeia pelo seu rosto e nunca sai totalmente.

O lembrete é ainda mais frustrante na mesa que ela monta com um jogo de paciência que nunca termina. Jogando, se percebe que algumas cartas saíram do baralho. E nunca será possível substituir qualquer uma delas.

Anna Maria Maiolino
Instituto Tomie Ohtake - av. Brig. Faria Lima, 201 (entrada pela r. Coropés, 88), São Paulo. De ter. a dom., das 11h às 20h. Até 27 de julho. Grátis

Coleção Folha Grandes Pintores reúne mestres da arte mundial

Livros propõem diálogo transversal, de Van Gogh e Monet até Maria Auxiliadora

Nina Rahe

SÃO PAULO Se nos últimos anos a narrativa da arte vem sendo problematizada para incorporar o que permaneceu à margem, o que tem levado historiadores a uma revisão teórica e metodológica, o tempo —em sua concepção linear e homogênea— não escapou a esse movimento.

Não à toa, a Coleção Folha Grandes Pintores, que estará nas bancas a partir de 15 de maio, reúne 30 nomes essenciais da história da pintura sem levar em conta qualquer cronologia.

Os volumes desta edição, cada um com 80 páginas e cerca de 50 obras, transitam de forma não linear entre pintores, estilos e movimentos. "Existe um diálogo que é transversal, com artistas da contemporaneidade que estão olhando para a Idade Média, por exemplo. A ideia foi colocar em contato o que está em uma ordem clássica, como o barroco, o Renascimento, com o grande dinamismo das vanguardas do século 20, momento em que a cronologia se rompe e se abrem outros caminhos temporais", afirma Maria Carolina Duprat Ruggeri, organizadora do projeto.

Essa opção editorial fica evidente já no primeiro volume, chamado "A Cor em Seu Auge", que apresenta a obra de Vincent van Gogh antes mesmo de abordar Claude Monet —que será discutido em "Uma Sensação de Luz". O artista francês, que pintou a tela "Impressão: Sol Nascente", de 1872, originou o termo impressionismo; ou Georges Seurat, pioneiro do pontilhismo, que influenciou Van Gogh —"O Mestre Pontilhista" é o 24º livro da coleção.

A paleta de cores das telas de Van Gogh precede ainda as edições sobre Leonardo Da Vinci —"A Manifestação de um Gênio"— e Michelangelo, "Mestre dos Mestres". Isso porque as associações propostas não se restringem a um tempo que se sucede de forma evolutiva, mas procuram uma apresentação circular, uma vez que as conexões estabelecidas entre os artistas (e as apropriações empregadas por eles) alteram como mensuramos o passado, o presente e o futuro.

Assim, ao apresentar Van Gogh como ponto de partida, o projeto lança um novo olhar não só sobre Paul Gauguin ("O Alquimista da Cor"), de quem o artista era próximo, como também sobre a dramaticidade de Caravaggio a partir do emprego de luzes e sombras.

A Coleção Folha Grandes Pintores promove um passeio repleto de idas e vindas por diferentes períodos sem deixar de cobrir a perspectiva de realistas, como Gustave Caillebotte, românticos como Turner, Goya e Delacroix, impressionistas, como Monet, Manet, Renoir e Degas, e pós-impressionistas, como Van Gogh, Cézanne, Gauguin e Seurat.

Os movimentos de vanguarda, tal qual o expressionismo, o simbolismo, o surrealismo e o abstracionismo aparecem nos títulos sobre Munch, Modigliani, Klimt, Kandinsky e Paul Klee.

As interpretações religiosas e profanas são abordadas por meio da trajetória dos renascentistas e maneiristas Da Vinci, Michelangelo, Botticelli e Van Eyck, assim como dos barrocos Rembrandt, Velázquez, Vermeer e Caravaggio.

Cada volume destaca a formação, o processo criativo e as diversas fases pelas quais cada pintor passou por meio de uma análise essencialmente estética. É só a partir da leitura visual que o contexto histórico e social em que cada artista está inserido pode ser destrinchado.

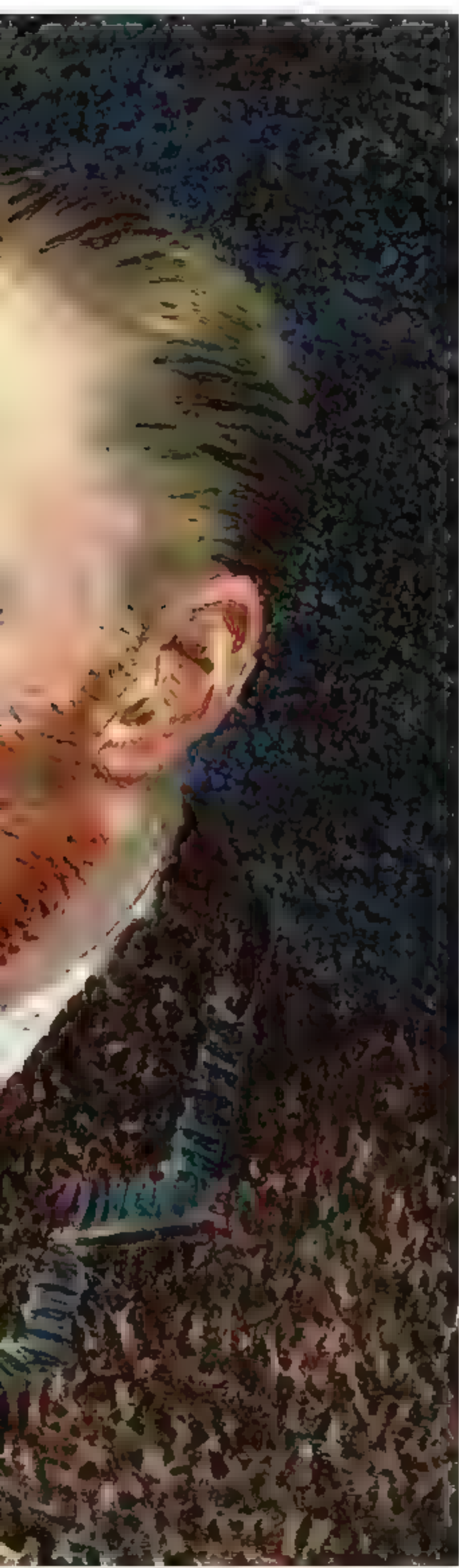
Na edição dedicada a Frida Kahlo, por exemplo, é a aproximação com os autorretratos que predominam em sua produção que permite a percepção sobre como a pintora os usa para criar uma alegoria de si mesma. O simbolismo que permeia sua produção, ainda, é inspirado em suas raízes ancestrais pré-hispânicas.

Esse modo de apresentar as obras serve também como uma revisão da premissa estabelecida no século 16 pelo pintor e escritor Giorgio Vasari, que via a arte como expressão do gênio individual —e, por isso, acreditava que ela deveria ser analisada a partir da biografia do artista.

Os tomos dessa coleção, por sua vez, operam de maneira inversa. "A abordagem da historiografia contemporânea considera a formação da arte a partir da própria arte. O ponto de partida é a leitura da imagem e essa é uma característica desta coleção. Ela enche os olhos", afirma Ruggeri.

Outro ponto importante é a inclusão das mulheres numa história que foi instituída em torno de uma produção em grande parte masculina. O volume "Ruptura e Modernidade", sobre Tarsila do Amaral, desse modo, se junta não só à edição dedicada a Frida Kahlo, mas a duas outras publicações.

São elas "Entre o Cotidiano e o Ritual", sobre a trajetória da mineira Maria Auxiliadora Silva —pintora autodidata, descendente de escravizados, que retratou uma série de temas afro-brasileiros— e "A Delicadeza da Intimidade", edição que revisita a obra da francesa Berthe Morisot, grande nome do impressionismo, embora menos conhecida que seus pares.

Com um novo lançamento todo domingo, a coleção completa sai no valor de R$ 687 e cada título pode ser adquirido por apenas R$ 22,90 —o primeiro volume vem acompanhado de três pôsteres com obras de Van Gogh.

Rock in Rio monta palco com dez andares de altura para os grandes shows do evento

Maior estrutura da história do festival será feita de aço reciclado e terá de Ivete Sangalo a Dua Lipa

Cleo Guimarães

RIO DE JANEIRO O Rock in Rio que começa em quatro meses terá o maior Palco Mundo de sua história, inaugurado há 37 anos, na edição de 1985. A gigantesca estrutura, com 104 metros de frente e 30 metros de altura —equivalente a um prédio de dez andares—, será construída com 200 toneladas de aço reciclado.

O anúncio foi feito nesta sexta-feira pelos CEOs do festival, Luis Justo, e da Gerdau, Gustavo Werneck. A empresa é a maior recicladora de sucata metálica da América Latina, e grande parte da matéria-prima para a construção desse latifúndio na Cidade do Rock sairá de usinas de Minas Gerais, Pernambuco e Rio de Janeiro.

A produção das chapas de aço que formarão a estrutura do Mundo já começou e o processo deve durar dois meses. "Aí, sim, vamos iniciar a montagem, o que deve demorar mais um mês", conta Justo.

Epicentro do evento, é neste palco que se apresentam os headliners e as principais atrações internacionais, como Iron Maiden, Justin Bieber, Coldplay, Camila Cabello, Dua Lipa e Ivete Sangalo.

O Rock in Rio, que segundo seu CEO, "nunca teve posicionamento político ao longo de seus 37 anos", desta vez acontecerá às vésperas das eleições presidenciais. Ele promete que o evento continuará isento. Não irá intervir, previamente ou no calor da hora, em manifestações, sejam elas de artistas ou do público.

"Nossa forma de fazer política é através do exemplo, da sustentabilidade", diz. "Não vamos impedir que, num ambiente democrático, as pessoas se posicionem, elas têm liberdade de se expressar", garante.

Vítima da fúria bolsonarista por ter puxado um coro contra o presidente em show na cidade de Natal, Ivete Sangalo também participou da tarde de apresentação do novo palco do Rock in Rio. Ela foi homenageada pela organização do festival por ser a atração mais frequente na história do festival, com 15 participações. "Tirei muita onda, né, minha gente?", disse a cantora, ao receber um troféu de Gustavo Werneck.

Roberto Medina já afirmou certa vez que o motivo que o leva a escalar Sangalo para praticamente todas as versões do Rock in Rio é, além do talento, sua capacidade de conversar com diferentes públicos e de se aproximar do pop.

Na entrevista coletiva desta tarde, ela "tirou onda" de novo. "O Medina tem uma paixãozinha por mim, não queria abrir publicamente para não virar fofoca, mas isso é evidente", brincou, dando uma piscada de olho para Roberta Medina, a filha do homem, sentada à sua frente.

Depois, a vice-presidente executiva do Rock in Rio foi chamada de "gata sinistra" pela cantora, que guardou o troféu numa sala, deu uma batelada de entrevistas para emissoras de TV e ainda fez um pocket show para convidados.

Paolla Oliveira diz que já caiu em 'ciladas' e celebra maturidade

Fernanda Pereira Neves

SÃO PAULO Sábado, dez da manhã. Enquanto muitos ainda dormiam no preguiçoso sábado pós-Carnaval, Paolla Oliveira já havia decorado 24 cenas da nova novela das sete, "Cara e Coragem", que estreia no fim do mês. O dia ainda teria gravações até as 21h, antes que ela começasse a se arrumar para a Sapucaí.

Era a preparação para a atriz fazer um repeteco do show da semana anterior, quando evoluiu na pista em uma lasciva fantasia de pombagira, abrindo os caminhos para a bateria nota dez da Grande Rio.

A escola se sagrou campeã do Grupo Especial carioca com uma vitória inédita, quebrando um jejum de 34 anos. "Foi histórico", diz, categórica, a atriz, que anda em fase esplendorosa tanto na carreira quanto na vida pessoal. Oliveira está prestes a protagonizar a trama que substituirá "Quando Mais Vida, Melhor!".

Vai acrescentar ao seu currículo mais uma personagem forte e independente, como a influenciadora Vivi Guedes, de "A Dona do Pedaço", de 2019, e a lutadora Jeiza, de "A Força do Querer", de 2017. Na nova trama, ela será Pat, uma mãe de família que sai toda manhã "para explodir carros, capotar, pular de prédios".

Na vida pessoal, o namoro cheio de demonstrações explícitas —e recíprocas— da paixão que vem vivendo com o sambista Diogo Nogueira já pôs os dois no seleto grupo de casais que dá gosto de ver. "Estou apaixonadíssima", anunciou ela no Carnaval, para quem ainda não tinha percebido.

Aos 40 anos, Oliveira se diz mais livre e orgulhosa de si mesma hoje do que décadas atrás. Na carreira, nas questões afetivas e diante das críticas. "A maturidade tem que trazer isso, nos deixa viver uma vida mais leve. É muito bom olhar para trás e ver que estou diferente, que me sinto melhor."

Eu estou é muito animada. A Pat, minha personagem, é dublê de uma atriz e eu tenho uma dublê. Então às vezes são três pessoas em cena com a mesma roupa. É divertido, além de ter uma temática de que gosto muito — ela é mãe de família, trabalha, rala para pagar as contas, tem que sair de manhã para explodir carros, capotar, pular de prédios. Tem muito a ver com o nosso personagem da vida real, isso me agrada, acho que cria uma conexão com o público. Eu sempre busco isso nos personagens.

Tem pessoas que ainda estão presas num formato antigo. Ontem, tinha uma pessoa mais velha que eu do meu lado e a gente falando sobre isso e ela disse 'não, vocês, mais jovens, estão liberadas em falar sobre corpo, eu na sua idade já me escondia'. Aquilo me deu um calor, eu falei 'ela tem razão, as coisas estão melhores'. As pressões existem, em relação à idade, ao corpo, a emagrecer, a ter filhos. Mas não me apego mais a elas, eu não sofro mais com elas. A maturidade tem que trazer isso, nos deixa viver uma vida mais leve.

Gosto de fazer tudo junto. Começo a ler um livro, assisto a séries, às vezes vejo em três etapas. Mas o Oscar foi a última coisa que consegui ver antes desse evento Carnaval. Vi todos os filmes, faltou apenas "Os Olhos de Tammy Faye". Acho que eles falam muito do que está acontecendo no mundo como arte.

Gostei muito de "A Filha Perdida", foi um filme que me tocou muito. Ele é incômodo e fala de uma coisa muito antiga, mas que não se fala na verdade, que é essa situação da maternidade, de como não se sentir culpada com algumas coisas que acontecem nesse período. Sou suspeita porque tem também 'Mães Paralelas', que é do Almodóvar, de quem sou fã. Mas 'No Ritmo do Coração' foi especialmente bom para mim. Ele é fácil, palatável, mas ao mesmo tempo, para quem tem um olhar, ele é muito sensível, fala sem dizer literalmente sobre aquela família se adaptando às barreiras da vida.

Acho que é o momento de a gente perder as restrições e se expor [politicamente], porque quem fica parado está consentindo e isso é uma dor muito grande. Cada um no seu grupo, cada um com a sua importância, a gente tem que falar. Ficar calado sempre foi um direito, mas agora é uma obrigação a gente sair desse lugar.

Já caí em todas as ciladas. De ficar triste com a internet, de se deprimir com um trabalho que não agradou, de me questionar "eu deveria fazer isso?", "será que eu estou passando do ponto?", "será que eu deveria casar?", "será que eu ri demais num lugar?". Caí em todas as ciladas, mas é tão bom olhar para trás e ver que estou diferente, que me sinto melhor e essas coisas não são mais importantes para mim.

Exponho o que não tem como esconder. O Diogo é uma pessoa pública também. Mas isso [essa exposição] também é resultado da liberdade que ganhei. Sempre me mostrei como uma mulher sociável, com compromissos, muito familiar, mas nunca me permiti mostrar que posso ser feliz como mulher, viver um relacionamento, trocar um carinho. Agora, me permito.

A atriz Paolla Oliveira
Fotos Divulgação

PAINEL DAS LETRAS | Walter Porto

walter.porto@grupofolha.com.br

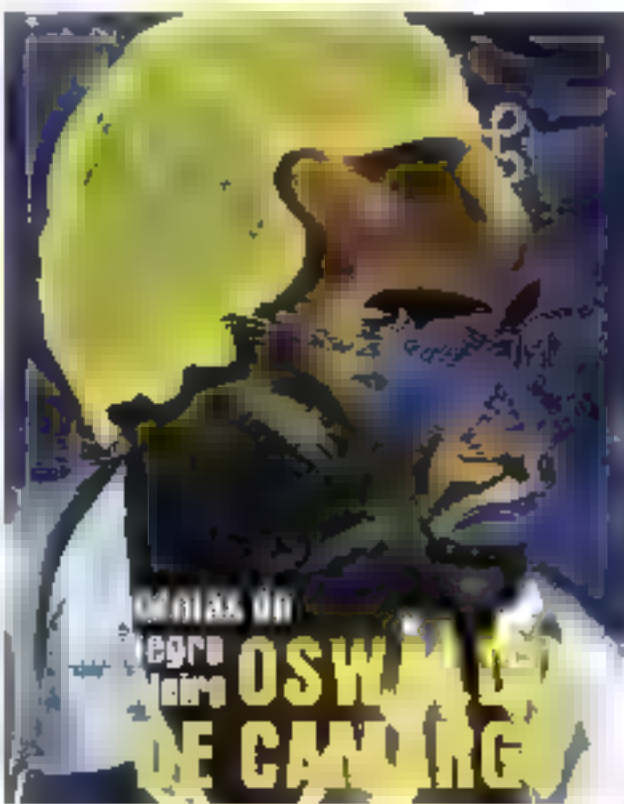
Geovani Martins publica primeiro romance este ano

O escritor carioca Geovani Martins, que estourou em 2018 com o livro de contos "O Sol na Cabeça", prepara para o segundo semestre deste ano o seu primeiro romance.

"Via Ápia", cujo título remete à principal via de acesso à favela da Rocinha, acompanha uma turma de jovens que tem sua vida abalada pela operação policial Choque de Paz, que avançou sobre a comunidade em novembro de 2011.

A estreia de Martins foi um acontecimento literário quatro anos atrás. Desconhecido e então com 26 anos, ele vendeu mais de 50 mil exemplares de seus contos num momento em que a ficção nacional não gozava da onda de popularidade recente que a acometeu nos anos após "Torto Arado".

E outro fenômeno literário também está prestes a dar o ar a graça de novo. No caso, é a britânica Bernardine Evaristo, vencedora do prêmio Booker com "Garota, Mulher, Outras" três anos atrás, que agora publica seu "Manifesto".

Recém-lançado internacionalmente, o livro é uma espécie de autobiografia que mistura o percurso da escritora até se tornar a primeira negra a ganhar o Booker com suas opiniões sobre o cenário político e cultural de seu tempo.

AVESSO DA PELE A capa de '30 Poemas de um Negro Brasileiro', antologia inédita de Oswaldo de Camargo, feita pelo artista O Bastardo

As duas obras estão entre as apostas do ano da Companhia das Letras, que já tinha sido responsável por publicar a estreia de ambos no país.

[illegible] Já a Ubu põe suas fichas, em junho, no livro de ensaios do professor de filosofia Rodrigo Nunes, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que tem se destacado como voz analítica original dos anos bolsonaristas. "Do Transe à Vertigem" reúne sete ensaios escritos pelo autor nos últimos três anos, buscando entender as condições que deram origem a esse movimento, os impasses que ele gera no tabuleiro político e o que precisa mudar na atuação de seus opositores.

SEXO A pesquisadora Eliane Robert Moraes lança sua "Seleta Erótica" de Mário de Andrade com um evento na biblioteca homônima ao modernista, em São Paulo, com músicas, performances e palestras a partir do próximo dia 21.

VIDEOTAPE Walter Isaacson, biógrafo de nomes como Leonardo da Vinci e Steve Jobs, prepara uma biografia de Elon Musk, o homem mais rico do mundo e, ao que tudo indica, futuro bambambã do Twitter. Em entrevista ao New York Times, Isaacson disse que biografar Musk é como tentar "tomar notas enquanto bebo água de uma mangueira". No Brasil, a Intrínseca publicou os últimos livros do autor.

Socorro! Tomate virou joia!

Combo para o Dia das Mães tem contrafilé, litro de gasolina e quilo de cenoura

José Simão

Jornalista, precursor do humor jornalístico

Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Frase do dia: "Justo agora que resolvi virar fitness, o legume tá mais caro que uma coxinha" Obrigado Paulo Guedes. Obriguedes. Rarará

Piadas Prontas: 1) "Homem envia foto de pênis para mulher trans e recebe outra de volta" Pinto bumerangue! Rarará. 2) "Deputado conservador dos Estados Unidos, anti-LGBTQIA+, tem vídeo vazado na na cama com outro homem" Eu já disse que todo pitbull é uma tiassie enrustida. E é conservador porque conserva o hábito de dormir com outro homem! Rarará! 3) "Funcionária pública roubou notebook para pagar programa com travesti" Responde por crime de peCUlato! Rarará.

E atenção. Amanhã é dia delas: Das Jocastas. Das "não vá esquecer a jaqueta". Combo para o Dia das Mães: contrafilé, um litro de gasolina e um quilo de cenoura.

Tomate não dá. Tomate agora é joia. Tem que comprar na H Stern! Na Tiffany.

E o Daniel Sajeira é um pitburro. Pitbull burro! Vai bancar o machão justo com o Moraes Boladão? Vai ficar sem grana pro anabolizante. Vai murchar! Vai desinflar! E acabar na cadeia! Fechado com o Bolsonaro. Rarará!

O bolso dele não é bombado! Rarará!

E o Bozo é a mãe do ano pros garimpeiros! Corre na internet um meme com a pergunta: "Cadê os yanomamis?" Pergunta pro Bolsonaro e pro Vovô Heleno que eles sabem!

E o Piauí Herald: "Estudo aponta que endurecimento do Exército com o TSE é efeito colateral do Viagra". A milicada além de brocha agora quer participar da contagem nas eleições, querem contar voto também! Imagine os generais contando voto: um pro Bolsonaro, dois pro capitão, mais três pro Bozo. Selva! Rarará!

Nóis sofre, mais nóis goza!

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes

tonygoes@uol.com.br

Estreia o último filme de Daniel Craig na pele do 007 na TV paga

007 – Sem Tempo para Morrer
Telecine Premium, 22h. 14 anos
Previsto para 2020 e adiado várias vezes por causa da pandemia, o quinto e último longa em que Daniel Craig encarna o icônico agente 007 finalmente estreia nos cinemas em setembro de 2021. É, de longe, o título mais sombrio da longeva franquia de ação. O clima soturno prevalece até mesmo na canção-título, interpretada por Billie Eilish —e que venceu o Oscar de sua categoria.

A Pracinha
SBT, 18h30. Livre
Comemorando os 35 anos de "A Praça É Nossa" na emissora, o SBT apresenta uma versão infantil do humorístico, com crianças interpretando personagens novos e antigos. Apresentação de Marcelo de Nóbrega, filho de Carlos Alberto, e direção de Daiila de Nóbrega, neta. Participação de Sophia Valverde, da novela "Poliana Moça".

Desafio da Renovação
HGTV, 21h10. Livre
Neste reality competitivo que chega à nona temporada, duas duplas de participantes recebem US$ 500 cada uma (cerca de R$ 2.500) para adquirir as melhores pechinchas em mercados de pulgas. Depois, o desafio é restaurar essas peças e revender tudo com o maior lucro possível.

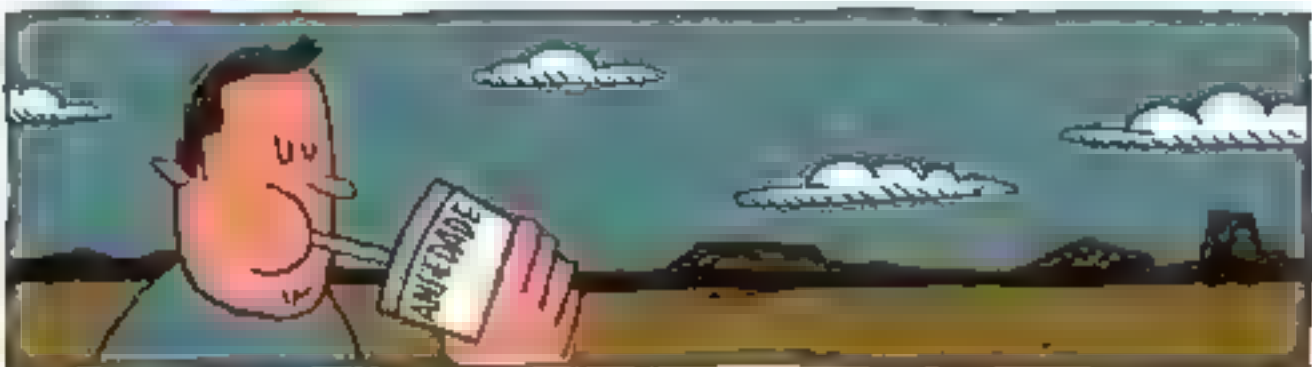
Jornadas Culinárias
CNN Brasil, 21h45. Livre
A jornalista Gloria Vanique apresenta este programa em que chefs renomados viajam em busca de novas experiências. No primeiro episódio, o italiano Massimo Bottura vai a Londres, e a francesa Dominique Crenn visita San Sebastián, na Espanha.

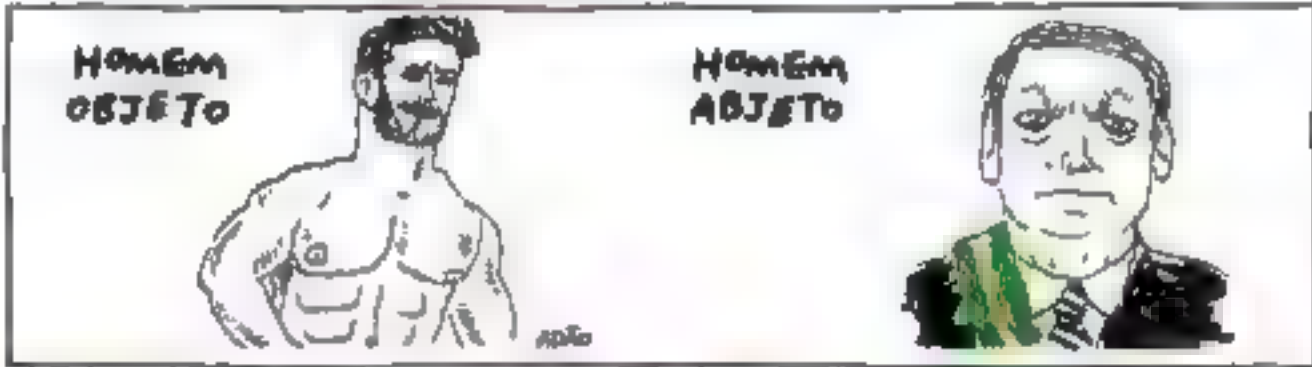
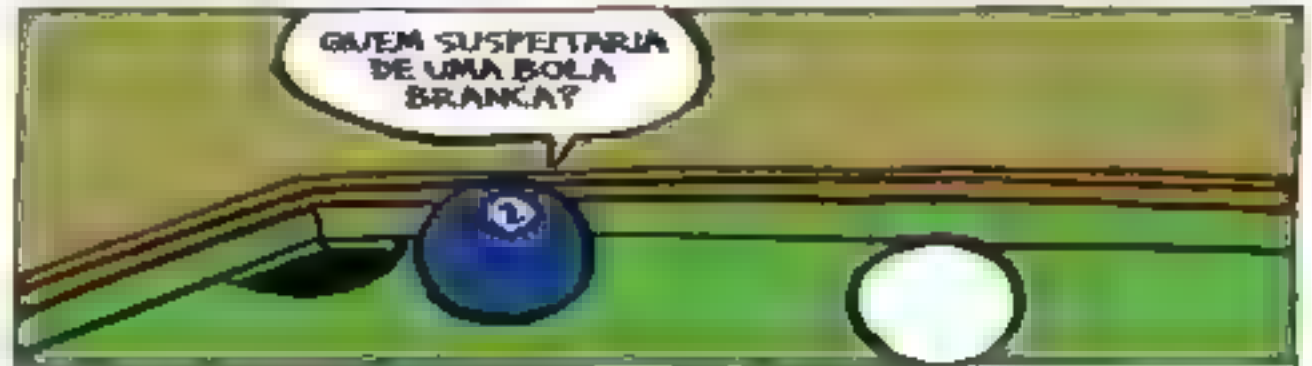
Eu, a Viola e Deus
Cultura, 22h. Livre
Produzido pela emissora e dirigido por João Batista de Andrade, este documentário inédito revisita a vida e a obra do ator, cantor, compositor e apresentador Rolando Boldrin, que completou 85 anos em outubro passado.

Pesadelo nas Alturas
HBO, 22h. 12 anos
Dois ex-namorados embarcam em um pequeno avião, rumo a uma ilha tropical. Logo após a decolagem, o piloto sofre um infarto e morre. A dupla terá de lutar pela sobrevivência. Também disponível na Amazon Prime Video.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

Descoberto

Chapéu para pessoa com dois rostos extra em cada lado da cabeça, 1890.

SUDOKU

tecla.art.br/fsd

MÉDIO

			6				3	
9	7					6		
3	4			1		7		
				7	8			
7	5						9	6
			1	5				
		7		9			5	2
		3					4	1
	2				4			

O Sudoku é um tipo de desafio lógico cuja origem remete a e foi adotado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grades, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid.

SOLUÇÃO

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Pequeno verme **2.** Fruto em cachos e pencas **3.** Noel Rosa (1910-1937), compositor / Candelabro **4.** Arbusto cultivado como ornamental ou para extração de tanino e tinturas **5.** Apêndice / A carta A **6.** O R do RPJ / Entre Jul e Set **7.** De formato dentado como certo utensílio de marceneiro **8.** República africana com capital Lomé / A linha sem curvas **9.** A casa dos índios / (Fig.) Atrapalhar, frustrar alguma coisa **10.** O mesmo que coque, o penteado / Rádio, elemento químico **11.** Ginástica Artística / Recipiente para servir chá **12.** Um movimento estético que agrupou poetas espanhóis e hispano-americanos (1918) **13.** Apelido do maior estádio de futebol do Brasil

VERTICAIS
1. Resistir vivo / Famoso filme interpretado por Tom Cruise (1986) **2.** A estrutura de aplicativos como Facebook ou Instagram **3.** Roberto Benigni, ator italiano / Recusar, abandonando / (Quím.) O túlio **4.** Aquele que é preguiçoso ou indolente / O resultado de um trabalho **5.** Invadir terrenos (a água quando sai de seu curso) / Constranger, coagir, pressionar **6.** Marca japonesa de produtos eletrônicos / País africano banhado pelo Mediterrâneo **7.** Gordura ou banha / Ímpio, que não crê em Deus / A tecla do extremo superior esquerdo do teclado **8.** A família no seu conjunto e na sua intimidade / Sacudir, mexer / Sigla do estado com capital São Luís **9.** Exposto aos raios do astro diurno

HORIZONTAIS: 1. Vermículo, 2. Banana, 3. NR, Lustre, 4. Gerânio, 5. Adendo, Ás, 6. Renda, Ago, 7. Serrátil, 8. Togo, Reta, 9. Oca, Aguar, 10. Pitote, Ra, 11. GA, Bule, 12. Ultraísmo, 13. Maracanã. **VERTICAIS:** 1. Vingar, Top Gun, 2. Rede social, 3. RB, Renegar, Tm, 4. Malandro, Obra, 5. Inundar, Atuar, 6. Casio, Argélia, 7. Unto, Ateu, Esc, 8. Lar, Agitar, MA, 9. Ensolarado.

Bruna Barros

Corações e mentes

A Guerra da Ucrânia acendeu um pavio que pode detonar bombas imprevisíveis

Mario Sergio Conti

Jornalista, é autor de 'Notícias do Planalto'

Com mais de dois meses, a Guerra da Ucrânia já não gera manchetes. Mas se tornou mais letal e ameaçadora. A cada dia que passa, o pavio que foi aceso se aproxima de um paiol atulhado de bombas —hiperinflação, desordem na economia mundial, recessão— inclusive nucleares.

Apesar dos bombardeios diários, as estradas e ferrovias ucranianas estão engarrafadas. Mais de 4 milhões de mulheres, velhos e crianças fugiram do país —os homens de 18 a 60 anos são obrigados a ficar e lutar. Outros 4 milhões de pessoas, para sobreviver, mudaram de cidade no interior da Ucrânia.

É o maior movimento de massas no mundo desde a Segunda Grande Guerra. E atenção, feministas: raras vezes, na história, as mulheres foram tão atacadas. Cabe unicamente a elas trabalhar, arrumar sustento e abrigo para os filhos. Sem dinheiro e em países nos quais não falam a língua.

O congestionamento é nos dois sentidos. Enquanto milhões de pessoas fogem das bombas e tanques, trens e caminhões cheios de tanques e bombas entram na Ucrânia. A União Europeia e os Estados Unidos dizem que é urgente parar a guerra. Contudo, entopem o país de armas.

Eles não visam à paz, mas que o pavio da guerra continue a queimar. O próprio Biden admitiu que há oficiais americanos no teatro de guerra. Países europeus enviaram "técnicos" para ensinar os ucranianos a usar helicópteros, mísseis, metralhadoras e drones.

O conflito está virando uma guerra por procuração —aquela na qual potências usam tropas de um país para atacar outra potência. Seria a União Europeia e os Estados Unidos de um lado e a Rússia de outro, e os ucranianos como vítimas.

O serviço de informações chinês afirmou que, com o país abarrotado de armas, elas estão sendo vendidas por batalhões ucranianos a quem se interessar. Foi o que ocorreu quando Saddam e Kadafi foram derrubados: o Iraque e a Líbia ficaram à mercê de milícias e se fragmentaram.

Pelas profecias dos autoproclamados especialistas, a guerra seria vencida por Putin num zás-trás. Não anteviram três fatos. Primeiro, o decantado poder de fogo da máquina russa de matar se revelou um traque. O avanço foi frouxo, empacou e retrocedeu em Kiev.

A segunda bola fora diz respeito ao ponto nevrálgico da crença de Putin para justificar o ataque: a Ucrânia não é uma nação. E se viu que o sentimento nacional ali é formidável, apesar das diferenças étnicas e linguísticas. Ele é o fundamento da resistência heroica à invasão.

Esse nacionalismo, de raízes entranhadas na Idade Média, tem contrapartida militar. Na guerra da Crimeia, na Revolução Russa, na Primeira e na Segunda Guerras Mundiais, dos cossacos à ocupação da praça Maidan —os ucranianos sempre foram tidos por combatentes aguerridos, ferozes.

Por fim, as sanções econômicas. Os especialistas imaginaram que elas levariam Putin a parar a guerra logo. Ledo engano. Para serem eficazes, elas teriam de ser duríssimas, o que tumultuaria a ordem mundial. A economia russa é grande demais para naufragar sem provocar consequências imprevisíveis.

Um esboço dessas consequências é visível na Europa. A inflação e a deterioração súbita do poder de compra fazem com que os governos pró-guerra venham perdendo popularidade. O exemplo mais evidente é o do presidente Emmanuel Macron, da França.

Ele foi reeleito porque, entre outros motivos, posou de estadista ao negociar com Putin. Não obteve nada. De modo que, nas eleições legislativas de junho, pesquisas mostram um quadro bem diverso. É do interesse dos povos —dos europeus e ucranianos, dos americanos e russos— que venha a paz e as tropas de Putin deixem o país.

Um dos cenários antevistos pelas chancelarias é que Putin, em vez de continuar o massacre indefinidamente, e sem qualquer garantia de vitória, decrete o fim da guerra. Com a Ucrânia dividida, cantaria de galo, de grande vitorioso. Há precedentes, mas com resultados antagônicos.

A França, e depois os Estados Unidos, invadiram e dividiram o Vietnã em dois países por 20 anos. Se em 1975 os vietnamitas venceram a guerra e reunificaram o país. A propósito da invasão americana, o presidente Lyndon Johnson disse em 1965: "A vitória final dependerá dos corações e mentes das pessoas que realmente vivem lá". Foi o que ocorreu.

No final da Segunda Guerra, o Japão foi expulso da Coreia. A União Soviética ocupou o norte do país e os EUA invadiram o sul. Os coreanos não foram consultados. A Coreia, que era um país, segue dividida em dois.

DOM. Luiz Felipe Pondé TER. João Pereira Coutinho QUA. Marcelo Coelho QUI. Fernanda Torres, Drauzio Varella SEX. Djamila Ribeiro SÁB. Mario Sergio Conti

Tim Burton
Cineasta americano, começou a carreira na década de 1970, nos estúdios da Disney. Hoje, aos 63 anos, dirigiu mais de 30 produções, como 'Edward Mãos de Tesoura' (1990). Concorreu ao Oscar de melhor animação em 2006 por 'A Noiva Cadáver' e em 2012 por 'Frankenweenie'

Ilustração do diretor que faz parte de 'A Beleza Sombria dos Monstros', em cartaz na Oca

Tim Burton traz seus monstros para SP em exposição interativa

Desenhos do diretor guiam passeio na Oca que apresenta o seu mundo gótico

Nathalia Durval

SÃO PAULO Uma estranha criatura com três pernas finas e cabeça grande pontuada com três olhos anda em uma floresta banhada pela luz da lua. Dois monstrengos com bolinhas vermelhas e azuis espalhadas pelo corpo, olhos esbugalhados, dentes afiados e cinco pequenos braços e pernas parecem conversar.

Os monstros com muitos pés e cabeças saíram da imaginação de Tim Burton —mas não em filmes ou animações. Primeiro povoaram desenhos em um livro recheado de ilustrações feitas pelo cineasta americano, diretor de produções como "Edward Mãos de Tesoura" e "A Noiva Cadáver". Agora essas artes ganham vida em uma exposição na Oca, no parque Ibirapuera, a partir deste domingo, dia 8.

Misturando recursos de som e vídeo, "A Beleza Sombria dos Monstros" propõe um passeio imersivo pelo mundo gótico e fantasioso do cineasta, cheio de monstros e personagens desajustados. Sem tantas obras de fato, a mostra abusa de projeções e segue a tendência de eventos imersivos que estão na moda em São Paulo.

Serão expostos desenhos, pinturas, fotos e objetos cercados de recursos tecnológicos, como projeções nas paredes, teatro de sombras, espelhos que brincam com ilusão de ótica e óculos com tecnologia 3D e realidade virtual que reproduzem ambientes dos filmes e algumas ilustrações.

O visitante percorre 14 salas temáticas, que emendam capítulos do livro "A Arte de Tim Burton", lançado há 13 anos. As 434 páginas compilam cerca de mil ilustrações feitas pelo cineasta, que mostram sua fascinação por palhaços e exibem rascunhos dos visuais de alguns de seus longas. O livro não está disponível no Brasil.

Há na Oca, por exemplo, espaços dedicados a monstros de todos os tipos, outros com alienígenas inspirados no longa "Marte Ataca!" e salas que fazem referências a filmes de terror e ficção científica dos anos 1950 e 1960, dos quais Burton era fã. Em alguns dos ambientes, os visitantes podem interagir com o cenário.

A mostra vai ocupar dois andares da Oca, museu projetado por Oscar Niemeyer, numa área de 1.600 metros quadrados, e fica em cartaz até 14/8.

O cineasta de 63 anos, aliás, está batendo ponto em São Paulo. Ele deu um gostinho do que os paulistanos poderiam encontrar na exposição em dezembro do ano passado, quando inaugurou um grafite com desenho seu no mezanino do edifício [illegible] gem Parque 25, na região da 25 de Março, no centro da cidade —o primeiro com sua assinatura em todo o mundo.

O mural, que mostra discos voadores e um imenso robô pairando pela metrópole, foi executado pela artista plástica paulistana Luna Buschinelli e ainda pode ser visto por lá.

Mas esta não é a primeira vez que a cidade abriga uma exposição de Burton. A estreia foi com "O Mundo de Tim Burton", que passou pelo MIS em 2016 e foi uma das mais vistas da história do museu, atraindo 113 mil visitantes.

A atração tinha percorrido diferentes países, exibia ao público mais de 500 itens e tinha curadoria da americana Jenny He, que também ficou a cargo desta nova mostra na Oca. Ambos os eventos contaram com uma visita do cineasta —aliás, na quinta, dia 5, Burton foi visto perambulando por bares de Pinheiros.

A programação também vai incluir mais para frente a exibição de trabalhos dirigidos pelo americano e outros que lhe serviram de inspiração, mas ainda não há informações sobre datas ou valores. A previsão é que a mostra de cinema ocorra em julho.

Para visitar o espaço no Ibirapuera, há diferentes tipos de ingresso. Entre 9h e 17h30, de terça a sexta, a entrada custa R$ 40. Das 18h às 21h, o valor sobe para R$ 55. Já quem desembolsa R$ 70 pode entrar na exposição sem pegar fila e no horário que desejar.

Aos fins de semana e feriados, essa entrada sem agendamento salta para R$ 100, enquanto o ingresso comum, com hora marcada, sai por R$ 70. Os bilhetes estão à venda em ingressorapido.com.br e na bilheteria do local.

A Beleza Sombria dos Monstros: 13 Anos de A Arte de Tim Burton
Oca - pq. Ibirapuera, av. Pedro Álvares Cabral, s/nº, portão 3, Vila Mariana, região sul, tel. (11) 5082-1777. Ter. a dom.: das 9h às 21h. Até 14/8. R$ 40 a R$ 100, em ingressorapido.com.br

Exibição grátis mistura o universo do grafite com a xilogravura

SÃO PAULO De um lado, as espátulas e as madeiras usadas na xilogravura. Do outro, as tintas e sprays do grafite. As duas técnicas, que vão da cultura dos folhetos de cordel à arte urbana, se misturam na mostra "Xilograffiti", aberta nesta semana no Sesc Consolação.

A exposição, que é gratuita, busca fazer uma conexão entre trabalhos de artistas e coletivos de grafite e de xilogravura de diferentes cantos do país. Embora possam parecer distantes, as linguagens encontram uma ligação, afirma o curador Baixo Ribeiro.

"Elas têm muitas conexões. A primeira, que quis ressaltar na exposição, é a ideia de colaboração. A gravura nunca é um processo individual, você tem o gravador, que faz a matriz, e tem o impressor. Na hora de fazer o grafite, os artistas também se encontram nas ruas", diz. Além disso, ambas carregam um viés popular, completa Ribeiro.

Na empena do edifício do Sesc Consolação, na região central, aparece um mural de 20 metros de altura por oito metros de comprimento, no formato de um estandarte colorido, em uma homenagem do maranhense Romildo Rocha ao grafite e ao Nordeste.

No espaço de convivência da unidade, as obras são agrupadas por núcleos temáticos, como os dedicados aos cordéis e à tipografia. Há, por exemplo, trabalhos do xilogravurista pernambucano J. Borges, que registra a cultura popular, e uma coleção de cordéis produzidos pelo coletivo cearense Lira Nordestina.

Um mural pintado na própria parede do local traz imagens do cotidiano ilustradas por Derlon, artista recifense que é conhecido pelos grafites em preto e branco de traços fortes, que lembram as impressões da xilogravura e folhetos da literatura de cordel.

Logo em seguida ganham destaque os lambe-lambes, os zines e os pôsteres que misturam letras, palavras e imagens e povoam as paisagens urbanas de grandes cidades —entre eles, os cartazes da paulistana Lau Guimarães, que usa técnicas de estêncil.

Enquanto isso, o Ateliê Piratininga apresenta uma gravura produzida por 26 artistas. Já o coletivo Paulestinos une referências do cangaço e dos mangás em uma colagem de um cangaceiro em uma moto, em alusão ao protagonista do longa animado "Akira", do japonês Katsuhiro Otomo.

Em paralelo à exposição, serão oferecidas oficinas que ensinam a técnica de entalhe e de impressão xilográfica.

Além disso, os visitantes podem produzir gravuras e pôsteres usando as matrizes originais das obras expostas e ficar com as artes. "Você pode levar um pedaço da exposição. Esse é um jeito de quebrar a barreira entre o ateliê e a vida real", finaliza Ribeiro. ND

'Cangakira', obra do coletivo Paulestinos exposta em 'Xilograffiti', no Sesc Consolação

Xilograffiti
Sesc Consolação - r. Dr. Vila Nova, 245, Vila Buarque, tel. (11) 3234-3000. Até 31/7. Ter. a sáb.: das 10h às 21h. Dom. e feriados: 10h às 18h. Grátis

MAIS 5 MOSTRAS PARA VISITAR

Bardi e o Modernismo Brasileiro
Antiga residência da arquiteta Lina Bo Bardi, a Casa de Vidro inaugura neste sábado (7) uma exposição com fotos e documentos que resgatam a exibição organizada por Lina e Pietro Maria Bardi no cinquentenário da Semana de Arte Moderna, no Masp. Na ocasião, o museu exibiu uma coleção de objetos e obras sobre a vida na cidade de São Paulo em 1922, quando ocorreu o evento, e promoveu ainda a construção de uma versão reduzida do circo Piolin no vão-livre. Mas a Casa de Vidro, um dos marcos da arquitetura brasileira, vale a visita por si só.
Casa de Vidro - r. Gen. Almério de Moura, 200, Morumbi, zona oeste, tel. (11) 3744-9902. Sex. e sáb.: das 10h às 15h30. Até 2/7. R$ 50, em portal institutobardi.org, visite-a-casa. A abertura neste sáb. (7) tem entrada gratuita

Manabu Mabe – Uma Experiência
O artista plástico japonês radicado no Brasil, conhecido por suas telas abstratas, ganha uma exposição que reúne um acervo extenso e alguns itens inéditos. A programação tem início nos 25 anos de sua morte e é dividida em cinco núcleos, abordando as diferentes fases de sua produção, que vão dos retratos à arte contemporânea, entre os anos 1940 e 1990. No fim da visita, uma ala imersiva apresenta vídeos e projeções.
Farol Santander - r. João Brícola, 24, Centro, tel. (11) 3553-5627. Ter. a dom.: das 9h às 20h. Até 31/7. R$ 30, em farolsantander.com.br

Museu da Língua Portuguesa
Na comemoração do Dia Internacional da Língua Portuguesa, celebrado na quinta (5), o museu preparou uma programação gratuita com show, performances e debates que segue até este sábado (7), quando, às 14h, o escritor Milton Hatoum e a jornalista Pilar del Río, viúva de José Saramago, fazem um bate-papo. O evento é encerrado às 19h30 com trechos do espetáculo "Língua Brasileira", criado por Felipe Hirsch com base em música de Tom Zé e que esteve em cartaz no Sesc Consolação até março.
Museu da Língua Portuguesa - pça. da Luz, s/nº, Luz, região central, tel. (11) 4470-1515. Até sáb. (7). Grátis, ingressos distribuídos duas horas antes de cada atividade

Passiflora
A artista plástica Anna Maria Maiolino, um dos principais nomes da arte contemporânea e que completa 80 anos neste mês, tem cerca de 300 obras, entre pinturas, esculturas, desenhos, xilogravuras, vídeos e fotografias, expostas nesta retrospectiva que ocupa três salas do Instituto Tomie Ohtake a partir deste sábado, dia 7. Além disso, a programação é complementada com esboços, projetos e documentos dela, que nasceu na Itália na Segunda Guerra Mundial.
Instituto Tomie Ohtake - av. Brig. Faria Lima, 201, Pinheiros, zona oeste, tel. (11) 2245-1900. Ter. a dom.: das 11h às 20h. Até 27/7. Grátis

Waltercio Caldas – O Estado das Coisas
O artista carioca, que se divide entre a escultura, o desenho e a cenografia, investiga os limites da linguagem em sua nova mostra "O Estado das Coisas". São 20 peças inéditas, entre objetos, pinturas e outras artes gráficas que, reunidas, abordam a linguagem do tempo real em oposição aos apelos do mundo virtual de hoje em dia.
Galeria Raquel Arnaud - r. Fidalga, 125, Vila Madalena, zona oeste, tel. (11) 3083-6322. De seg. a sex.: das 11h às 19h; sáb.: das 11h às 15h. Grátis

folhinha

O que está por trás das frases que toda mãe diz

Pediatra, psicólogo e educadora financeira comentam a ciência e as emoções envolvidas em cada clássico materno

TODO MUNDO LÊ JUNTO

Marcella Franco

SÃO PAULO Dê uma olhada na imagem ao lado e pense: quantas destas frases você já ouviu sua mãe dizer? Se este fosse um bingo, quantos pontos você marcaria na cartela? É curioso como as mães podem se parecer nesse ponto, usando as mesmas frases, não importa quantos anos tenham, ou em que lugar morem.

Para tentar entender e explicar o que há por trás dessas frases clássicas, a Folhinha ouviu uma pediatra, um psicólogo e uma educadora financeira. Veja o resultado.

Pegou um casaco?

"Se agasalhar não necessariamente evita que vocês, crianças, fiquem doentes. Isso porque a gripe e o resfriado, por exemplo, são causados por vírus respiratórios" diz a pediatra e infectologista Cristiana Meirelles. "Mas a sua mãe está certa: se agasalhar é importante para evitar, por exemplo, uma hipotermia — isso quer dizer que a temperatura do seu corpo fique abaixo do normal (35°)."

Não anda descalço, põe um chinelo!

Andar descalço também não causa resfriado, alergia, gripe ou qualquer tipo de virose, avisa a pediatra Cristiana. Mas ela também diz que, quando a gente anda em um chão desnivelado, por exemplo, há risco de machucar o pé e também pegar doenças caso existam machucadinhos na pele, tipo bicho do pé ou leptospirose, quando se entra em contato com água de enchente que pode estar contaminada por xixi de rato. Ou seja: sim, chinelo é importante.

Vai escovar os dentes!

Aqui não tem nem debate: todo mundo precisa escovar mesmo os dentes sempre depois de comer. A pediatra recomenda usar pasta de dente com flúor na quantidade adequada para cada idade e ainda passar o fio dental antes das escovações.

Sobremesa? Tem fruta.

Não precisa de pesquisa oficial para saber que 10 entre 10 crianças que pedem sobremesa querem um doce e não uma fruta. Só que doce não tem vitaminas, e as mães se preocupam com isso. "Frutas são deliciosas e fazem bem à saúde, diferentemente dos doces" resume Cristiana.

Na volta a gente compra.

Quando as mães falam isso, geralmente é porque estão sem dinheiro para comprar aquilo que os filhos estão pedindo ou porque acham que aquela não será uma boa compra naquele momento. Até aí tudo bem, porque precisar cuidar bem do dinheiro da casa é a coisa mais comum do mundo. Só é preciso um cuidado. "A criança vai ficar esperando. O perigo é que, no futuro, a pessoa tenha uma urgência de comprar as coisas porque o 'depois' nunca chega" diz Clara Sodré, educadora da Xpeed School.

Você acha que dinheiro nasce em árvore?

"Essa é uma forma leve de falar sobre dinheiro em casa, de tentar passar o senso de responsabilidade sobre o consumo e os recursos. É uma frase muito dita pelas mães quando querem mostrar que o dinheiro não é fácil de conseguir, e que por isso nós temos que cuidar dele" acha Clara.

Quando eu morrer você vai sentir minha falta.

"Ela gostaria que você fizesse as coisas quando ela te pede, sem enrolar", acredita o psicólogo Arnaldo Vicente. "Diga pra ela que você já sente a falta dela quando ela sai, quando você está em outro lugar porque ela é a pessoa mais importante pra você."

Tudo eu nessa casa.

Aqui vale observar: sua mãe faz muitas coisas. Talvez não seja tudo, e alguém ajude um pouco, mas esse é o modo que ela tem de mostrar que está cansada, ou que queria ter mais ajuda, mas não consegue pedir. "Essa é uma boa oportunidade para você perguntar 'Mãe, como eu posso te ajudar?'", sugere o psicólogo.

Vou contar até três!

Mães às vezes têm um jeito curioso de educar: elas querem, sim, que as regras sejam cumpridas, mas podem também dar uma "colher de chá" para que os filhos aprendam essas regras e passem a segui-las. Por isso essa contagem "até três" que é para dar tempo de a gente perceber que o negócio é sério mesmo e fazer o que ela está pedindo.

Você não é todo mundo.

"Ela quer dizer pra você que te acha uma pessoa muito especial, que não dá para comparar com as outras, e que é muito importante para ela ter você ao lado dela", explica o psicólogo Arnaldo.

Se eu for aí e encontrar...

"Ela gostaria que você realmente fosse lá e procurasse com atenção", diz Arnaldo Vicente. "Olhe bem, com calma, e tente primeiro, antes de chamar a mamãe."

Mamãe te ama mais que tudo.

Aqui não tem mistério, significa que essa mulher faria qualquer coisa para ver você feliz.

TODO MUNDO LÊ JUNTO
Texto com este selo é indicado para ser lido por responsáveis e educadores com a criança

BINGO

PEGOU UM CASACO?
VOCÊ NÃO É TODO MUNDO.
VOCÊ ACHA QUE DINHEIRO NASCE EM ÁRVORE?
TUDO EU NESSA CASA!
SE EU FOR AÍ E ENCONTRAR...
NÃO ANDA DESCALÇO, PÕE UM CHINELO!
VAI ESCOVAR OS DENTES!
QUANDO EU MORRER VOCÊ VAI SENTIR MINHA FALTA!
NA VOLTA A GENTE COMPRA.
SOBREMESA? TEM FRUTA.
VOU CONTAR ATÉ TRÊS!
MAMÃE TE AMA MAIS QUE TUDO.

Ilustração Catarina Pignato

VAI TER ECLIPSE!

DEIXA QUE EU LEIO SOZINHO

Salvador Nogueira

SÃO PAULO Quem puder ficar acordado até tarde na virada do dia 15 para o 16 poderá ver um fenômeno bem legal no céu: um eclipse total da Lua.

Não é um evento particularmente incomum, acontece duas a três vezes por ano, mas esta ocasião em particular será muito boa para observadores na América do Sul, de onde será possível ver o processo do começo ao fim. Não é preciso usar nenhum instrumento, mas binóculos ou lunetas agregam à beleza do evento.

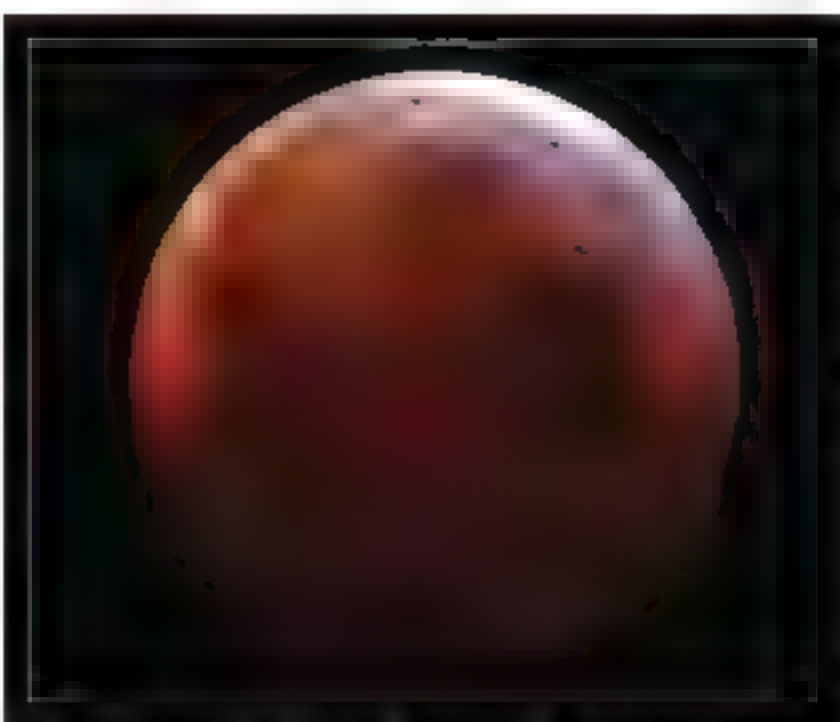
Um eclipse lunar acontece quando a Lua cruza a sombra da Terra, que é iluminada pelo Sol. Como sabemos, nosso planeta, além de rodar em torno de seu próprio eixo (produzindo os dias e as noites), gira ao redor do Sol, concluindo uma volta a cada ano.

Em sua viagem por esse carrossel solar, ela leva a Lua junto, um satélite natural que gira em torno da Terra uma vez por mês, aproximadamente.

Nessa dança espacial, quando Sol, Terra e Lua se alinham, nessa ordem, nosso satélite natural passa por trás da sombra terrestre.

Isso é o eclipse lunar. Ele pode ser parcial, se a sombra só der uma triscada na Lua, ou total, se a superfície lunar chegar a se esconder inteira sob a sombra.

O que veremos na virada do 15 para o 16 é do tipo total. A chamada fase penumbral começa às 22h32 (pelo horário de Brasília), mas não espere notar nada de diferente a essa hora. O espetáculo começa mesmo às 23h27, quando a umbra (a região mais escura da sombra) começa a avançar sobre a Lua (na verdade, é o satélite que está se movendo e entrando na sombra).

O eclipse total começa à 0h29, momento em que a Lua estará totalmente sob a sombra. Ainda assim poderemos vê-la — só que com um aspecto avermelhado. De onde vem essa luminosidade? São os raios solares que cruzam a atmosfera terrestre pelas beiradas do planeta e acabam desviados para lá.

Eclipse lunar em 2019 visto da Alemanha Reuters/Kai Pfaffenbach

O ponto de maior acobertamento é à 1h11, e a luz solar direta começa a voltar à Lua à 1h53. A fase umbral acaba às 2h55, e a penumbral, às 3h50.

É uma ótima oportunidade para ver um fenômeno que tem guiado a humanidade a entender os movimentos dos astros há milênios. Por sinal, o evento deixa clara a forma redonda da Terra, já que a sombra projetada sobre a Lua tem formato circular.

DEIXA QUE EU LEIO SOZINHO
Ofereça este texto para uma criança praticar a leitura autônoma

EstúdioFOLHA APRESENTA

Fotos Kenny Andrade/Estúdio Folha

CONTATO COM A NATUREZA

Parques da Água Branca e da Sabesp são redutos de áreas verdes e lazer no coração da cidade

As opções de parques e áreas verdes do bairro de Perdizes proporcionam ao morador a experiência de contato direto com a natureza e da prática de exercícios ao ar livre.

O parque da Água Branca, uma das principais áreas verdes da cidade, está localizado no bairro. O simpático espaço tem jeito de fazenda, com galinhas e galinhos soltos em suas ruelas, fontes de água potável e um agradável espaço de leitura.

Nas manhãs de terça, sábado e domingo, das 7h ao meio-dia, uma feira de produtos orgânicos [illegible] dentro do parque. Nos [illegible] a feira oferece café da manhã com produtos livres de agrotóxicos.

O parque da Água Branca é um dos mais tradicionais e charmosos da região, com árvores centenárias, lagos e casarões que transportam o clima de fazenda para a cidade. É o ambiente ideal para caminhadas em meio ao verde e para práticas como ioga, tai chi, relaxamento e meditação, entre outras atividades.

Tão charmoso quanto a Água Branca, o parque da Sabesp atrai moradores em busca de tranquilidade para uma caminhada sob as árvores — o local também tem equipamentos de ginástica.

O espaço para piqueniques é o mais disputado, mas também tem pista de corrida, playground com escorregador e trepa-trepa e outro espaço com balanças e gangorras.

Quem prefere esportes radicais pode frequentar o parque Zilda Natel, que oferece pistas de skate e patins com obstáculos de diversos níveis, quadra de basquete e academia ao ar livre. Os ciclistas podem aproveitar a ciclovia da Avenida Sumaré para se exercitar.

Nas proximidades da avenida Sumaré, em frente à praça Irmãos Karmann, um escadão de [illegible] é procurado por moradores em busca da boa forma. O local se tornou um ponto de encontro fitness.

Parque da Água Branca

EstúdioFOLHA APRESENTA

Eztec/Divulgação

EstúdioFOLHA APRESENTA

Fotos Alberto Rocha/Estúdio Folha

Estação Alto do Ipiranga

Av. Nazaré

BEM LOCALIZADO

Com metrô e grandes avenidas à disposição, morador do Ipiranga chega com tranquilidade a áreas importantes da cidade e ganha em qualidade de vida

Em uma localização estratégica, cercado por importantes vias e bem servido de transporte público, o Ipiranga é o endereço ideal para quem busca mobilidade e praticidade.

O bairro é servido pelas avenidas do Estado, Ricardo Jafet, Dom Pedro I e Dr. Francisco Mesquita e Nazaré, além da rua das Juntas Provisórias.

Essas grandes vias permitem que o morador se desloque com facilidade para diversas regiões da cidade.

Em apenas cerca de 20 minutos de carro é possível acessar a avenida Paulista, mesmo tempo necessário para chegar ao parque Ibirapuera ou ao centro de São Paulo.

O deslocamento até alguns dos principais polos de negócios da capital, como as avenidas Faria Lima e Luís Carlos Berrini, demora cerca de 35 minutos de carro.

A proximidade do ABC paulista também coloca o Ipiranga na porta de saída para o litoral. Em menos de uma hora é possível chegar à região de Santos e Guarujá, por exemplo.

A infraestrutura de transporte público do bairro é outro item que ajuda a incrementar a mobilidade. A região abriga a estação Alto do Ipiranga da linha 2-verde do metrô —que leva à Paulista e faz conexão com as linhas 1-azul e 4-amarela— e a estação Ipiranga da linha 10-esmeralda da CPTM.

Além das várias alternativas de transporte e de deslocamento, o morador conta com uma estrutura completa de comércio e serviços.

O Ipiranga apresenta uma ampla variedade de supermercados (Extra, Pão de Açúcar, St. Marche e Dia, entre outros), bancos (como Santander, Bradesco, Itaú e Banco do Brasil), farmácias, pet shops, agências dos Correios e inúmeras opções de lojas.

O bairro também está próximo de shoppings como Mooca Plaza, Metrô Santa Cruz e Pátio Paulista.

A oferta de hospitais como São Camilo, Santa Cruz e Dom Alvarenga e de laboratórios como Fleury e A+ torna mais tranquila a vida de quem precisa cuidar da saúde.

O Ipiranga apresenta, ainda, importantes instituições de ensino, como o Centro Universitário São Camilo, [illegible] SP, Sesi e Senai.

Com todas essas facilidades, o morador consegue resolver as tarefas do dia a dia e se deslocar para o trabalho com rapidez e comodidade, ganhando tempo e qualidade de vida.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Elvis Fernandes/Paellas Pepe/Divulgação

piranga tem restaurantes, bares e cafés que agradam a todos os paladares

PAELLAS PEPE

Um dos mais tradicionais restaurantes da região serve as tradicionais paellas, lagostas, bacalhau, peixes e carnes. O polvo e as ostras se destacam entre as entradas. A casa também recebe apresentações de flamenco. **R. Bom Pastor, 1.660; tel.: 3798-7616**

BAR DO NICO

O bar tem como inspiração a história do bairro. No cardápio há canapés como o princesa Leopoldina (rosbife, maionese, molho inglês, mostarda e azeitonas) e sanduíches como o Do Grito (Porchetta na chapa, maionese, cebola caramelizada, mussarela e azeitonas). **R. Moreira e Costa, 538; tel.: 2273-4811**

Bar do Nico/Divulgação

SALA VIP

Rede de pizza-bares requintados, com pizzaiolos habilidosos à vista da clientela e opções seletas na lenha. A unidade do Ipiranga, que deu origem à rede, é ampla, com lindos jardins, varandas, bar com pé direito duplo e adega climatizada. **R. Cisplatina, 195; tel.: 2914-8181**

PIZZARIA DO BAR

Pizzas de estilo napolitano feitas artesanalmente com massa de longa fermentação (48 horas). Ambiente pequeno, aconchegante e muito agradável. Tem um estilo moderno de serviço: o próprio cliente pega a bebida na geladeira e os talheres, pratos e copos em um armário. **R. Bom Pastor, 1496; tel.: 3806-1256**

NICO PASTA E BASTA!

As massas artesanais são o destaque da casa, que apresenta ambiente refinado e uma carta de vinhos com rótulos de dez países. O Spaghetti alla Nico Pasta Basta é pré-preparado na manteiga e transferido para uma peça de queijo italiano grana padano previamente flambada com conhaque. **R. Costa Aguiar, 1586; tel.: 2068-3000**

Nico Pasta e Basta/Divulgação

HAMBURGUER DO SEU OSWALDO

Lugar ideal para quem gosta de tradição e despojamento. Inaugurado em 1966, serviu de inspiração para o cardápio da Lanchonete da Cidade. Destaque para o cheese bacon com hambúrguer, queijo, bacon, molho de tomate especial da casa e alface. A lanchonete atrai visitantes de outros bairros. **R. Bom Pastor, 1.659**

EstúdioFOLHA : APRESENTAM

CONTEMPORÂNEO

EZTEC/Divulgação

O In Design Ipiranga foi planejado para ser referência de moradia na região, onde mobilidade, acessibilidade, comércio e lazer se destacam

Em um dos bairros mais bem localizados da cidade, a incorporadora EZTEC apresenta o In Design Ipiranga. O empreendimento foi projetado para ser referência na região, abarcando espaços que proporcionam conforto e praticidade a ambientes cuidadosamente dimensionados.

São apartamentos studio, de 1 suíte e de 2 dormitórios, com plantas que variam de [illegible] m² a [illegible] m², pensados de forma a atender às necessidades e entregar o mais moderno conceito de vida e arquitetura a seus moradores.

O lazer conta com ambientes planejados de acordo com as atuais tendências e sua fachada contemporânea, com cores sóbrias, trazem requinte e sofisticação ao empreendimento, que tem salão de festas, brinquedoteca, playground, pet place, quadra recreativa, piscina adulto de [illegible] metros, piscina infantil, churrasqueira e solarium.

O In Design é um residencial que se conecta com o perfil de vida moderna. O empreendimento contará com serviços como home repair (manutenção do apartamento quando necessário), laundry (levar e trazer as roupas para lavanderia e pequenos ajustes e reparos), conveniência [illegible] e entrega de itens de supermercado, beauty [illegible] (manicure, pedicure, cabeleireiro [illegible] no apartamento), cleaner (serviços de limpeza opcionais), entre outros. Esses serviços serão executados no sistema pay per use e de acordo com a convenção do condomínio.

Tecnologia e sustentabilidade também foram contempladas no projeto do In Design. Unidades serão entregues com fechaduras biométricas. Infraestrutura para ar-condicionado, [illegible] e automação para persianas são itens opcionais disponíveis. As áreas comuns terão wi-fi e tomadas para carregamento de carro elétrico. Os vasos sanitários dos lavabos das áreas comuns sociais e das unidades autônomas terão sistema de duplo acionamento e as torneiras dos lavabos sociais das áreas comuns serão entregues com temporizador. Também será possível fazer a captação e o reaproveitamento de águas pluviais para rega de jardim.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Johnny Mazzilli/Estúdio Folha

IPIRANGA ÚNICO

Localização privilegiada, boa mobilidade, comércio e serviços de qualidade e charme histórico fazem bairro único

Este é um exemplar cortesia da Folha de S.Paulo + caderno especial Mercado Imobiliário. Distribuição autorizada pelo Artigo 26, parágrafo 2º da Lei 14.5[illegible]/2007 com nova redação dada pela Lei nº 16.585/2007
Projeto de Marketing realizado pelo Departamento Comercial da Folha de S.Paulo. Diagramação: Filipe Rocha. Jornalista responsável: [illegible]

EstúdioFOLHA APRESENTA

LOCALIZAÇÃO ESTRATÉGICA

Fotos Alberto Rocha/Estúdio Folha

Estação Alto do Ipiranga

Com metrô e grandes avenidas à disposição, morador do Ipiranga chega com tranquilidade a áreas importantes da cidade e ganha em qualidade de vida

Com localização privilegiada e ótima mobilidade, o Ipiranga é o local ideal para quem quer morar em um bairro com estrutura completa de comércio, serviços e lazer, mas também deseja estar próximo a outras áreas importantes da cidade.

A estação Alto do Ipiranga, da linha 2-verde do metrô, transformou a experiência de deslocamento dos moradores pela cidade.

Com ela é possível acessar com conforto e rapidez as regiões central, oeste e sul de São Paulo.

Para chegar à avenida Paulista, por exemplo, são necessários menos de dez minutos. É possível acessar a praça da Sé em 20 minutos, e a região da avenida Luís Carlos Berrini em cerca de 40 minutos, sem precisar dirigir.

Quem prefere se locomover com carro também encontra extrema facilidade. A região é servida por vias amplas, como a Nazaré, e está próxima de grandes avenidas, como a do Estado e a Ricardo Jafet.

De carro, em apenas 20 minutos é possível chegar ao parque Ibirapuera. Na metade do tempo, o morador pode se divertir em outra ótima área verde da cidade, o parque da Aclimação.

COMPLETO

Além da mobilidade privilegiada, o Ipiranga também apresenta uma excelente estrutura de comércio e serviços.

Três microrregiões concentram os principais estabelecimentos: o entorno da rua Silva Bueno, a avenida Nazaré e a rua Vergueiro.

Nessas áreas é possível encontrar supermercados como Extra, Pão de Açúcar, Dia e Farola, bancos como Santander, Itaú, Bradesco, Caixa e Banco do Brasil, agências dos Correios, grandes lojas como Magazine Luiza, Kalunga e Americanas, além de um rico comércio de rua.

O bairro também permite acesso tranquilo aos shoppings Mooca Plaza e Plaza Sul.

O Ipiranga abriga importantes instituições de ensino, como PUC-SP, Centro Universitário São Camilo e os colégios Objetivo e Dom Pedro.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Shutterstock

ACONCHEGO

Apartamentos compactos oferecem infinitas possibilidades de decoração para quem busca ambientes ao mesmo tempo práticos e convidativos

Os apartamentos compactos são cada vez mais procurados por quem busca uma vida mais prática nos grandes centros urbanos.

Pouco espaço, no entanto, não significa menos charme e aconchego. Muito pelo contrário.

Geralmente os apartamentos compactos são apresentados em plantas abertas, com divisória apenas para o banheiro. São como uma tela em branco, que permite infinitas possibilidades de decoração, atendendo aos mais diversos estilos e necessidades.

Algumas dicas podem ajudar no planejamento e no aproveitamento desses espaços.

CORES

Tons claros ajudam a dar a sensação de amplitude. Investir em brancos, beges e tons suaves de verde, azul ou amarelo para as paredes ajuda a deixar o apartamento mais amplo. O mesmo deve ser pensado para pisos e revestimentos. Um teto branco proporciona a sensação de pé direito mais alto. Cores fortes devem ser usadas em detalhes, objetos de decoração e quadros.

MULTIFUNCIONAL

Um dos principais coringas para quem decora apartamentos compactos são os móveis multifuncionais. Uma cama retrátil pode dar lugar a um sofá para receber visitas, por exemplo. A mesa pode ser aberta apenas na hora das refeições. Outra boa opção é usar móveis que cumpram mais de uma função. Uma cama box pode guardar roupas de cama e banho e cobertores, liberando espaço nos armários. Um banco na área de refeições pode ser feito sob medida para também servir como espaço de armazenamento. Uma mesa pequena na cozinha pode servir para trabalho, refeições ou como bancada. Os espelhos podem revestir a porta do guarda-roupas, ajudando a criar a sensação de amplitude e eliminando a necessidade de ocupação de mais espaços nas paredes.

NATUREZA POR PERTO

Espaços compactos pedem soluções criativas para incorporar o verde à decoração. É muito agradável ter plantas em casa, mas vasos grandes e no chão atrapalham a circulação. Vasos pequenos, como de suculentas, em parapeitos, estantes e outras superfícies acrescentam charme. Quem gosta de plantas maiores pode optar por pendurar vasos ou investir em paredes vivas. Outra forma de trazer a sensação de natureza para dentro do apartamento é usar estampas de folhas, flores e animais para almofadas, cortinas, roupas de cama etc. ou investir em quadros com essa temática.

ESPAÇOS DELIMITADOS

A planta do apartamento compacto pode ser aberta, mas isso não significa que não seja possível delimitar espaços e criar diferentes ambientes dentro dele. Móveis podem fazer esse papel sem criar a necessidade de paredes. Uma estante, por exemplo, um aparador ou uma meia parede que separam a sala do quarto. Uma mesa pequena ou uma bancada podem servir de limite entre a área da cozinha e sala.

EMBUTIDOS E ESTANTES

Móveis embutidos e sob medida são a melhor forma de planejar o aproveitamento de cada centímetro do apartamento. É importante pensar em várias funções, como prever no gabinete da pia eletrodomésticos embutidos como forno, máquina de lavar etc. As estantes e armários de paredes também ajudam a criar espaço de armazenamento sem atrapalhar os deslocamentos no espaço. Mas é importante não carregar demais as paredes para não criar a sensação de excesso.

PANDEMIA MUDA RELAÇÃO DAS PESSOAS COM O LAR

Cresce a importância de espaços de coworking, de lazer, academia e outros serviços, além de plantas mais versáteis, quando as pessoas passam mais tempo em casa

Fotos Eztec/Divulgação

Perspectiva ilustrada da varanda lazer do Z Ibirapuera

A pandemia da Covid-19 não só transformou apenas os ambientes de trabalho e a ocupação dos espaços públicos. O isolamento enfrentado nos últimos meses gerou uma nova relação com a moradia e a consequente valorização de itens que agregam e garantir mais conforto, comodidade e, principalmente, segurança.

Uma das mais agudas mudanças tem sido no trabalho: sai a ida diária ao escritório e entra em cena o home office. Uma tendência que, dizem especialistas, veio para ficar. Com isso, a existência de espaços de coworking nos condomínios se torna mais que desejável. É quase uma necessidade.

Levando-se em conta protocolos de segurança como distanciamento social, adaptações para evitar o contato entre os moradores e higienização constante, eles são ideais para quem precisa de um local mais tranquilo para trabalhar.

Áreas comuns como academia e equipamentos de lazer também ajudam a diminuir a exposição do morador, que evita sair à rua.

Empreendimentos com espaços abertos tendem a ser valorizados, como o Z Ibirapuera, em Moema, que possui uma academia convencional e uma área fitness ao ar livre, além de piscina e espaço amplo de convivência no rooftop, com muita ventilação.

Os espaços internos do apartamento também têm sido mais valorizados. Contar com uma planta funcional e versátil, que permita ao morador trabalhar, descansar e se divertir sem sair de casa, tornou-se essencial.

A varanda, antes cobiçada por aqueles que gostam de organizar eventos e receber amigos, nos últimos meses tem sido festejada por ser uma oportunidade de escape, uma área ao ar livre segura.

No empreendimento Air Brooklin, por exemplo, ela está presente tanto no studio de 32 m² como nos apartamentos de 50 m², 60 m² e 81 m². E pode ser usada para várias funções, como escritório, prolongamento da cozinha ou da sala de estar, área de lazer ou apenas como espaço para relaxar.

Outro elemento que deve ganhar força com a pandemia são os empreendimentos com serviços pay-per-use.

Contar com benefícios como lavanderia, lava-rápido, pet shop, cabeleireiro e manutenção, entre outros, é uma forma de diminuir a exposição a ambientes externos e a pessoas estranhas ao condomínio e resolver as questões do dia a dia de forma mais segura.

Com as pessoas passando mais tempo em casa e usando a moradia para trabalhar e lazer, as tendências de decoração também foram influenciadas pela pandemia e apontam para um crescente uso de materiais naturais.

Haverá um investimento maior em texturas que trazem aconchego. A ideia é criar mais conforto para quem tem que ficar em casa.

EstúdioFOLHA APRESENTA

FOCO NOS BAIRROS

Parque Piqueri

Tatuapé

Alberto Rocha/Estúdio Folha

Um dos bairros mais desejados de São Paulo

Boa infraestrutura de comércio e serviços, shoppings, parques e mobilidade privilegiada tornam a região especial para famílias

EstúdioFOLHA APRESENTA

Ao alcance de tudo

Tatuapé é sinônimo de boas ofertas de comércio, serviços, mobilidade e lazer

Infraestrutura e mobilidade são componentes estratégicos e fundamentais para a vida de moradores de uma cidade grande. É por isso que boa localização, transporte público, vias de acessibilidade e centros de compras são o combo perfeito para o paulistano.

O Tatuapé tem tudo isso e mais um pouco. Radial Leste, marginal do Tietê, Shopping Boulevard Tatuapé, Shopping Metrô Tatuapé e demais serviços são alguns dos exemplos que permeiam o bairro.

Integrados ao terminal de metrô e da CPTM, os shoppings Boulevard e Metrô Tatuapé possuem cerca de 500 lojas, salas de cinema, duas praças de alimentação e uma [illegible]. No setor de serviços, oferecem agências bancárias, ortodontista, costureira, cabeleireiro, farmácia, empréstimo de carrinho de bebê, agência de turismo e uma unidade dos laboratórios Lavoisier.

Outro importante centro de compras da região é o shopping Anália Franco, com [illegible] lojas, restaurantes e salas de cinema, além de unidades do Laboratório Fleury e da Companhia Athletica.

Além da infraestrutura viária e comercial, a região oferece boas escolas e universidades, como o Colégio Agostiniano Mendel, o Colégio Espírito Santo, o Colégio Santa Amália e a UNIP, a Unicid e a Faculdade Sumaré.

No quesito mobilidade, o Tatuapé conta ainda com deslocamento rápido e eficaz pela presença de transporte sobre trilhos na região. A estação Tatuapé do metrô integra a linha 3-vermelha e é uma das melhores alternativas de transporte.

A proximidade dos trilhos permite que os moradores se locomovam com mais conforto e tranquilidade para diferentes partes da cidade — estão, por exemplo, a cerca de 20 minutos da praça da Sé e a 15 minutos da Barra Funda. No mesmo complexo onde está a estação do metrô, é possível embarcar nos trens das linhas 11-coral e 12-safira da CPTM. Elas, por sua vez, permitem acesso ao trem da linha 13-jade, que vai até o aeroporto internacional de Guarulhos. O trajeto sobre trilhos do Tatuapé ao terminal de embarque é feito em cerca de uma hora.

O bairro tem ainda dois terminais de ônibus, incluindo uma parada do Air Bus Service, serviço de transporte que também leva ao aeroporto.

Servida por importantes vias da cidade, como a marginal Tietê, as avenidas Salim Farah Maluf, Celso Garcia e Aricanduva e a rodovia Presidente Dutra, a região oferece boas condições para quem dirige veículos particulares.

Shutterstock

EstúdioFOLHA APRESENTA

Alberto Rocha/Estúdio Folha

Parque Piqueri é refúgio para quem busca tranquilidade na metrópole

Lazer, qualidade de vida e diversão

Espaços seguros para a prática de esportes, vegetação, lazer e natureza são peças-chave para uma boa qualidade de vida em São Paulo.

É por essas e outras que o Tatuapé figura como um dos melhores lugares para se viver na cidade. A região da zona leste possui 12 parques públicos, sendo o Piqueri um dos mais bem estruturados e frequentados.

O local, com cerca de 97.000 m², oferece biblioteca, campo de futebol, quadras poliesportivas, playground e aparelhos de ginástica ao ar livre. Instalado no terreno de uma antiga chácara da família Francisco Matarazzo, o parque tem sua mata nativa preservada e é atrativo para todas as idades. O nome faz alusão a uma tribo indígena que habitava a confluência do ribeirão Tatuapé com o Tamanduateí, hoje chamado de Tietê.

Ainda maior que o Piqueri, o parque Ceret é uma outra opção para os moradores da região. Além de salvaguardar uma variedade imensa de espécies da mata atlântica, o centro esportivo conta com quadras de basquete, de vôlei, de tênis e poliesportiva, pista de atletismo com locais para arremesso de peso e disco, ginásio e sala de ginástica. Também oferece pistas para caminhada e corrida e playground com brinquedos para crianças e adolescentes.

Para os amantes da natação, oferece uma piscina de 100m de comprimento por 50m de largura, uma das maiores da América Latina. Com 286.000 m², o Ceret ainda possui um bike park destinado a bicicletas, patins e skates próximo à sua entrada.

Além dos grandes parques, a zona leste é palco para outras áreas verdes em diferentes tamanhos e infraestrutura, como por exemplo o Parque Ecológico do Tietê, o Parque do Carmo e o Parque Ecológico Prof. Lydia Natalizio Diogo

CERET
R. Canuto Abreu, s/n; tel.: 2672-1249

PARQUE PIQUERI
R. Tuiuti, 515; tel.: 2097-2213

Shutterstock

Plantas para decorar

Plantas e flores são ótimas opções para decorar ambientes; suportes e vasos ajudam na composição

Os últimos anos de pandemia forçaram todos a ficar em casa. Seja pela descoberta de um novo hobby, por tédio ou para alegrar o ambiente, muita gente se dedicou a decorar suas casas com plantas e flores.

Espécies tropicais, tanto nativas quanto exóticas, se adaptam bem ao clima e ao ambiente, podendo ser usadas em canteiros, em vasos ou então amarradas em árvores. Mais resistentes, são plantas de fácil manutenção e duram um bom tempo no nosso clima.

É o caso, por exemplo, da costela-de-adão, que deve ser cultivada com substrato rico em matéria orgânica e em locais com boa luminosidade. Essa é uma planta que não exige muitos cuidados e é ideal para ser cultivada dentro de casa.

Quando o assunto são flores, há quem prefira decorar a casa com opções que também são interessantes mesmo quando desidratadas. Tendência para eventos em 2022, os arranjos com folhagens ou flores secas dão um tom elegante e pitoresco a qualquer ocasião.

O segredo também está no vaso ou no suporte de cada planta. Os de parede são os queridinhos do momento, e podem ser projetados em madeira, plástico, metal e até macramê. A versatilidade dos materiais permite que a decoração se adapte a qualquer ambiente, tom de cor e aos demais objetos do apartamento.

Além do suporte, outra opção que garante diversidade na hora da decoração são os vasos. Opções transparentes e potes de vidro são tendência, deixando à mostra galhos, ramos e raízes de plantas e flores, dando um toque rústico ao design de interiores.

Outro detalhe para se ter em mente é a localização do móvel e, consequentemente, a disposição do verde. Plantas como a zamioculca não gostam de exposição direta ao sol e, por isso, devem ser alocadas em lugares com mais sombra (o mesmo com as calatheas). Quando floresce, a zamioculca apresenta flores bem discretas. O grande atrativo da planta é sua folhagem brilhante e vistosa. Tendência para 2022, as duas opções são ótimas para espaços indoor.

OBRAS AVANÇADAS
THE GARDENS
RESERVA TATUAPÉ
105 M² | 3 SUÍTES
89 M² | 3 DORMS.
2 SUÍTES (OPÇÃO SALA AMPLIADA)
2 VAGAS
VISITE O STAND NA
AV. CELSO GARCIA, 3.401

EstúdioFOLHA APRESENTA

Cepa/Divulgação

CEPA

A casa aposta em ingredientes artesanais e sazonais, com criatividade ímpar. Barriga crocante de leitão, aipim, cavaca e compota de tangerina são algumas das opções do cardápio. Vinhos de alta qualidade são destaque e podem ser encontrados em garrafa e outras opções em taça. **R. Antônio Camardo, 895, tel.: 2096-0687**

BORGO MOOCA

Com cozinha italiana criativa e inspiradora, o restaurante alia cozinha autoral e modernidade em um bairro tradicional de São Paulo. **R. Comendador Roberto Ugolini, 129, tel.: 97574-3213**

Sofisticado e descontraído

Gastronomia da região se destaca com bons restaurantes e bares

BULLGUER

Espalhado por toda a cidade, o Bullguer também tem unidade no Tatuapé. Conhecida por seu custo benefício, a hamburgueria serve lanches rápidos, saborosos e com preço acessível. **R. Eleonora Cintra, 500, tel.: (11) 2098-7753**

Bullguer/Divulgação

BRAZ PIZZARIA

A Bráz tornou-se uma das pizzarias mais concorridas da cidade devido ao apuro dos ingredientes, tanto os utilizados como os que compõem os recheios das redondas. Há desde as tradicionais, como calabresa e aliche, até receitas exclusivas, como a caprese (mussarela de búfala, tomate caqui, folhas gigantes de manjericão e pesto de azeitonas pretas). **R. Apucarana, 1.572, tel.: 2676-2457**

CASA 982 MEAT&FIRE

Para os amantes de carne, o restaurante fica em um casarão aconchegante e oferece diferentes cortes e entradas generosas. **Rua Anália Franco, 349, tel.: 99203-7983**

COCO BAMBU

Presente em várias regiões do Brasil, o restaurante especializado em frutos do mar serve lagostas, moquecas, além dos tradicionais pastéis de camarão. **R. Azevedo Soares, 2.150, tel.: 4304-6221**

Coco Bambu/Divulgação

Pessoas caminham por rua de Pequim onde trabalhadores costumam se reunir em busca de bicos Tingshu Wang - 28.abr.22/Reuters

Política de Covid zero da China deixa milhões de pessoas sem trabalhar

Migrantes de áreas rurais e universitários recém-formados são os mais atingidos pelo lockdown

Vivian Wang

HONG KONG | THE NEW YORK TIMES Depois de mais de um mês em confinamento, Zeng Jiabin pôde finalmente retornar à fábrica de autopeças de Xangai onde trabalhava.

Ele estava prestes a ser liberado de um centro de quarentena, depois de se recuperar da Covid, e estava desesperado para compensar os muitos dias de salário que havia perdido. Foi quando alguém na instalação de isolamento lotada testou positivo novamente. Zeng, 48, recebeu ordem para esperar mais 14 dias.

"Tenho três filhos, na faculdade, no ensino médio e no ensino fundamental. A pressão é enorme", disse ele em entrevista por telefone. Grande parte de seu salário diário de US$ 30 (cerca de R$ 152) os sustentava. "Também devo dinheiro ao banco, por isso estou muito ansioso."

Enquanto a China luta contra seus piores surtos de coronavírus, sua determinação intransigente de eliminar infecções deixou milhões de pessoas incapazes de trabalhar.

Bloqueios rigorosos, atingindo cidade após cidade, forçaram fábricas e empresas a fechar, às vezes durante semanas, inclusive em alguns dos centros econômicos mais importantes do país.

Dois grupos foram especialmente atingidos: trabalhadores migrantes (os cerca de 280 milhões de pessoas que vão de áreas rurais para as cidades para trabalhar em setores como manufatura e construção) e recém-formados (um recorde de 11 milhões de estudantes universitários devem se formar este ano).

A campanha da China contra o vírus repercutiu economicamente em todo o mundo, prejudicando as cadeias de suprimentos globais e diminuindo as importações. Mas os problemas de emprego podem preocupar particularmente os líderes chineses, que há muito obtêm grande parte de sua autoridade política com promessas de prosperidade econômica.

Como os bloqueios prejudicaram a capacidade das pessoas de pagar aluguel e comprar alimentos, muitas ficaram cada vez mais frustradas com as políticas oficiais de Covid zero. Algumas vezes a insatisfação irrompeu em raros protestos públicos.

A segunda maior autoridade da China, Li Keqiang, anunciou recentemente que o governo tomaria a medida incomum de distribuir ajuda de subsistência a trabalhadores migrantes desempregados e subsidiar empresas que contratassem jovens.

"A nova rodada de surtos de Covid atingiu bastante o emprego", reconheceu Li.

É difícil julgar a verdadeira escala do problema. Oficialmente, o desemprego urbano, principal indicador do governo, cresceu apenas 0,3% entre fevereiro e março, mesmo com os bloqueios paralisando as locomotivas econômicas de Shenzhen e Xangai.

Mas os números oficiais do desemprego são considerados abaixo da realidade. Eles não incluem muitos trabalhadores migrantes e só contam as pessoas como desempregadas se puderem começar a trabalhar dentro de duas semanas. Isso excluiria as pessoas sob bloqueios prolongados ou o número crescente de jovens que adiam a procura de emprego.

As novas medidas de apoio do governo sugerem que o problema é mais sério do que as autoridades deixam transparecer, disse Stephen Roach, ex-presidente do Morgan Stanley Asia, hoje membro sênior do Instituto Jackson para Assuntos Globais da Universidade Yale.

O governo também aumentou os pagamentos para trabalhadores migrantes desempregados antes da crise financeira global em 2008.

"O anúncio em si é uma pista de que potencialmente há algo muito maior acontecendo nessa parte contingente do mercado de trabalho", disse Roach. "Este pode ser o maior desafio da China desde o período de 2008 a 2009."

Os trabalhadores migrantes da China, embora constituam a espinha dorsal da economia do país, sempre conseguiram subsistir precariamente. Eles ganham salários escassos e quase não têm proteções ou benefícios trabalhistas, circunstâncias agravadas pela pandemia de Covid.

Os trabalhadores geralmente moram em dormitórios das empresas ou em acomodações temporárias baratas, mas quando as fábricas fecham muitos não podem mais pagar o aluguel ou ficam presos em seus locais de trabalho, segundo notícias chinesas e postagens nas redes sociais. Alguns dormiam embaixo de pontes ou em cabines telefônicas.

Os entregadores, alguns dos poucos trabalhadores autorizados a continuar trabalhando, tiveram que escolher entre abrir mão da renda e correr o risco de serem trancados fora de casa. Outros assumiram empregos de alto risco construindo ou equipando centros de quarentena, apenas para serem infectados.

Autoridades de Xangai reconheceram que o número de sem-teto aumentou durante o bloqueio. As autoridades locais e centrais prometeram apoio, mas muitas questões permanecem em aberto.

Quando o primeiro-ministro Li anunciou os subsídios de desemprego ampliados, não especificou quanto dinheiro seria fornecido. A agência de notícias estatal Xinhua disse que o governo alocou este ano cerca de US$ 9,3 bilhões (R$ 47,3 bilhões) em ajuda a desempregados.

Também não está claro como os trabalhadores receberão o dinheiro. Embora a China tenha seguro-desemprego, muitos trabalhadores migrantes são inelegíveis ou não sabem como solicitá-lo.

Zeng, operário da fábrica de autopeças, disse que não estava ciente das declarações de Li e nunca tinha ouvido falar em seguro-desemprego. Ele esperava ser empregado depois de ser liberado da quarentena, mas sabia que talvez tivesse que voltar para casa na província de Guizhou.

"Vou ver se a fábrica reabre. Se abrir, eu vou lá", disse ele. "Se não, não há nada que eu possa fazer", completou.

Ainda assim, qualquer risco político para Pequim provavelmente permanecerá pequeno, disse Aidan Chau, pesquisador do Boletim de Mão de Obra da China, um grupo de defesa de Hong Kong.

O problema dos trabalhadores migrantes, embora agudo, provavelmente diminuirá à medida que os bloqueios cessarem. O governo também prometeu investir em projetos de infraestrutura para gerar mais empregos na construção. E os trabalhadores migrantes em geral têm pouco poder político e podem ser silenciados pelas autoridades locais se reclamarem.

O problema mais intratável talvez seja o emprego de colarinho branco. A resistência em Xangai ao bloqueio foi alimentada em parte por sua grande população de residentes instruídos, que estão mais acostumados a se manifestar mesmo no ambiente altamente controlado do país.

No final de março, em cena rara no país, moradores de uma comunidade de classe média se reuniram do lado de fora e gritaram: "Queremos comer! Queremos trabalhar!"

Causam preocupação especial as fileiras crescentes de graduados universitários do país. Os formuladores de políticas se preocupam há anos em como garantir uma oferta adequada de empregos para esse contingente crescente. Mas a escassez tornou-se especialmente terrível este ano.

Ao mesmo tempo em que os bloqueios atingem pequenas e médias empresas, o governo também embarcou em uma ampla repressão regulatória em setores como tecnologia, imóveis e educação — setores outrora altamente desejáveis para os jovens. Houve demissões em massa.

Havia apenas 0,71 vaga disponível para cada candidato recém-formado no primeiro trimestre deste ano, o número mais baixo desde que os dados foram disponibilizados em 2019, conforme um relatório produzido pela Universidade Renmin em Pequim e pelo site de empregos Zhaopin.

Até os estágios são difíceis de encontrar. Para aumentar suas chances de conseguir uma vaga neste semestre, Xu Yixing, estudante de faculdade vocacional em Xangai, se ofereceu para trabalhar sem remuneração, mas ainda assim foi recusado por suas principais opções.

Uma empresa farmacêutica acabou contratando-o, mas o dispensou quando Xangai foi bloqueada para conter um surto da Covid-19.

Xu, que estuda aplicativos de computador e publicidade, disse que não estava muito ansioso com a concorrência nas vagas. Era a pandemia que o preocupava.

"Com a epidemia, isso só depende do destino. Não importa que você trabalhe bem", afirma o jovem.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

> Vou ver se a fábrica reabre. Se abrir, eu vou lá. Se não, não há nada que eu possa fazer
>
> **Zeng Jiabin**
> operário de uma fábrica de autopeças em Xangai, confinado em um centro de quarentena para Covid-19

LEIA TAMBÉM

Sinal de vírus animal surge em coração transplantado

Paciente nos EUA recebeu órgão de porco modificado e sobreviveu por 2 meses

SAÚDE

Roni Caryn Rabin

THE NEW YORK TIMES Traços de um vírus que sabidamente contagia suínos foram encontrados em um homem de 57 anos do estado de Maryland que sobreviveu por dois meses com um coração transplantado de um porco geneticamente modificado. A informação é do cirurgião que realizou o procedimento, o primeiro desse tipo.

A revelação destaca uma das objeções mais fortes aos transplantes de órgãos de animais em humanos: o procedimento pode vir a facilitar a introdução de novos patógenos na população humana.

A presença do DNA do vírus no paciente pode ter contribuído para a deterioração repentina do estado dele mais de um mês após o transplante, aventou o cirurgião, Bartley Griffith, da Escola de Medicina da Universidade de Maryland, nos Estados Unidos.

Mas, segundo ele, não há evidência de que o paciente tenha desenvolvido uma infecção ativa do vírus ou que seu corpo tivesse rejeitado o coração suíno.

O paciente, David Bennett Sênior, estava gravemente doente antes da cirurgia e apresentou diversas outras complicações após o transplante. Ele morreu em 8 de março.

Revelada por Griffith no mês passado numa reunião da Sociedade Americana de Transplantes, a notícia dos traços virais encontrados no paciente foi divulgada primeiramente pela MIT Technology Review.

Em entrevista concedida ao New York Times nesta quinta-feira (5), Griffith e seu colega, Muhammad Mohiuddin, diretor científico do programa de xenotransplantes cardíacos do Centro Médico da Universidade de Maryland, disseram que a morte de Bennett os entristeceu, mas que eles não desistiram da meta de usar órgãos de animais para salvar vidas humanas.

"O que aconteceu não nos mete medo real sobre o futuro dessa área, a não ser que por algum motivo este incidente isolado for interpretado como um fracasso total", disse Griffith. "Foi um aprendizado. Cientes que esse problema existe, é provável que consigamos evitá-lo no futuro."

Modificado geneticamente para que seus órgãos não fossem rejeitados pelo sistema imunológico humano, o porco foi providenciado pela empresa de medicina regenerativa Revivicor, sediada em Blacksburg, Virgínia.

Representantes da companhia se negaram a dar declarações. Representantes da Agência de Alimentos e Drogas dos Estados Unidos (FDA na sigla em inglês), que deram aos cirurgiões a autorização emergencial que possibilitou a realização da cirurgia na véspera do Ano-Novo, disseram que não podiam responder a perguntas imediatamente.

Representantes da universidade disseram que, embora o porco tivesse sido examinado diversas vezes para verificar a presença de vírus, os exames só captam infecções ativas, não as infecções latentes, nas quais o vírus pode ficar escondido discretamente dentro do corpo do animal. (Os testes foram feitos com cotonetes nasais, mas o vírus foi detectado posteriormente no baço do porco.)

De acordo com Griffith, o vírus latente pode ter chegado ao paciente de carona no coração transplantado.

Inicialmente, o transplante foi considerado um sucesso. Bennett não deu sinais de haver rejeitado o órgão, e o coração suíno continuou a funcionar por bem mais que um mês, ultrapassando um marco crítico para transplantados.

Um teste indicou a presença em Bennett de DNS do citomegalovírus suíno pela primeira vez 20 dias após o transplante, mas em nível tão baixo que Griffith disse ter pensado que podia ter sido um erro de laboratório.

Mas cerca de 40 dias após a cirurgia, Bennett repentinamente ficou gravemente doente e exames posteriores revelaram uma alta alarmante nos níveis de DNA viral.

"Então começamos a pensar que o vírus que havia aparecido já no vigésimo dia apenas como um leve indício deve ter aumentado com o tempo e pode ter sido o responsável por desencadear tudo isso", disse Griffith aos outros cientistas especializados em transplantes.

A saúde de Bennett deteriorou abruptamente no 45º dia após o procedimento.

Ele foi tratado com antivirais e imunoglobulina intravenosa, um produto feito de anticorpos, mas o coração transplantado se encheu de fluido, dobrou de tamanho e parou de funcionar. Bennett acabou recebendo perfusão extracorpórea.

Em meio a uma escassez aguda de órgãos humanos doados, o transplante de Bennett foi um de vários transplantes revolucionários feitos nos últimos meses e que oferecem esperança a dezenas de milhares de pacientes.

Em outubro, cirurgiões em Nova York conectaram um rim cultivado num porco geneticamente modificado a um paciente com morte cerebral. O órgão funcionou normalmente e produziu urina.

Em janeiro, cirurgiões da Universidade do Alabama em Birmingham relataram ter transplantado rins de um porco geneticamente modificado para o abdome de um homem com morte cerebral.

Mas a possibilidade de consequências imprevistas, especialmente o potencial de introduzir patógenos animais na população humana, pode esfriar o entusiasmo pelo uso de órgãos de animais geneticamente modificados.

Muitos cientistas acreditam que o coronavírus que desencadeou a pandemia global de Covid-19 se originou de um vírus transmitido de um animal não identificado a humanos na China.

Tradução de Clara Allain

Cirurgia de transplante de um coração de porco geneticamente modificado em um paciente de 57 anos, nos EUA Escola de Medicina da Universidade de Maryland - 7.jan.22/The New York Times

Justiça condena hospital de SP acusado de economizar em parto

COTIDIANO

Rogério Gentile

O Tribunal de Justiça de São Paulo condenou a Maternidade de Santa Izabel, de Bauru, no interior paulista, a pagar uma indenização de R$ 200 mil aos pais de uma bebê que morreu 16 dias após o parto, em 2016.

Os pais acusaram a instituição de ter se recusado a fazer uma cesariana, a despeito de, segundo eles, haver recomendação médica. Disseram também que a gestante pediu ao hospital que fosse realizada a cesárea após a constatação de que os batimentos cardíacos da bebê estavam muito fracos.

Logo após o parto normal, a criança foi encaminhada para a UTI e acabou morrendo por anóxia neonatal grave (ausência ou diminuição de oxigênio no cérebro durante o nascimento), segundo o atestado de óbito.

A suspeita do casal é a de que a maternidade tenha optado por fazer o parto normal por questões financeiras —a cesárea é mais cara.

De acordo com documento anexado ao processo, o protocolo de atendimento vigente na instituição estabelece como meta "a redução do número de cesarianas, pois caso estas metas não sejam cumpridas, poderá haver prejuízo financeiro a toda instituição".

O advogado Bruno Biancafiore, que representa o casal, disse à Justiça que a falha no atendimento prestado causou a morte do bebê.

Segundo ele, o primeiro médico que atendeu o casal havia recomendado a realização da cesárea. Mas, quando houve a troca do plantão, a nova médica optou pelo parto normal, ignorando as solicitações do casal.

"O laudo elaborado pelo IML [Instituto Médico Legal] demonstra que, caso o direito da parturiente à cesárea fosse respeitado, o desfecho seria outro", afirma.

Na defesa apresentada à Justiça, a Maternidade Santa Izabel afirmou que "todas as medidas cabíveis foram tomadas em tempo hábil, visando minimizar os riscos maternos e perinatais". Disse que todo o atendimento foi prestado de forma eficiente e com a utilização da "melhor técnica cabível para o caso".

"Não houve qualquer tratamento ineficiente ou desumano por parte dos prepostos da maternidade", alegou.

Destacou também que "um laudo pericial não indicou erro e responsabilidade no caso", sendo que houve uma "morte natural por insuficiência de múltiplos órgãos e sistemas".

"Não houve em hipótese alguma culpa por parte da equipe médica", completa.

A médica responsável pelo parto se defendeu no processo argumentando que não houve pedido expresso ou formal para a realização do procedimento cirúrgico.

Declarou também que, antes da realização do parto, o quadro do bebê se agravou repentinamente e em condições imprevisíveis do ponto de vista técnico e médico.

Em situações como essa, disse, o médico deve optar pela via mais rápida. "Ficou claro que a via mais rápida era a via vaginal, ou seja, não haveria sequer tempo de preparar o centro cirúrgico entre o início da ocorrência e o nascimento", disse sua defesa à Justiça.

"Todos os procedimentos foram seguidos à risca, segundo a melhor prática médica", afirmou. "Segundo, inclusive, a determinação da instituição acerca da priorização do parto normal em detrimento do parto cesárea, o que nada mais é do que o reflexo das próprias normas do Ministério da Saúde."

Os argumentos não convenceram a Justiça, que condenou a instituição e a médica em primeira e segunda instância ao pagamento de R$ 200 mil por danos morais, valor que será acrescido de correção monetária e juros.

O desembargador Galdino Toledo Júnior, relator do processo, destacou na decisão que resolução do Conselho Federal de Medicina estabelece que é direito da gestante, em determinadas situações, optar pela cesárea.

"A alegação de que a recém-nascida tinha problema cardíaco desconhecido não afasta a conduta médica inadequada de deixar de atender o pedido legítimo da autora [do processo], legalmente amparada, violando a sua dignidade, bem como reduzindo as chances de sobrevivência de sua filha que veio a óbito."

"Chama atenção a demonstração de que o protocolo vigente na maternidade era a realização do parto normal para atendimento de metas, com justificativa de se evitar prejuízos financeiros à instituição e ao corpo clínico."

A Maternidade Santa Izabel e a médica ainda podem recorrer da decisão.

Cultivo de trigo no Rio Grande do Sul Fernando Dias/Seapa

Café da manhã e pê-efe já não cabem no bolso da população

Em 12 meses, o avanço dos preços de alimentação foi de 17,8%, aponta a Fipe

VAIVÉM DAS COMMODITIES

Mauro Zafalon

O custo da alimentação já não cabe mais no bolso das famílias de baixa renda. Após as sucessivas altas dos últimos anos, os alimentos voltam a subir fortemente em 2022.

De janeiro a abril, o custo da alimentação teve alta de 10%. Nos últimos 12 meses, o avanço dos preços foi de 17,8%, de acordo com dados divulgados na última quarta (4) pela Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas).

O peso dos alimentos no bolso

Variação % em 12 meses

Item	Variação %
Tomate	127,9
Café	80,6
Açúcar	43,6
Óleo de soja	34,6
Leite	26,9
Frango	26,6
Contrafilé	21
Pão francês	20,2
Alimentação média	17,8
Inflação média	12,3
Carne suína	-9,5
Arroz	-11,3

Fonte: Fipe

As dificuldades para os consumidores começam logo no café da manhã. O café em pó custa 81% a mais do que há um ano nos supermercados.

Essa pressão nos preços da bebida não tem data para acabar. Seca e geadas no ano passado afetaram a produtividade das lavouras neste ano. A safra será menor do que o esperado, e a demanda externa continua aquecida.

Se a opção do consumidor for por um cafezinho com leite, os custos são ainda maiores. O tipo longa vida subiu 12% apenas no mês passado e acumula 27% em 12 meses.

Pastagens afetadas pelo clima, custo da alimentação do gado muito caro e saída de muitos produtores da atividade resultaram em captação menor de leite nos últimos meses. A entressafra não deverá dar alívio aos custos dos produtores e dos consumidores.

O peso no bolso vai ficando ainda maior se o café da manhã incluir o pãozinho. Condições climáticas adversas em várias das principais regiões produtoras do mundo, além dos efeitos da guerra entre Rússia e Ucrânia, fizeram o preço internacional do cereal subir 43%, em dólar, nos últimos 12 meses.

Essa pressão começa a chegar ao mercado interno. A farinha de trigo subiu 9% no mês passado, e o pão francês, 4,2%. Nos últimos 12 meses, o pãozinho ficou 20% mais caro.

O Brasil elevou a produção interna de trigo e, segundo algumas estimativas, a safra nacional poderá atingir 9 milhões de toneladas, um volume, porém, insuficiente para cobrir a demanda nacional de 12,8 milhões de toneladas.

Além disso, o trigo brasileiro está com boa aceitação em países da África, do Oriente Médio e da Ásia, levando as exportações brasileiras para patamares recordes neste ano.

Os custos da manteiga e da margarina também estão fugindo do controle. Leite e óleos vegetais encarecem esses dois alimentos.

A pressão dos preços não se restringe ao café da manhã. O chamado pê-efe (prato feito) também subiu de patamar. A safra de feijão foi prejudicada pelo clima, e os preços da leguminosa subiram 6,5% no mês passado, acumulando 15,2% no ano.

O arroz, que desceu daquele patamar elevado de preços de 2021 no início deste ano, voltou a subir. No mês passado, a alta foi de 2%.

Em final de safra, a colheita atrasa devido a chuvas no Rio Grande do Sul, maior produtor nacional. Além disso, o retorno da taxa do dólar a patamar superior a R$ 5 incentiva as exportações.

O consumidor vai ter de escolher bem se quiser uma saladinha durante o almoço. O tomate custa 128% a mais do que há um ano; o repolho, 96%; a alface, 53%; e a cenoura, 91%. A batatinha custa 49% a mais, segundo a Fipe.

Estes são produtos sazonais, e os preços devem se acomodar nos próximos meses. O retorno, porém, pode ser lento. Os legumes, por exemplo, estão com aumentos médios de 50% neste ano, acumulando 74% em 12 meses.

A carne como complemento ao almoço tem de ser bem escolhida. O frango está em alta. Subiu 10,3% no mês passado. Já o contrafilé, após uma sequência de altas nos últimos anos, ficou 2% mais caro em abril, mas acumula 21% em 12 meses.

O alto custo de produção das carnes mantém os preços das proteínas elevados. Além disso, a demanda externa continua firme, e as exportações do país mantêm ritmo forte.

A opção, entre as carnes, pode ser pela suína. Os preços têm quedas contínuas e, atualmente, custam 9,5% a menos do que há um ano, segundo pesquisa da Fipe no varejo.

Bom para os consumidores, ruim para os produtores. Estes se prepararam para um período longo de importações chinesas e aumentaram a produção, mas a China teve uma recuperação rápida de seu rebanho, que havia sido afetado pela peste suína africana em 2018.

A menor presença dos chineses no mercado brasileiro fez as exportações recuarem, derrubando os preços internos da carne suína. Enquanto a produção não se adequar à nova demanda, os preços devem se manter em baixa.

Uma das saídas é o tradicional ovo frito, mas este também vem registrando alta de preços. Apenas nos quatro primeiros meses deste ano, o aumento foi de 18%.

A pressão de custos não se restringe apenas aos alimentos, mas também aos meios de preparação. O óleo de soja, após recordes de altas nos últimos anos, acumula evolução de 35% de maio de 2021 ao final de abril último.

A alta da soja e as reduções nas ofertas de óleo de girassol pela Ucrânia e de óleo de palma pela Indonésia vão dar suporte aos preços dos vegetais.

Além de todos os custos dos alimentos, os consumidores estão pagando 35% a mais pelo gás de cozinha. Nos quatro primeiros meses deste ano, a alta foi de 12%, segundo a Fipe.

Clientes reclamam de biscoito com gosto de químico

COTIDIANO

Mariane Ribeiro

SÃO PAULO Consumidores reclamam de biscoitos Tostines Água com gosto e cheiro fortes, semelhantes aos de produtos químicos. Entre março e abril deste ano, foram registradas 94 reclamações no site Reclame Aqui, vindas 41 cidades em 13 estados do Brasil.

Segundo as três pessoas ouvidas pela **Folha** e de acordo com as reclamações na plataforma, nenhum dos pacotes estava fora da validade.

Especialistas afirmam que a empresa deveria trabalhar para identificar o que está acontecendo e fazer imediatamente uma espécie de recall, recolhendo os lotes com problemas e emitindo um comunicado de alerta a todos os consumidores sobre o ocorrido.

A Nestlé diz que não identificou desvio de padrão e aponta que o problema pode se dever às condições de armazenagem do produto. Segundo a empresa, não está previsto recolhimento dos lotes.

A administradora de empresas Mércia Ciaramello, 59, moradora de São Roque, interior de São Paulo, relata que o biscoito "estava estranho e com um gosto forte" e que a embalagem exalava um cheiro semelhante ao de produtos químicos, mesmo na validade.

Na internet, Mércia descobriu reclamações idênticas às suas. Ela entrou em contato com a Nestlé, que disse que providenciaria a retirada do produto para análise e o envio de um novo pacote. "Não acho que seria o caso de só substituir, mas sim de descobrir e resolver o problema."

O produto foi retirado e, após muita insistência, a resposta da Nestlé foi que não fora detectada nenhuma alteração e que o problema se deveria a mau armazenamento.

Outra consumidora que relata o problema é Rosemeire Pereira de Souza, 43, enfermeira e dona de casa. Moradora de Pernambuco, ela diz que o marido chegou a passar mal após comer a bolacha.

Segundo a enfermeira, ele comeu o biscoito, reclamou do odor e do sabor e, em menos de uma hora, passou a dizer que não se sentia bem.

"Quando eu peguei o pacote e cheirei, era um cheiro horrível, muito forte, tipo produto químico. Olhei a validade, o lote, e estava tudo ok. De repente, meu marido começou a passar mal. Ele teve vômito, dor de cabeça e diarreia durante toda a noite e madrugada, só melhorou no dia seguinte", conta Rosemeire.

Assim como Mércia, ela resolveu registrar queixa no Reclame Aqui. "Fiquei assustada porque vi muitos relatos iguais e de vários estados", diz.

> Era um cheiro horrível, muito forte. Olhei a validade, o lote, e estava tudo ok. De repente, meu marido começou a passar mal
>
> **Rosemeire Pereira de Souza**, enfermeira

Há ainda quem diga que o problema é recorrente, como Natália Cristina da Silva Rocha, 27, analista de sistemas. Ela afirma ter passado pela situação três vezes.

"A primeira vez foi no começo de março. A bolacha estava com gosto e cheiro muito fortes, não dava nem para mastigar. Abri uma reclamação e a Nestlé trocou o pacote."

O problema, porém, se repetiu no final de março e no mês de abril. A empresa manteve o protocolo de fazer a troca do produto, mas não informou sobre a análise feita.

Questionada sobre as reclamações, a Nestlé afirmou que "não identificou nenhum desvio de padrão de qualidade na fabricação dos biscoitos, assim como não há movimento de retirada de lotes dos pontos de venda".

Segundo a empresa, o produto pode sofrer alterações pontuais em razão das condições de armazenamento. Ela orienta os consumidores a procurarem o SAC para retirada e análise do produto.

A empresa diz que "são adotados rígidos padrões de qualidade em todas as etapas da fabricação, desde o recebimento das matérias-primas até a finalização do processo produtivo e liberação dos produtos para comercialização".

Marcelo Gomes Sodré, professor de direito do consumidor da PUC (Pontifícia Universidade Católica), afirma que, em casos como esses, a empresa deve fazer o que os especialistas chamam de recall.

"Eles teriam que identificar o que está acontecendo, retirar imediatamente os lotes com problemas dos pontos de vendas", diz Sodré.

Segundo o professor, além da troca do produto ou reembolso, quem teve outros problemas, "como quem passou mal, teve despesa ou perdeu dias de trabalho, tem direito a indenização. É o chamado 'acidente de consumo'."

Ele afirma ainda que, se a empresa não agir, o consumidor pode recorrer aos órgãos de defesa do consumidor, à Justiça e à Vigilância Sanitária.

COZINHA BRUTA

Marcos Nogueira

folha.com/cozinhabruta

Bolacha 'sabor morango' não leva fruta, mas inseto

SÃO PAULO Interessante que as pessoas tenham ficado surpresas com a ausência de picanha no sanduíche McPicanha, do McDonald's. Que tenham se estarrecido com a falta de costelinha no Whopper de costelinha do Burger King.

Eu não me surpreendi. A propaganda capciosa — quando não mentirosa— é a praxe, e não a exceção, na indústria de alimentos. Dá para enumerar centenas de casos, mas eu vou me ater a só um: os biscoitos recheados de morango.

Biscoitos, perdão, "sabor" morango. "Sabor" é uma palavrinha que funciona como salvo-conduto para estampar em embalagens e peças publicitárias ingredientes que passam longe da preparação do alimento em si. A lei permite.

O caso da bolacha de morango não se restringe a uma marca, mas a vários fabricantes. Vamos examinar suas listas de ingredientes.

A começar pela marca Bono, segundo um site da própria Nestlé: "Farinha de trigo enriquecida com ferro e ácido fólico, açúcar, óleo vegetal, amido, gordura vegetal, leite em pó integral, sal, açúcar invertido, fermentos químicos bicarbonato de amônio, bicarbonato de sódio e fosfato monocálcico, emulsificante lecitina de soja, aromatizantes e corante natural carmim."

Cadê morango? Não tem. E repare no último item da lista, "corante natural carmim". Sabe de que se trata?

É uma tintura obtida da trituração da cochonilha, minúsculo inseto cujo extrato tem cor vermelha vibrante. Milhares de indivíduos são esmagados para fazer um punhadinho de corante alimentício. É assim há muito tempo e não tem nada de mais, mas a indústria odeia que tal informação fique em evidência.

É o suco de inseto que deixa o recheio da bolacha rosinha, não o morango que nunca esteve lá.

Passemos à marca Piraquê. Mesmíssima situação: "Farinha de trigo enriquecida com ferro e ácido fólico, açúcar, gordura vegetal, soro de leite em pó, maltodextrina, açúcar invertido, extrato de malte, amido de milho*, sal, emulsificantes: lecitina de soja e estearoil lactilato de cálcio, aromatizantes, fermentos químicos: bicarbonato de sódio e fosfato monocálcico, corante carmim e antioxidante ácido cítrico."

Agora vamos ao Oreo (Mondelez), que chama o recheio do biscoito de "milkshake de morango". De novo, zero morango e muitos insetinhos: "Farinha de trigo enriquecida com ferro e ácido fólico, açúcar, gordura vegetal interesterificada, óleo vegetal, cacau em pó, carbonato de cálcio, açúcar invertido, sal, fermentos químicos: bicarbonato de amônio, bicarbonato de potássio e bicarbonato de sódio, emulsificante lecitina de soja, aromatizantes, acidulante ácido cítrico e corante carmim."

Situação idêntica nos biscoitos Renata (Selmi) e Adria (M. Dias Branco). Já deu para entender, né?

As marcas Negresco (Nestlé), Bauducco e Triunfo (Arcor) incluem morangos desidratados na receita.

Filme 'Ali' traz Will Smith no papel de um dos maiores boxeadores do mundo, o americano Cassius Clay, ou Muhammad Ali Frank Connor/Columbia Pictures/Reuters

Veja seleção de filmes e séries sobre esporte

Produções enfocam a carreira de astros de várias modalidades como Muhammad Ali, Michael Jordan e Tom Brady

MARATONAR

Sandro Macedo

SÃO PAULO Biografias de atletas sempre renderam boas adaptações para o cinema. No entanto, muitas vezes duas horas não são suficientes para retratar suas ricas trajetórias. Mais recentemente, alguns ídolos do esporte também estão dando as caras em séries documentais mais longas.

E fãs de Magic Johnson têm agora a chance de conferir a trajetória do astro da NBA em duas séries recém-lançadas: a ficção "Lakers: Hora de Vencer", da HBO Max, e "Meu Nome É Magic", documentário da Apple TV+. Listo essas e outras dicas de séries ligadas ao esporte:

*

Ali
Cinebiografia acompanha a trajetória do boxeador peso-pesado Cassius Clay, um prodígio nos ringues que também fez fama pelo estilo falante ao promover seus combates e pelo seu discurso político, contra o racismo e contra a guerra, que ganhou ainda mais destaque quando ele se converteu ao islamismo, trocando o seu nome para Muhammad Ali.

Com direção de Michael Mann, o filme traz Will Smith no papel principal, que lhe rendeu sua primeira indicação à estatueta do Oscar.
Disponível na HBO Max e no Prime Video (165 min.)

Encarando Ali
Este documentário de 2009 recheado de material de arquivo de Muhammad Ali traz depoimentos de pugilistas que encararam o peso-pesado de frente, seja nos tempos de Ali seja nos tempos de Cassius Clay (antes de sua conversão ao islamismo).

Entre os entrevistados estão George Foreman, que relembra a famosa luta do Zaire de 1974, Larry Holmes, Joe Frazier e Leon Spinks.
Disponível no Prime Video (102 min.)

Arremesso Final
Um dos lançamentos mais impactantes da Netflix em 2020, que ficou muito conhecido também pelo título original, "The Last Dance", este documentário em dez episódios relembra toda a carreira de Michael Jordan, com farto material de arquivo e de bastidores que se mesclam aos depoimentos do próprio Jordan.

Ele relembra as conquistas, mas também as intrigas e motivações a cada temporada, e seu ressentimento pelo desmonte do time, mesmo após o sexto título na NBA com o Chicago Bulls.
Disponível na Netflix (dez episódios)

Campo dos Sonhos
Drama de beisebol estrelado por Kevin Costner quando o ator era o garoto de ouro de Hollywood, em 1989.

O longa entrou na cultura pop da época com a famosa frase que o personagem de Costner ouvia dos céus: "Se você construir, ele virá". Assim o moço derruba metade do seu milharal para levantar um campo de beisebol, para desespero de sua família e de seus credores. A tal voz ainda o faz empreender outras jornadas ligadas ao seu passado.

O filme relembra paralelamente uma das histórias mais dramáticas do esporte, quando o Chicago White Sox se envolveu em um escândalo de apostas em 1919 e um dos melhores jogadores da época no país, Schoelles Joe Jackson, foi banido do esporte.
Disponível no Star+ (107 min.)

Invictus
Com direção de Clint Eastwood e George Foreman e Matt Damon no elenco, o filme recria o período que antecedeu a Copa do Mundo de Rúgbi de 1995, na África do Sul.

O país estava acabando de sair do apartheid, regime de segregação racial, e elegeu Nelson Mandela (Foreman), antigo preso político, como presidente. O rúgbi era um esporte praticado majoritariamente por brancos da elite, portanto, era desprezado pelos torcedores negros, a maioria do país. Mandela viu no torneio mundial uma oportunidade de unir negros e brancos sul-africanos.
Disponível na HBO Max (134 min.)

King Richard: Criando Campeãs
Will Smith interpreta o pai das tenistas Venus e Serena Williams neste drama que resultou em seu tão comentado Oscar neste ano —mais pela agressão a Chris Rock na cerimônia do que pela atuação.

Mas o filme é um drama redondinho, focado no esforço do polêmico Richard para que as filhas ainda pré-adolescentes tivessem acesso a um esporte que não é muito conhecido por ser praticado por pessoas de baixa renda ou negros, principalmente nos anos pré-Venus.
Disponível na HBO Max (144 min.)

Lakers: Hora de Vencer
Na virada dos anos 1980, a NBA estava bem longe de ser uma das principais ligas do mundo, tanto do lado financeiro como do retorno de mídia. Tudo começou a mudar com a rivalidade que se desenhou entre Boston Celtics, que representava a América branca, e Los Angeles Lakers, a América negra.

O proprietário da equipe californiana, Jerry Buss (John C. Reilly), uma espécie de Hugh Hefner do esporte, e o novato Magic Johnson (Quincy Isaiah) são os protagonistas na primeira temporada (uma segunda já foi confirmada).

Há ainda ótimas figuras de apoio, como o assistente técnico Pat Riley (Adrien Brody), Kareem Abdul-Jabbar (Solomon Hughes), Jerry West (Jason Clarke) e a executiva Claire (Gaby Hoffmann), que enfrenta o machismo vigente.

A série mostra a luta de Magic nas duas pontas: para se firmar dentro do próprio time recheado de egos, incluindo o do próprio astro, e para ter o mesmo prestígio do outro novato, o "queridinho caipira" Larry Bird, dos Celtics.

Recheada de promiscuidade e sarcasmo, cortesia de Adam McKay ("Não Olhe para Cima" e "Vice"), a série não foi lá muito bem recebida pela própria turma dos Lakers.
Disponível na HBO Max (oito dos dez episódios)

Dica bônus: Meu Nome É Magic
Coincidentemente, ou não, acaba de estrear na Apple TV+ esta minissérie documental em quatro episódios, na qual o próprio Magic Johnson relembra sua trajetória.

A história vai desde os anos de colégio, quando ganhou o atleta apelido de Magic, passando pelas glórias na NBA e a mudança dramática do rumo de sua vida ao descobrir que era portador do vírus HIV, em 1991, ano em era que a Aids era sinônimo de sentença de morte. A série mostra ainda o lado empresário de Magic e sua relação com a família.
Disponível na Apple TV+ (quatro episódios)

A Luta pela Esperança
Russell Crowe interpreta o boxeador James Braddock, pugilista dedicado que chegou perto do título mundial ainda nos anos 1920, mas teve um grande declínio justamente na época da Grande Depressão dos EUA, e chegou a viver em extrema pobreza com sua família.

E quando não se esperava mais nada, ele teve uma chance contra um lutador promissor, e venceu. Mais algumas vitórias improváveis e ele teve a chance de disputar novamente o título dos pesados. Sua história de superação rendeu a ele o apelido de Cinderella Man. Dirigido por Ron Howard, o filme ainda tem Renée Zellweger e Paul Giamatti no elenco.
Disponível no Star+ (144 min.)

Man in the Arena
Finalmente estreou o décimo e último (será?) episódio da série documental que conta a história das dez disputas de Super Bowl de Tom Brady, incluindo as três derrotas.

O último capítulo demorou mais de três meses para estrear, dando a entender que podia ter alguma relação com a suposta aposentadoria do quarterback. De fato, é um capítulo com um Tom mais emotivo, falando muito de família, dos valores do pai, e indo às lágrimas.

A série é quase um grande manual de autoajuda (mas com ótimas cenas e histórias de bastidores), com Tom e convidados falando de suas motivações em cada uma das sete conquistas, e das lições nas derrotas, incluindo aquela em que Gisele Bündchen reclamou lindamente de todo o ataque do New England Patriots ao dizer que "meu marido não pode lançar e pegar a bola".
Disponível no Star+ (dez episódios)

Sunderland Até Morrer
Em 2017, o Sunderland foi rebaixado da Premier League para a segunda divisão inglesa. O documentário acompanha a temporada seguinte da equipe, que deveria ser a da volta à elite, mas se torna bem mais dramática.

O que difere esta série documental de várias outras do mesmo estilo, e de times muito mais famosos, é o fato de a produção jogar luz nos moradores/torcedores e transformar a própria cidade com seus problemas financeiros em um personagem da trama.

O sucesso foi tanto que a jornada do clube ganhou uma segunda temporada. Impossível passar pela produção sem se tornar um torcedor honorário do Sunderland.
Disponível na Netflix (duas temporadas, com 14 episódios)

Untold: Federer x Fish
Cinco documentários de pouco mais de uma hora cada um formam a série "Untold", ligados a diferentes esportes. Este (meu preferido) praticamente não mostra a figura de Roger Federer, apesar de seu nome no título.

O protagonista é Mardy Fish, tenista americano de talento, mas pouca dedicação ao longo de boa parte da carreira. Então, ele resolve ter uma temporada "sangue nos olhos", com 100% de comprometimento físico e mental, para chegar no nível dos melhores. E em um momento que deveria ser seu ápice, um jogo contra Federer no Aberto dos EUA, ele teve um colapso.

Em tempos em que se fala mais abertamente de saúde mental no esporte, o documentário mostra o preço que atletas de alto rendimento precisam pagar para chegar, ou permanecer, no topo.
Disponível na Netflix (79 min.)

O Vencedor
Mais uma história de boxeador azarão, no melhor estilo Rocky Balboa —mas essa traz fatos verídicos. O herói da vez é o pugilista meio-médio Micky Ward (interpretado por Mark Wahlberg), que vivia à sombra do irmão, boxeador que chegou a enfrentar o grande campeão Sugar Ray Leonard, mas que sofre para se livrar das drogas.

Continua na pág. 5

Fotos Divulgação

LAKERS 32

Warrick Page/HBO

1 Cena de 'Arremesso Final', documentário da Netflix sobre o astro Michael Jordan; 2 Will Smith em 'King Richard: Criando Campeãs', papel que lhe rendeu o Oscar; 3 na série 'Lakers: Hora de Vencer', da HBO Max, Quincy Isaiah interpreta Magic Johnson; 4 torcedor em cena de 'Sunderland Até Morrer', série da Netflix sobre o clube inglês de futebol; 5 Morgan Freeman e Matt Damon em cena do filme 'Invictus', dirigido por Clint Eastwood

Continuação da pág. 4

Para construir sua carreira, Micky precisa o tempo todo se equilibrar entre a família disfuncional, os conselhos do irmão/treinador e a relação com a nova namorada. Levou Oscar de ator coadjuvante (Christian Bale) e atriz coadjuvante (Melissa Leo).

Disponível no Prime Video (116 min.)

O que ver se você não curte muito quadras, campos e ringues

Para quem busca novidades no streaming que não sejam histórias do esporte, seguem algumas dicas do que assistir.

*

Anos Incríveis

Finalmente chegou ao Brasil o remake de "Anos Incríveis". No entanto, esqueça os dramas colegiais de Kevin Arnold, Winnie Cooper e companhia.

Os anos 1960 continuam, mas a sacada foi deslocar o foco para uma família de negros de classe média, o que permite uma abordagem envolvendo questões raciais que ainda reverberam nos EUA.

O jovem protagonista agora é Dean Williams (Elisha Williams), que tenta sobreviver à integração racial em sua escola no Alabama. O assassinato de Martin Luther King serve como pano de fundo para os dois primeiros episódios —todos com menos de 25 minutos e, como no original, dosam drama e humor. A narração em off continua um dos charmes, e com mais sarcasmo, cortesia de Don Cheadle.

Disponível na Disney+ (13 de 22 episódios)

O Bebê

Uma mulher corre da polícia até a beira de um penhasco carregando um bebê. Ela deixa a criança no chão e pula, mas a criança também salta em seguida, diante de dois policiais perplexos. Corta.

Uma mulher aluga uma casa à beira-mar, ao pé de um penhasco, para pensar na vida e nas amigas que se distanciaram para formarem suas famílias. Então, uma mulher se esborracha no chão ao seu lado, em seguida, um bebê cai no seu colo. Ela até tenta se livrar da criança em seguida, mas, aparentemente, outros que se aproximam do pequenino também tem um final trágico, incluindo os dois policiais. Apenas o primeiro episódio desta série inglesa que mistura comédia e terror está disponível. Mas a premissa é bem curiosa.

Disponível na HBO Max (um de oito episódios)

Meu Nome É Bagdá

Premiado na mostra Generation do Festival de Berlim de 2020, o filme de Caru Alves de Souza conta a história da adolescente Bagdá (Grace Orsato), skatista que faz manobras com um grupo de meninos nas ruas e parques da periferia de São Paulo, até que encontra outras skatistas do sexo feminino e começa a questionar seu lugar no mundo.

Com exibição comprometida nos cinemas devido à Covid, o drama brasileiro tem nova visibilidade no streaming.

Disponível na Star+ (99 min.)

Outer Range

E se fosse possível cruzar o faroeste urbano com drama familiar de "Yellowstone" com um toque de inexplicável de "Lost"? Talvez você chegasse a algo parecido com "Outer Range", ou "Além da Margem".

Logo no primeiro episódio, Royal (Josh Brolin), patriarca da família Abbott, tem que lidar com a frustração dos filhos (um perdeu o rodeio e o outro está com a mulher desaparecida), ao mesmo tempo que seu vizinho clama por parte de suas terras e que algumas cabeças de gado sumiram. Então ele encontra um misterioso e gigantesco buraco que parece não ter fundo no limite de seu território, aparentemente sobrenatural ou extraterrestre. Enquanto busca uma explicação, o drama da vida real aumenta com a briga entre os filhos das fazendas vizinhas.

Disponível no Prime Video (quatro de oito episódios)

A Primeira-Dama

A série com o título original "The First Lady" vai e volta no tempo para mostrar a influência de Michelle Obama (Viola Davis), Betty Ford (Michelle Pfeiffer) e Eleanor Roosevelt (Gillian Anderson), no período anterior e posterior ao que ocuparam o cargo de primeira-dama dos EUA.

Apenas dois dos dez episódios estão disponíveis, o suficiente para a crítica cair matando em cima de Viola Davis, também produtora, por seus trejeitos como a mulher de Barack Obama (Kiefer Sutherland de Franklin Roosevelt ninguém achou esquisito). Viola rebateu dizendo que a crítica não serve para nada.

O destaque no início fica para a metamorfose de Anderson, a ex-agente Scully de "Arquivo X" que ganhou vários prêmios como Margareth Thatcher em "The Crown".

Disponível na Paramount+ (dois de dez episódios)

E de graça: A Batalha de Argel

Clássico do cinema político, o filme de Gillo Pontecorvo mostra os momentos que levaram à independência da Argélia, em 1962, retratando a luta dos rebeldes argelinos contra um governo francês cada vez mais repressor.

Disponível no Sesc Digital Cinema em Casa, gratuitamente, até "2 (120 min.)

Podcast fala sobre incentivo cultural no Brasil

Jair Bolsonaro vetou as leis Paulo Gustavo e Aldir Blanc, que previam auxílio de bilhões para a recuperação do setor

PODCAST

SÃO PAULO O Café da Manhã, podcast diário da **Folha**, discutiu nesta semana os impactos dos vetos do presidente Jair Bolsonaro (PL) a incentivos à cultura do país.

O programa de áudio também abordou o posicionamento de Luiz Fux perante as crises do mandatário com o STF (Supremo Tribunal Federal), a mudança de postura de Joe Biden perante a Guerra da Ucrânia e o papel dos observadores internacionais em meio aos ataques às eleições.

Segunda-feira (2)

O presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), Luiz Fux, tem se mantido distante das crises entre o tribunal e o presidente Jair Bolsonaro.

O ministro não se pronunciou até o momento sobre o indulto concedido por Bolsonaro ao deputado federal Daniel Silveira (PTB-RJ), e é criticado por outros ministros por tentar manter uma relação cordial com o governo em meio aos ataques.

Um exemplo citado é a presença de Fux na cerimônia do dia do Exército, quando Bolsonaro usou o discurso para atacar mais uma vez o sistema eleitoral brasileiro, além de elogiar a ditadura militar. O ministro aplaudiu a fala.

No episódio de segunda (2), o Café da Manhã conversou com o repórter da **Folha** em Brasília Matheus Teixeira sobre os bastidores do STF nessas crises, o isolamento de Fux na presidência da corte e como o Supremo deve lidar com o indulto de Silveira.

Terça-feira (3)

O pedido do presidente americano Joe Biden para que o Congresso libere um pacote de US$ 33 bilhões em ajuda à Ucrânia aumentou a temperatura da guerra.

Desde a invasão russa, o democrata sustenta que não pretende enviar soldados para o conflito, mas o financiamento que está sendo discutido pelos parlamentares prevê apoio bélico ao governo de Volodimir Zelenski. As relações diplomáticas também foram estreitadas, com destaque para a visita a Kiev da presidente da Câmara, Nancy Pelosi.

Já a Rússia há semanas insinua que um maior envolvimento do Ocidente poderia resultar até num ataque nuclear. O presidente Vladimir Putin afirma desde o início da guerra que o país poderia reagir "de uma forma que o mundo nunca viu".

Na última terça (3), o podcast analisou a mudança de postura dos EUA diante da guerra. O professor de relações internacionais da Faap Carlos Gustavo Poggio explicou as consequências que a participação dos americanos pode ter no conflito europeu.

Quarta-feira (4)

A campanha presidencial de 2018 foi marcada por polarização e violência, com episódios como o atentado contra o então candidato Jair Bolsonaro em Juiz de Fora e o ataque à caravana do ex-presidente Lula.

O contexto atual mantém acesos os alertas para violência política durante a campanha. A Polícia Federal (PF) decidiu reforçar o esquema de segurança dos candidatos à Presidência publicando um documento com diretrizes para os agentes e para os políticos. A corporação já deu início a um treinamento para os policiais que leva em conta as novas regras.

Neste episódio, a repórter da **Folha** em Brasília Júlia Chaib detalhou a percepção da polícia de que o ambiente polarizado em 2022 pede um reforço na segurança dos políticos.

Quinta-feira (5)

O TSE (Tribunal Superior Eleitoral) teve que recuar da ideia de ter a União Europeia como observadora nas eleições de 2022. A corte tinha decidido aumentar o número de entidades que vão acompanhar a votação deste ano, mas a iniciativa foi dificultada pela falta de colaboração do Ministério das Relações Exteriores.

Nos bastidores, integrantes da corte dizem que ainda querem insistir no convite. Além disso, o Senado deve convidar membros do Parlamento Europeu para acompanhar o pleito.

O convite faz parte da estratégia do TSE de criar um discurso que fortaleça a Justiça Eleitoral diante da ofensiva de Jair Bolsonaro (PL) contra as urnas eletrônicas.

O Café da Manhã tratou do trabalho dos observadores internacionais nas eleições. No episódio, o cientista político David Fleischer falou sobre o papel desses atores numa disputa como a deste ano, que deve ser marcada por ataques e contestações.

Sexta-feira (6)

O presidente Jair Bolsonaro (PL) vetou, na última quinta-feira (5), a Lei Aldir Blanc, que criaria uma política nacional permanente de fomento à cultura. O mecanismo previa repasses anuais de R$ 3 bilhões por um período de cinco anos.

Em abril, Bolsonaro vetou integralmente outro projeto do setor: a Lei Paulo Gustavo, que destinaria R$ 3,8 bilhões para estados e municípios ajudarem o setor a se recuperar da crise causada pela pandemia de Covid-19.

O governo justificou as negativas com falta de Orçamento, citando a situação fiscal delicada ou dizendo que o projeto não apresenta uma compensação pelos gastos.

Os dois vetos ainda vão ser analisados pelo Congresso, que pode reverter ou não as determinações.

O programa falou com a advogada Aline Freitas, especializada no setor cultural, que explicou como funciona o financiamento da cultura no Brasil, fala da importância dos recursos públicos para o setor e explica quais podem ser as consequências caso o Legislativo não reverta os vetos.

Como ouvir os podcasts da Folha

O programa de áudio é publicado no Spotify, de segunda a sexta-feira, sempre no começo do dia. Os episódios são apresentados pelos jornalistas Daniel Castro e Magê Flores. A produção é de Jéssica Maes, Victor Lacombe e Laila Mouallem, que faz a edição de som junto com Thomé Granemann

Cena do filme 'Climax', de Gaspar Noé Divulgação

Programa trata de como psicodélicos invadiram a cultura pop

SÃO PAULO Três anos depois de os Beatles lançarem "Lucy In The Sky With Diamonds", o LSD, que foi o grande motivador da canção e uma das marcas da contracultura, foi proibido nos Estados Unidos. Só um ano depois, em 1971, uma convenção da ONU proibiu o uso de psicodélico em todos os países membros da instituição. Era o início da chamada guerra às drogas.

Mas antes mesmo do proibicionismo vir à tona, os psicodélicos já ganhavam um destaque negativo em boa parte da mídia e produções culturais. Filmes como "Força Diabólica", de 1959, associavam esse tipo de substância a alucinações típicas de quadros de esquizofrenia, o que, anos depois, se mostrou equivocado.

Mesmo que já apontassem para resultados promissores no tratamento de alcoolismo e depressão, as pesquisas científicas de psicodélicos ficaram escassas.

Nas últimas décadas, porém, esses alteradores de consciência voltaram aos holofotes da ciência para o tratamento de transtornos mentais e várias normas estão sendo flexibilizadas, o que tem influenciado vários filmes, séries, livros e músicas.

O mercado editorial, por exemplo, está atento ao assunto, e traz livros como "História Social do LSD no Brasil", de Júlio Delmanto, "Como Mudar Sua Mente", de Michael Pollan, e "A Experiência Psicodélica", de Timothy Leary.

Nas telas, os psicodélicos também têm feito sucesso, com séries como "Nove Desconhecidos" e "Ratched", além de filmes como "Climax", "Bacurau" e "Wormwood".

O Expresso Ilustrada desta semana discute a representação dos psicodélicos na cultura pop e explica por que a ciência também está cada vez mais debruçada sobre eles. Para isso, Nathan Fernandes, pesquisador do tema, e Marcelo Leite, jornalista, autor do livro "Psiconautas - Viagens com a Ciência Psicodélica Brasileira" e do blog "Vida Psicodélica", da **Folha**, comentam o assunto.

Com novos episódios todas as quintas, às 16h, o Expresso Ilustrada discute música, cinema, literatura, moda, teatro, artes plásticas e televisão. A edição de som desta semana é de Raphael Concli. A apresentação é de Marina Lourenço e Carolina Moraes, que também assinam o roteiro.